



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Amanda Maria de Oliveira

INTELIGIBILIDADES SOBRE OS ESTUDOS EM *ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO* NO BRASIL

Florianópolis
2021

Amanda Maria de Oliveira

Inteligibilidades sobre os estudos em *Análise Dialógica do Discurso* no Brasil

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação
em Linguística da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito para obtenção do
Grau de Doutora em Linguística.
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira.

Florianópolis
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Oliveira, Amanda Maria de
Inteligibilidades sobre os estudos em Análise Dialógica
do Discurso no Brasil / Amanda Maria de Oliveira ;
orientador, Rodrigo Acosta Pereira, 2021.
240 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Linguística Aplicada. 3. Análise
Dialógica do Discurso. 4. Bakhtin e o Círculo. I. Acosta
Pereira, Rodrigo. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.
Título.

Amanda Maria de Oliveira

Inteligibilidades sobre os estudos em Análise Dialógica do Discurso no Brasil

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Luciane de Paula, Dra.

Membro externo

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Profa. Karina Giacomelli, Dra.

Membro externo

Universidade Federal de Pelotas

Profa. Rosângela Hammes Rodrigues, Dra.

Membro interno

Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Fabiana Giovanni, Dra.

Membro interno

Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão de curso que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Linguística.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Rodrigo Acosta Pereira, Dr.

Orientador

Florianópolis, 2021

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, pelo financiamento durante o curso de doutorado.

Ao orientador Rodrigo Acosta Pereira, pela parceria durante todo o meu percurso de formação acadêmica, pelos valiosos ensinamentos, pelo profissionalismo, por sempre me incentivar a seguir em frente e por me ajudar a superar as dificuldades. Obrigada por tudo!

Às professoras Rosângela Hammes Rodrigues e Renata Coelho Marchezan e ao professor Pedro Francelino pelas importantes contribuições dadas na banca de qualificação para o desenvolvimento desse estudo.

Aos meus pais Milton e Claudina, pelo amor e apoio incondicionais, pelo carinho e pela presença constante, apesar da distância. Obrigada por todo o incentivo e por tornarem tudo isso possível.

Ao Carlos, meu companheiro de todas as horas, por tornar o processo mais leve, por sempre acreditar em mim e por estar ao meu lado a todo momento, dividindo alegrias e tristezas.

A minha irmã Izabel, ao meu cunhado Davidson e ao meu sobrinho Heitor, por se fazerem sempre presentes, ainda que fisicamente distantes.

Às amigas Luana, Janaina, Aichely e Zeane, presentes que ganhei em Florianópolis. Obrigada por fazerem parte dessa jornada!

À amiga Mariana, pela amizade de sempre e pelo apoio constante.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Pesquisas desenvolvidas em Linguística Aplicada por contemporâneos de Bakhtin e o Círculo têm proposto percursos que matizam movimentos de retomada e de ampliação dos conceitos mobilizados no conjunto das obras desses intelectuais. Sendo assim, diferentes propostas de estudo buscam reenunciar as noções apresentadas pelos escritos de maneira a delinear caminhos analíticos que deem conta do objeto estudado. Essa mobilização das discussões das obras de Bakhtin e o Círculo possibilitou a fundação da área que, no Brasil, convencionou-se chamar de Análise Dialógica do Discurso (ADD). Considerando o percurso de surgimento e de consolidação da ADD no Brasil, propomos a seguinte tese: a Análise Dialógica do Discurso consiste em uma perspectiva de estudos discursivos, historicamente fundada no Brasil que, alicerçada enquanto área com delineamentos específicos e percursos teórico-metodológicos próprios, sob o matiz dos escritos de Bakhtin e o Círculo, ratifica sua identidade em relação as outras áreas do campo dos estudos do discurso. Para tanto, levantamos quatro inquietações em torno do percurso de consolidação da ADD no Brasil que ainda despertam discussões dentre os afiliados a tal área. Buscamos responder as seguintes inquietações: (i) Que terminologias são usadas no Brasil pelos pesquisadores ao se situarem na área de estudos dialógicos do discurso?; (ii) Como a Filosofia da Linguagem/Metalinguística se caracteriza enquanto base teórico-metodológica da ADD?; (iii) Quais os fundamentos teórico-metodológicos da ADD à luz dos escritos de Bakhtin e o Círculo? e (iv) Quais as contribuições da ADD para as pesquisas em Linguística Aplicada?. Com base nessas questões norteadoras, a presente tese tem como objetivo geral apresentar um panorama teórico-metodológico da ADD. Em termos de objetivos específicos, pretendemos a) propor uma cartografia dos estudos em ADD no Brasil; b) analisar escritos de Bakhtin e o Círculo e de seus interlocutores contemporâneos filiados à ADD com base nas propostas de pesquisa bibliográfica e da meta-análise de dados e c) construir inteligibilidades em torno da ADD no campo da Linguística Aplicada. No que diz respeito à ancoragem teórico-metodológica, baseamo-nos nos escritos de Bakhtin e o Círculo e interlocutores contemporâneos para a discussão das noções de linguagem, sujeito e discurso. Em termos metodológicos, optamos por dois modelos de pesquisa para a coleta e geração de dados, que são a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de metateorização, sendo que ambos os modelos são adotados em diálogo nos movimentos de geração e análise de dados. As respostas às inquietações apresentadas demonstram que (i) os pesquisadores que se filiam à ADD utilizam diferentes terminologias para se referirem à área, o que evidencia uma flutuação terminológica, ao mesmo tempo em que o quantitativo de estudos observado demonstra que a ADD é uma área consolidada e com crescente número de trabalhos publicados em diferentes universidades e programas de pós-graduação no Brasil. Ainda, entendemos que (ii) a ADD retoma e amplia os fundamentos propostos pela Filosofia da Linguagem/Metalinguística, sendo que esta oferece as bases teórico-metodológicas para sua fundação, ao mesmo tempo em que o escopo de interesses da ADD vai além do que propunha o Círculo. Ademais, concluímos que (iii) a ADD não apresenta caminhos fixos para análise, de maneira que o pesquisador deve delinear seu percurso de estudo a cada nova análise desenvolvida. Além disso, à luz da meta-análise dos escritos do Círculo, entendemos que há, de fato, diretrizes teórico-metodológicas presentes na obra, de maneira que fundamentam os estudos desenvolvidos na ADD. Por fim, compreendemos que (iv) há diálogos transgressivos entre a ADD e a LA, porém tal relação não significa o domínio de uma sobre a outra, na medida em que há constantes diálogos e convergências no que diz respeito aos seus interesses. Esclarecidas as inquietações apresentadas, desenvolvemos uma caracterização teórico-metodológica da ADD, que incide no levantamento de seus aspectos gerais e dos encaminhamentos metodológicos presentes nas obras do Círculo e de seus interlocutores contemporâneos. Um dos aspectos percebidos diz respeito ao fato de que as pesquisas desenvolvidas em ADD ressignificam os conceitos apresentados pelos escritos de

Bakhtin e o Círculo, de maneira que as noções são mobilizadas para dar conta de diferentes objetos do discurso, ao mesmo tempo em que cada nova pesquisa apresenta um percurso único de estudo, pois não há caminhos fixados *a priori*, nem que possam ser inteiramente repetíveis em outros estudos. Além disso, corroboramos com a discussão de que há, de fato, caminhos metodológicos no decorrer da obra do Círculo que proporcionam o delineamento desses caminhos de estudo por parte dos pesquisadores filiados à ADD. Entendemos que esta pesquisa se mostra relevante na medida em que se propõe a desenhar o panorama teórico-metodológico atual da área da ADD, ao mesmo tempo em que busca construir inteligibilidades para responder às inquietações sobre o trabalho com a linguagem sob um panorama dialógico no campo das pesquisas brasileiras em Linguística Aplicada.

Palavras-chave: Bakhtin e o Círculo. Análise Dialógica do Discurso. Pesquisa qualitativa. Meta-análise.

ABSTRACT

Researches developed in Applied Linguistics by contemporaries of Bakhtin Circle have proposed paths that tint movements of resumption and expansion of the concepts mobilized on the writings of such intellectuals. Therefore, different proposals of studies aim at re-enunciating the notions presented by the works in order to outline analytical paths that can consider the object studied. This mobilization of discussions developed by Bakhtin Circle writings made it possible to found the area, that, in Brazil, is agreed to be called Dialogical Discourse Analysis (ADD). Considering the path of emergence and of consolidation of ADD in Brazil, we proposed the following thesis: Dialogical Discourse Analysis consists in a perspective of discursive studies, historically found in Brazil that, grounded as an area with specific outlines and its own theoretical-methodological paths, based on Bakhtin Circle's writings, ratifies its identity in relation to other areas of discursive studies. To do so, we presented four questions considering the consolidation route of ADD in Brazil that still provoke discussions among researchers in such area. We intended to answer the following questions: (i) Which terminologies are used in Brazil by researchers when they place themselves in the area of dialogic studies of discourse?; (ii) How does Philosophy of Language/Metalinguistics is characterized as a theoretical-methodological basis for ADD?; (iii) Which are the theoretical-methodological bases in the light of Bakhtin Circle's writings? And (iv) Which are the contributions of ADD for researches developed in Applied Linguistics?. Bases on such questions, the general objective of this thesis consists in presenting a theoretical-methodological overview of ADD. Considering the specific objectives, we intend to a) present a cartography of studies in ADD in Brazil; b) analyze Bakhtin Circle's writings and their contemporary interlocutors affiliated to ADD based on the models of bibliographic research and data meta-analysis, and c) constitute intelligibilities in ADD in the field of Applied Linguistics. Regarding to the theoretical-methodological anchorage, we based this research on Bakhtin Circle's writings and contemporary interlocutors' researches for discussions about language, subject and discourse. In methodological terms, we chose two research models for data generation and analysis, which are bibliographic research and meta-research, and both of them are adopted in dialogue in the movements of generation and data analysis. The answers to the questions presented showed that (i) researchers affiliated to ADD use different terminologies to refer to the area, and this fact shows a terminological fluctuation, as well as the quantitative information considered demonstrates that ADD is a consolidated area with increasing numbers of published papers in different universities and graduate programs in Brazil. Still, we understand that (ii) ADD recalls and expands the basis proposed by Philosophy of Language/Metalinguistics, as the latter offers the theoretical-methodological basis for its foundation, at the same time that the scope of interests of ADD goes beyond what Bakhtin Circle first presented. In addition, we understand that (iii) ADD doesn't offer fixed paths for developing analysis, so the researcher is supposed to draw his/her own study path in each new analysis developed. Besides, in the light of the meta-analysis of Bakhtin Circle's writings, we understand that there are, indeed, theoretical-methodological discussions on such writings, which based researches developed in ADD. Lastly, we understand that (iv) there are transgressive dialogues between ADD and LA; however, such relations don't mean that one overcomes the other, considering that there are constant dialogues and convergences regarding to their interests. After clarifying the questions, we developed a theoretical-methodological characterization of ADD, which focused on the presentation of its general aspects and the methodological discussions through the writings of Bakhtin Circle and its contemporary interlocutors. One of the aspects perceived regard to the fact that researches developed in ADD resignify concepts presented by Bakhtin Circle, so that notions are mobilized to consider different discourse objects, as well as each new research developed presents a unique study path, as there are no routes previously fixed, nor that they are not supposed to be entirely

repeatable in other studies. In addition, we corroborate the discussion that there are, indeed, methodological discussions through Bakhtin Circle's writings that provide the construction of such study routes by researchers affiliated to ADD. We understand that this research is relevant as long as it intends to draw a current theoretical-methodological panorama of ADD, as well as aims at building intelligibilities to answer the questions regarding to dealing with language under a dialogical panorama in the field of Brazilian researches in Applied Linguistics.

Keywords: Bakhtin Circle. Dialogical Discourse Analysis. Qualitative research. Meta-analysis.

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 – Dados do <i>Banco de Teses da Capes</i> | 82 |
| Gráfico 2 – Resultados das buscas no banco de dados BDTD..... | 83 |
| Gráfico 3 – Resultados das buscas no <i>Periódicos da Capes</i> | 83 |
| Gráfico 4 – Cruzamento de dados obtidos pelos três bancos de dados. | 85 |
| Gráfico 5 – Frequência de publicação de gêneros acadêmicos. | 86 |
| Gráfico 6 – Instituições de ensino e número de publicações..... | 87 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 – Etapas de geração de dados | 28 |
| Quadro 2 – Resumo das etapas da pesquisa bibliográfica..... | 38 |
| Quadro 3 – Níveis de pesquisa | 42 |
| Quadro 4 – Números de trabalhos e porcentagens por estado..... | 88 |
| Quadro 5 – Tipos de discurso propostos por Bakhtin (2010 [1929]) | 139 |
| Quadro 6 – Principais resultados..... | 221 |
| Quadro 7 – Banco de Teses da Capes..... | 234 |
| Quadro 8 – BDTD | 235 |
| Quadro 9 – Periódicos da Capes..... | 236 |
| Quadro 10 – Cruzamento de dados | 237 |
| Quadro 11 – Gêneros acadêmicos | 238 |
| Quadro 12 – Universidades | 239 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1 INTRODUÇÃO | 18 |
| 2 A CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA | 23 |
| 2.1 AS NOSSAS INQUIETAÇÕES | 24 |
| 2.2 BANCOS DE DADOS | 25 |
| 2.3 A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E A META-ANÁLISE | 35 |
| 3 A ANCORAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA | 44 |
| 3.1 EM TORNO DA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM..... | 44 |
| 3.2 EM TORNO DA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE SUJEITO | 58 |
| 3.3 EM TORNO DA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE DISCURSO | 67 |
| 4 NOSSOS RESULTADOS | 76 |
| 4.1 ADD NOS BANCOS DE DADOS | 76 |
| 4.2 (RE)DEFININDO A ÁREA | 90 |
| 4.3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ADD À LUZ DOS ESCRITOS DO CÍRCULO | 101 |
| 4.3.1 <i>Os já-ditos sobre a ADD no Brasil</i> | 102 |
| 4.3.2 <i>A meta-análise dos escritos do Círculo e as inteligibilidades sobre aspectos teórico- metodológicos da/para a ADD</i> | 118 |
| 4.4 ADD E LA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS | 201 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 223 |
| REFERÊNCIAS | 225 |
| APÊNDICE A – RESULTADO DAS BUSCAS NO BANCO DE TESES DA CAPES ... | 234 |
| APÊNDICE B – RESULTADO DAS BUSCAS NO BDTD | 235 |
| APÊNDICE C – RESULTADO DAS BUSCAS NO BANCO DE DADOS PERIÓDICOS DA CAPES | 236 |
| APÊNDICE D – CRUZAMENTO DOS RESULTADOS MOSTRADOS NOS QUADROS 7, 8 E 9 | 237 |
| APÊNDICE E – CONTAGEM DOS GÊNEROS DO DISCURSO | 238 |

APÊNDICE F – UNIVERSIDADES QUE REALIZAM PESQUISAS NA ÁREA.....239

1 INTRODUÇÃO

Pensar o caminho percorrido pela Linguística no que diz respeito à diversidade de perspectivas teórico-metodológicas envolve compreender os processos de (res)significação atravessados pela ciência até seu atual estado. No início do século XX, por exemplo, os estudos linguísticos ocidentais se direcionaram essencialmente para a dimensão formal da língua, para estudos de natureza estrutural e cognitiva, conforme os escopos de estudo dos modelos estruturalista (SAUSSURE, 2008 [1916]) e gerativista (CHOMSKY, 1957), que, até a década de 1960, dominaram o âmbito das pesquisas em Linguística. Conforme Santos (2018), havia um modelo global de racionalidade que restringia a aceitação dos estudos considerando suas adequações aos princípios teórico-metodológicos dominantes. Os estudos que não se adequassem a esses modelos ou perspectivas eram secundarizados.

Apesar da forte dominação que a racionalidade científica atribui a esses modelos de pesquisa, o paradigma dominante começa a ruir, de modo que as afirmações até então tidas como verdades absolutas passam a ser questionadas. De acordo com Santos (2018), o movimento de declínio do rigor científico do paradigma dominante resulta na ressignificação dos pressupostos da cientificidade, não somente nas áreas de Ciências Exatas, mas também nas humanidades, que não passaram imunes a tal revolução. Uma vez que os métodos até então tidos como únicos meios de estudo já não se mostravam suficientes para determinados campos, como nas Ciências Humanas e Sociais, estas passam a pensar meios de pesquisa que dessem conta das particularidades do campo, em vez de manter a posição de aplicadora de teorias e métodos dados *a priori*.

Tal revolução foi sentida posteriormente também nos estudos linguísticos, que até os anos 1960 e 1970, ainda eram praticamente dominados pelas pesquisas formalistas e por métodos positivistas, dedicados ao aspecto formal e cognitivo do funcionamento da língua (WEEDWOOD, 2002), mas que perderam terreno a partir dos anos 1970 e 1980 (TRIVIÑOS, 1987). Os estudos funcionalistas¹ começam a ganhar espaço e, por não serem mais suficientes apenas os estudos em torno da dimensão linguística, passa a ser considerada também a dimensão social dos acontecimentos linguísticos.

¹ Na presente tese, não nos detemos às vertentes que não constituem as nossas bases teórico-metodológicas. No entanto, entendemos ser relevante esclarecer o que compreendemos por formalismo e funcionalismo. Sobre o primeiro, Cortez (2011) afirma que se interessa pela língua enquanto sistema autônomo, de forma que o foco incide sobre os níveis fonético, fonológico, morfológico e sintático. Em suma, o formalismo se interessa pelas partes menores que constituem a dimensão interna da língua e suas relações, bem como os princípios que os regem. Sobre o funcionalismo, Cortez (2011) afirma que a língua é estudada especialmente enquanto instrumento de comunicação social, a qual se interessa pelo estudo do significado e do uso da linguagem durante as interações comunicativas.

Nesse contexto, a partir dos anos 1970, geminaram e foram desenvolvidas pesquisas dedicadas aos estudos sociolinguísticos, ao mesmo tempo em que cresceram os estudos do discurso em diversos países. As diferentes análises de discurso são fundadas a partir de interesses e bases teóricas distintos, como a Análise do Discurso Francesa, a Análise do Discurso Crítica e a Teoria Semiociológica de Análise do Discurso. Nesse mesmo período, os escritos de Bakhtin e o Círculo começam a receber atenção no ocidente (BRAIT, 2006; BRANDIST, 2012; PAULA, 2013), de modo que surgiram traduções dos textos para diversos idiomas, que difundiram a filosofia da linguagem enquanto constitutiva dos fundamentos da perspectiva dialógica da linguagem.

As discussões em torno dos escritos de Bakhtin e o Círculo se mostraram frutíferas especialmente no Brasil, onde diversos interlocutores (como exemplo, as traduções realizadas por Paulo Bezerra, Sheila Grillo, Yara Frateschi Vieira, Michel Lahud, Valdemir Miotello, Carlos Alberto Faraco, Aurora Fornoni Bernardini *et al.*, dentre outros autores) realizaram traduções dos textos tanto de traduções já realizadas quanto diretamente do russo, empenharam-se (e continuam se empenhando) em revisar e refazer traduções para o português, assim como possibilitar maior difusão dos escritos nos estudos da linguagem nas universidades brasileiras.

Tal panorama favorável aos estudos dialógicos possibilitou, por conseguinte, a fundação de uma ADD, de identidade essencialmente brasileira (BRAIT, 2014b; PAULA, 2013; ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2015; SOBRAL; GIACOMELLI, 2016). Considerando as particularidades do surgimento da ADD, percebemos que há ainda questões que estão relacionadas ao seu processo de consolidação no Brasil e que despertam o interesse dos pesquisadores. Com base nisso, propomos a **tese** de nosso estudo, que guia o desenvolvimento da pesquisa nos capítulos seguintes: **a Análise Dialógica do Discurso consiste em uma perspectiva de estudos discursivos, historicamente fundada no Brasil que, alicerçada enquanto área com delineamentos específicos e percursos teórico-metodológicos próprios, sob o matiz dos escritos de Bakhtin e o Círculo, ratifica sua identidade em relação as outras áreas do campo dos estudos do discurso.**

Para darmos conta da tese apresentada no parágrafo anterior, no contexto do presente trabalho, levantamos algumas inquietações que resultaram na elaboração de quatro **questões norteadoras**, que objetivamos responder no decorrer das discussões. A seguir, apresentamos brevemente os quatro questionamentos e os detalhamos no capítulo 2. Em nossa **primeira inquietação**, direcionamo-nos especialmente para a análise da terminologia que permeia os trabalhos publicados na área, isto é, buscamos esclarecer que terminologias são usadas pelos pesquisadores para se referir à própria área à qual se filiam. Na **segunda inquietação**,

questionamos como a Filosofia da Linguagem/Metalinguística² se caracteriza como a base teórico-metodológica da ADD. Na **terceira inquietação**, buscamos entender quais são os fundamentos teórico-metodológicos da ADD à luz dos escritos de Bakhtin e o Círculo. Por fim, a **quarta inquietação** analisa as contribuições da ADD para as pesquisas desenvolvidas no campo da Linguística Aplicada (LA)³.

Com base na tese apresentada e nas referidas inquietações, delineamos nosso objetivo geral e os objetivos específicos, que buscamos atingir no decorrer do trabalho a partir da busca por esclarecer essas inquietações. Sendo assim, nosso **objetivo geral consiste em propor uma cartografia e um construto metateórico da ADD no Brasil**. Nossos **objetivos específicos**, por conseguinte, consistem em a) propor uma cartografia dos estudos em ADD no Brasil; b) analisar escritos de Bakhtin e o Círculo e de seus interlocutores contemporâneos filiados à ADD com base nas propostas de pesquisa bibliográfica e da meta-análise de dados e c) construir inteligibilidades em torno da ADD no campo da Linguística Aplicada.

Em termos **metodológicos**, a presente tese segue duas ancoragens para geração e análise de dados, que são a pesquisa bibliográfica e a análise metateórica. Quanto à pesquisa bibliográfica, este modelo constitui o embasamento do presente estudo, pois a pesquisa bibliográfica fundamenta nosso referencial teórico-metodológico a partir da seleção de escritos, pesquisas, artigos acadêmicos e demais materiais convergentes com a proposta aqui apresentada, reenunciados nos capítulos subsequentes. Ademais, seguimos tal ancoragem quanto à seleção das obras a serem consideradas para esta pesquisa, as etapas de leitura e reflexões sobre os textos e reenuniação dos conceitos discursivizados.

No que diz respeito à análise metateórica, esta se refere aos procedimentos analíticos adotados, posto que desenvolvemos um estudo das teorias apresentadas até o momento e que constituem os fundamentos da área em questão. Sendo assim, em diálogo com a pesquisa bibliográfica, realizamos a metateorização a partir da seleção de textos que oferecem encaminhamentos metodológicos para a pesquisa em ADD, ao mesmo tempo em que desenvolvemos análises de cada excerto reenunciado, em um constante movimento dialógico (BAKHTIN, 2011 [1979]) entre as teorizações apresentadas e os percursos metodológicos ali presentes.

² Optamos pelo termo “metalinguística”. No entanto, seria possível utilizar o termo “translinguística”, conforme explica Rodrigues (2005, p. 156): “Para muitos pesquisadores, pela significação dominante que a palavra *metalinguística* possui no ocidente, o termo mais adequado seria *translinguística*. Nesse grupo de disciplinas, poderíamos hoje incluir as diferentes vertentes da análise do discurso, teorias da enunciação, semântica de vezo discursivo e a linguística aplicada, por exemplo.

³ Em alguns momentos, usamos a abreviação LA para nos referirmos ao campo da Linguística Aplicada.

Ressaltamos que a metodologia seguida nesta tese não está baseada na utilização de métodos de forma desligada dos demais momentos de geração de dados. Em outras palavras, a pesquisa bibliográfica e a metateórica não constituem etapas independentes dentro todo o processo de geração, análise de dados e discussões teórico-metodológicas. Ademais, os pressupostos da presente pesquisa têm base no método sociológico de estudo da linguagem de Bakhtin e o Círculo (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929]), que não oferece diretrizes e caminhos pré-determinados a serem seguidos pelo pesquisador, posto que a perspectiva dialógica da linguagem não está ancorada numa proposta metodológica fixa a qual os objetos de estudo devem se adaptar. Esses caminhos de análise devem ser delineados pelo pesquisador a partir das necessidades e das condições do estudo a ser realizado, conforme reafirmado no decorrer desta tese.

Diante dos objetivos delineados e do propósito deste trabalho, afirmamos ainda que nos situamos no campo da Linguística Aplicada. Entendemos ser relevante explicitar nosso lugar de fala de modo a esclarecermos com quais perspectivas teórico-metodológicas dialogamos e com quais pensamentos esta tese converge. Conforme Rajagopalan (2003), situar-se em um dado escopo teórico-metodológico é especialmente um movimento que tem implicações políticas e éticas. Segundo o autor, todo movimento de se pensar a linguagem é necessariamente ético e ideológico, pois não existe teoria linguística descompromissada, ainda que algumas perspectivas teóricas afirmem o contrário. Dito de outro modo, filiar-se a uma dada teoria e não a outra, seguir um dado viés teórico-metodológico de estudo da linguagem e propor teorizações para entendê-lo não é um movimento descompromissado ou neutro, pois é inevitavelmente ideológico e ético se entendermos que essas teorias têm consequências concretas, sejam consideradas positivas ou negativas. Nessa medida, deixamos clara, no decorrer do trabalho, nossa filiação ao campo da LA.

Ademais, esta tese segue a **organização** apresentada. Em primeiro lugar, propomos a introdução, na qual antecipamos algumas questões referentes à contextualização, apresentação da tese de pesquisa, questões norteadoras, objetivo geral e objetivos específicos, bem como ancoragens metodológicas quanto à geração e análise de dados. Dessa forma, introduzimos os principais pontos referentes a esta pesquisa.

No capítulo 2, intitulado “A contextualização da pesquisa”, apresentamos as questões pertinentes à justificativa de nossa pesquisa, à definição de nosso objeto de estudo, delineamos as nossas inquietações em torno da Análise Dialógica do Discurso, bem como situamos os modelos de pesquisa que utilizamos para a geração de dados e seleção do referencial teórico-metodológico. Especificamente, tratamos de questões referentes às questões norteadoras, às

etapas do desenvolvimento das pesquisas realizadas nos bancos de dados, assim como detalhamos questões referentes à pesquisa bibliográfica e à meta-análise.

O capítulo 3, nomeado “A ancoragem teórico-metodológica”, tem como proposta a discussão de alguns dos conceitos fundantes da teoria bakhtiniana que ancoram a presente tese, que são as noções da concepção dialógica da linguagem, de sujeito e de discurso. À luz de tais noções, desenvolvemos um breve referencial teórico-metodológico para demarcarmos nosso lugar na perspectiva dialógica da linguagem, de maneira que os referidos conceitos são retomados nos capítulos subsequentes, em um constante diálogo, seja em termos teóricos, seja em questões analíticas.

No capítulo 4, isto é, “Nossos resultados”, apresentamos inteligibilidades para responder aos questionamentos levantados na seção 2.1, assim como discutimos os pressupostos metodológicos da ADD. Sendo assim, delineamos as possibilidades de caminhos para ressignificação das quatro questões apresentadas à luz dos dados obtidos nas buscas realizadas em bases de dados, nas teorias que constituem os fundamentos da ADD, consideramos o diálogo que essa área estabelece com determinados campos de estudo. Ademais, levantamos os pressupostos teórico-metodológicos da ADD com fundamento nos escritos de Bakhtin e o Círculo.

Por fim, damos o “relativo acabamento” (BAKHTIN, 2011 [1979]) à presente tese com as considerações finais, na qual retomamos as principais questões discutidas no decorrer da pesquisa.

2 A CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

No que diz respeito a pesquisas na Análise Dialógica do Discurso (ou ADD), há recorrentes discussões acerca do que caracteriza uma pesquisa que se ancora nessa área e o que, de fato, é realizado, ou mesmo discussões em torno de sua existência. Em primeiro lugar, se retomarmos as discussões de Bakhtin e o Círculo, podemos perceber que não há uma referência direta à Análise Dialógica do Discurso, especialmente porque, à época, não existiam estudos do discurso delimitados/territorializados tal como hoje entendidos. Sobre essa questão, Brandão (2012) explica, com base em Maingueneau (1976), que os formalistas russos possibilitaram que adentrassem no campo dos estudos linguísticos o que se chamam hoje de estudos do discurso. Assim, foi na década de 1950 que se constituiu, de fato, a Análise do Discurso (MAZIÈRE, 2007) enquanto disciplina⁴, tendo a obra *Discourse Analysis* (HARRIS, 1952) como decisiva para essa fundação.

Dessa maneira, o termo “Análise de Discurso” não é cunhado pelo Círculo nas obras publicadas, mas sim pelos pesquisadores contemporâneos que buscaram fundar e consolidar a área de Análise do Discurso. Isso não invalida, no entanto, a retomada dos escritos do Círculo para a constituição de uma ADD, uma vez que tal escopo segue tanto a obra bakhtiniana quanto as ressignificações dadas por estudiosos contemporâneos.

Em segundo lugar, sabemos que não há passos metodológicos estanques propostos formalmente⁵ pela teoria bakhtiniana, uma vez que isso iria de encontro ao que propõe essa abordagem. Conforme explica Brait (2014b), não há a intenção *formal* de oferecer fórmulas e etapas estanques a serem seguidas pelo pesquisador, mas possibilidades de caminhos a serem adotados, de acordo com as condições da pesquisa, da natureza do objeto de estudo e dos objetivos do pesquisador, de forma que, neste trabalho, não propomos um fechamento da ADD, mas um caminho possível de delimitação da área e propostas de percursos metodológicos para os pesquisadores que se filiam a esse campo.

A partir dessas considerações, compreendemos a relevância de uma retomada mais densa do que está sendo publicado atualmente nessa área de estudos, e, com base nessa retomada e em diálogo com os escritos de Bakhtin e o Círculo, propomos uma caracterização

⁴ Mazière (2007), diferentemente de Brandão (2012), utiliza o termo *campo* ao discutir o lugar da Análise do Discurso no seio da Linguística, embora, em seguida, explique que a AD tem como propósito uma fundação disciplinar. Neste trabalho, utilizamos a nomenclatura *área*. Na seção 4.1, discutimos com maior profundidade as questões terminológicas em torno das nomenclaturas *campo*, *disciplina* e *área*.

⁵ Ressaltamos, com base em Brait (2014b) que o Círculo não teve a intenção *formal* de propor etapas metodológicas. No entanto, seguimos a compreensão de que o Círculo oferece diretrizes metodológicas para o estudo da linguagem.

da área da ADD e seus caminhos teórico-metodológicos. É nesse escopo que a pesquisa se situa, com o intuito de explicitar o espaço da ADD e a importância da área nos estudos envolvendo a linguagem, ao mesmo tempo em que procuramos corroborar sua existência e sua importância dentro da Linguística Aplicada e nos estudos do discurso.

2.1 AS NOSSAS INQUIETAÇÕES

Diante do nosso interesse em desenvolvermos um panorama geral da ADD e de adentrarmos nas discussões em torno de sua consolidação, propomos, na presente seção, quatro questionamentos em torno da ADD que servem como ponto de partida para as reflexões seguintes e encaminham as discussões posteriores, sendo que esses questionamentos são respondidos no capítulo 4.

A primeira inquietação levantada busca esclarecer a seguinte questão: **Que terminologias são usadas no Brasil pelos pesquisadores ao se situarem na área de estudos dialógicos do discurso?** Nesse sentido, a referida questão diz respeito ao entendimento de como os pesquisadores filiados se referem e se situam na própria área de estudos. Para tanto, dedicamo-nos especificamente à análise da terminologia usada quanto aos estudos dialógicos no Brasil. Brait (2014b) procura caracterizar a ADD não de forma a estabelecer uma definição fechada e finalizada, pois isso iria de encontro ao que propõe o Círculo, mas a partir de um levantamento dos principais termos postulados, isto é, “uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados.” (BRAIT, 2014b, p. 10).

Nossa segunda inquietação traz o seguinte questionamento: **Como a Filosofia da Linguagem/Metalinguística se caracteriza enquanto base teórico-metodológica da ADD?** Desse modo, a questão gira em torno das ancoragens/balizas teórico-metodológicas da Filosofia da Linguagem/Metalinguística à ADD. De acordo com Brait (2013b), a ADD nasce no Brasil a partir dos estudos bakhtinianos desenvolvidos no país e, embora o Círculo não tenha tido de fato o interesse em fundar uma análise do discurso, oferece os fundamentos para tal empreendimento.

Entendemos ser relevante nos situarmos em relação a um escopo teórico-metodológico pois concordamos com Rajagopalan (2003) quando o autor explica que há questões éticas implicadas no movimento de se teorizar a linguagem, de se situar em um dado lugar nas ciências da linguagem. Esse movimento de se filiar a uma determinada proposta teórica é um movimento político, que reflete os questionamentos e anseios em um dado momento da história, o que,

consequentemente, exclui a aleatoriedade dessas buscas por explicar os acontecimentos linguísticos e que necessariamente possuem uma dimensão ética, isto é, que essas descobertas têm consequências e estas devem ser objeto de reflexão. Nesse sentido, entendemos ser importante esclarecermos nossa intenção no que diz respeito à presente inquietação, e que não negamos esse movimento como prática social, nem sua dimensão política.

A terceira inquietação traz a seguinte questão: **Quais os fundamentos teórico-metodológicos da ADD à luz dos escritos de Bakhtin e o Círculo?** Neste caso, nossa intenção reside em delimitar os encaminhamentos teórico-metodológicos presentes nos escritos de Bakhtin e o Círculo que subsidiam os estudos desenvolvidos pelos pesquisadores filiados à ADD.

Por fim, nossa quarta inquietação se propõe a esclarecer o seguinte questionamento: **Quais as contribuições da ADD para as pesquisas em Linguística Aplicada?** O questionamento envolve a relação da área da Análise Dialógica do Discurso e a Linguística Aplicada. Com base nessa inquietação, buscamos entender que contribuições as pesquisas na ADD trazem para a LA, assim como o contrário, de modo que ratifique as bases do campo e dialogue com as suas propostas. Entendemos a relevância desse questionamento na medida em que refletimos acerca das aproximações entre ambos e os processos de realização e ressignificação das pesquisas desenvolvidas tanto na ADD quanto na LA.

No capítulo 4, procuramos engendrar inteligibilidades possíveis para elucidarmos as referidas inquietações à luz das obras do Círculo de Bakhtin, de discussões empreendidas por interlocutores contemporâneos, bem como considerações de autores filiados à LA. Dito de outro modo, propomos um diálogo entre diferentes vozes de forma a esclarecer as inquietações levantadas. Vale ressaltar que não pretendemos esgotar as possibilidades de responder aos questionamentos propostos, mas buscamos estabelecer (relativamente) propostas de reflexão que possam dar conta de nossas inquietações.

Como mencionado, os questionamentos são respondidos no capítulo 4. Antes disso, na seção 2.2, desenvolvemos uma contextualização dos bancos selecionados a partir dos quais geramos dados para respondermos ao primeiro questionamento; na seção 2.3, discutimos os movimentos da pesquisa bibliográfica e metateórica e, no capítulo 3, tratamos da abordagem teórico-metodológica de nossa pesquisa.

2.2 BANCOS DE DADOS

Conforme afirmado, a presente seção tem como propósito a apresentação de informações acerca dos bancos de dados escolhidos para a realização das buscas e posterior geração de dados, orientações que matizam o percurso de resposta de nossa primeira questão de pesquisa. Para tanto, adotamos o seguinte movimento: em primeiro lugar, delineamos os critérios de seleção dos bancos de dados; em seguida, apresentamos informações acerca de cada banco para, por conseguinte, explicitarmos os movimentos seguidos para a geração de dados.

No que diz respeito aos **critérios de seleção** dos bancos de dados, a princípio, procuramos definir os gêneros que seriam considerados nas pesquisas. Para tanto, pensamos em pesquisar, em teses, dissertações e artigos científicos, como os autores se situam na área da ADD. Optamos pelos referidos gêneros, dado que são disponibilizados em suas versões impressa e *online*, como teses e dissertações na maioria das universidades, ou somente na versão *online*, como a maioria dos artigos publicados em periódicos. Ainda, decidimos por não incluir livros uma vez que nem sempre são disponibilizados e-books, o que tornaria nossa pesquisa limitada ou incompleta.

Escolhidos os gêneros, decidimos por realizar as pesquisas em bases de dados e não em ferramentas de busca como *Google*, pois os resultados das buscas em ferramentas englobariam não somente os gêneros em questão, mas websites e demais páginas que poderiam divergir de nossos objetivos. Diante disso, fizemos variadas pesquisas nos três principais bancos de dados que publicam teses, dissertações e artigos científicos no Brasil, que são a) o *Banco de Teses da Capes*, que publica teses e dissertações defendidas em universidades de todo o país; b) a *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* (BDTD), que também publica teses e dissertações, e c) o *Periódicos da Capes*, no qual são publicados artigos de todas as áreas de pesquisa. Todos os sites foram encontrados numa listagem levantada pelo Banco de Dados da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina⁶, sendo que optamos pelos sites:

a) que publicassem trabalhos desenvolvidos em programas de pós-graduação em todo o país, que são levantados pelo *Banco de Teses da Capes* e pela BDTD e

b) que reunissem os periódicos e demais publicações acadêmicas (*Periódicos da Capes*) produzidas no Brasil.

Apesar de haver alguns artigos e livros publicados no exterior pelo *Periódicos da Capes*, desconsideramos os bancos de dados de outros países, assim como as informações acerca de publicação de livros, de modo a contemplarmos apenas as pesquisas realizadas no Brasil.

⁶ Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/framebases.html>.

Após a definição dos bancos de dados a serem consultados, delineamos os **termos que serviram de base para as pesquisas**. Primeiramente, os termos definidos para fazer a pesquisa nos sites foram: “Análise Dialógica de/do/dos Discurso(s)”, sendo que foram pesquisados tanto no singular quanto no plural, separadamente, isto é, incluindo todas as possibilidades. Com base nesses termos, fizemos duas buscas em cada um dos sites supracitados, com e sem aspas, uma vez que os resultados poderiam ser exatos ou não, pois os trabalhos apresentados nos resultados das pesquisas poderiam conter o uso do termo completo ou apenas alguma das palavras usadas, inclusive em trabalhos desenvolvidos em áreas completamente distintas da ADD.

Ademais, alguns resultados com as buscas sem aspas chegaram a um milhão de trabalhos, publicadas desde 1981 até o ano de 2018, o que tornou a análise dos resultados sem aspas inviável. Também, o site BDTD não fez diferenciação do uso de aspas no que diz respeito ao emprego de preposições distintas, o que acabava por mostrar resultados repetidos ou pouco precisos. Dessa maneira, tivemos que adaptar as buscas em cada site, uma vez que poderia haver, ou não, distinção nos resultados com ou sem uso de aspas, além da distinção entre as preposições usadas, de modo que os resultados fossem mais precisos e convergentes com nossa área de estudos.

Identificamos também outros termos usados nos trabalhos que não estavam na lista levantada *a priori* para a busca, mas que também estavam relacionados à ADD, de modo que as palavras definidas a princípio funcionaram como base para a identificação dos demais termos encontrados. Assim, as buscas nos bancos de dados partiram dos termos elencados e os resultados seriam organizados com base no número de termos usados nos trabalhos encontrados, mas acabamos por abarcar, também, todos os outros usados pelos autores dos trabalhos, já que percebemos maior flutuação terminológica do que o esperado.

Após as buscas, verificamos possíveis repetições, já que alguns sites não reconheciam preposições diferentes, além de alguns trabalhos presentes nos resultados não se referirem, em nenhum momento, à Análise Dialógica do Discurso. Eliminadas as repetições e os trabalhos que não se ancoravam na referida área, fizemos uma nova revisão dos dados, de modo que algum termo novo fosse identificado nessa segunda revisão. Por fim, foi feita a contagem da ocorrência dos termos nos trabalhos, considerando que, em determinadas pesquisas, foi usada apenas uma das expressões, enquanto em outras os autores usaram até quatro ou cinco diferentes expressões no mesmo trabalho. Todas as contagens e conferências foram realizadas de forma manual, a partir da elaboração de tabelas com os dados obtidos.

Vale ressaltar que não tivemos acesso a todos os trabalhos encontrados nos resultados das buscas. Isso se deu por nem todos os trabalhos serem disponibilizados para acesso público

pelos autores, por alguns endereços estarem fora do ar ou com *links* indisponíveis no período de acesso. Ressaltamos, no entanto, que isso ocorreu com uma pequena parcela de trabalhos encontrados, o que não inviabilizou as buscas.

A seguir, apresentamos um quadro-síntese, no qual resumimos as etapas de geração de dados a partir das buscas realizadas:

Quadro 1 – Etapas de geração de dados

| Etapas | Atividade | Crítérios/Etapas percorridas |
|---------------|---|---|
| 1ª etapa | Seleção de bancos de dados | Foram considerados bancos de dados que: a) Publicam trabalhos em Língua Portuguesa; b) Contemplam diversas áreas de estudo. |
| 2ª etapa | Definição dos termos de pesquisa | Termos que situam o trabalho na ADD: a) análise dialógica de/do/dos discurso(s). |
| 3ª etapa | Realização das buscas nos bancos de dados | As buscas foram realizadas no primeiro semestre de 2018, sendo que cada banco de dados apresentou particularidades em termos de realização de buscas e apresentação de resultados. Por essa razão, foi necessário adaptar as pesquisas considerando as possibilidades da ferramenta de buscas de cada banco individualmente. |
| 4ª etapa | Conferência dos dados | Nesta etapa, construímos quadros com os dados obtidos na 3ª etapa. A partir das informações obtidas, foram realizadas as conferências manuais das possíveis repetições de trabalhos, além de conferirmos se todos os trabalhos, de fato, se ancoravam na ADD. Para tanto, foi utilizada a ferramenta de localização Ctrl+l, do programa <i>Adobe Reader</i> . |
| 5ª etapa | Elaboração de gráficos | Na última etapa, após todas as conferências, foram elaborados gráficos a partir do cruzamento de diversas informações, como termos mais recorrentes, trabalhos que empregaram apenas o termo “ADD”, gêneros acadêmicos, universidades e quantitativo de produções, etc., que são apresentados na seção 4.1. |

Fonte: autora.

Ressaltamos que, na pesquisa realizada, assim como propõe a ADD, não havia percursos traçados a *priori* e que deveriam ser seguidos. Conforme levantado acima, Brait (2014b) explica que a ADD não traz proposições fechadas ou prescrições de caminhos que deveriam ser adotados pelo pesquisador. À luz dessas considerações, traçamos determinada possibilidade de pesquisa, de modo que obtivemos as informações necessárias. À medida que os números de resultados nas pesquisas se mostraram inviáveis pelo alto número,

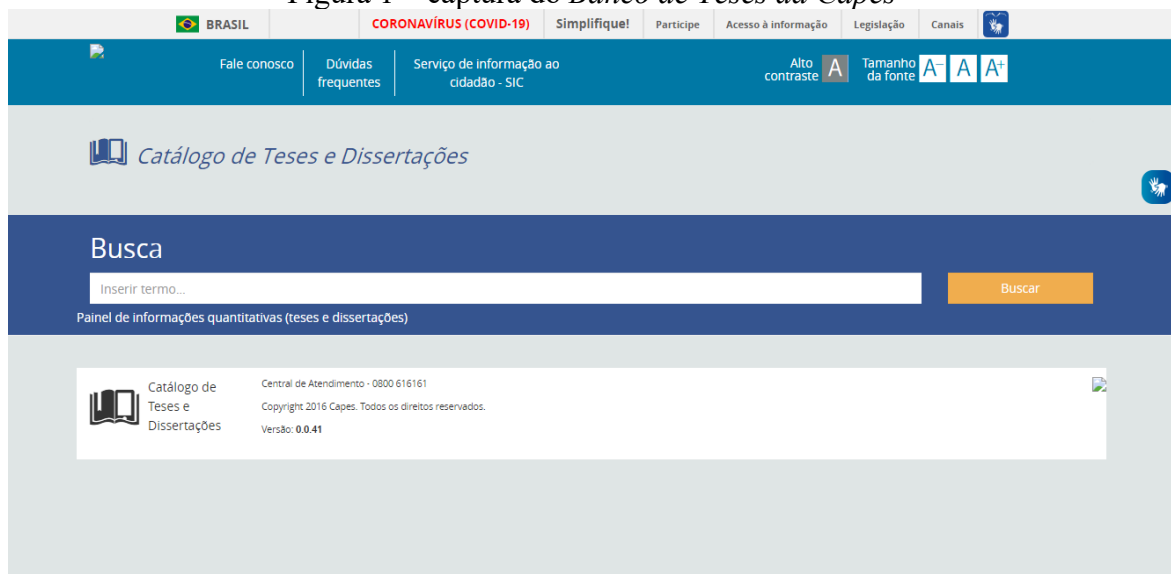
reassignificamos as etapas de buscas e reorganizamos nosso percurso quando necessário, o que converge com as propostas que ancoram esse estudo.

Por fim, esclarecemos que as pesquisas foram realizadas durante o primeiro semestre de 2018, mais precisamente de maio a julho, e a catalogação foi feita no mês de agosto do mesmo ano. Dessa forma, contabilizamos os trabalhos defendidos e disponibilizados até meados do primeiro semestre do referido ano. A seguir, **detalhamos** cada um dos bancos de dados, assim como as etapas das pesquisas realizadas.

*Banco de Teses da Capes*⁷

O primeiro banco de dados utilizado para a pesquisa foi o *Banco de Teses da Capes*. Apesar da denominação parecer restringir o banco à publicação apenas de teses, há também a catalogação de dissertações de mestrado, tanto na modalidade acadêmico quanto profissional. A seguir, apresentamos uma captura da página inicial do referido site:

Figura 1 – captura do *Banco de Teses da Capes*



Fonte: <http://catalogodeteses.capes.gov.br>.

O processo de buscas foi realizado de forma padronizada em relação aos demais bancos de dados. Primeiramente, foram realizadas as buscas no *Banco de Teses da Capes* considerando os termos “Análise Dialógica de/do/do(s) Discurso(s)” sem as aspas. Nisso, percebemos que os resultados eram inviáveis para as análises individuais, além de serem apresentados inúmeros

⁷ Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br>. Após a realização da pesquisa, passou a ser nomeado *Catálogo de Teses e Dissertações*.

trabalhos que não se ancoravam, de fato, na ADD, pois, como as buscas foram realizadas sem as aspas, o sistema considerou o uso de preposições e apresentou todos os resultados possíveis que continham esse termo, além de terem sido citados trabalhos defendidos a partir de 1987 que, entretanto, não estavam relacionados à ADD. Portanto, optamos por realizar buscas individuais considerando todas as variações do termo “Análise Dialógica de/do/dos Discurso(s)”, sempre com o uso de aspas.

Dentre esses trabalhos, foram desconsideradas as repetições apresentadas pelo site após as buscas. De modo a termos um panorama correto da publicação de trabalhos, foi necessário realizarmos diversas contagens manuais, além de conferências individuais para excluirmos possíveis repetições. Assim, elaboramos tabelas com diversos dados, como título do trabalho, autoria, instituição de ensino e programa de pós-graduação, ano de defesa, orientador e todos os termos usados ao menos uma vez no decorrer do texto e que situavam os trabalhos na ADD ou faziam referência à área. Munidos com tais informações, conseguimos realizar uma contagem precisa e retirar todas as repetições e trabalhos que não se ancoravam em tal referencial⁸ com auxílio da ferramenta de localização do programa *Microsoft Word* (Ctrl + l).

Durante a análise de cada trabalho, feita com a ferramenta de buscas do programa *Adobe Reader* (que pode ser acessada pelo atalho Ctrl + f), buscamos os termos usados e notamos que os autores dos trabalhos não utilizaram apenas os termos “Análise Dialógica de/do/dos Discurso(s)” para se ancorarem na área em questão. Identificamos diversos outros termos empregados pelos autores de modo a explicitarem sua ancoragem na ADD e, diante da relevância de tal panorama, optamos por realizar a contagem de todos os termos usados relacionados às palavras-chave usadas a princípio.

Além das pesquisas no *Banco de Teses da Capes*, consideramos, também, a *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações*, conforme apresentado a seguir.

BDTD – *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações*⁹

A *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* (BDTD) tem função semelhante ao *Banco de Teses da Capes*. A princípio, pensamos em desconsiderar este site. No entanto, percebemos que os resultados não foram iguais, uma vez que alguns trabalhos só foram

⁸ Tal processo de contagem e organização de dados foi realizado com os três bancos de dados.

⁹ Disponível em: <http://bdtb.ibict.br>.

encontrados em um dos bancos, daí a importância de buscarmos nos dois sites para uma maior cobertura possível de trabalhos.

Tal distinção nos resultados obtidos está relacionada à administração de cada portal, além da obrigatoriedade (ou não) de depósito de trabalhos no portal. Sobre a administração, cada banco de dados é gerenciado por uma instituição diferente. O *Banco de Teses da Capes* é o sistema *online* oficial do governo, o qual está vinculado ao Ministério da Educação. A BDTD, por sua vez, é uma iniciativa do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o qual é vinculado ao Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT). Acerca da questão envolvendo a obrigatoriedade de publicação, o *Banco de Teses da Capes* agrupa todas as teses e dissertações brasileiras, sendo que o depósito de trabalhos, após a defesa, é obrigatório. Diferentemente, para a BDTD, não há obrigatoriedade para depósito dos trabalhos defendidos, de forma que nem todos os que são encontrados no *Banco de Teses da Capes* também estarão disponíveis na BDTD¹⁰. A seguir, reproduzimos a página inicial do banco de dados BDTD:

¹⁰ Informações disponíveis em:

http://www.seabd.bco.ufscar.br/index.php?option=com_content&view=article&id=289%3Adiferenca-portais-teses-dissertacoes&catid=100%3Amenu-sri-referencia&Itemid=38&fbclid=IwAR2YocrM--cjO4JysoRQdLrlxZvi6jG-G4ohyNKH6KCQINfp6QVt56qwi4g.

Figura 2 – página inicial da *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações*

BRASIL | Serviços | Participe | Acesso à informação | Legislação | Canais | Idioma ▾

BDTD 15 anos
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Página Inicial | Sobre a BDTD ▾ | Rede BDTD ▾ | Acesso Aberto Brasil | Serviços ▾

ACESSO E VISIBILIDADE ÀS TESES E DISSERTAÇÕES BRASILEIRAS

Todos os campos ▾
Q Buscar
Busca Avançada

| | | | |
|--------------|--------------|---------|------------|
| 122 | 467.073 | 170.140 | 637.212 |
| Instituições | Dissertações | Teses | Documentos |

Sobre a BDTD

O IbiCT desenvolveu e coordena a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico. A BDTD, em parceria com as instituições brasileiras de ensino e pesquisa, possibilita que a comunidade brasileira de C&T publique e difunda suas teses e dissertações produzidas no País e no exterior, dando maior visibilidade à produção científica nacional.

Assista o vídeo sobre a BDTD

Veja como a BDTD funciona.

Participe
Tecnologias
Indicadores
Contato
FAQ

Conheça também

Fonte: <http://bdttd.ibict.br>.

Assim como no banco de dados anterior, desconsideramos os trabalhos repetidos. Para tanto, organizamos tabelas com todos os dados já citados e realizamos contagens individuais, e, com o uso do localizador do *Microsoft Word*, buscamos possíveis trabalhos repetidos. Retiradas as repetições, fizemos uma contagem final mais precisa e retiramos todas as repetições e trabalhos que não se ancoravam, de fato, na Análise Dialógica do Discurso, conforme apresentado na seção 4.1.

Além dos dois bancos de dados até aqui analisados, consideramos também as pesquisas feitas no *Periódicos da Capes*, no qual contabilizamos apenas o gênero artigo acadêmico.

*Periódicos da Capes*¹¹

¹¹ Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>.

O banco de dados *Periódicos da Capes* reúne produção científica e informações sobre patentes, enciclopédias, normas técnicas, etc., com o objetivo de democratizar o acesso à informação em todas as regiões do país, além de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil. Apesar de o site mostrar diversas opções de buscas, como “assunto”, “periódico”, “livro” e “base”, consideramos apenas a primeira opção, pois oferecia maior amplitude de resultados. Sendo assim, dada a relevância do *Periódicos da Capes* para a difusão de trabalhos científicos, incluímos esse banco de dados para as buscas. Abaixo, apresentamos uma captura da página inicial do banco de dados em questão:

Figura 3 – página inicial do site *Periódicos da Capes*

The image shows the homepage of the 'Periódicos da Capes' website. At the top, there is a navigation bar with links for 'ACEDSO A INFORMACÃO', 'PARTICIPAÇÃO', 'LICENCIAMENTO', and 'ONGAÇÃO DO GOVERNO'. Below this is a search bar and a main navigation menu with categories like 'BUSCA', 'INSTITUCIONAL', 'ACERVO', and 'SUPPORTO'. The main content area includes a search section with a 'BUSCAR ASSUNTO' field, a 'DESTAQUES' section with featured articles, and a 'VÍDEOS' section with a video player. There are also sections for 'Parceiros' (National Geographic, Dados e Estatísticas, Britannica) and a footer with contact information and logos for CAPES, BRASÍLIA, and seil.

Fonte: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>.

Todos os procedimentos elencados nos tópicos anteriores, em termos de elaboração de gráficos, buscas com ferramentas de localização dos programas *Microsoft Word* e *Adobe Reader* e contagem de repetições foram realizados com o presente banco de dados.

Na presente seção, discutimos os critérios de seleção dos bancos de dados, os termos que serviram de base para as pesquisas nos sites, assim como apresentamos brevemente cada banco de dados selecionado. Na seção a seguir, tratamos da pesquisa bibliográfica e de considerações teóricas em torno da meta-análise.

2.3 A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E A META-ANÁLISE

Na presente seção, direcionamos nossa atenção para a discussão em torno das obras mobilizadas para a realização do presente estudo. Para tanto, em um primeiro momento, discutimos o que se entende por pesquisa bibliográfica. Em seguida, tratamos das obras mobilizadas neste estudo para a realização das reflexões posteriores, assim como as análises apresentadas no capítulo 4. Por fim, discutimos os fundamentos da meta-análise, que, em adição, baseia o desenvolvimento das análises.

Para a realização de qualquer pesquisa, a informação é sempre a provisão de base. Laville e Dionne (1999) discutem que uma das formas de obtenção de dados para a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, além da pesquisa de campo, consiste no acesso a documentos ou dados. Esses dados, por sua vez, podem ter origem a partir do acesso a bancos de dados, nos quais os resultados de estudos prévios são disponibilizados e podem ser retomados em estudos posteriores ou através das buscas feitas pelo próprio pesquisador interessado.

Tais métodos para geração de dados fazem parte do modelo de **pesquisas bibliográficas**. Em relação ao referido modelo de pesquisa, Gil (2008) discute que, embora em todos os estudos seja necessária uma revisão bibliográfica, muitas pesquisas são desenvolvidas com base em materiais já publicados e que facilitam essas buscas, especialmente aquelas que demandam a utilização de dados muito dispersos. No entanto, o autor explica que pode haver problemas no emprego desse modelo de pesquisa caso as fontes consultadas não sejam confiáveis, de modo que é necessária uma seleção cuidadosa das referências consideradas. Ainda sobre esse modelo, Pádua (2004, p. 55) explica que a “finalidade [da pesquisa bibliográfica] é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do seu tema de pesquisa.”. Em convergência, Fonseca (2002) dá a seguinte descrição do modelo de pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas “já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web sites*” (MATOS, LERCHE, p. 40) sobre o tema a estudar. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se

estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta [...]. (FONSECA, 2002, p. 31-32).

Gil (2008) levanta como um dos primeiros momentos de realização da pesquisa bibliográfica a escolha de um **tema**. De acordo com o autor, embora possa parecer à primeira vista um processo simples, na verdade consiste em uma escolha importante na medida em que implica nas possibilidades e viabilidades de realização da pesquisa, que envolvem prazos, acesso a referências bibliográficas relacionadas ao tema escolhido e ao próprio interesse do estudante que irá realizar o estudo.

Na presente tese, a escolha do tema envolve diversos fatores. Um deles diz respeito ao interesse em delinear um panorama atual da ADD no Brasil. Consideramos que, conforme diversos autores argumentam (PAULA, 2013; BRAIT, 2014b; ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2015; SOBRAL; GIACOMELLI, 2016), a Análise Dialógica do Discurso possui identidade brasileira, já que, embora haja pesquisas desenvolvidas em outros países, foi no Brasil que esta área se constituiu e recebeu a referida nomeação. Diante da importância da área para as pesquisas em torno do discurso no Brasil, entendemos que é pertinente reunir informações, estudos e referências que se remetam à ADD, para que possamos entender seu percurso de consolidação, seu panorama atual e seus caminhos analíticos e percursos de estudo propostos pelas diversas pesquisas desenvolvidas até o momento.

Outro ponto levantado por Gil (2008) envolve a **formulação do problema**. O autor afirma que, a partir da leitura de diversas referências em torno do tema escolhido anteriormente, o pesquisador deve formular o problema que irá guiar todo o desenvolvimento posterior do estudo, embora tal formulação possa ser resignificada no decorrer da realização do projeto/estudo. Ademais, propõe questionamentos gerais que, sendo realizados e respondidos pelo próprio pesquisador, irão situá-lo em relação ao que, de fato, desperta seu interesse e atenção. Por exemplo, propõe a formulação de perguntas como i) a relevância teórica e prática do problema, a sua qualificação para o desenvolvimento do estudo, ou seja, se, de fato, a problemática está dentro do tema já escolhido; ii) se o problema foi formulado de maneira clara, precisa e objetiva, e, por fim, iii) se o pesquisador irá dispor de tempo e de recursos para, de fato, conseguir responder ao problema já levantado.

No que diz respeito ao presente trabalho, a formulação de nosso problema surgiu a partir do levantamento de nossas inquietações acerca da Análise Dialógica do Discurso. Conforme discutimos na seção 2.1, apresentamos questionamentos em torno das terminologias

empregadas pelos pesquisadores que se filiam à área, como a Filosofia da Linguagem/Metalinguística se caracteriza como a base teórico-metodológica da ADD, quais os fundamentos teórico-metodológicos da ADD à luz dos escritos do Círculo, bem como nos propomos a refletir acerca das contribuições da ADD para os estudos filiados à Linguística Aplicada. Com base em tais questionamentos, orientamo-nos para a seleção de referências bibliográficas, do direcionamento de nosso olhar para as leituras e a realização das análises posteriores.

Outras duas etapas importantes propostas por Gil (2008) envolvem a **identificação das fontes** a serem usadas no trabalho e, logicamente, **leitura do material**. Embora uma seleção prévia de referências já tenha sido realizada, este momento de reunião de textos é mais definitivo, uma vez que o pesquisador já está munido de informações que direcionam tal seleção. As referências bibliográficas podem ser obtidas por meio de diferentes fontes, como livros de leitura corrente, obras de referência, periódicos científicos, teses, dissertações, pesquisas em bases de dados, dentre outros.

Para esta pesquisa, reunimos diferentes fontes bibliográficas como subsídio para as considerações em torno da ADD. Selecionamos livros de leitura corrente, especialmente obras científicas, que reúnem estudos filiados à ADD e/ou ao Círculo de Bakhtin e que realizam discussões teóricas e análises com base nas referidas teorias. Também realizamos um levantamento de obras de referência para construção da base teórico-metodológica.

Além das pesquisas bibliográficas, realizamos, também, buscas em bases de dados. Dentre as diversas bases de dados de livre acesso, optamos pelos sites que disponibilizam quantitativos de trabalhos realizados no Brasil e que não sejam dedicados a áreas específicas distintas da Linguística, de modo que a escolha dos sites foi estreitada até selecionarmos os seguintes bancos: *Periódicos da Capes*, *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* e o *Banco de Teses da Capes*. Na seção 2.2, detalhamos o processo de pesquisa e, na seção 4.1, apresentamos os resultados obtidos à luz dos dados coletados nos referidos bancos. Ressaltamos que, a princípio, os resultados obtidos foram quantificados, movimento necessário para que pudéssemos ter uma visão global e comprovação do fluxo terminológico presente nos trabalhos da área. Ao mesmo tempo, esses dados quantitativos são analisados sob uma perspectiva dialógica, isto é, buscamos entender o que esses dados nos mostram em conjunto com as leituras realizadas no decorrer da pesquisa bibliográfica.

Acerca do processo de leitura, Gil (2008) propõe que as leituras podem seguir diversas estratégias, como a leitura exploratória, a leitura seletiva, leitura analítica e leitura interpretativa. A leitura exploratória, de acordo com o autor, envolve a leitura dinâmica das

referências selecionadas para que o pesquisador possa verificar se, de fato, tais textos interessam ao objetivo do estudo. A leitura seletiva é mais aprofundada que a anterior, a qual pode reorganizar as referências de fato a serem utilizadas, outras já eliminadas podem ser reinsersidas, pode ser feita uma segunda leitura dos textos já usados, etc. A leitura analítica requer uma leitura mais definitiva, que reúna informações e respostas para o problema já levantado. Por fim, a leitura interpretativa constitui a última etapa da leitura dos textos, de modo que possam ser estabelecidas relações com o problema de estudo, as possíveis soluções a serem encontradas, o significado mais amplo de tais discussões, dentre outros objetivos. Na presente tese, seguimos os mesmos trajetos de leitura, embora questões subjetivas tenham caracterizado esse processo, como a releitura de textos já lidos em outros momentos e a inclusão de obras nos diversos momentos de leitura, por se mostrarem relevantes para a pesquisa.

Considerando as discussões de Laville e Dionne (1999), Pádua (2004) e Gil (2008), delimitamos a presente pesquisa como bibliográfica, uma vez que a principal fonte de informações consiste na consulta a trabalhos já publicados, como artigos, teses, dissertações, livros, ensaios, resenhas, bases de dados, dentre outros, que nos oferecem uma visão de como a ADD se consolida no Brasil, como as pesquisas que se filiam a essa área estão sendo encaminhadas, bem como possibilitam entender o que se compreende por ADD atualmente. Apresentamos, a seguir, um quadro-síntese com as principais informações em torno das etapas de pesquisa bibliográfica discutidas no decorrer desta seção e as etapas seguidas neste estudo:

Quadro 2 – Resumo das etapas da pesquisa bibliográfica

| Etapas da pesquisa bibliográfica | Características do presente estudo |
|--|--|
| Pesquisas bibliográficas | Nossas pesquisas bibliográficas são realizadas no decorrer de toda a escrita da tese, considerando a consulta a artigos acadêmicos, teses, dissertações e livros que convergem com a área da ADD e do Círculo de Bakhtin. |
| Tema | O delineamento do tema da presente pesquisa se deu a partir da identificação da importância da área da ADD para os estudos do discurso no Brasil e as questões que ainda levantam discussões atualmente. |
| Formulação do problema | A formulação do problema de estudo foi feita com base nas inquietações levantadas (cf. seção 2.1). |
| Identificação das fontes e leitura do material | Reunimos obras que i) reúnem discussões teóricas e análises situados na área da ADD, ii) manuais de produção de projetos de pesquisa, iii) escritos de Bakhtin e o Círculo. O processo de leitura segue as orientações de Gil (2008), embora tenhamos empreendido releituras de textos e a inclusão de obras nos diversos momentos de leitura, uma vez que se mostraram relevantes para esta pesquisa. |

Fonte: autora.

No que diz respeito à presente tese, nossa pesquisa bibliográfica tem como foco dois principais escopos que constituem nosso **universo de análise**, que são i) os escritos de Bakhtin e o Círculo e ii) produções de interlocutores contemporâneos do Círculo e de autores que se filiam ao campo dos estudos dialógicos, como livros, capítulos, artigos, dissertações e teses. Dada a impossibilidade de darmos conta de todos os trabalhos do Círculo e de todas as produções em torno das pesquisas em ADD, dedicamo-nos a um recorte de textos que abordam os conceitos analisados na subseção 4.3.2. Reconhecemos que há diversos outros trabalhos que poderiam fazer parte de nosso universo de análise. No entanto, dada a razão mencionada, guiamo-nos à luz dos conceitos considerados centrais para essa pesquisa, de forma que os trechos analisados são organizados com base nos principais conceitos trabalhados. À luz de tais discussões, propomos uma **meta-análise** de excertos dos textos mencionados como base para a apresentação de percursos metodológicos para o estudo das noções de cronotopo, discurso, ideologia, valoração, enunciado e das formas lexicais e gramaticais, sendo que tais análises são apresentadas na subseção 4.3.2 da presente tese.

Em adição, retomamos as considerações em torno do que se entende por meta-análise dado que é o método que ancorada as análises desenvolvidas na subseção 4.3.2. Sendo assim, ancoramo-nos nas discussões de Garcia (2018), Bufrem e Freitas (2015), Hedlung *et al.* (2015) Vanderberg (2013), Edwards (2013) e Talja, Keso e Pietlänem (1999) acerca da noção de metateoria. Segundo Garcia (2018), a metateoria consiste na teoria sobre a teoria, no sentido de se estudar algo que vem após a própria teoria e constitui um movimento de autoconhecimento de um dado campo científico (BUFREM; FREITAS, 2015). Dito de outro modo, consiste na análise de uma teoria já proposta, uma reflexão de algo que já foi apresentado de antemão. À luz de tais discussões, Garcia (2018) explica que a metateoria se ocupa de teorias, não apenas acerca da construção de uma teoria, mas também as ações em torno dessa construção teórica, portanto uma teoria que vem depois (VANDERBERG, 2013).

Ademais, segundo Vanderberg (2013), a noção de metateoria apresenta três sentidos. O primeiro deles diz respeito à metateoria como uma visão de mundo abrangente; o segundo sentido a vê como um dispositivo de mapeamento, e o terceiro a considera “uma teorização propedêutica e substantiva.” (GARCIA, 2018, p. 74). Segundo Garcia (2018, p. 74), esses três diferentes sentidos apresentam níveis distintos de abstração, que, por conseguinte, “ligam-se a diferentes atividades na pesquisa, de forma a atender objetivos específicos em um estudo metateórico [...]”. Dessa forma, a metateoria consiste em um movimento exploratório da teoria, no qual são levantadas abordagens e conceitos (TALJA; KESO; PIETILÄINEM, 1999).

Assim, entende-se a adoção de uma abordagem metateórica como o esforço de construção de uma fundamentação teórica integrando princípios gerais, abordagens e conceitos dos domínios de pesquisa objetos deste estudo, tal sejam a gestão do conhecimento e a competência em informação. (GARCIA, 2018, p. 76).

Ainda no que diz respeito aos estudos em torno da metateoria, Hedlung *et al.* (2014) propõem que podem ser consideradas duas fases, que são nomeadas metateoria 1.0 (ou “old-school metatheory”) e metateoria 2.0. Segundo os autores, a metateoria 1.0 “is essentially modern positivist metatheory, rooted in discredited metaphysical assumptions, and insufficient in its methodological transparency.” (HEDLUNG *et al.*, 2014, p. 7). Esse tipo de teoria, segundo os autores, esteve proeminente entre filósofos europeus e tem como um de seus seguidores Auguste Comte, cuja perspectiva metateórica nasce da especulação, sem rigor científico e que adota a noção de evolução social, isto é, do “primitivo” para a “civilização”, além de caracterizar uma teoria totalizadora. Ainda, de acordo com Garcia (2018), a metateoria 1.0 está relacionada com a ideia de ideologia, além de não apresentar métodos sistemáticos de pesquisa.

A metateoria 2.0, por seu turno, “can be defined as a form of big-picture or integrative theory grounded in the following criteria or principles: methodological transparency and judgmental rationalism, epistemic reflexivity and relativity, ontological realism and comprehensiveness, and integrative pluralism.”¹² (HEDLUNG *et al.*, 2014, p. 9). Sendo assim, a metateoria 2.0 apresenta transparência metodológica e, diferentemente da proposta anterior, busca o pluralismo integrativo, além de não procurar constituir uma teoria totalizadora. Quanto à presente pesquisa, situamo-nos na fase da metateoria 2.0 na medida em que não buscamos esgotar os caminhos metodológicos possíveis para o estudo dos conceitos levantados, ao mesmo tempo em que há o interesse de explicitar as propostas metodológicas presentes nos textos mencionados, o que vai ao encontro da segunda proposta. Ainda, nossa intenção com a presente pesquisa consiste na ampliação dos cursos metodológicos presentes na literatura no que diz respeito aos estudos que propõem análises à luz dos conceitos mencionados no quadro 4.

Ademais, Garcia (2018) explica que, na metateoria, existem duas perspectivas de apresentação, que são a filosófica e a científica (EDWARDS, 2013). A primeira perspectiva “focuses on the ontological, epistemological, methodological and ethical dimensions of

¹² “pode ser definida como um tipo de teoria de visão geral ou integrativa situada nos seguintes critérios ou princípios: transparência metodológica e racionalismo julgadores, reflexividade e relatividade epistêmica, realismo ontológico e abrangência, e pluralismo integrativo.” (tradução nossa).

theories. [...] Philosophers do not need to gather empirical data to build or test their ideas.”¹³ (EDWARDS, 2013, p. 2-3). Dito de outro modo, a perspectiva filosófica apresenta discussões e proposições com base na lógica e princípios de uma dada teoria. Essa perspectiva, de acordo com Edwards (2013) situa-se em um nível mais abstrato, pois se dedica à estrutura interna das teorias. As metateorias científicas, por seu turno, “treats theories as data points, as units of analysis to be investigated.”¹⁴ (EDWARDS, 2013, p. 3). Dessa forma, essa perspectiva constrói e testa suas proposições através da especificação de domínios, além da coleta, descrição e análise de dados, bem como desenvolve explicações e afirmações que podem ser testadas a partir de métodos a *posteriori*. Ainda segundo Edwards (2013), a perspectiva científica está situada em um nível menos abstrato, pois se dedica à estrutura externa da teoria, coleta e analisa dados, testa hipóteses e as comprova. Com base nisso, entendemos que

[...] a construção metateórica envolve a apresentação das atividades de revisão, análise e elaboração em um sistema conceitual global útil na compreensão dos fenômenos do domínio de pesquisa ao qual fornece representação. Neste sentido, o foco metateórico não parece ser a construção de uma estrutura que seja última e definitiva, antes esta cumpre o papel de representar a proposição realizada a partir de uma revisão e análise condicionadas a variáveis ligadas a decisões teóricas e metodológicas da pesquisa. (GARCIA, 2018, p. 80-81).

Com base nessas considerações, Garcia (2018, p. 96) afirma que “uma metateoria é construída a partir de uma pesquisa/estudo metateórico.”. Com essa afirmação, a autora explica que o enfoque da pesquisa metateórica não está no produto obtido, mas nos resultados gerados no decorrer da pesquisa. Se localizada dentre as diferentes possibilidades de pesquisa, Edwards (2013 *apud* Garcia, 2018) explica que o desenvolvimento da pesquisa pode ser situado em três diferentes níveis: o nível primário, de pesquisa empírica, que, em termos gerais, somente descreve os dados e não os analisa; o nível secundário, teórico, que analisa dados empíricos e conceituais; e o nível terciário, metateórico, que realiza revisões, análises críticas e, com base em tais revisões e análises, propõe metateorias e amplia determinada teoria ou modelo conceitual. Dessa maneira, segundo Garcia (2018), a pesquisa metateórica se situa no terceiro nível: a unidade de análise da pesquisa metateórica consiste em conceituações geralmente produzidas por pesquisas empíricas, que são revisadas e analisadas para posterior construção

¹³ “foca nas dimensões ontológica, epistemológica, metodológica e ética das teorias. [...] Filósofos não precisam coletar dados empíricos para construir ou testar suas ideias.” (tradução nossa).

¹⁴ “trata teorias como dados, como unidades de análise a serem investigadas.” (tradução nossa).

metateórica. A seguir, reproduzimos uma adaptação do quadro proposto por Edwards (2013, p. 5, tradução nossa) no qual são detalhados os três níveis:

Quadro 3 – Níveis de pesquisa

| Nível de estudo | Unidade de análise (Observação) | Atividades de pesquisa |
|------------------------------------|--|---|
| Metateórica (nível terciário). | A arquitetura das teorias, modelos e sistemas conceituais de teorias de nível secundário, médio. | Revisa, analisa e critica estudos de nível secundário e constrói metateorias a partir das revisões e análises críticas. |
| Teórico (nível secundário, médio). | A entidade ou processo de interesse científico – geralmente indivíduos e comunidade, mas também atividade, processos e experiências. | Reúne e analisa dados empíricos e conceituais, revisa, analisa críticas da pesquisa empírica de nível primário. |
| Empírico (nível primário). | Unidades de medida ou observação, não analisa (deliberadamente), somente registra e descreve. | Reúne dados empíricos, realiza medições empíricas, relato descritivo de fenômenos concretos. |

Fonte: Adaptado de Edwards (2013, tradução nossa).

Na presente tese, situamo-nos no nível terciário, dado que propomos um estudo metateórico das diretrizes metodológicas presentes nos escritos do Círculo de Bakhtin e nas pesquisas de seus interlocutores contemporâneos. Nossa intenção, com a referida proposta, não é de esgotar as possibilidades de caminhos metodológicos de análise dos conceitos mobilizados, mas levantar caminhos de análise possíveis.

Além disso, Edwards (2013) explica que há prerrogativas para a pesquisa metateórica. A primeira delas trata da natureza inerentemente crítica da pesquisa metateórica, a qual pode acessar as relações, convergências e divergências entre sistemas conceituais. Sendo assim, a pesquisa metateórica proporciona a análise crítica de teorias e sistemas conceituais a partir do estudo de seus pressupostos, afirmações e reflexões. No caso desta tese, nossa análise se dá a partir da renúncia de conceitos e discussões acerca das possibilidades metodológicas oferecidas pelas discussões renunciadas. A segunda prerrogativa trata da importância de se identificar as “lentes” que constituem construções teóricas. Dessa maneira, isso significa que a pesquisa metateórica busca entender os fundamentos de uma dada teoria, assim como os pontos de vista que a constituem. No capítulo 3, levantamos as discussões teóricas que fundamentam a perspectiva de língua(gem) adotada no presente estudo, assim como os conceitos mobilizados. Por fim, a terceira prerrogativa afirma a importância das teorias “primárias” como objeto e, comumente, unidades de análise. Ainda segundo o autor, este último ponto levanta a

importância do método na pesquisa metateórica. De acordo com o autor, “metatheorizing is scientific when, among other things, it uses rigorous and transparent methods to study a topic or phenomenon.” (EDWARDS, 2013, p. 3), sendo que tal discussão está relacionada ao que foi abordado anteriormente acerca dos três níveis de desenvolvimento da pesquisa. Na presente tese, com a discussão aqui desenvolvida, deixamos clara a metodologia adotada para as análises apresentadas no capítulo 4.

Por fim, vale ressaltar a dimensão crítica de uma pesquisa metateórica. Se o objetivo consiste em revisitar um determinado constructo teórico e ressignificar e repensar determinadas afirmações, é necessária uma visão crítica e aprofundada da teoria como um todo, assim como domínio dos conceitos mobilizados de forma que sejam construídos caminhos reflexivos consistentes.

Esclarecemos que, na subseção 4.3.2, as análises são apresentadas considerando formatação específica. Para tanto, enumeramos os excertos analisados, que vão do número 1 ao 135. Ao mesmo tempo, todos os trechos são formatados em itálico e com espaçamento simples, de forma que sua identificação seja facilitada. Alternadamente aos trechos apresentados, desenvolvemos a mencionada meta-análise, de forma que os trechos reenunciados e as meta-análises são intercalados.

No capítulo seguinte, damos continuidade à discussão com foco nos estudos desenvolvidos no campo da enunciação. Assim, situamos esta tese em termos de ancoragem teórico-metodológica, isto é, esclarecemos quais as bases para o desenvolvimento da presente tese. Sendo assim, trazemos os pressupostos da perspectiva dialógica da linguagem, bem como as noções de sujeito e discurso, que são retomadas nas análises desenvolvidas na subseção 4.3.2.

3 A ANCORAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

No presente capítulo, discutimos os principais pontos teórico-metodológicos que subsidiam o presente estudo. Sendo assim, reenunciamos alguns dos principais conceitos discutidos pelo Círculo e que são pertinentes para os objetivos do presente trabalho, bem como aspectos metodológicos que têm implicações nas análises desenvolvidas na subseção 4.3.2.

Para Cunha (2019), apesar de o Círculo de Bakhtin recusar o abstrato e optar pelo concreto, elaborou um conjunto de noções intrínsecas e interrelacionadas relativas ao domínio da linguagem. Além disso, “no contexto epistemológico do Círculo, o dialogismo está relacionado às concepções de enunciado, de situação, de gênero, de discurso na sua dimensão histórica, social, humana, cultural” (CUNHA, 2019, p. 57). Diante disso, apesar do foco das seções seguintes residirem especialmente na concepção dialógica da linguagem, na noção de sujeito e de discurso, nada impede que outros conceitos também sejam retomados no decorrer das discussões.

3.1 EM TORNO DA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Na presente seção, discutimos a noção de linguagem segundo a concepção dialógica. Para tanto, retomamos escritos do Círculo de Bakhtin, especialmente as obras *A construção da enunciação e outros ensaios* e *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, bem como discussões de interlocutores contemporâneos (MORSON; EMERSON, 2008; MELO, 2010; ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2014; 2016; BRAIT, 2016; COSTA, 2017).

Para início de discussão, antes de nos dedicarmos, de fato, à noção de linguagem, buscamos, de forma breve, esclarecer a noção de diálogo segundo Bakhtin e o Círculo. Entendemos ser relevante esclarecermos a princípio a noção de dialogismo que perpassa a obra do Círculo por ser um conceito guarda-chuva (BRAIT, 2016), ao mesmo tempo em que é necessário esclarecer o sentido de diálogo que perpassa toda a obra e todos os conceitos que serão discutidos no decorrer da presente tese.

Melo (2010) explica que o dialogismo está presente no todo da obra do Círculo, toda a discussão desenvolvida e os conceitos abordados pelos autores. É necessário entender, *a priori*, que o diálogo constitui a arquitetônica de toda a obra, posto que todos os conceitos só podem ser compreendidos em sua totalidade, em um movimento mais amplo que entrelace todas as discussões em um todo e que, ao mesmo tempo, respeite as particularidades de cada noção proposta pelo Círculo.

Acerca do conceito de diálogo, Morson e Emerson (2008) explicam que o Círculo utiliza essa noção em diferentes momentos, o que acaba causando certa confusão e fazendo com que seja usado erroneamente segundo outras perspectivas, como diálogo em seu sentido mais estrito. Além disso, o conceito de diálogo é comumente entendido como uma combinação de dois pontos de vista que podem convergir ou divergir de forma matematicamente combinada, e nada mais que isso, ou mesmo como fala e réplica.

O que de fato torna o diálogo um processo vivo, segundo os autores, é sua não-finalizabilidade, ou seja, o fato de que nunca será enunciada a última palavra, pois o diálogo está sempre em andamento. Considerar que é possível finalizar¹⁵ uma discussão, enunciar a última palavra sem possibilidade de resposta acaba por encerrar o potencial de sentidos do diálogo, o que não acontece de fato na língua viva. Dessa maneira, a proposta do Círculo consiste essencialmente em esclarecer o diálogo como o próprio ponto de partida para a compreensão da linguagem, e não enquanto um ato mecânico e possibilitado por ela.

Esse diálogo mais amplo e, por conseguinte, a sua não finalização, só é possível, portanto, na comunicação discursiva, no uso concreto da língua. Para explicar o que é linguagem, Volochínov (2013 [1925/1930]) busca justamente entender como ela constitui e se enreda nas relações sociais, de modo que sua origem não está no dom divino ou presente entregue já pronto à humanidade: “*É o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou*” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 141, grifo do autor). Em outros termos, o autor reafirma que o próprio surgimento da linguagem decorre das condições da organização social, sendo que, à medida que essas condições mudam, a linguagem também se complexifica para atender a essas demandas, surgem novas posições sociais e, conseqüentemente, novos valores. Para que isso seja possível Volochínov (2013 [1925/1930]) explica que a função da linguagem no desenvolvimento da vida social é justamente permitir que haja mútua compreensão. Para que ocorra essa organização social, é necessário que os sujeitos possam se entender e que haja *interação*.

Para entendermos essa relação da linguagem com a interação, retomamos a discussão de Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) em torno da interação verbal. Consideramos a interação verbal uma das noções mais amplas do Círculo e que converge com a noção de diálogo acima discutida. Sendo assim, direcionamos nossa discussão para as considerações de Bakhtin

¹⁵ A seguir, discutimos o relativo acabamento do enunciado, isto é, a conclusibilidade, o que difere do sentido aqui mencionado.

(Volochínov) (2009 [1929]) em torno da interação verbal, do que, de fato, os autores discutem acerca da real natureza da língua.

Para explicar a perspectiva que ancora a compreensão da interação verbal, Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) e Volochínov (2013 [1925/1930]) respondem a duas orientações que se propõem a explicar a natureza da linguagem e suas origens. A primeira delas, o *subjetivismo individualista*, entende o uso da linguagem como representação do pensamento e expressão da atividade mental, ou seja, segundo uma relação unidirecional entre a atividade mental e sua realização verbal. Nesse sentido, a origem da linguagem residiria na própria mente do sujeito, de modo que estaria desvinculada de qualquer origem coletiva.

A segunda perspectiva, o *objetivismo abstrato*, afirma, por sua vez, que o centro organizador de todos os acontecimentos da língua consiste no próprio sistema, nos diferentes níveis da língua e nas relações que estabelecem entre si. Sendo assim, não importaria para o sujeito a relação entre linguagem e sociedade, pois o que determinaria o uso da língua seriam as relações internas ao sistema.

Segundo Volochínov (2013 [1925/1930]), embora as duas perspectivas ofereçam elementos importantes para a compreensão do fenômeno da linguagem, não são suficientes, por si só e de acordo com uma postura dialógica, para dar conta de todos os acontecimentos da língua. Dito de outro modo, as duas perspectivas, embora apresentem elementos importantes para se entender a linguagem, seja pela relação entre linguagem e pensamento, seja pela relação entre linguagem e sistema da língua, ambas não são suficientes para se entender a real natureza da linguagem, “afinal, os dois pontos de vista pecam em um mesmo erro: tentam encontrar uma parte na totalidade; fazem passar a estrutura de uma parte separada do todo pela estrutura da totalidade (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 75-76).

Diferentemente das duas perspectivas anteriores, Volochínov (2013 [1925/1930]) e Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) explicam que o que interessa, de fato, não é a relação entre as partes do sistema, nem relação unidirecional entre a atividade mental e sua expressão verbalizada, e sim o contato da palavra com a vida, o uso concreto por sujeitos socialmente situados e ativamente responsivos, que constituem uma unidade social e na qual haja convergência de sentidos.

Nesse sentido, Volochínov (2013 [1925/1930]) e Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) afirmam que linguagem e sujeito se constituem mutuamente. Segundo Volochínov (2013 [1925/1930]) explica, a linguagem organiza as relações sociais, isto é, é nas relações, mediadas pela linguagem, que se estabelecem e se ressignificam as relações sociais, conforme explicado anteriormente. Ao mesmo tempo, as relações sociais determinam, também, a nossa

individualidade. É a partir dessa coletividade, dessa unidade social, que se constitui nossa consciência¹⁶, nossas respostas às sensações, aos acontecimentos à nossa volta. Nossa individualidade é construída sempre no terreno do interindividual, diferentemente do que propõe o subjetivismo individualista. Sobre essa questão, Bakhtin (2011 [1979]) usa como exemplo o recém-nascido, que, com poucos momentos de vida, já começa a interagir com a mãe e outros a sua volta, sendo que essa procura pelo outro, a influência que ele exerce no nosso ser, prossegue e se fortifica no curso da vida. Mesmo a sensação mais elementar, para ser enunciado e expresso, é necessariamente constituída ideologicamente, dado que sempre é socialmente determinada. Assim, de acordo com Volochínov (2013 [1925/1930]), a expressão mínima de uma necessidade biológica é determinada por uma dimensão sociológica e histórica, seja da época, do contexto mais imediato, da classe social e de todas as condições sociais nas quais o sujeito está situado. É, portanto, a linguagem que determina não somente as relações sociais, mas também nossa vida interior, que sempre se orienta para essas relações e as leva em conta.

No contexto de discussão em torno da concepção dialógica da linguagem e da interação verbal como condição para a tomada da palavra, Volochínov (2013 [1925/1930]) e Bakhtin (Volochínov) 2009 [1929]) explicam que toda tomada da palavra é realizada através de signos ideológicos. Volochínov (2013 [1925/1930]) relaciona o signo com a possibilidade de integrar as relações sociais, as concepções, opiniões, ideias, à construção da enunciação, ou seja, de que toda ideologia atravesse a palavra enunciada. Segundo o autor, é a palavra como signo ideológico que possibilita essa relação inseparável da palavra com a vida.

Segundo Volochínov (2013 [1925/1930]) e Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]), todo o conteúdo ideológico está necessariamente vinculado a uma materialidade sónica, ou seja, tudo que é ideológico necessita de uma encarnação material. Toda ideologia, por sua vez, é sempre expressa por um signo, e com ele estabelece uma relação intrínseca: “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia.” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 31).

Todo signo faz parte de uma realidade, é objeto de consumo em um dado recorte espaço-temporal. No entanto, ao mesmo tempo pode refletir e refratar uma outra realidade que lhe é exterior, ou seja, pode tornar-se material sónico e resolver determinados elementos da realidade. Para tanto, esse objeto adquire um significado que está fora da sua existência

¹⁶ Adotamos a noção de consciência cognoscível sempre que mencionamos a questão da consciência, conforme a discussão apresentada em *O Freudismo* (BAKHTIN, 2004 [1924]).

enquanto objeto da natureza ou da sua destinação original. Nesse movimento de refletir e refratar uma outra realidade, o signo pode ser fiel, pode distorcer, significá-la de acordo com olhares diversos, de modo que uma única materialidade sígnica abarca diferentes ideologias.

Esses movimentos de reflexão e refração da realidade são possíveis, de acordo com Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]), por causa do confronto de interesses sociais em uma mesma comunidade semiótica¹⁷, ou seja, na luta de classes. Segundo os autores, é no signo ideológico que se confrontam índices sociais de valor dada a plurivalência dos signos, sendo que é essa plurivalência que possibilita a sua evolução e mobilidade. Além disso, são justamente a mobilidade do signo e a plurivalência que em determinados momentos são silenciadas, de modo que uma ideologia se sobressaia em relação às demais, que os índices sociais de valor sejam apagados em favor de um só valor tido como correto ou mais importante por um determinado grupo social. Portanto, concordamos com Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) quando os autores reafirmam que o signo não é a cópia de uma dada realidade, pois está sempre ideologicamente orientado e, frente à pluralidade de sentidos que todo material semiótico carrega, não existe apenas uma compreensão da realidade.

Ademais, vale ressaltar que, embora qualquer objeto possa tornar-se signo, Volochínov (2013 [1925/1930]) e Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) tratam especialmente da palavra, por representar o fenômeno ideológico por excelência. Segundo os autores, toda palavra é, desde o início, um fenômeno puramente ideológico, diferentemente do que ocorre com objetos que passam a refletir e refratar uma outra realidade e passam a ter um significado e função distintos dos originais, de modo que ela não comporta nada que esteja além dessa função ideológica, ou seja, nada que tenha sido por ela gerada.

Os autores ainda explicam que cada signo faz parte de um campo particular da criação ideológica e a ele está intrinsecamente vinculado, de modo que os signos de um dado domínio não podem ser aplicados a outros sem que isso afete seu sentido. Esses signos, por sua vez, não são fixos e finalizados, pois, à medida que um dado domínio é ressignificado, os signos também são, podem desaparecer, ser ressignificados e outros podem surgir, e, portanto, fazer parte de outro domínio ideológico. Nesse sentido, entendemos que é a ideologia que atribui a unicidade do signo, que o vincula a uma dada esfera da atividade. Se considerarmos, conforme explicado, que os signos estão necessariamente vinculados a uma dada esfera social, concordamos com Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) que cada esfera compreende a realidade a seu modo, isto

¹⁷ Por comunidade semiótica, Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929], p. 47) entendem que consiste “[n]a comunidade que utiliza um único e mesmo código ideológico de comunicação. Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma mesma e só língua”

é, que os grupos sociais valoram e significam os acontecimentos de formas distintas. Se retiramos um signo de uma dada situação de interação e o empregamos em condições totalmente distintas, essa orientação ideológica se perde, pois as condições nas quais determinados sentidos são produzidos já não existem mais, já que essa ideologia pode não ser mais compartilhada pelos sujeitos que interagem, de modo que não será mais possível recuperar essa ideologia que outrora era constitutiva desse signo.

Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) ainda relacionam a constituição de nossa consciência com os signos ideológicos. Se, conforme já afirmamos, nossa consciência é produto social, de forma que não parte da produção individual dos sujeitos, ela é necessariamente ideológica, pois, conforme os autores, “adquire forma e consciência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais.” (p. 36). Além disso, “os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis.” (p. 36). Excluídos os signos ideológicos, restam apenas as reações fisiológicas.

Costa (2017) reafirma essa posição e esclarece que, dada a necessidade da palavra para que a consciência se relacione com os conteúdos ideológicos, a palavra é o território no qual o psiquismo individual se encontra com a ideologia, isto é, “se apresenta como o fundamento, a base da vida interior.” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 53). Por conseguinte, a ideologia só vive porque se realiza no psiquismo, porque tem um território fecundo e que permite a formação do coletivo, isto é, o compartilhamento de determinadas ideologias por grupos sociais que, por sua vez, acompanham determinadas ideologias.

Em diálogo com a discussão sobre a interação verbal, entendemos que o signo só existe no terreno do social. Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) explicam que nenhum signo existe na consciência individual, sem que tenha se constituído enquanto tal em uma organização social. O signo só existe na dimensão social, o que leva o autor a questionar, em determinado momento, a perspectiva do subjetivismo individualista como caminho para explicar a natureza da língua, pois, como já afirmado, a consciência individual só existe a partir do social, do interindividual, e não enquanto produção individual de um sujeito. Além disso, não basta o encontro de dois sujeitos se entre eles não há qualquer unidade social. O contato de dois sujeitos, sem que haja qualquer espécie de diálogo (entendido aqui no seu sentido mais amplo), qualquer compreensão entre eles, não resultará em nada, não mobilizará qualquer signo ideológico, uma vez que, conforme o autor, não é um movimento automático a partir do contato entre dois sujeitos, já que só existe na interação. No terreno do social, todo signo é ideológico:

Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída. A consciência tem o poder de abordá-lo verbalmente. Assim, ondas crescentes de ecos e ressonâncias verbais, como as ondulações concêntricas à superfície das águas, moldam, por assim dizer, cada um dos signos ideológicos. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 38).

Dessa forma, entender o signo ideológico como reflexo e refração da realidade significa compreender que toda palavra está envolvida e orientada para e por valores e ideologias, de modo que não há uma só ideologia possível, embora haja a tentativa, em determinados momentos, de evidenciar uma em relação às demais. Ademais, nenhuma palavra está alheia a essas condições. Todo dizer, mesmo que seja uma só palavra, que não seja verbalizada, carrega um posicionamento ideológico e fora dessas condições, existe apenas como elemento da estrutura gramatical. Ainda, entender um signo significa aproximá-lo de outros signos conhecidos, ou seja, para compreendê-lo, é necessário o diálogo com outros signos, com outras visões de mundo encarnadas materialmente.

Após a discussão em torno do conceito de signo ideológico, entendemos que é importante, para a compreensão da concepção dialógica da linguagem, a discussão do conceito de *enunciado*, pois conforme já dito, constitui a real natureza da língua, a realização concreta do discurso. Dessa maneira, direcionamos nossa discussão em torno das peculiaridades do enunciado, posto que se entendemos que a realidade da língua consiste na interação verbal, é necessário entender como essa dimensão age na construção do enunciado como materialização do discurso (ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2014).

A discussão em torno do conceito de enunciado está explícita especialmente no texto “Os gêneros do discurso”, de Bakhtin (2011 [1979]), no qual o autor procura explicitar que todo emprego da língua, independentemente da extensão, da sua verbalização ou da realização apenas como resposta mental, dá-se unicamente por meio de enunciados. De acordo com essa compreensão, o autor levanta três peculiaridades¹⁸ do enunciado que o distinguem da oração enquanto elemento linguístico.

A primeira peculiaridade levantada por Bakhtin (2011 [1979]) consiste na **alternância dos sujeitos do discurso**. Segundo o autor, todo enunciado nasce a partir dos elos que estabelece com as palavras dos outros, seja com os já-ditos, os quais leva em conta e aos quais responde, bem como os pré-figurados, ou seja, as respostas que poderão ser enunciadas frente ao que foi dito. Assim, o enunciado sempre é delimitado por outros enunciados: no seu início, pelas vozes às quais responde, que, após finalizadas, dialoga com elas, responde-as ativamente,

¹⁸ As referidas peculiaridades serão retomadas com maior profundidade na subseção 4.3.2.

e, no seu fim, a voz do outro. Esses limites do enunciado, que o delimitam precisamente, podem se realizar de formas variadas, dependendo das situações e condições de interação, mas sempre estarão presentes em todas as esferas e entre os diferentes gêneros que medeiam a interação. Dependendo das condições da interação, a resposta pode não ser dada imediatamente, o que comumente ocorre na esfera científica, na qual as respostas vêm geralmente através da publicação de artigos científicos, obras, comunicações orais, o que demanda uma organização prévia e não podem ser enunciadas de imediato, o que não diminui a natureza responsiva do enunciado.

A segunda peculiaridade do enunciado consiste na **conclusibilidade** e está diretamente relacionada à anterior. Segundo o autor, todo enunciado tem uma finalização (em termos de acabamento) que, percebida pelo outro, possibilita a sua resposta, de modo que constitui os limites internos do enunciado e permite que se responda a ele. Ainda na conclusibilidade do enunciado, o autor levanta três elementos que estão ligados no todo e determinam a sua inteireza. Os elementos dizem respeito à *exauribilidade do objeto e do sentido*, ao *projeto de dizer* ou vontade de discurso do falante e as *formas típicas composicionais*, ou a escolha de um gênero discursivo.

A *exauribilidade do objeto e do sentido* diz respeito à possibilidade de finalização relativa do objeto do discurso. Dito de outro modo, é o acabamento relativo dado a esse objeto pelo sujeito de forma que o enunciado tenha uma relativa finalização e possibilite a resposta do outro. A finalização do objeto do discurso é impossível se considerarmos a potencialidade de sentidos que todo objeto oferece; no entanto, esse acabamento é necessário para que os limites do enunciado sejam estabelecidos e haja, assim, a possibilidade de resposta.

O *projeto de dizer*, ou vontade de discurso do falante, está relacionado com a intenção discursiva do falante, dado que esse projeto determina o todo do enunciado, sua extensão, seu volume e seus limites. Ao percebermos a vontade de dizer do falante, juntamente com a escolha do gênero, podemos compreender a extensão do enunciado, as possibilidades de resposta e os seus limites.

Por fim, o terceiro elemento da conclusibilidade consiste nas *formas típicas composicionais*, ou, mais comumente, a escolha do gênero discursivo. Segundo Bakhtin (2011 [1979]), toda tomada da palavra ocorre necessariamente a partir da seleção de um gênero discursivo, pois nenhum enunciado é construído no nada. Além disso, ele afirma que a comunicação discursiva só é possível nessas condições, pois se tivéssemos que criar os gêneros a cada nova interação, a comunicação discursiva seria praticamente impossível, pois a compreensão estaria comprometida.

Retomando as peculiaridades do enunciado, Bakhtin (2011 [1979]) menciona como terceiro aspecto a **expressividade**. Segundo o autor, o elemento expressivo consiste na “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado.” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 289). Todo enunciado carrega o elemento expressivo, pois não existe palavra neutra. Além disso, é o elemento expressivo que determina o estilo e a composição do enunciado, ou seja, as escolhas estilístico-composicionais na realização concreta da enunciação.

São essas, portanto, as peculiaridades do enunciado e os elementos que o distinguem da oração enquanto estrutura gramatical. Além da compreensão dos seus aspectos constituintes, o Círculo de Bakhtin esclarece, também, a sua relação com o **extraverbal**. Em um primeiro momento, o contato da palavra com o social pode ser compreendido como algo mecânico, desconsiderando a relação intrínseca entre a palavra e o extraverbal, ou seja, o contato da palavra com a realidade, que a determina, ao mesmo tempo em que é por ela determinada. Entendemos ser relevante esclarecer essa relação, dado que

Uma enunciação concreta (e não abstração linguística) nasce, vive e morre no processo de interação social dos participantes da enunciação. Sua significação e sua forma em geral se definem pela forma e o caráter desta interação. Ao arrancar a enunciação deste chão real que a alimenta, perdemos a chave que abre o acesso de compreensão tanto de sua forma quanto de seu sentido; em nossas mãos ficam ou uma moldura linguística abstrata, ou um esquema abstrato de sentido (a consagrada ‘ideia da obra’ dos antigos teóricos ou historiadores da literatura): duas abstrações que são irreconciliáveis entre si, posto que não existe uma base concreta para sua síntese viva. (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 86, grifo do autor).

De modo a esclarecer a relação da palavra com o extraverbal, Volochínov (2013 [1925/1930]) levanta três aspectos que esclarecem como todos os elementos se relacionam em um todo mais amplo: a) o horizonte espacial, que deve ser compartilhado pelos sujeitos da interação; b) o conhecimento e compreensão compartilhados da situação e c) a valoração, também compartilhada entre todos os sujeitos.

O primeiro item, *compartilhamento do horizonte social*, diz respeito à necessidade de que os sujeitos compartilhem um dado espaço e um dado tempo, isto é, de que tenham uma percepção comum das condições nas quais se encontram. Dito de outro modo, refere-se ao horizonte espacial enquanto dimensão que é compartilhada por todos os sujeitos, o espaço ocupado simultaneamente pelos participantes em um dado recorte temporal.

O segundo item, isto é, o *conhecimento e compreensão compartilhados da situação*, envolve a compreensão comum do espaço e do tempo que circundam os interlocutores, ou seja,

todos os interlocutores devem ter uma compreensão mútua dos acontecimentos para que haja comunicação discursiva de fato. Dito de outro modo, diz respeito à participação ativa de todos os sujeitos que, além de estarem compartilhando o mesmo espaço, não estão “alheios” ao que acontece naquele espaço, sendo que são sujeitos ativamente responsivos, que avaliam os acontecimentos, os sujeitos, respondem ativamente ao que acontece naquele momento, mesmo que não enunciem isso de imediato.

O terceiro aspecto, a *valorização*¹⁹ *compartilhada*, está relacionado ao anterior e envolve a convergência da posição axiológica dos participantes quanto à situação que se desenha e da qual eles são participantes ativos. Em outros termos, envolve a necessidade de que todos os participantes avaliem a situação de forma convergente, que dizer, que partilhem o mesmo ponto de vista acerca de um determinado acontecimento.

Os três aspectos, por sua vez, não constituem uma força externa que determina o enunciado por meio de uma relação unidirecional e mecânica (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930]). São esses aspectos que atribuem a unicidade do enunciado e o determinam enquanto tal, e não como unidade da língua. São fatores que não podem ser separados na construção do enunciado. Em resumo, para que haja sentido e para que aconteça a interação, os sujeitos devem compartilhar o horizonte espacial, ao mesmo tempo em que devem possuir o conhecimento e a compreensão da situação como um todo e a avaliação em comum, pois “quem desconhece seu contexto vital mais próximo não as entenderá [as enunciações].” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 80).

Acerca da dimensão valorativa do enunciado, Bakhtin (2011 [1979]; 2010 [1929]) e Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) trazem considerações acerca da não repetibilidade do enunciado e da sua não neutralidade. Considerando a concepção dialógica de linguagem proposta pelo Círculo e na qual nos ancoramos, compreendemos que, além de se orientar na/para o outro, para a situação de interação e as condições que compõem o horizonte social compartilhado pelos interlocutores, o conceito de linguagem também diz respeito à dimensão axiológico-valorativa que determina a unicidade do enunciado. As discussões do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2011 [1979]; VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930]; BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929]; MEDVIEDÉV, 2012 [1928]) em torno da linguagem explicam que os aspectos anteriormente levantados envolvem também a unicidade do ponto de vista de cada participante, isto é, as particularidades da visão de mundo de cada sujeito considerando a

¹⁹ O conceito de valorização será discutido em seguida.

unicidade de suas vivências, a irrepetibilidade das condições de sua existência e de que outro sujeito ocupe o seu lugar.

Para Bakhtin (2011 [1979]), o sujeito sempre estabelece uma relação valorativa com o objeto do discurso e com o enunciado do outro. Isso quer dizer que sempre valoramos, sempre temos um posicionamento emotivo-valorativo em relação ao objeto do discurso e acerca da palavra alheia, e essa valoração é constitutiva do enunciado, indica uma tomada de posição e demonstra que não existe neutralidade do enunciado. Para Bakhtin (2011 [1979]), a relação emocionalmente valorativa do sujeito com o objeto do discurso e com o enunciado do outro é marcada especialmente pela entonação, tanto nos gêneros orais quanto escritos e que expressa de forma mais sensível a dimensão valorativa, seja pela escolhas léxico-gramaticais, seja distribuição desses elementos linguísticos na construção do enunciado.

Volochínov (2013 [1925/1930]) também se dedica à questão da valoração e explica que é o que reúne a parte conhecida da enunciação, o dito, com sua dimensão subentendida, compartilhada pelos interlocutores, ou seja, o não-dito. Isso significa que, além da materialidade do enunciado, isto é, de sua realização concreta, é necessário que haja o compartilhamento de dado horizonte valorativo, que é sempre social. Volochínov (2013 [1925/1930]) fala da existência de comunidades de valorações, que dizem respeito aos diferentes grupos sociais dos quais participamos, tanto de forma imediata quanto de forma mais ampla, e é justamente o compartilhamento desse horizonte valorativo, que é sempre social, que determina o sentido da enunciação como um todo.

Em termos mais amplos, Volochínov (2013 [1925/1930]) explica que, quanto maior o horizonte geral do grupo social, mais constantes se tornam esses aspectos subentendidos e compartilhados pelo grupo. O autor explica que as valorações sociais dominantes em determinados momentos históricos não costumam ser enunciadas, pois parecem estar naturalizadas, fazem parte da vida social e existe certo consenso entre os sujeitos, de forma que essas valorações não são questionadas. Diferentemente, à medida que essa valoração principal passa a receber atenção social, deixa de estar naturalizada e passa a ser duvidosa, deixa de organizar a vida e deixar de estar subentendida no referido grupo. É nesse momento que acontece o movimento de reavaliação, isto é, a resignificação das avaliações sociais até então dominantes e subentendidas.

Ainda sobre a valoração/avaliação social, Medviédev (2012 [1928]) afirma que é o elemento que une a materialidade e o sentido. Assim como o enunciado só existe no terreno do interindividual, a valoração não está presente nas palavras de dicionários, mas no enunciado concreto enquanto resposta a outro e antecipação às possíveis atitudes responsivas. A avaliação

social está intimamente ligada com as condições sócio-históricas nas quais o enunciado é produzido, de forma que é essa atualização histórica que orienta uma dada valoração e que, por conseguinte, orienta a escolha do objeto, da palavra, da forma e da organização gramatical e lexical do próprio enunciado, isto é, as escolhas do sujeito ao produzir seu enunciado. Dito de outro modo, a valoração social é constitutiva do enunciado e determina seu sentido, que o insere em um contexto dialógico. Assim,

[...] a avaliação social faz a mediação entre a língua, como um sistema abstrato de possibilidades, e sua realidade concreta. A avaliação social determina o fenômeno histórico vivo, o enunciado, tanto do ponto de vista das formas linguísticas selecionadas quanto do ponto de vista do sentido escolhido. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 189).

Dessa maneira, a palavra enquanto elemento da língua, isto é, fora da comunicação discursiva, não carrega qualquer tom axiológico, posto que “na língua, como num sistema linguístico abstrato, não encontraremos um valor social.” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 183), ou seja, o enunciado deixa de ser um ato social e existe apenas em termos gramaticais e alheia a qualquer sentido e à dimensão sócio-histórica, que o determina, perde o horizonte de valores de um dado grupo social.

Esses aspectos permitem que todo sujeito tenha uma posição única no mundo, de modo que todo enunciado é constituído por uma dada posição axiológico-valorativa, isto é, toda palavra carrega uma valoração. Se considerarmos, com base em Bakhtin (2011 [1979]), que não existe neutralidade no enunciado, entendemos que a palavra consiste em uma visão de mundo, em uma tomada de posição acerca dos acontecimentos que nos cercam. Os elementos que constituem nosso horizonte social são por nós avaliados (os sujeitos com os quais interagimos, as condições nas quais nos encontramos, as relações que os outros estabelecem entre si e com o “eu”, assim como o próprio objeto do discurso) e, com isso, constituem a dimensão axiológico-valorativa do enunciado.

Nesse contexto, pode haver o entendimento de que o discurso é o ponto de encontro de todos os elementos acima elencados, e conseqüentemente, nessa relação, reflete as condições da realidade, isto é, que resume todos os elementos em um sentido unívoco. Volochínov (2013 [1925/1930]) e Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) ressaltam que, na verdade, a palavra não é o reflexo da realidade, o espelho que reflete todo o conjunto da situação extraverbal. De fato, a palavra faz um *resumo valorativo* da situação, reúne os aspectos acima elencados e organiza essa situação, reunindo todos os sujeitos como participantes ativos, e não como um reflexo desses elementos. Assim, “a enunciação se apoia em sua relação real e material a um mesmo

fragmento da existência, atribuindo a essa comunidade material uma expressão ideológica e um desenvolvimento ideológico posterior.” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 79).

Se o discurso não constitui o reflexo da realidade, entendemos que a relação da palavra com a vida se dá essencialmente pela *entonação*. A entonação se estabelece entre o dito e o não-dito, entre o que está compartilhado entre os interlocutores e o que está velado, entre o que está expresso e o que está subentendido. A entonação está estreitamente relacionada à valoração, isto é, aos tons avaliativos que orientam a compreensão da situação, pois a entonação é onde a valoração encontra sua expressão mais pura. É a entonação que estabelece o estreito vínculo entre o verbal e o extraverbal (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930]).

É pela entonação que a palavra se relaciona diretamente com a vida, e o falante se relaciona com os demais participantes da interação, pois é ela que orienta e determina o acabamento da situação, o sentido do todo a partir da valoração compartilhada; em suma, “o vínculo entre a enunciação, sua situação e o seu auditório se estabelece, sobretudo, pela entonação.” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 174). Segundo o autor, toda palavra, a princípio, é neutra, não pertence a nenhum lugar, pois Bakhtin (2010 [1929]) afirma que nenhum sujeito encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, alheia às avaliações e às vozes do outro; sempre recebemos a palavra povoada por essas vozes, ela sempre vem desse contexto impregnada de pontos de vista. Mesmo nosso pensamento é constituído pela infinidade de vozes com as quais dialogamos ininterruptamente. Somente quando constituída pela entonação é que se atribui a unicidade da palavra, o pertencimento a um dado lugar e a um dado tempo, ou seja, atribui a unidade de sentido do discurso. Ademais, uma pequena mudança na entonação pode mudar completamente o modo como o discurso é compreendido pelo outro, pela audiência, e ressignificar, por conseguinte, o sentido da enunciação.

Ainda acerca da entonação, Volochínov (2013 [1925/1930]) explica que possui dupla orientação. A entonação se orienta, a princípio, para o outro, para a audiência em geral, ou seja, para seu público, seja real ou potencial, e responde a esse interlocutor. Ao mesmo tempo, a entonação leva em conta o objeto do discurso, as vozes que o constituem, como se fosse um terceiro participante. Além de se orientar para o outro, a entonação também leva em conta o objeto do discurso sobre o qual se fala, o que significa levar em conta as vozes que o constituem, as formas pelas quais já se encontra valorado e significado. Assim, o discurso do outro, a palavra do outro para a qual o discurso se orienta determinam não apenas o discurso propriamente dito, mas as próprias formas de pensar e de agir do sujeito, que são constantemente avaliadas socialmente, e que buscam justamente essa avaliação social.

A atitude do herói em face de si mesmo é inseparável da atitude do outro em relação a ele. A consciência de si mesmo fá-lo sentir-se constantemente no fundo da consciência que o outro tem dele, o “o eu para si” no fundo do “o eu para o outro”. Por isso, o discurso do herói sobre si mesmo se constrói sob a influência direta do discurso do outro sobre ele. (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 237, grifo do autor).

Diante do que está sendo discutido até o momento, podemos afirmar a real natureza da língua consiste na interação verbal, realizada por um ou mais enunciados concretos, e fora dessa realidade só existe a oração. Essa discussão remete, por sua vez, à necessidade de se considerar tal natureza da língua(gem) na sua análise. Para tanto, as etapas para o estudo da língua(gem) deve respeitar os seus dois polos, isto é, o da dimensão social e o da dimensão linguística. No estudo do enunciado, Bakhtin (2011 [1979]) afirma que, por um lado, desconsiderar a materialidade da língua, significa estar desprovido de material signico para o estudo da língua, o que, por sua vez, inviabilizaria tal estudo. Essa discussão é reforçada por interlocutores contemporâneos do Círculo (como por exemplo, Brait (2014b) e Sobral e Giacomelli (2016)), que explica o não esquecimento do Círculo no que diz respeito à dimensão linguística, o que ainda desperta estranhamento em estudiosos do Círculo, especialmente no primeiro contato com as obras.

Por outro lado, considerar apenas a dimensão linguística significa retirar o enunciado do contato com a realidade. Se a realidade concreta da língua só existe na interação verbal, conforme já afirmado, se ignorarmos o contato da língua com a realidade, restará apenas a estrutura, o esqueleto (BAKHTIN, 2011 [1979]), com o qual temos acesso apenas à significação, e não ao sentido²⁰. Restará somente a possibilidade de análise dos vários níveis da língua em termos gramaticais, o que não deve ser desconsiderado, porém não é suficiente para entendermos quem enunciou, o projeto de dizer desse sujeito, o potencial de sentidos que o enunciado carrega, sua dimensão axiológico-valorativa, a entonação, ou seja, todos os aspectos da dimensão extraverbal que envolvem o enunciado, pois é na própria situação extraverbal que a palavra na vida surge (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930]). Conforme Volochínov (2013 [1925/1930], p. 75), “por mais que se analisemos todas as propriedades do material e todas as

²⁰ Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) relacionam a noção de significado à unicidade, existente na língua como abstração (proposta do objetivismo abstrato), de modo que os significados seriam inerentes às palavras, independentemente do contexto de uso, além de serem reiteráveis e idênticos. Diferentemente, o sentido (também nomeado “tema” em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*) não é fixo, é individual, não reiterável e pertence ao enunciado como um todo, pois é construído socialmente considerando certo horizonte de possibilidades (já que nem todo sentido é possível em qualquer situação), de modo que, segundo a perspectiva dialógica da linguagem, a palavra é neutra.

combinações dessas propriedades, nunca poderemos descobrir seu significado artístico sem contrabandear valores de um ponto de vista distinto, que não remodele o marco inicial da análise do material”.

Após a discussão acerca da noção de dialogismo, abordada em diálogo com os conceitos de enunciado, signo, valoração e interação verbal, na seção seguinte reenunciamos a discussão em torno do sujeito em Bakhtin e o Círculo.

3.2 EM TORNO DA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE SUJEITO

Para a discussão em torno da concepção dialógica de sujeito, procuramos estabelecer diálogos entre obras do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2004 [1924]; 2008 [1965]; 2010 [1920/1924]; 2010 [1929]; 2011 [1979]; 2017; 2019 [1940]; BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929]; VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930]; MEDVIÉDEV, 2012 [1928]) e estudos e reflexões desenvolvidas por pesquisadores contemporâneos (ELICHIRIGOITY, 2008; FREITAS, 2013; PADILHA, 2011; PINHEIRO, 2008; PIRES, 2002; PIRES; SOBRAL, 2013; SEVERO, 2008).

Na obra do Círculo de Bakhtin, não há, assim como acerca dos demais conceitos, uma discussão finalizada da noção de sujeito. Ademais, conforme afirma Severo (2008), linguagem e sujeito são mutuamente implicados, pois, ao retomarmos a noção de sujeito, é necessário dialogarmos com outros conceitos do Círculo, como a noção de enunciado, a discussão em torno da ética do ser, diálogo e discurso. Diante disso, propomo-nos, na presente seção, a desenvolver um mapeamento do conceito de sujeito e sua relação com as demais questões presentes na obra.

Iniciamos com as considerações de Pires (2002) e Pires e Sobral (2013) quando os autores citam os fundamentos do princípio dialógico. Segundo os pesquisadores, as bases para esse princípio residem na filosofia do diálogo ou da relação de M. Buber, que afirma que a língua é dialógica e que o homem não se constitui individualmente, mas na relação com o outro, de modo que o eu é fundador do outro, daí originou-se o par fundador *eu* e o *outro*, aprofundado a seguir.

Para tanto, reenunciamos as discussões Bakhtin (2011 [1979]) em torno das condições de existência do sujeito, que também nomeamos como *Eu* e *Outro*²¹. Segundo Bakhtin (2011 [1979]), o *Eu* não pode existir de forma solitária, isto é, alheio às relações sociais que o

²¹ A partir daqui, usamos os termos *Eu* e o *Outro* em itálico e com letra maiúscula pois adotamos as formas usadas por Bakhtin (2011 [1979]).

constituem. Todo sujeito existe na *alteridade*, na intersubjetividade, no contato com o *Outro* e fora dessa relação só pode existir um sujeito voltado apenas para seu interior, sem qualquer relação com o social. Em muitos momentos, procuramos negar esse *Outro*²², sua existência, mas sua importância não pode ser descartada: a alteridade é fator constitutivo do sujeito e de sua unicidade, pois é no contato com as inúmeras vozes que constituem nossas próprias palavras, com as quais interagimos, que nossa consciência se constitui, posto que a vida interior é sempre determinada socialmente.

Sobre essa questão, Bakhtin (2011 [1979]) fala de três categorias acerca da relação entre o *Eu* e o *Outro*. Uma das categorias consiste no *eu-para-mim*, que, segundo Freitas (2013), refere-se à forma como eu me vejo, isto é, o *eu* como identidade²³ própria e como ela é vista por mim. O *Outro-para-mim*, segunda categoria, está relacionado a como o *Outro*, que me é exterior, é percebido por mim. Por fim, a categoria *eu-para-o-outro* se refere a como o *Outro* me vê, como sou visto externamente por ele, do lugar que ele ocupa em relação a mim.

Bakhtin (2011 [1979]) relaciona essas categorias às formas como vivenciamos nossa própria imagem externa e a imagem externa desse *Outro*. Segundo o autor, o *eu-para-mim* só existe como forma interna, isto é, como algo que só pode ser vivenciado internamente. Nesse movimento, não posso expressar tons emotivo-volitivos²⁴ a algo que está unicamente interno a mim. Essa constituição axiológica só é possível, conseqüentemente, na relação *eu-para-o-outro*, isto é, só posso contemplar e valorar axiologicamente a minha imagem através do olhar do *Outro* sobre mim, do acabamento que ele me oferece a partir do lugar externo que ele ocupa em relação a mim. Ao mesmo tempo, somente *Eu*, enquanto ocupante de um lugar externo, posso atribuir tons emotivo-volitivos para o *Outro*, na relação do *Outro-para-mim*.

Nesse sentido pode-se dizer que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria; a memória estética é produtiva, cria pela primeira vez o homem *exterior* em um novo plano de existência. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 33, grifo do autor).

²² Aqui, seguimos especificamente a teoria bakhtiniana para abordarmos a questão do *Outro*.

²³ Pinheiro (2008) discute a questão da construção de identidades sociais sob uma perspectiva sócio-histórica bakhtiniana, de modo que advoga pela impossibilidade de haver uma só identidade e de estar ser fixa; diferentemente, propõe que há constantes incompletude e fluidez, de modo que nossas identidades se constituem nas relações sociais, na e por meio da alteridade, e se ressignificam à medida que participamos de diferentes comunidades de prática. Assim, há diferentes identidades sociais para diferentes comunidades.

²⁴ Termo usado pelo Círculo ao se referir à valoração/avaliação social.

A relação com o *Outro*, por conseguinte, não consiste em um contato unidirecional ou mecânico. Discutir a presença do *Outro* na constituição do *Eu* pode levar ao entendimento de que consiste em uma relação simplificada, de que o simples compartilhamento do mesmo ambiente ou presença física são suficientes para que se constitua a interação. Embora o compartilhamento do mesmo horizonte espacial ou do mesmo espaço seja um fator importante, não é o único que implica na formação da vida interior do sujeito. A importância do *Outro* para a constituição da subjetividade é sentida em todo momento, desde o nascimento, e são essas relações sociais e o tipo de relação que estabelecemos com os sujeitos com os quais interagimos no decorrer da vida que, constantemente, determinam a constituição do sujeito. Essa relação com o *Outro* não é sempre amigável, posto que constantemente enfrentamos relações polêmicas, podemos concordar com o *Outro* e legitimar seus valores, ou podemos discordar deles, seja pelo conflito aberto, seja pelo confronto velado.

Todas essas relações são constitutivas do ser, são essas relações que constantemente desestabilizam e ressignificam a vida interior, pois não há uma finalização do sujeito, um acabamento que determina, por inteiro, o *Eu*. Bakhtin (2011 [1979]) explica que nenhum sujeito, no decorrer da vida, está finalizado e acabado, sem qualquer potencial de mudança. Todo sujeito enfrenta o devir, sempre tem a possibilidade de mudança que, embora não fuja de um determinado horizonte de possibilidades, pode sempre trazer o novo e surpreender. Dessa maneira, se todo sujeito estivesse alheio às relações sociais, a estabilidade seria uma constante, posto que é na alteridade, no encontro com pontos de vista distintos dos nossos, que se constitui nossa subjetividade, nossa unicidade, que, por sua vez, não partem do nada nem da vida interior, mas são essencialmente sócio-históricas. Ademais, quando encontramos esse *Outro*, nossos horizontes não coincidem; dois mundos diferentes se encontram e entram em diálogo a todo momento: “quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos.” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 21). A unicidade do sujeito – posto que não somos os mesmos sujeitos do passado, independentemente do tempo que passou –, juntamente com a irrepetibilidade da situação – porque é impossível repetir uma situação vivenciada de forma idêntica em outro espaço e outro tempo –, possibilitam o novo. Assim,

O conhecimento e a representação da pessoa. Do reino da objetividade, das coisas, da prontidão unívoca, da necessidade, onde opera o conhecimento reificante, entramos no reino da liberdade, do não predeterminado, do inesperado e da novidade absoluta, das possibilidades infinitas e da não coincidência consigo mesmo. Mas as fronteiras desse reino da liberdade, na medida em que o conhecimento ocorre, se deslocam cada vez mais além: surgem na pessoa novos e novos invólucros do coisificado e necessário (onde eu não estou até o fim, onde eu não sou eu): aquilo que parecia o último núcleo

livre se revela um novo invólucro da carne da alma (mesmo que seja mais sutil). É um núcleo inacabável que não coincide consigo mesmo. [...] (BAKHTIN, 2019 [1940], p. 57).

Ao mesmo tempo em que o sujeito não está acabado, é necessário falar de certo isolamento constitutivo (PIRES; SOBRAL, 2013). Esse isolamento constitutivo seria o que nos distingue dos outros, ao mesmo tempo insubstituíveis mas sociais, sendo que esse isolamento é o que oferece ao *Outro* uma certa totalidade do que somos, isto é, mostra ao *Outro* uma totalidade provisória, inacabada, mas que permite que o *Outro* tenha uma ideia relativamente acabada de quem somos. Nessa medida, os autores afirmam que, para a teoria bakhtiniana, os sujeitos constituem suas identidades no mundo, de modo que os sujeitos são eventos no mundo, são por ele constituídos e, ao mesmo tempo, mudam esse mundo, em um movimento.

A questão da unicidade do sujeito e o ser povoado por vozes outras pode parecer contraditória. Ao mesmo tempo em que afirmamos que todo sujeito é único e nunca coincide com o *Outro*, ele só é único *por causa* do *Outro*. Sobre essa questão, Bakhtin (2010 [1920/1924]) explica que cada pensamento, com seu conteúdo, é sempre um ato singular individual, e cada ato singular que realizo são momentos do meu viver-agir (BAKHTIN, 2010 [1920/1924]). Ao mesmo tempo, esse pensamento, esse viver-agir, que cada um realiza individualmente, forma uma totalidade integral: a sua singularidade realizada individualmente se une a sua historicidade, isto é, a singularidade do meu pensamento se realiza, ao mesmo tempo, enquanto ato historicamente situado, e dessas condições não pode ser separado. O autor ainda ressalta a impossibilidade de separar a singularidade do sujeito da historicidade:

E, assim, enquanto separamos um juízo da unidade da ação-ato historicamente real de sua atuação e o relacionamos a uma unidade teórica qualquer, do interior de seu conteúdo-sentido, não há saída que conduza ao dever no evento real singular do existir. Qualquer que seja a tentativa de superar o dualismo entre consciência e vida, entre o pensamento e a realidade concreta singular é, do interior do conhecimento teórico, absolutamente sem esperança. (BAKHTIN, 2010 [1920/1924], p. 49).

Essa constituição do agir concreto dos sujeitos é discutida por Bakhtin (2010 [1920/1924]) levando em conta o geral e o particular desse agir humano que estão em constante tensão. Sobral (2009) explica que, ao analisar os atos dos sujeitos, há dois planos a serem considerados: o dos atos concretos, irrepetíveis e realizados por sujeitos socialmente situados; e o plano do que há de comum e repetível. Esse encontro entre dois planos provoca, portanto, o problema da generalização, isto é, como não apagar a especificidade de cada ato e como definir o que há de comum entre esses atos, de modo a realizar certa generalização.

Sendo assim, Sobral (2009) discute como o irrepitível e o repetível se unem dos atos concretos. O autor, com base em Bakhtin (2010 [1920/1924]), explica que cada apreensão do mundo pelo ser humano constitui um ato único e irrepitível no que diz respeito a sua composição ou realização, ao mesmo tempo em que gera um produto de formas repetíveis e mutáveis. É essa dimensão da repetibilidade que permite estabelecer generalizações. Dessa maneira, é a junção da dimensão do repetível e do irrepitível que gera a unidade de sentido da apreensão do mundo e dá sentido a esse viver-agir dos sujeitos.

A constituição do sujeito, portanto, sempre é social e dialógica, sendo discutida constantemente pelo Círculo como a relação com a palavra do *Outro*, embora, conforme afirma Sobral (2009), não seja uma questão estritamente discursiva, mas decorrente da condição de relação entre os sujeitos, como discutido acima. Sobre essa relação especificamente discursiva, Bakhtin (2019 [1940]) analisa as suas possibilidades de realização, as relações que o dizer estabelece com o objeto do discurso e suas implicações na relação com o *Outro*. Em primeiro lugar, Bakhtin (2019 [1940]) fala da *palavra-violência* que, segundo o autor, silencia o objeto²⁵, pressupõe um objeto mudo, que não escuta e não tem atitude responsiva, de forma que a palavra se refere a ele sem qualquer diálogo; o que é dito sobre ele jamais coincide com a palavra desse objeto sobre si mesmo. Nessa relação, não há perspectiva de dialogismo porque não ocorre alteridade; é como se o objeto estivesse alheio ao *Outro*, não o ouvisse e ignorasse o que ele diz. A palavra se torna violenta, portanto, porque não passa pela avaliação do *Outro*, já que ela enuncia e avalia sem qualquer atitude responsiva, sem qualquer resistência e nessa relação ela só pode ser autoritária, pois ela busca influenciar e determinar o objeto de fora.

Nessa relação com a palavra-violência, o objeto não participa da formação de sua própria imagem. Ele está alheio ao que o *Outro* fala, pois essa imagem que o *Outro* faz do objeto vem de fora, e essa imagem sobre o objeto, ignora sua possibilidade de mudança, de reagir ou se tornar *Outro*. “Na imagem não se encontram e não se unem as vozes do objeto e daquele que fala sobre ele.” (BAKHTIN, 2019 [1940], p. 45), pois o objeto também não busca essa voz, não procura a avaliação do *Outro* na medida em que busca a mudança repentina, sem a participação do *Outro*.

A palavra-violência se torna, portanto, a *imagem em ausência* (BAKHTIN, 2019 [1940], p. 46), que significam a autoavaliação e autoconsciência sem considerar o *Outro*. Nisso, a voz unívoca do enunciado e a imagem em ausência nunca se enfrentam. Assim, o objeto

²⁵ Aqui, entendemos o objeto também como o *Eu*, isto é, o próprio sujeito.

sufoca sua possibilidade de mudança, seu potencial de ressignificação, pois esse objeto ocupa o lugar do *Outro*:

O ponto de vista da exotopia e a sua excedência. O uso privilegiado de tudo aquilo que o outro, por princípio, não pode saber de si mesmo, não pode, em si, observar e ver. São todos esses elementos a desenvolver por excelência uma função de acabamento. Uma possibilidade de autoconsciência que seja objetivamente neutra e de autoavaliação que não depende do ponto de vista do eu ou do outro. É precisamente essa a mortificante imagem *em ausência*. A imagem é privada de dialogicidade e de acabamento. A unidade *acabada* é sempre em ausência. Por isso é impossível ver o todo acabado desde o interior, mas apenas de fora. A exotopia que dá acabamento. (BAKHTIN, 2019 [1940], p. 47, grifos do autor).

Essa relação com a palavra-violência é problemática porque, conforme discussões trazidas no decorrer da obra do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2004 [1924]; 2008 [1965]; 2010 [1920/1924]; 2010 [1929]; 2011 [1979]; 2014 [1975]; 2017; 2019 [1940]; BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929]; VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930]; MEDVIÉDEV, 2012 [1928]) apaga o lugar do *Outro* na relação com o *Eu* e, por consequência, o que ele pode nos oferecer do lugar que ocupa. O *Outro* oferece o *excedente de visão* em relação ao *Eu*. Bakhtin (2011 [1979]) explica que, entre dois sujeitos, seus horizontes nunca coincidem. Tudo o que diz respeito a mim só pode ser acessado pelo *Outro*, ao mesmo tempo em que sempre o *Eu* sabe do *Outro* o que ele mesmo não tem acesso e não pode conhecer por si só. Há em todo sujeito algo que só pode ser visto e avaliado apenas do ponto de vista do *Outro*, o que pode envolver não somente a aparência, mas também a vida interior, a totalidade da vida, que estão disponíveis ao olhar externo (BAKHTIN, 2019 [1940], p. 46). Dessa forma, o olhar exterior do *Outro* determina o *Eu*, e não estamos alheios a esse acabamento externo na constituição do sujeito, pois oferece-nos algo a que não temos acesso. Ao mesmo tempo, esse conhecimento que tenho do *Outro* e que ele tem sobre mim não é sempre o mesmo, pois, conforme explicado, todo sujeito ocupa um lugar único na sua existência.

Bakhtin (2011 [1979]) nomeia esse movimento de ato de contemplação²⁶ enquanto empatia (BAKHTIN, 2010 [1920/1924]). Sempre temos uma visão interna e externa do *Outro* relativamente acabada, não finalizada. Essa visão do *Outro* é constantemente ressignificada, nos atos de contemplação, à medida que ele também muda. A relativa estabilidade do conhecimento que temos do *Outro* se alia ao novo conhecimento, ao que ele nos oferece à medida que amadurece, que cresce, repensa seus valores ou os ratifica. Dessa maneira,

²⁶ Em outros momentos, o autor usa outros termos, como *contemplação estética* em *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2010 [1920/1924], p. 60).

A falsidade e a mentira que inevitavelmente transparecem na inter-relação comigo mesmo. Imagem externa do pensamento, do sentimento, imagem externa da alma. Não sou eu que olho o mundo de *dentro* com os meus próprios olhos, mas sou eu que olho a mim mesmo com os olhos do mundo, com olhos alheios; eu sou possuído por um outro. Não há aqui uma integridade ingênua do exterior e do interior. Espreitar a sua imagem em ausência. A ingenuidade da confluência de si mesmo e do outro, na imagem do espelho. Excedência do outro. Eu não tenho um ponto de vista sobre mim mesmo de fora, não tenho uma aproximação da minha própria imagem interior. Dos meus olhos olham os olhos alheios. (BAKHTIN, 2019 [1940], p, 51, grifo do autor).

Esse ato de contemplação do *Outro*, por sua vez, consiste em dois momentos. Colocamo-nos no lugar do *Outro*, vivenciamos o que ele vivencia, temos acesso ao que ele mesmo não tem, ou seja, “devo assumir o horizonte concreto desse *Outro*, tal como ele o vive; faltará, nesse horizonte, toda uma série de fatos que só são acessíveis a partir do lugar onde estou; assim, aquele que sofre terá [...] uma visão parcial.” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 46), sendo que esse sujeito, sozinho, só terá acesso às sensações internas, ao que ele próprio vivencia. O autor ainda explica que, mesmo que esse sujeito se veja no espelho, ele não pode dar acabamento a sua própria sensação, ou seja, a sua experiência. Esse movimento que o *Outro* oferece é nomeado por Bakhtin (2010 [1920/1924]) como *empatia estética*. Esta só pode fornecer a visão do que está externo ao sujeito e é seguida pelo momento da objetivação, “ou seja, o de situar fora de si mesmo a individualidade compreendida através da empatia – separando-a de si mesmo [...]” (BAKHTIN, 2010 [1920/1924], p. 61).

Após esse vivenciamento da sensação do *Outro*, há o segundo momento, que consiste no retorno ao nosso próprio lugar. Colocar-se no lugar do *Outro* não significa substituí-lo, mas vivenciar suas sensações sob outro olhar e, posteriormente, retornar ao lugar de origem, a si mesmo. Sem esse retorno a si mesmo, não será possível atribuir o acabamento emotivo-volitivo ao que foi vivenciado, dar a finalização e oferecer o conhecimento que o *Outro* não tem, que só podemos oferecer do lugar que ocupamos, pois nos tornaríamos um só. Somente o retorno a si mesmo pode oferecer certo acabamento estético ao *Outro* visto por meio da empatia, pois esses momentos dele deixam de existir para si mesmos e passam a se situar fora da individualidade (BAKHTIN, 2010 [1920/1924]). Sendo assim,

Relacionar o que se viveu ao outro é a condição necessária de uma identificação e de um conhecimento produtivo, tanto ético quanto estético. A atividade estética propriamente dita começa justamente quando estamos de volta a nós mesmos, quando estamos no nosso próprio lugar, fora da pessoa que sofre, quando damos forma e acabamento ao material recolhido mediante

a nossa identificação com o outro, quando o completamos com o que é transcendente à consciência que a pessoa que sofre tem do mundo das coisas, um mundo que desde então se dota de uma nova função, não mais de informação, mas de acabamento: a postura do corpo que nos transmitia a sua dor tornou-se um valor puramente plástico, uma expressão que encarna e acaba a dor expressa e num tom emotivo-volitivo que já não é o da dor; o céu azul que o emoldura tornou-se um componente pictural que traz solução à dor. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 47).

Ainda acerca desse movimento de empatia e retorno a si, Bakhtin (2010 [1920/1924]) explica que esses dois momentos não precisam ser pensados como cronologicamente separados. Embora a discussão em torno do movimento de se colocar no lugar do *Outro* e retornar ao seu próprio lugar leve ao entendimento de que são momentos separados e, portanto, cronologicamente distribuídos, na verdade são inseparáveis. Bakhtin (2010 [1920/1924], p. 62, grifos do autor) explica que a empatia é um momento abstrato do ato da atividade estética, de maneira que ambos se interpenetram: “eu vivo *ativamente* a empatia com uma individualidade, e, por conseguinte, nem por um instante sequer perco o meu lugar único fora da terra.”.

A relação entre o *Eu* e o *Outro* é, desse modo, inevitável. Constituímo-nos enquanto sujeitos somente nessas condições, pois fora das relações sociais, não temos acesso ao que o *Outro* pode nos oferecer sobre nós mesmos. Com base nas discussões, é possível afirmarmos que não podemos nos furtar das relações sociais, intersubjetivas, posto que a alteridade é constitutiva do sujeito social e, ao mesmo tempo, orienta para a unicidade do sujeito, pois é na relação com o *Outro*, na construção de sentidos na interação, que constituímos na nossa unicidade, ou seja, que a singularidade de cada sujeito se realiza.

Tal discussão nos leva, por conseguinte, à questão da não possibilidade de nos furtarmos da nossa responsabilidade, ou o *não-álibi para o existir* (BAKHTIN, 2010 [1920/1924]). Conforme discutido, o espaço e o tempo que um sujeito ocupa não podem ser ocupados por mais ninguém, nem o que pode ser feito por ele poderá ser realizado por outra pessoa da mesma forma que o faria; a singularidade de cada sujeito é sempre obrigatória e dessa obrigação não é possível fugir: “cada pessoa ocupa um lugar singular e irrepetível, cada existir é único.” (BAKHTIN, 2010 [1920/1924], p. 96-97). A responsabilidade do agir *ativamente* é intrínseca a nossa existência, pois o ato responsável é justamente reconhecer essa obrigatoriedade particular de cada sujeito, de agir *ativamente* e responder *ativamente* ao *Outro*. Essa “obrigatória singularidade” (p. 99) é que possibilita o ato responsável, que só pode ser realizado por mim e não pelo *Outro*. Assim afirma Bakhtin (2010 [1920/1924], p. 98):

[...] O simples fato de que eu, a partir do meu lugar único no existir, veja, conheça um outro, pense nele, não o esqueça, o fato de que também para mim

ele existe – tudo isso é alguma coisa que somente eu, único, em todo o existir, em um dado momento, posso fazer por ele: um ato vivido real em mim que completa a sua existência, absolutamente profícuo e novo, e que encontra em mim somente a sua possibilidade.

Dessa maneira, o sujeito não pode se furtar da sua própria existência, ao mesmo tempo em que não pode ocupar o lugar do *Outro*. Além disso, a unicidade do seu lugar ocupado é o que possibilita o novo, já que todo sujeito tem vivências únicas e irrepetíveis. Portanto, conforme discute Pires (2002, p. 41), “o ser humano não existe para si, senão na medida em que é para os outros.”. Ainda sobre a questão do sujeito no Círculo de Bakhtin, podemos retomar a noção da autoria, dado que são noções próximas e são objeto de discussão tanto pelo próprio Círculo quanto por seus interlocutores. Sobre isso, Elichirigoity (2008) afirma que o que proporciona a atividade autoral, segundo o Círculo, é a possibilidade de imprimirmos valor à palavra. Ao mesmo tempo em que nos constituímos enquanto sujeitos, a inserção no terreno do interindividual permite o diálogo, o confronto de pontos de vista, a concordância ou discordância em relação às vozes outras, dado que o sujeito não é um receptáculo do que o *Outro* tem a oferecer, mas *responde* a ele. Pires e Sobral (2013) explicam que, para Bakhtin, o contato entre sujeitos não é necessariamente um lugar de harmonia, nem de dominação de alguns sujeitos por outros, mas em um constante espaço de embate, em uma interminável tensão. É nesse espaço constituído por dizeres que se constitui a atividade autoral, já que o valor, assim como o próprio sujeito, é sempre social.

O autor se constitui, portanto, à medida que cada sujeito pode atribuir sentidos ao discurso, sendo que esses sentidos só são possíveis a partir da inserção do sujeito na comunicação discursiva, do diálogo e da impossibilidade de o sujeito ocupar o lugar do *Outro*. Esses sentidos atribuídos, por sua vez, não são aleatórios, mas levam em conta que sempre são expressos a partir de um ponto de vista, dado que não existe discurso neutro. Em outros termos, toda atividade autoral mobiliza sentidos, mas não qualquer um; há sempre um horizonte de possibilidades orientados para um determinado ponto de vista, adotado pelo sujeito, que, por sua vez, é social e habita o terreno do interindividual.

Finalizamos aqui a discussão em torno do conceito de sujeito dialógico com base nas discussões do Círculo de Bakhtin e seus interlocutores. Retomando os principais pontos, entendemos que, para compreender o sujeito dialógico, é necessário levar em conta os seguintes fatores: (i) todo sujeito é social e se constitui sempre na alteridade, dado que não pode ser jamais dissociado das relações sociais, do contato com o *Outro*; (ii) como consequência da necessária e inevitável relação de alteridade, todo sujeito precisa do *Outro* para compreender a si mesmo, pois, do lugar externo que ocupa, o *Outro* nos oferece algo a que, sozinhos, não temos acesso;

(iii) nesse movimento de se colocar no lugar do *Outro*, não nos fundimos em um só, mas retornamos a nosso lugar para darmos o acabamento ao *Outro*, do contrário, nos tornaríamos um só; (iv) o sujeito não pode jamais se furtar da sua responsabilidade do seu agir enquanto sujeito único, pois ninguém pode realizar algo em seu lugar.

Na seção seguinte, discutimos o conceito de discurso segundo a perspectiva dialógica da linguagem, já discutida na seção anterior.

3.3 EM TORNO DA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE DISCURSO

O conceito de discurso, assim como as demais noções discutidas no decorrer da obra de Bakhtin e o Círculo, não é apresentado de forma finalizada. Apesar disso, podemos encontrar suas principais considerações especialmente nas obras *Problemas da Poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2010 [1929]), *Questões de Literatura e de Estética* (BAKHTIN, 2014 [1975]) e *A construção da enunciação e outros ensaios* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930]), bem como em discussões apresentadas por interlocutores contemporâneos, como Morson e Emerson (2008), Elichirigoity (2008), Sobral (2009) e Melo (2010).

Para iniciarmos a discussão, concordamos com Melo (2010) quando a autora reafirma a necessidade de estudo conjunto dos conceitos trazidos pelo Círculo, posto que estão em diálogo no decorrer de toda a obra e não há definições prontas e acabadas, já que são construídas no caminhar das discussões. Dessa forma, o conceito de discurso será, quando necessário, relacionado a outras noções também abordadas pelo Círculo, como as noções de enunciado (já discutida na seção 3.1) e relações dialógicas.

Segundo Bakhtin (2010 [1929], p. 207), o conceito de discurso é entendido como “a língua em sua integridade concreta e viva.” É no discurso que se estabelece a arena de vozes, é onde as vozes se encontram e se enfrentam, entram em diálogo e produzem sentido. Seja uma palavra, uma enunciação curta ou uma obra, uma palestra ou breve conversa virtual, se adentrarem na comunicação discursiva, sempre irão se enfrentar no plano do sentido. O discurso é o espaço do diálogo, pois “a forma e o conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social – social em todas as esferas da sua existência e em todos os seus momentos – desde a imagem sonora até os estratos semânticos mais abstratos.” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 71).

O discurso é, portanto, o espaço da multiplicidade, da diversidade e do enfrentamento de discursos outros. Segundo Bakhtin (2014 [1975]), o discurso é o espaço do plurilinguismo dialogizado, do enfrentamento, do diálogo, portanto, da diversidade. Todo discurso é

ideologicamente saturado na medida em que expressa um determinado ponto de vista, uma dada visão de mundo. O meio no qual o discurso se forma é justamente o meio do encontro tenso de discursos outros, de vozes convergentes ou divergentes que inevitavelmente se confrontam. Assim, “o verdadeiro meio da enunciação, onde ela vive e se forma, é um plurilinguismo dialogizado, anônimo e social como linguagem, mas concreto, saturado de conteúdo e acentuado como enunciação individual.” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 82).

Pesquisadores filiados à teoria bakhtiniana também buscam esclarecer essa noção tão cara ao todo da obra. Sobral (2009) esclarece a natureza do discurso e explica que só existe discurso se existirem sujeitos²⁷ e contextos, ao mesmo tempo em que os sujeitos não existem sem discurso. Nesse sentido, não é possível entender o discurso sem levar em conta que os sujeitos existem mediante processos de produção de sentidos entre, para e por sujeitos. Ao mesmo tempo, é necessário considerar que esses sujeitos recorrem sempre a significações presentes no sistema da língua e, ao mesmo tempo, a algo que não está na língua, ou seja, à valoração, que está presente necessariamente nas circunstâncias de uso da língua. Nessa medida, segundo Sobral (2009), para se entender o discurso é necessário levar em conta o sujeito, já que uma definição de discurso que não dê conta de uma definição de sujeitos sócio-historicamente situados, constituídos pelo discurso, é incompleta. Em suma, Sobral (2009) traz a seguinte definição de discurso:

Discurso é uma unidade de produção de sentido que é parte das práticas simbólicas de sujeitos concretos e articulada dialogicamente às suas condições de produção, bem como vinculada constitutivamente com outros discursos. Mobilizando as formas da língua e das formas típicas de enunciados em suas condições sociohistóricas de produção, o discurso constitui seus sujeitos e inscreve em sua superfície sua própria existência e legitimidade social e histórica. (SOBRAL, 2009, p. 101).

Para se dar conta dessas particularidades do discurso, que se mostraram novas em relação aos estudos da língua desenvolvidos à época, Bakhtin (2010 [1929]) propõe a Metalinguística, entendida, segundo o mesmo autor, como “um estudo [...] daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística.”. Isso não significa, por conseguinte, que o estudo do discurso desconsidera a materialidade da língua, isto é, a dimensão linguística, pois entender que discurso existe somente na língua em sua concretude pode levar à compreensão errônea de que só interessam, ao pesquisador, as relações de sentido, já que a materialidade seria relegada a segundo plano.

²⁷ A noção de sujeito foi discutida na seção 3.2.

Como o próprio autor explica, “as pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados.” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 207)²⁸.

Ao mesmo tempo, é necessário deixar claro que, sem a materialidade da língua, não é possível o estudo do discurso, pois é justamente através da materialidade que conseguimos alcançar as relações dialógicas, isto é, as relações de sentido que atribuem a unicidade do enunciado e permitem que seja compreendido. Dito de outro modo, é somente com a materialidade que o discurso se realiza, ou seja, se concretiza e, portanto, as vozes dialogam. Assim explica Bakhtin (2014 [1975], p. 71): “Ora, as harmônicas individuais do estilo, isoladas dos caminhos sociais e fundamentais da vida do discurso, passam a receber inevitavelmente um tratamento acanhado e abstrato, deixando de ser estudadas num todo orgânico com as esferas semânticas da obra.”.

Esse discutido encontro de vozes no discurso se realiza especificamente nas relações dialógicas. Para Bakhtin (2010 [1929]), as relações dialógicas só ocorrem no plano do discurso. Segundo o autor, as relações dialógicas somente são possíveis entre enunciados concretos na medida em que pertencem a diferentes sujeitos do discurso, de modo que não ocorrem entre as orações ou, de forma mais ampla, entre os elementos da língua. Sempre que os discursos se encontram no plano do sentido, há relações dialógicas, pois estas só existem no extraverbal.

As relações dialógicas ocorrem independentemente da extensão do enunciado e do distanciamento ou aproximação temporal de sua produção. Obras científicas escritas com diferenças de séculos podem dialogar quando convergem para um mesmo objeto ou quando uma responde à outra de forma a refutá-la ou reforçá-la. Por outro lado, essas relações são possíveis até mesmo entre enunciados compostos por somente uma palavra, desde que ela constitua um ponto de vista de um sujeito e adentre no plano do sentido. Em suma, é no plano do discurso que existem as relações dialógicas e elas se realizam somente no encontro de enunciados pertencentes a diferentes sujeitos do discurso.

Ainda sobre o discurso, Bakhtin (2010 [1929]; 2014 [1975]) levanta uma discussão que, embora seja dedicada ao estudo do romance²⁹, encaminha para a compreensão da natureza desse conceito e, conseqüentemente, da noção de língua que constitui toda a obra. Essa discussão diz respeito às diferentes formas e graus de orientação dialógica do discurso, que distinguem o discurso monológico, que silencia as demais vozes que o discurso leva em conta.

²⁸ As questões metodológicas em torno do estudo da língua são discutidas no capítulo 4.

²⁹ Retomamos as considerações do Círculo que são em sua maioria voltadas para o estudo e análise de obras literárias, de modo que damos conta, especialmente, da discussão em torno do conceito de discurso.

Os tipos de discurso³⁰ são i) o discurso referencial direto, ii) o discurso imediato, direto e plenissignificativo e iii) o terceiro tipo, que de fato interessa às discussões do Círculo.

O primeiro tipo, o *discurso referencial direto*, consiste no discurso que conhece apenas a si mesmo, seu objeto e sua expressão direta, sem marcas de tons dialógicos e de vozes outras. Ele desconsidera os já-ditos em torno do objeto do discurso, de modo que aqui não se estabelecem relações dialógicas entre os discursos, não se enfrentam no plano do sentido. O segundo tipo, o *discurso imediato, direto e plenissignificativo* (BAKHTIN, 2010 [1929]), também está orientado para seu objeto, sendo que, neste caso, atende à orientação do autor, soa como se fosse o discurso de uma só voz. Em suma, ambos os tipos de discursos acima citados são monovocais, monológicos ou, nos termos de Morson e Emerson (2008), os dois primeiros tipos de discurso são univocalizados,

Por fim, o terceiro tipo de discurso citado pelo autor, diferentemente dos anteriores, considera as *tonalidades dialógicas* e as vozes que o constituem. Entre o discurso e o objeto interpõe-se um meio de discursos de outrem, de discursos alheios que convergem para o mesmo objeto, pois “é como se dessa palavra inserida do outro se desprendessem círculos e se dispersassem na superfície igual do discurso, abrindo sulcos sobre ela” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 239), dado que essa palavra sempre retoma o que já foi dito e influenciará nos discursos posteriores. Em outros termos, o discurso não considera apenas o objeto do discurso do qual trata, mas os discursos outros que já falaram e falarão sobre ele, pois o objeto já está contestado, ressalvado, avaliado, desacreditado.

Portanto, esse movimento de diálogo com a palavra alheia, de retomada desse discurso de diferentes maneiras tem como arena de encontro o objeto do discurso. Bakhtin (2014 [1975]) explica que todo discurso, ao adentrar em seu objeto, encontra um meio tenso, povoado por discursos de outrem, discursos outros sobre esse mesmo objeto, que o valoram, (res)significam em diferentes tempos e espaços. Isso porque nenhum discurso trata pela primeira vez de um determinado objeto do discurso: ele “já [está] desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele”, uma vez que “o objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações.” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 86). Assim, o discurso se orienta para o objeto, penetra dialogicamente esse meio tenso de discursos e, nesse meio, o discurso se forma substancialmente, sendo que esse movimento determina seu aspecto

³⁰ Os tipos de discurso são retomados na subseção 4.3.2 para os encaminhamentos metodológicos em torno do estudo do discurso.

estilístico. É justamente nesse meio tenso que o discurso é reelaborado e se elabora estilisticamente.

Nesse meio, “o discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica.” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 88-89), dado que o próprio discurso se orienta para discursos outros e os considera. Isso significa que naturalmente todo discurso busca dizeres outros, orienta-se necessariamente para esses dizeres e os leva em conta, valorando-os sob determinado ponto de vista e é essa valoração que orienta como esse discurso será ressignificado na voz do sujeito que enuncia, seja pela paródia, polêmica velada ou quaisquer outras formas de reenuniação do discurso do outro. Dessa maneira,

a concepção do seu objeto, por parte do discurso, é um ato complexo: qualquer objeto “desacreditado” e “contestado” é aclarado por um lado e, por outro, é obscurecido pelas opiniões sociais multidiscursivas e pelo discurso de outrem dirigido sobre ele. É neste jogo complexo de claro-escuro que penetra o discurso, impregnando-se dele, limitando suas próprias facetas semânticas e estilísticas. (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 86, grifos do autor).

Ao mesmo tempo em que se orienta para o objeto do discurso e se orienta para a palavra do outro, o discurso leva em conta também a possível resposta, ou seja, a atitude responsiva em relação a esse discurso. Todo discurso leva em consideração o “discurso-resposta futuro” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 89), e é justamente a antecipação dessa resposta que determina o discurso. A realização dessa resposta, por sua vez, significa a compreensão ativamente responsiva, uma vez que essa resposta é determinada na medida em que leva em conta o discurso do outro, não é criada a partir do nada. Nessa medida, “a resposta compreensível é a força essencial que participa da formação do discurso e, principalmente, da compreensão *ativa*, percebendo o discurso como oposição ou reforço e enriquecendo-o.” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 89).

Ainda, Bakhtin (2010 [1929]) afirma que o terceiro tipo de discurso pode ser situado em um tipo de noção mais ampla, nomeada pelo autor de *discurso bivocal*, que, diferentemente do discurso univocal, existe somente nas condições da vida autêntica da palavra. A relação com a palavra do outro, neste caso, complexifica-se, e pode ser organizada em variedades, classificadas como passivas e ativas. Um dos tipos elencados consiste nas palavras bivocalizadas passivas (MORSON; EMERSON, 2008)³¹, que dão conta da estilização e da

³¹ Morson e Emerson (2008) reenunciam a discussão de Bakhtin em torno dos três tipos de discurso e suas variedades. De modo a indicar a lógica básica da discussão, organizam os tipos de palavras em três grupos: palavras bivocalizadas passivas: estilização e palavras bivocalizadas passivas: paródia e *skaz* e as palavras

paródia. Para Bakhtin (2010 [1929]), na estilização, o sujeito usa a palavra do outro de acordo com suas intenções; ele utiliza a voz do outro em um movimento de concordância e de assimilação, pois as palavras bivocalizadas passivas, na estilização, reenunciam a palavra do outro como se pertencesse ao próprio sujeito que enuncia, sem, no entanto, apagar o outro. Dito de outro modo, no movimento de estilização, há a assimilação da palavra alheia, que, por sua vez, passa a atender às intenções do autor, ao mesmo tempo em que há a demarcação de vozes no discurso.

A paródia, segundo tipo de palavra bivocalizada passiva, estabelece uma relação diferente com a palavra do outro. Nesse caso, ocorre o movimento de discordância, ou seja, há um embate entre a voz do sujeito que enuncia e a voz que é reenunciada, dado que o discurso se torna um espaço de embate (MORSON; EMERSON, 2008) por meio da hostilidade, da ironia, do deboche em relação a essa voz reenunciada. A voz do outro, que está sendo parodiada, deve estar explícita, isto é, a relação conflituosa com a palavra do outro deve ser deixada em evidência, de forma que a rejeição ao discurso do outro fique evidente.

Morson e Emerson (2008) ainda falam das palavras bivocalizadas ativas. Nelas, não há demarcação explícita da voz do outro, ou seja, essa voz não é objetificada. O diálogo, o enfrentamento entre as vozes, é sentido mesmo que não haja marcação explícita, pois o discurso é internamente dialogizado, é influenciado internamente pelo discurso alheio. Um dos exemplos dados por Bakhtin (2010 [1929]) consiste na polêmica velada ou oculta. Ao mesmo tempo em que o discurso se dirige para o objeto do discurso, leva em conta a presença do outro, o discurso do outro que também constitui esse objeto. O falante antecipa a resposta do outro, leva-a em conta na construção de seu próprio discurso. Estabelece um embate com essa outra voz mesmo que de fato não tenha havido sua pronúncia, ou seja, mesmo que seja uma antecipação da resposta do outro. Diferentemente do outro tipo de paródia, elencado anteriormente, não há a necessidade de se evidenciar o discurso do outro com o qual se entra em conflito, pois ele já constitui o próprio discurso do sujeito.

Bakhtin (2010 [1929]) faz uma analogia entre a polêmica velada e o diálogo organizado em réplicas. Segundo o autor, no diálogo, todas as palavras estão orientadas, ao mesmo tempo, para a palavra do outro, a quem se responde e antecipa, e para o objeto do discurso. O momento de diálogo com a palavra do outro “penetra profundamente no âmago do discurso intensamente dialógico. É como se esse discurso reunisse, absorvesse as réplicas de outro, reelaborando-as intensamente.” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 225). Mesmo se essas

bivocalizadas ativas. Na presente seção, empregamos os termos dos autores para nos referirmos às variedades do discurso.

réplicas fossem apagadas, o embate continua a ser sentido; o conflito ainda estará presente no discurso, pois a palavra do outro lhe constitui internamente.

A partir da discussão desenvolvida até o momento, podemos corroborar a posição de que o discurso não se centra em si mesmo, mas surge do contato da palavra³² com a vida, ou, como denomina Volochínov (2013 [1925/1930]), com o extraverbal. A palavra como elemento da linguística, da dimensão estrutural da língua, não é constituída por valores e pontos de vista, ou seja, não carrega qualquer valoração, pois esta só existe no contato com o acontecimento da vida. Fora dessas condições, a palavra não possui sentido, nem apresenta qualquer aspecto valorativo.

[...] A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou”. (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 232).

Entender que o discurso existe como a integridade concreta e viva da língua significa levar em conta, por sua vez, que a língua não é um sistema de regras e que as mudanças não são baseadas em normas pré-definidas. Bakhtin (2014 [1975]) fala de forças que atuam no discurso, que provocam a mudança, a ressignificação de sentidos. No discurso, atuam *forças centrípetas*, que buscam a estabilização, a unificação do todo em um sistema de normas, que atribuem a regularidade à língua. Indo além da unificação em termos de dimensão linguística, essas forças procuram obscurecer os tons dialógicos que constituem todo discurso; procuram apagar a diversidade de vozes que se encontra no objeto do discurso e que necessariamente se enfrentam no uso da língua, e, conseqüentemente, opõe barreiras à diversificação. São essas forças que possibilitam o silenciamento de determinadas vozes em detrimento de outras, isto é, que favorecem o engrandecimento de um ponto de vista determinado como o mais correto, o único a ver válido de fato, enquanto os demais são relegados a segundo plano.

Em coexistência com as anteriores, atuam as *forças centrífugas*. As forças centrífugas atuam na descentralização, na desunificação. Buscam o plural, atuam no plurilinguismo, em todos os momentos de diferenciação da língua em seus variados momentos de estratificação³³

³² Em alguns momentos, utilizamos o termo “palavra” para acompanharmos as discussões trazidas pelos autores. No entanto, ressaltamos que essa noção sempre converge com o conceito de discurso, foco da presente seção.

³³ Bakhtin (2014 [1975]) especifica a estratificação da língua no que ele nomeia de línguas sócio-ideológicas, isto é, de diferentes grupos e classes sociais, linguagens profissionais, dos diferentes gêneros do discurso, de diferentes gerações.

socioideológica. São as forças centrífugas que possibilitam a renovação, a potencialidade de sentidos, o diálogo com as outras vozes e o não silenciamento do outro. À medida que a língua vive e se desenvolve, a estratificação e a pluralidade também se ampliam. Morson e Emerson (2008), ao se referirem às forças centrífugas, chamam a atenção para o fato de que estas não são necessariamente forças de oposição que irradiam de um centro comum. Na verdade, segundo os autores, essas forças fazem parte da vida da língua, estão presentes a todo momento e são inevitáveis (pois mesmo que haja a tentativa de apagá-las e unificá-las, isso não significa que essas vozes não existem). Na linguagem, a desordem, a descentralização, existem a todo momento, decorre das próprias condições de existência da língua, que nunca tem um sentido acabado. Nesse sentido, forças centrípetas e centrífugas atuam lado a lado, pois todo discurso é o ponto de encontro dessas forças, já que são elas que permitem, ao mesmo tempo, a pluralidade de pontos de vista e de ideias. Segundo os autores,

[...] o que constitui essas diferentes linguagens é algo que é ele próprio extralinguístico: um modo específico de conceitualização, compreensão e avaliação do mundo. Um complexo de experiências, avaliações, ideias e atitudes compartilhadas (mais ou menos) ‘ajuntam-se’ para produzir um modo de falar. (MORSON; EMERSON, 2008, p. 156-157).

Ainda sobre as forças centrípetas e centrífugas, Elichirigoity (2008) propõe essas forças como várias possibilidades na mesma posição de existência. Para a autora, essas forças atuam incessantemente não somente no grande diálogo, mas nas relações sociais, entre indivíduos, classes econômicas e culturas inteiras. Como exemplo, a autora traz a questão da necessidade de estabilidade das sociedades, ao mesmo tempo em que elas precisam se adaptar a outras condições históricas, isto é, às mudanças.

Em suma, com base nas discussões empreendidas até aqui, levantamos os principais pontos abordados no decorrer da seção: O discurso só pode ser entendido quando se levam em conta as condições nas quais ele foi produzido. Se apagarmos todos os elementos que constituem o extraverbal, temos apenas orações, que só poderão ser analisadas sintática, morfológica e fonologicamente, o que não é suficiente para os propósitos do Círculo e, por conseguinte, deste trabalho. Conforme já afirmado, esses elementos não podem ser dispensados no estudo da língua, porém não são os únicos necessários: o estudo do discurso vai além da forma da língua, pois dá conta dos elementos extraverbais que determinam o discurso e para os quais este se orienta³⁴. Além disso, todo discurso é uma arena de vozes, que se encontram e

³⁴ Essas questões são discutidas com mais profundidade no capítulo 4.

podem ser convergentes ou divergentes, ao mesmo tempo em que nele atuam forças centralizadoras e descentralizadoras, que silenciam determinadas vozes e elevam outras como se fossem verdades absolutas. Essas forças também proporcionam a mudança, a mobilização e o novo.

Neste momento, finalizamos o capítulo 3, no qual foram tratados i) a perspectiva dialógica da linguagem, ii) a concepção dialógica de sujeito, bem como iii) a concepção dialógica de discurso. Passamos, portanto, para o nosso quarto capítulo.

4 NOSSOS RESULTADOS

No presente capítulo, dedicamo-nos a esclarecer as inquietações que despertam discussões em torno da Análise Dialógica do Discurso e que são propostas na seção 2.1. Dessa forma, apresentamos caminhos possíveis para responder os quatro questionamentos levantados.

4.1 ADD NOS BANCOS DE DADOS

Nesta seção, respondemos a primeira questão de nossa pesquisa, na qual refletimos acerca de quais terminologias são empregadas pelos pesquisadores no Brasil ao se situarem na área da ADD. No entanto, antes de respondermos o questionamento levantado, esclarecemos alguns pontos em torno da terminologia utilizada em termos de campo, área, disciplina corrente ou teoria ao nos referirmos à Linguística, à Linguística Aplicada e à Análise Dialógica do Discurso. Dito de outro modo, justificamos nossas escolhas terminológicas, dentre as diversas possíveis, ao nos situarmos em um dado escopo teórico-metodológico. Entendemos ser pertinente discutir essa questão na presente seção dado que é dedicada essencialmente para questões terminológicas, ainda que voltada para a Análise Dialógica do Discurso.

No que diz respeito à Linguística, Giacomelli (2007) a reafirma enquanto *disciplina*³⁵ que, a partir do diálogo e das respostas às teorias anteriores a ela, não foi criada a partir do nada. Remetendo-nos ao Círculo, entendemos que esse percurso de consolidação da Linguística reverbera as afirmações de Bakhtin (2011 [1979]) em torno da impossibilidade de se enunciar algo a partir do nada, posto que todo dizer remete a outro, sendo que esse dizer se insere necessariamente na comunicação discursiva. Segundo a autora, a obra de Saussure (2008 [1916]), *Curso de Linguística Geral* (CLG), inaugura a Linguística, ao mesmo tempo em que se surgem novos olhares, convergentes ou não, em torno dos acontecimentos linguísticos. Giacomelli (2007) explica que é o CLG que possibilita a disciplinarização da Linguística, isto é, sua legitimação, embora esse processo não tenha sido rápido ou simples, dado que a história da Linguística, segundo a autora, confunde-se com a história de Saussure.

Sendo assim, para a autora, a disciplinarização da Linguística remete à necessidade de sua legitimação para que seja reconhecida como campo legítimo de estudos. Isso requer, por sua vez, elementos como o reconhecimento, a filiação de pesquisadores, a institucionalização

³⁵ Embora Giacomelli (2007) se refira à Linguística como campo ou área em alguns momentos de sua discussão, a autora compreende-a enquanto disciplina e discute seu processo de disciplinarização. Ademais, retoma a duplicidade de sentido deste termo, que pode se referir tanto ao mundo científico quanto ao mundo da transmissão (escolas, universidades, etc.). Nesta tese, consideramos o primeiro sentido.

como disciplina e manualização para ensino, o que requer um processo longo e complexo, já que deve atrair a atenção de grupos e sua gradual adesão. Para Giacomelli (2007), a disciplinarização leva em conta as seguintes etapas:

- (1) como uma disciplina se impõe e se demarca em um determinado campo do saber, quais relações mantém com as demais que lhe são adjacentes, semelhantes ou totalmente distintas;
- (2) como ela se situa em função de seu passado ou o da ciência da qual faz parte – através de que processos: rupturas, reformulações, acumulação, etc., agenciados por uma memória disciplinar que é, antes, social e institucional, já que faz parte também da construção daqueles que trabalham na área; finalmente,
- (3) qual o horizonte de projeção que os enunciados revelados pela memória colocam para uma disciplina que busca seu espaço em uma determinada ciência. De tudo, pode perguntar-se: Como se configura o domínio do novo? (GIACOMELLI, 2007, p. 72-73).

Chiss e Puech (1999) (*apud* Giacomelli, 2007) explicam que, para a estabilização de um campo de estudos, há dois elementos necessários, que são o normativo e o avaliativo. Esses elementos são necessários para se julgar se as novas teorias e os resultados encontrados estão de acordo com as normas e procedimentos prévios, ao mesmo tempo em que se trata da descrição, na qual as teorias são avaliadas como fatos e são, portanto, aceitas pelos seus seguidores. Nessa discussão, Giacomelli (2007) traz considerações de Benveniste, que tem um estilo de pensar essencialmente problematizador e que não se contenta com recortes já instituídos e testados, mas propõe a abertura de novas perspectivas, relações e outros pontos de vista. Diante disso, Benveniste insere, na Linguística até então dominada pela teoria saussuriana, outra dimensão que não é a da língua enquanto objeto imanente, nem a da fala (embora ambas sejam indispensáveis), e sim a da enunciação, que é colocada como a perspectiva de uma nova linguística e que transforma a língua em discurso. Daí surge o campo da Linguística da Enunciação ou Teorias da Enunciação, que por sua vez abrangem vários autores, dentre eles Bakhtin e o Círculo e possibilita diversos olhares para o mesmo fenômeno (GIACOMELLI, 2007).

Diante da discussão trazida por Giacomelli (2007), entendemos, nesta tese, a Linguística enquanto *disciplina*, que passa pelo processo de disciplinarização e fundação como autônoma e consolidada. Dentro desta disciplina, surgem diversas teorias e perspectivas de estudo da linguagem, nomeadas por Mussalim e Bentes (2008) tanto como áreas quanto disciplinas, como a Sociolinguística, Linguística Histórica, Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Linguística Aplicada, dentre outras. Acerca desta, objeto de nosso interesse, retomamos as denominações empregadas por pesquisadores (MOITA LOPES, 2006; 2013;

RAJAGOPALAN, 2003; etc.) ao se referirem à LA enquanto *campo*, sobre o qual nos aprofundamos na seção 4.4. Justificamos nossa escolha na medida em que buscamos as próprias nomeações nos estudos que se filiam à LA, que se tornaram referência na área e que buscam ressignificar o próprio campo.

Quanto à teoria na qual esta tese se situa, isto é, a ADD, empregamos denominação distinta. Seguimos as discussões de Paula (2013) em uma discussão na qual a autora advoga pela existência de uma Análise do Discurso de natureza dialógica no Brasil, momento em que a autora se refere à ADD essencialmente como *área*, dentre as diversas Análises de Discurso. Outros autores também utilizam a mesma terminologia, como Back e Baumgärtner (2014) e Acosta Pereira (2010), de forma que adotamos a referida terminologia ao nos referirmos à ADD nesta tese.

Esclarecidas as questões terminológicas, retomamos o nosso questionamento a ser respondido nesta seção. Essa inquietação surgiu a partir da leitura de trabalhos publicados na área da ADD. Por causa da recorrente publicação de trabalhos feitos sob o escopo da referida área, chamou-nos a atenção o fato de haver significativa flutuação terminológica em torno das denominações empregadas pelos pesquisadores ao se referirem à própria área na qual se situam. Entendemos que uma das justificativas para tal fenômeno consiste na flutuação terminológica presente na obra de Bakhtin e o Círculo. Rodrigues (2004; 2005) explica que essa flutuação em torno das terminologias usadas pelo Círculo se reflete em diversos conceitos e é motivada pelos processos de tradução da obra para diversas línguas. A autora explica que, mesmo em pequenos trechos de determinadas traduções, é possível identificar diferentes terminologias para o mesmo fenômeno, embora isso não resulte em inconsistência conceitual.

Ainda acerca dessa questão, Paula (2013) faz um levantamento das obras do Círculo e das diversas traduções realizadas ao longo de suas publicações. Nesse contexto, cada tradução feita encontra um “Bakhtin” distinto; as diversas leituras realizadas nos inúmeros idiomas para os quais a obra foi traduzida têm como consequência visões diferentes acerca da obra.

Conforme Paula (2013) explica, disso decorre que, no Brasil, surja a ADD, distinta de diferentes vertentes, como a AD (Análise do Discurso) francesa, a Análise de Discurso Crítica (ADC) e demais perspectivas consolidadas com base em teorias outras, além de surgir uma ADD genuinamente brasileira, com identidade própria, embora, evidentemente, dialogue com perspectivas de outros países.

Como afirma o próprio Bakhtin (2011 [1979]), nenhuma palavra é enunciada do nada. Todo enunciado é uma resposta a alguém, é um movimento de discordância, de concordância, de convergência ou divergência em relação a vozes outras. Disso decorre que a ADD surge

como *resposta brasileira*, como proposta que responde a outras Análises de Discurso e nasce a partir da perspectiva dialógica da linguagem, isto é, surge a partir de uma concepção de língua e, com base nela, é proposta uma ADD.

Além disso, vale ressaltar que, por causa da grande quantidade de traduções que foram realizadas para diversos idiomas, é possível que, em alguns estudos, haja determinados equívocos de interpretação da teoria, isto é, da compreensão da Filosofia da Linguagem que subsidia a obra do Círculo e possíveis usos equivocados dos conceitos. Confirme afirmado, apesar da flutuação terminológica e das diferentes interpretações apresentadas nas traduções da obra, isso não significa que falte unicidade nos escritos. Paula (2013) confirma esse posicionamento, uma vez que a unidade conceitual da obra é mantida apesar das diferentes terminologias utilizadas. Dessa forma,

Perante o excesso de documentos emergidos no meio intelectual quase que subitamente, é natural que ocorressem equívocos de interpretação, pois seria necessário tempo para que toda a obra do Círculo fosse conhecida em sua unidade arquitetônica – o que acontece somente no início deste século. (PAULA, 2013, p. 245).

No entanto, é inegável que as teorizações do Círculo fornecem a base teórico-metodológica para diversos percursos possíveis de estudo dos fenômenos linguísticos e ancoram, por conseguinte, discussões importantes envolvendo o ensino de línguas, estudos de gêneros e de discurso, nas mais diversas esferas da atividade. Em suma, de acordo com Brait (2014b):

Ninguém, em sã consciência, poderia dizer que Bakhtin tenha proposto formalmente uma teoria e/ou análise do discurso, no sentido em que usamos a expressão para fazer referência, por exemplo, à Análise do Discurso Francesa. Entretanto, também não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana. (BRAIT, 2014b, p. 9).

Ao mesmo tempo, a autora ressalta que não seria possível dar uma definição fechada acerca do que consiste essa teoria/análise dialógica do discurso. Isso decorre da própria natureza do pensamento do Círculo, isto é, que não propõe conceitos fechados, nem discussões acabadas, mas sempre oferece possibilidades de diálogo e ressignificação de suas discussões. Ademais, a teoria/análise dialógica do discurso não oferece procedimentos analíticos prontos ou conceitos fechados para o pesquisador, mas “[deixa] que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir de ponto de vista dialógico, num embate”. Entretanto, Brait (2014b) explica

que ainda é possível explicitar o embasamento que constitui e caracteriza os estudos na Análise Dialógica do Discurso, ou seja, “a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento [...]” (BRAIT, 2014b, p. 10), que deve servir de ponto de partida e de chegada para o pesquisador que se ancora em tal área de estudos.

Em consequência desse contexto de traduções diversas e da impossibilidade de atribuir definições acabadas e fechadas ao que se entende pela teoria/análise do discurso de base bakhtiniana, pode ter havido, também, a cunhagem de diversos termos pelos autores dos trabalhos ao se referirem à área da ADD. Ademais, podem ter adotado, também, termos usados por outros pesquisadores da área, como por exemplo o termo “teoria/análise dialógica do discurso”, empregado neste trabalho e em diversos outros estudos encontrados e que foi cunhado por Brait (2014b).

Diante do reconhecimento de que os pesquisadores recorreram a diversos termos para se referirem à ADD, entendemos que seria interessante construir um panorama de como os estudiosos da área se orientam para seu próprio contexto de estudos, além de entendermos o processo de consolidação da área no Brasil.

Com base na discussão acima, é possível respondermos a segunda inquietação levantada anteriormente: **quais as terminologias empregadas pelos pesquisadores ao se situarem na área de estudos da ADD?**

A partir das pesquisas realizadas, percebemos que os pesquisadores, ao se filiarem à ADD, utilizam-se, além da própria nomenclatura adotada, variações e/ou termos distintos. Entendemos que tal flutuação terminológica pode causar, ao pesquisador, confusão em torno da perspectiva à qual se filia, isto é, se está afiliado à perspectiva dialógica da linguagem enquanto escopo mais amplo, à teoria bakhtiniana, cuja proposta consiste justamente em uma concepção dialógica da língua, ou à ADD, isto é, a uma AD específica. Por outro lado, podemos entender tal flutuação terminológica como diálogo com a perspectiva do Círculo de que não há noções e conceitos fixos a serem aplicados aos dados, de modo que os pesquisadores podem se sentir livres a adotar as referidas variações do termo “Análise Dialógica do Discurso”.

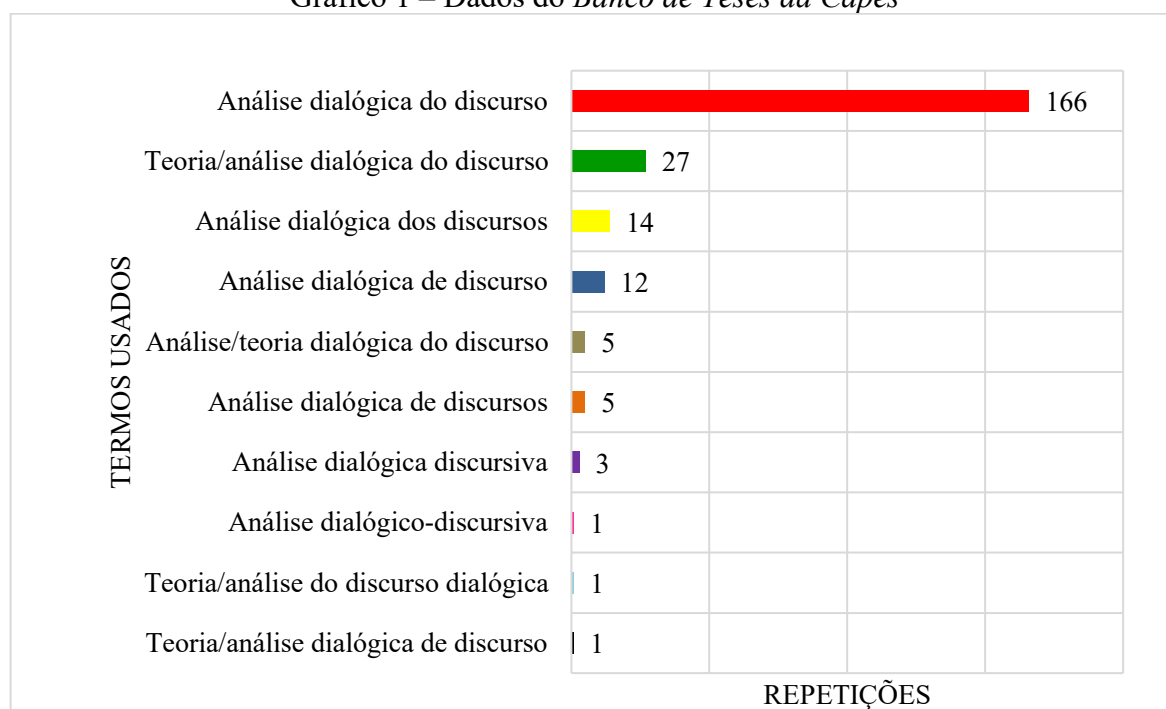
Conforme apontamos na seção 2.2, realizamos buscamos em três bancos de dados, isto é, *Banco de Teses da Capes*, *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD* e *Periódicos da Capes*. No que diz respeito aos resultados obtidos nas pesquisas no *Banco de Teses da Capes*,

foram encontradas 138 dissertações e 44 teses, totalizando 182 trabalhos, publicados entre 2005³⁶ e o primeiro semestre de 2018, quando a busca no site foi finalizada.

Acerca de todas as terminologias utilizadas, identificamos 10 diferentes termos usados nas teses e dissertações elencadas nesse banco de dados. O termo mais usado nos trabalhos considerados foi “Análise Dialógica do Discurso”, seguido por “Teoria/análise dialógica do discurso” e demais termos. Notamos também que há termos usados apenas nos trabalhos publicados nesse banco de dados, que são “Análise Dialógico-discursiva”, e “Teoria/análise do discurso dialógica”. Ressaltamos que alguns dos trabalhos utilizaram até quatro termos distintos. Nesse caso, todos os termos entraram na contagem. Vale reafirmar que não realizamos a contagem de repetições dos termos em cada trabalho individualmente, mas elencamos os termos distintos que apareceram ao menos uma vez no decorrer de todo o trabalho.

Como exemplo para a questão mencionada no parágrafo anterior, a dissertação “A práxis como fenômeno formador do/a docente” (RAIMUNDO, 2017) apresentou o uso dos seguintes termos: “Análise Dialógica de Discurso”, “Análise Dialógica de Discursos”, “Análise Dialógica dos Discursos” e “Análise Dialógica do Discurso”. Nesse caso, apesar de terem sido usados várias vezes no mesmo trabalho, todos os termos foram contabilizados uma vez em cada “agrupamento” de termos. A seguir, apresentamos um gráfico dos resultados das pesquisas, considerando o número de trabalhos que empregam os termos em questão e que os termos podem ter aparecido no mínimo em um dos 106 trabalhos considerados. Por exemplo, o termo “teoria/análise dialógica do discurso” foi usado em 16 trabalhos, independentemente do número de vezes em que foi repetido em cada um:

³⁶ As pesquisas partiram dessa data pois não houve resultados de pesquisas publicadas antes de 2005.

Gráfico 1 – Dados do *Banco de Teses da Capes*

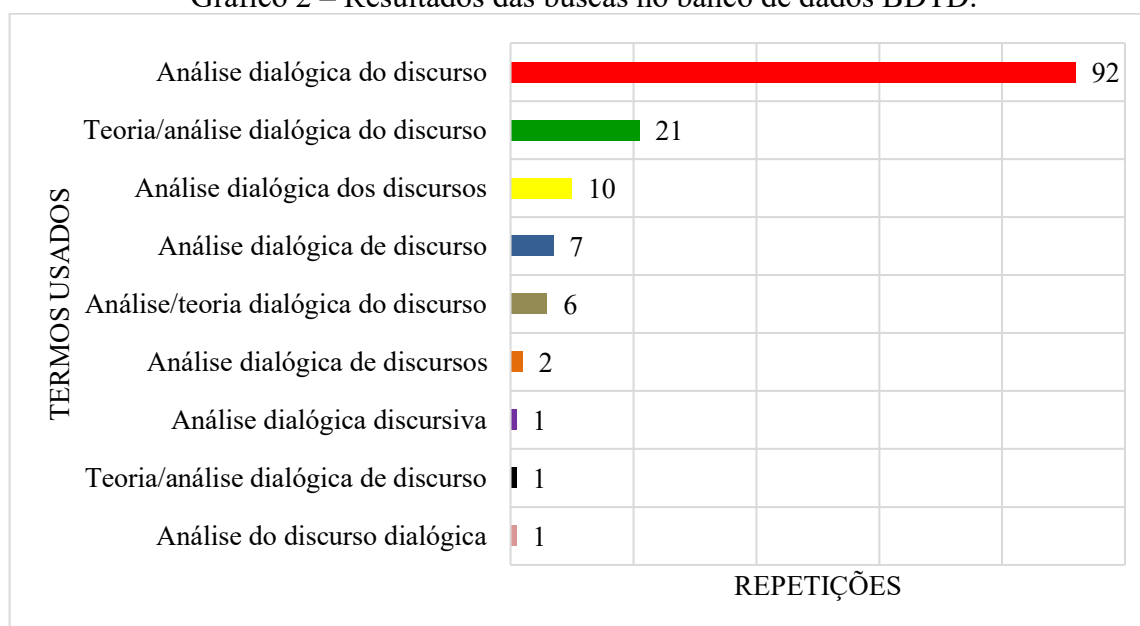
Fonte: autora.

Na *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações*, encontramos 70 dissertações e 46 teses, totalizando 116 trabalhos, sendo defendidos entre 2007³⁷ e o primeiro semestre de 2018. Percebemos que o site oferece algumas opções de refinamento de buscas, que são i) todos os campos, ii) título, iii) autor e iv) assunto, sendo que foram consideradas apenas a primeira e a última opção por darem conta do maior número de trabalhos. Primeiramente, consideramos os resultados apresentados nas buscas dos dois filtros.

Além disso, deparamo-nos com 9 termos diferentes empregados nos trabalhos encontrados nesse banco de dados. Tais termos foram encontrados a partir da leitura dinâmica dos trabalhos e de buscas realizadas com o uso da ferramenta de localização do programa *Adobe Reader* (acessada pelo atalho Ctrl + f). A seguir, expomos o quantitativo dos trabalhos que utilizaram ao menos uma vez os termos elencados:

³⁷ Partimos dos trabalhos publicados a partir de 2007 pois não houve resultados de trabalhos em datas anteriores.

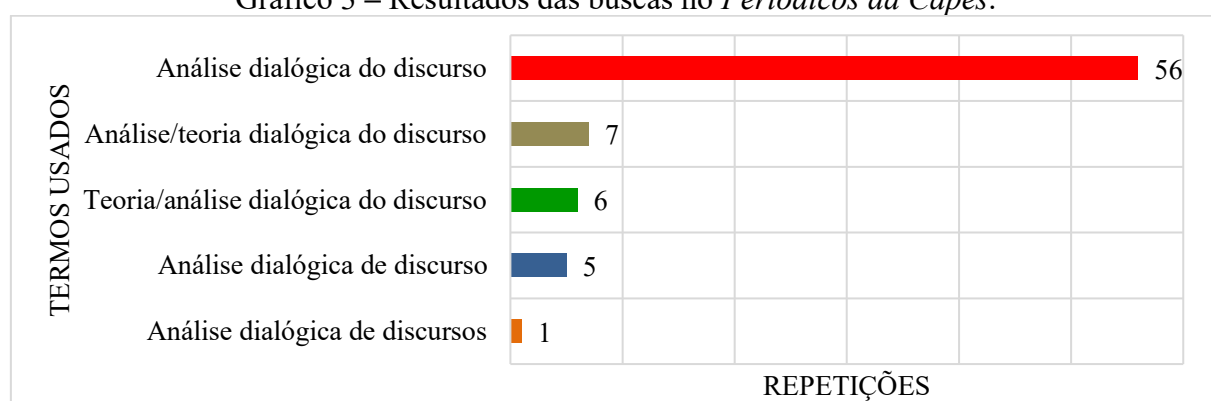
Gráfico 2 – Resultados das buscas no banco de dados BDTD.



Fonte: autora.

Os termos mais usados na BDTD, conforme demonstrado no gráfico 2, foram “Análise Dialógica do Discurso” e “Teoria/Análise dialógica do discurso”, o que demonstra um paralelismo em relação ao *Banco de Teses da Capes*.

Nos artigos publicados pelo *Periódicos da Capes*, por sua vez, foram usados 5 termos diferentes em 64 artigos exibidos nos resultados, sendo que os trabalhos foram publicados entre 2005³⁸ e o primeiro semestre de 2018, quando a pesquisa nos sites foi finalizada. O gráfico a seguir sumariza os resultados obtidos nas buscas feitas no referido site:

Gráfico 3 – Resultados das buscas no *Periódicos da Capes*.

Fonte: autora.

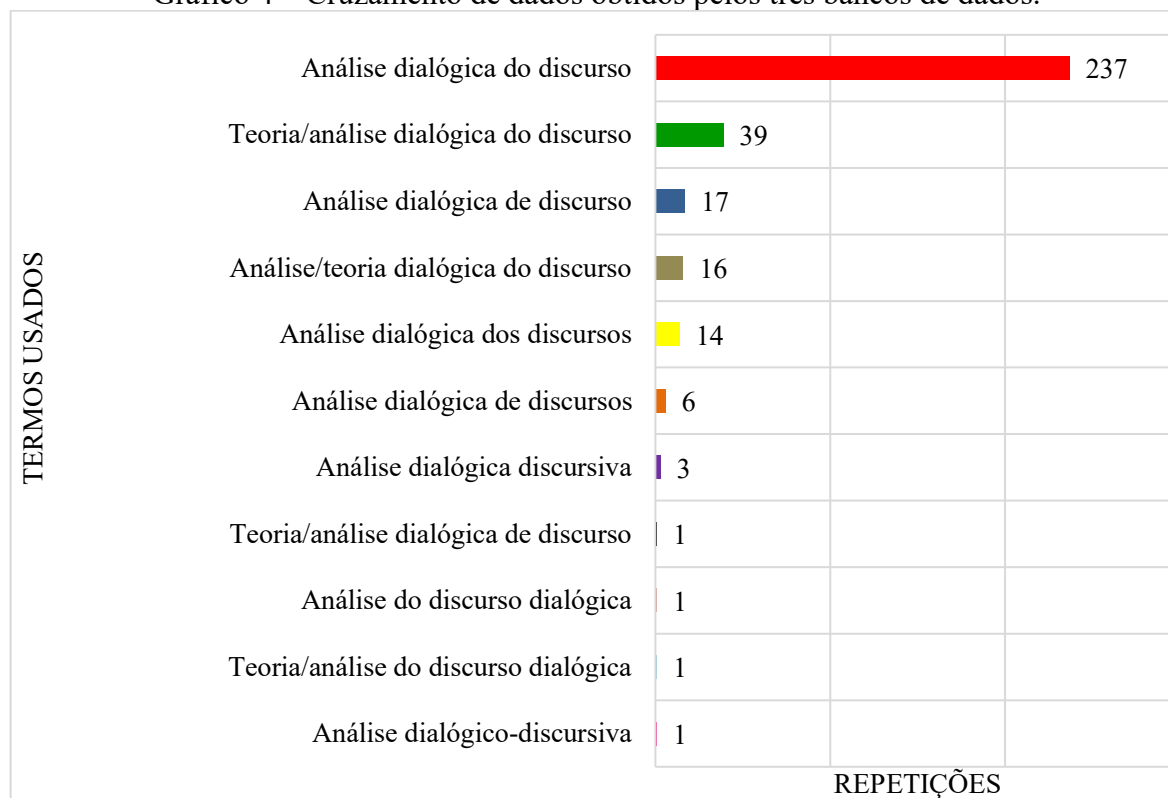
³⁸ Data mais antiga de publicação dos trabalhos.

Ainda, percebemos que 44 artigos utilizam apenas o termo “Análise Dialógica de/do/dos Discurso(s)”. Neste banco de dados, houve menor flutuação terminológica, mas isso pode ser justificado por haver menos trabalhos publicados neste site em comparação aos demais. O termo mais usado, seguindo a tendência dos outros bancos, foi “Análise Dialógica do Discurso”, seguido de “Teoria/Análise Dialógica do Discurso”.

Depois da contagem e comparação dos trabalhos exibidos pelas buscas em cada banco de dados separadamente, notamos que havia repetições de alguns dos trabalhos, pois dois dos três sites visitados (*Banco de Teses da Capes* e BDTD) publicam teses e dissertações, conforme explicado na seção 2.2, além de haver diversas repetições dos artigos mostrados no *Periódico da Capes*. Por causa disso, também fizemos um cruzamento dos resultados dos três bancos de dados. Para tanto, realizamos mais uma contagem desconsiderando as repetições, ou seja, a contagem incluiu os dados dos três sites em uma só pesquisa e foram desconsiderados os trabalhos duplicados. Após a contagem, percebemos que todos os sites seguiram a mesma tendência, isto é, o termo mais usado em todos os trabalhos publicados até então foi “Análise Dialógica do Discurso”, o que se justifica por ser o termo convencionado pelos pesquisadores para denominar essa área de estudos.

A partir do terceiro termo mais usado, percebemos certa flutuação terminológica, além de haver termos que são usados apenas em um dos bancos. No total, encontramos 11 diferentes termos usados pelos autores dos trabalhos pesquisados ao se situarem na área da Análise Dialógica do Discurso e/ou ao se referirem a sua área de estudos. A seguir, agrupamos todos os termos encontrados nos trabalhos encontrados nas buscas e construímos o seguinte gráfico:

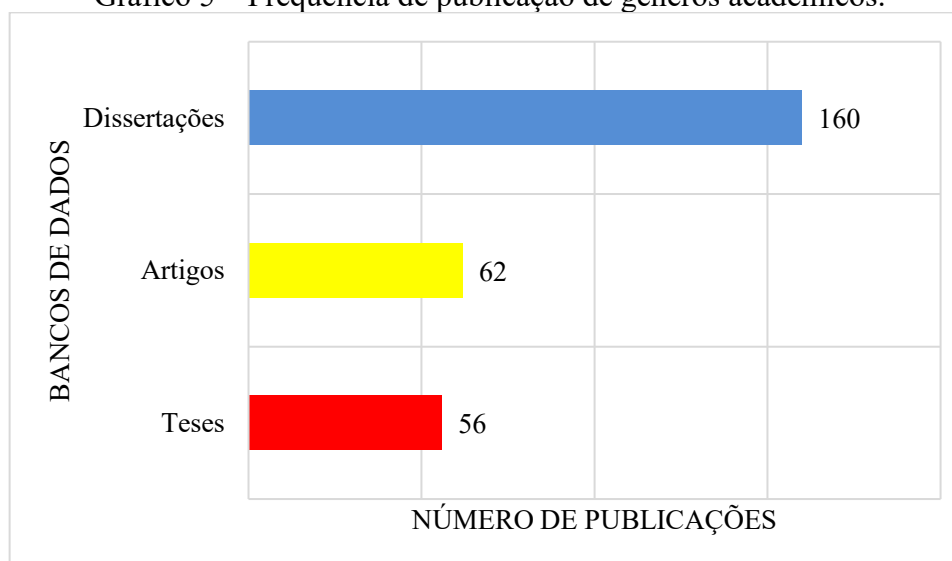
Gráfico 4 – Cruzamento de dados obtidos pelos três bancos de dados.



Fonte: autora.

Entendemos, também, que seria relevante fazer um levantamento de todos os gêneros considerados para essa pesquisa. No *Banco de Teses da Capes* e na *BDTD*, foram encontradas apenas teses e dissertações. Entretanto, no *Periódicos da Capes*, além de artigos, foram encontrados também livros, resenhas, apresentações de livros, assim como algumas teses e dissertações. Apesar disso, consideramos apenas o gênero artigo científico para a análise, de modo que o gráfico 5 faz um levantamento dos referidos gêneros, desconsiderando as repetições, conforme mostrado a seguir:

Gráfico 5 – Frequência de publicação de gêneros acadêmicos.

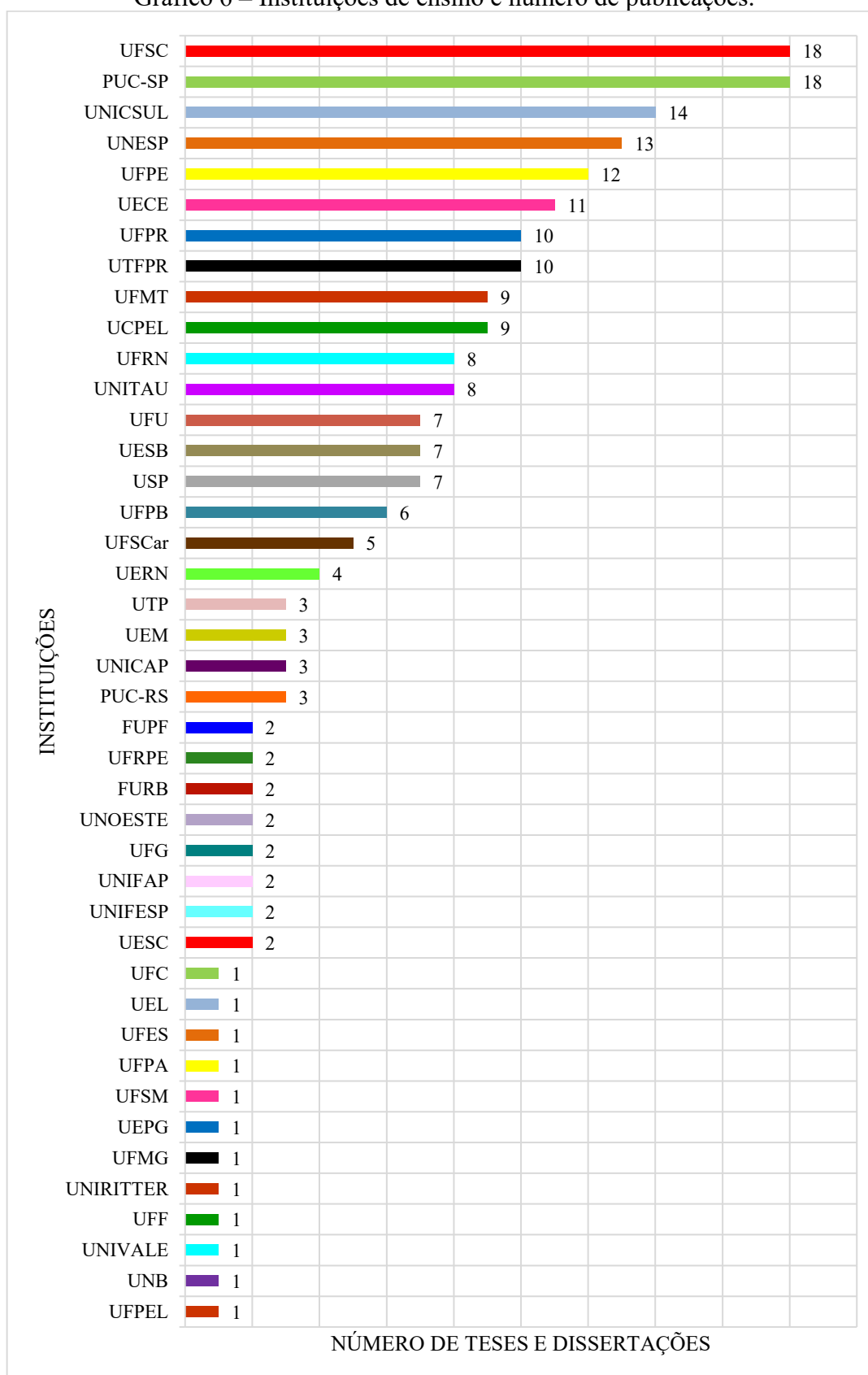


Fonte: autora.

Além disso, realizamos um levantamento das principais universidades nas quais foram desenvolvidas e publicadas as teses e dissertações contabilizadas para esse estudo. Entendemos a importância de, também, realizar esse levantamento, uma vez que assim é possível observar onde se concentra a maioria dos estudos situados na Análise Dialógica do Discurso, e, portanto, fazer um mapeamento dos estudos da área no Brasil.

O gráfico 6 elenca as principais universidades e as respectivas contagens de trabalhos situados na ADD que foram desenvolvidos e defendidos nas instituições, sendo que a maioria das publicações vem das instituições de ensino superior UFSC, PUC-SP (empatadas) e UNICSUL, conforme mostrado no gráfico 6:

Gráfico 6 – Instituições de ensino e número de publicações.



Fonte: autora.

Por fim, propomos um agrupamento do quantitativo de trabalhos publicados considerando a porcentagem por estado. Nessa medida, elaboramos um quadro, a partir dos dados do gráfico 6, no qual identificamos as universidades e, com base nas informações, organizamos a tabela por estado. Dessa maneira, embora a primeira universidade mostrada no gráfico 6 seja do estado de Santa Catarina, identificamos que o estado de São Paulo reuniu sete instituições de ensino, enquanto Santa Catarina reuniu somente duas, o que causou mudanças na ordenação das informações. Ainda, ressaltamos que os dados utilizados para a elaboração do quadro a seguir desconsideram as repetições encontradas:

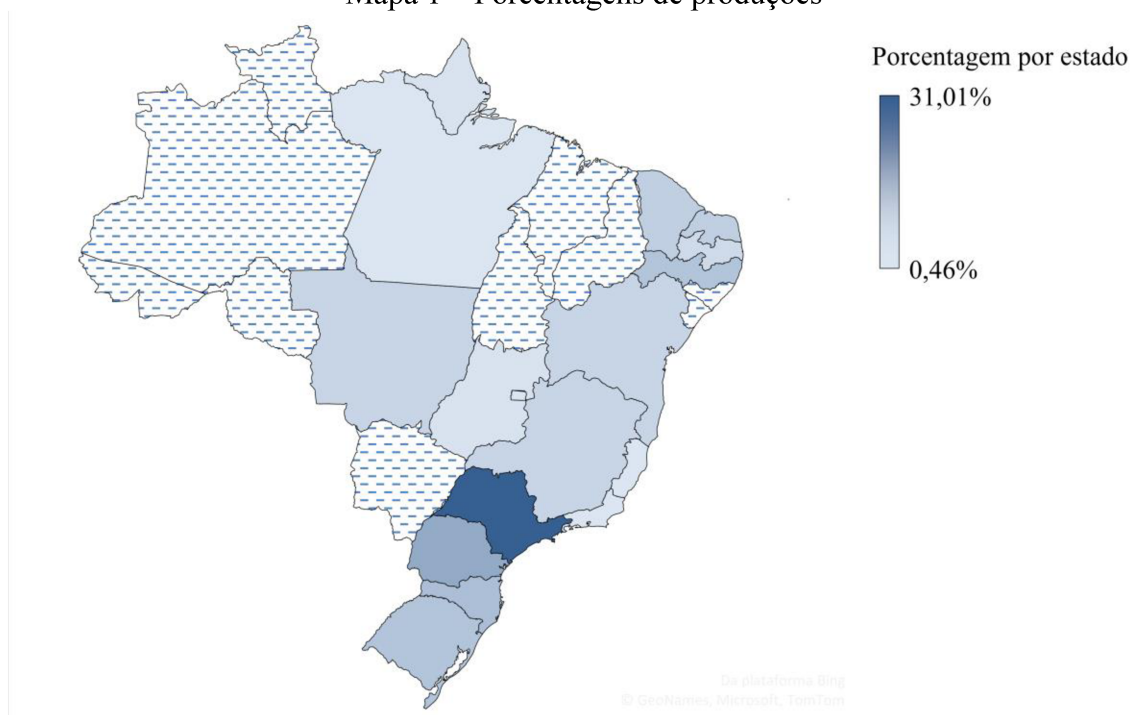
Quadro 4 – Números de trabalhos e porcentagens por estado

| Estado | Número de trabalhos | Porcentagem por estado |
|---------------------|----------------------------|-------------------------------|
| São Paulo | 67 | 31,01% |
| Paraná | 30 | 13,88% |
| Santa Catarina | 20 | 9,25% |
| Pernambuco | 17 | 7,87% |
| Rio Grande do Sul | 17 | 7,87% |
| Ceará | 12 | 5,55% |
| Rio Grande do Norte | 12 | 5,55% |
| Mato Grosso | 9 | 4,16% |
| Minas Gerais | 9 | 4,16% |
| Bahia | 9 | 4,16% |
| Paraíba | 6 | 2,77% |
| Amapá | 2 | 0,92% |
| Goiás | 2 | 0,92% |
| Espírito Santo | 1 | 0,46% |
| Pará | 1 | 0,46% |
| Rio de Janeiro | 1 | 0,46% |
| Distrito Federal | 1 | 0,46% |

Fonte: autora.

Para fins de ilustração e para proporcionar uma visão da dimensão das publicações situadas na ADD no Brasil, elaboramos, com base nos dados informados no quadro acima, um mapa do Brasil, no qual identificamos a porcentagem de produções com gradientes de cores: os estados com tonalidades mais escuras, como São Paulo e Paraná, apresentam maiores produções, enquanto que os estados com tonalidades mais claras apresentam menos produções. Os estados marcados por traços são os que não apresentaram publicações de trabalhos no período considerado:

Mapa 1 – Porcentagens de produções



Fonte: autora.

Conforme indicado no mapa anterior, a região Sudeste apresenta o estado com maior índice de publicação de trabalhos, com o estado de São Paulo. Por conseguinte, o Paraná apresenta o segundo maior índice de publicação, seguido dos estados de Santa Catarina e Pernambuco. Ademais, dentre os estados apresentados, os que apresentam menores índices de publicação são Amapá, Goiás, Espírito Santo, Pará, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Nos estados com marcação tracejada, ou seja, Amazonas, Acre, Rondônia, Roraima, Maranhão, Piauí, Tocantins, Sergipe e Mato Grosso do Sul, não foram encontrados trabalhos publicados até a última data de buscas nos bancos de dados. Percebemos, portanto, que as produções se concentram especialmente nas regiões Sudeste, Sul e Nordeste, e em menor quantidade na região Norte.

Em suma, apresentamos os resultados das pesquisas em cada banco de dados considerado, cruzamento de todos os dados obtidos, frequência de publicação dos gêneros, as instituições de ensino e os quantitativos de publicações na área em questão, assim como as porcentagens de produções nos diferentes estados.

Para além da flutuação terminológica, os quantitativos obtidos nas pesquisas discutidas na seção 2.2 demonstram que a área da ADD é uma área consolidada, com crescente número de trabalhos sendo publicados em diferentes universidades e programas de pós-graduação. Ressaltamos ainda que consideramos somente os trabalhos publicados até o primeiro semestre

de 2018, de modo que o quantitativo de trabalhos filiados à área atualmente pode ser bem maior do que o apresentado neste trabalho.

4.2 (RE)DEFININDO A ÁREA

Em nossa segunda inquietação, questionamos como a **Filosofia da Linguagem/Metalinguística se caracteriza enquanto base teórico-metodológica da ADD**. Esclarecemos, conforme já dito, que entendemos a importância de nos situarmos em um dado escopo teórico-metodológico, uma vez que essa escolha tem implicações éticas e políticas. Segundo Rajagopalan (2003), a questão da ética está implicada a partir do momento em que a língua deixa de ser vista como “natural”, isto é, como algo individualizado e internalizado. As teorias que entendem a língua como acontecimento natural separam o estudo desta de questões ideológicas e políticas, de modo que estudar a linguagem não implicaria em uma dimensão político-ideológica. Diferentemente, Rajagopalan (2003) afirma que as teorias que consideram a língua um fato social e construído coletivamente percebem a compatibilidade entre as teorias adotadas e o posicionamento político-ideológico. Assim, há relação entre a posição que o linguista defende e o momento histórico desse movimento. Em outros termos, o movimento de propor teorias é uma prática social, situada e ligada às condições sócio-históricas nas quais essas reflexões teóricas são desenvolvidas, pois

Se concordamos que a confecção de teorias é uma atividade que se processa sob determinadas condições sociológicas muito precisas, não há como não aceitar também a consequência de que elas reflitam, ainda que de forma sutil, os anseios e as inquietações que movem aqueles que estão por trás daquelas reflexões teóricas. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 22).

É com base nessa perspectiva, portanto, que buscamos esclarecer como a Filosofia da Linguagem/Metalinguística se caracteriza enquanto base teórico-metodológica da ADD. Com base nas discussões de diversos interlocutores contemporâneos de Bakhtin e o Círculo, compreendemos que o Círculo não teve a intenção de fundar uma Análise de Discurso. Os escritos do Círculo forneceram os fundamentos de uma teoria dialógica da linguagem e os delineamentos para uma proposta de Análise Dialógica do Discurso (nomenclatura cunhada no Brasil) futura. Dessa maneira, não seria possível afirmar que a Filosofia da Linguagem/Metalinguística e a Análise Dialógica do Discurso são sinônimas, já que a ideia de uma Análise do Discurso é essencialmente contemporânea e não partiu, de fato, do próprio Círculo, conforme afirma Brait (2014b). Em vez disso, Brait (2015) explica que os trabalhos

do Círculo, escritos ao longo de mais de cinquenta anos, oferecem os caminhos para uma concepção histórico-social-cultural da linguagem.

No entanto, apesar de não serem considerados sinônimos, Brait (2014b) explica que, para que possam ser esclarecidos os pressupostos que subsidiam os estudos da linguagem “como formulações em que o conhecimento é concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos” (BRAIT, 2014b, p. 10), é necessário recuperar constantemente as discussões propostas na Filosofia da Linguagem/Metalinguística. É nelas que o pesquisador encontra os fundamentos de uma ADD, dos pressupostos teórico-metodológicos que ancoram as pesquisas desenvolvidas nessa área e o orientam para uma postura dialógica frente ao objeto de estudo.

Se entendemos que a Filosofia da Linguagem/Metalinguística não são sinônimas da Análise Dialógica do Discurso, buscamos explicar como a primeira se constitui como a base da segunda. Antes, porém, de discutirmos essa questão, entendemos ser relevante discorrermos brevemente acerca da Filosofia da Linguagem e da Metalinguística de forma a justificarmos nossa escolha pela forma utilizada no decorrer da tese, isto é, os termos serem separados por barra.

Acerca da Filosofia da Linguagem e da Metalinguística, reenunciamos as discussões de Souza (2002) quando o autor delinea o percurso de proposição de uma Filosofia da Linguagem e, posteriormente, da Metalinguística. Em primeiro lugar, Souza (2002) explica que, para dar conta do estudo do signo/palavra/discurso interior, que não poderiam ser analisados segundo as categorias elaboradas pela Linguística, seria necessária uma Filosofia da Linguagem como Filosofia da Palavra, sendo a palavra entendida como signo ideológico, e, nesse ínterim, foi fundada por Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) uma Filosofia marxista da Linguagem. Segundo Souza (2002), para explicar a dimensão dialógica do enunciado, Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) propõem a ideia de diálogo no sentido mais amplo, de forma que envolve a ideia de ir além do diálogo face a face, para explicar a natureza do diálogo interior e sua origem social, propondo, para dar conta de todos os fenômenos envolvendo a linguagem, uma “síntese dialógica” (SOUZA, 2002, p. 82), de modo a esclarecer que toda tomada da palavra, mesmo que na compreensão e na palavra interior, são necessariamente dialógicas e sociais.

Sobre a Filosofia marxista da Linguagem, Souza (2002) levanta dois postulados. Um deles diz que a expressão organiza a vivência. Isso significa que toda a vida interior é necessariamente organizada pelo social, isto é, pelo exterior. O segundo postulado propõe o enunciado como totalidade, sendo que são levadas em conta as condições reais para a produção

do enunciado, que são a situação social mais imediata e os participantes. Com base nessas considerações, o autor retoma alguns dos principais pontos discutidos por Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) em torno da interação verbal. É no âmbito dessa discussão, a qual leva em conta a interação verbal, que Souza (2002, p. 90) entende que reside em “uma das chaves da análise dialógica da linguagem oculta na Filosofia marxista da linguagem”, sendo que esta tem os seguintes elementos constituintes: “1) a situação concreta; 2) os participantes; 3) o gênero; 4) o tema; e 5) o acento valorativo” (SOUZA, 2002, p. 98-99).

É nesse ínterim que, segundo Souza (2002), é proposta a Metalinguística, de forma que não se confunde com a Filosofia marxista da Linguagem, anteriormente discutida. Para o autor, a Metalinguística é proposta diretamente em alguns ensaios do Círculo, na primeira publicação da obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* (PPD), intitulada *Problemas da Obra de Dostoiévski* (POD)³⁹ (BAKHTIN, 2010 [1929]) e em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929]). Souza (2002) explica que as primeiras menções em torno da Metalinguística estão presentes no ensaio “O problema do texto em Linguística, na Filologia e nas Ciências Humanas” (BAKHTIN, 2011 [1979]).

Porém, o momento no qual surge a Metalinguística reside especialmente no confronto entre as obras POD e PPD, na medida em que, na publicação da última, ocorre a transformação da orientação sociológica em uma questão mais ampla, isto é, o problema da natureza dialógica da linguagem. Dito de outro modo, nas referidas obras, há uma coexistência de um ângulo sociológico e de um ângulo dialógico, sendo que o último passa a receber evidência na obra e, mais especificamente, em PPD. Nessa medida, para Souza (2002), as análises e reflexões desenvolvidas na obra PPD se estabelecem no diálogo entre uma orientação filosófica, isto é, a Filosofia marxista da Linguagem, e uma orientação científica, que consiste na Metalinguística. É nesse contexto, nesse diálogo entre as diferentes publicações do Círculo, que Bakhtin (2010 [1929]) funda a Metalinguística. Para Souza (2002), é somente com essa ciência da linguagem que Bakhtin (2010 [1929]) desenvolve a análise dos fenômenos linguísticos na obra de Dostoiévski.

A Metalinguística é apresentada por Bakhtin (2010 [1929], p. 207) como caminho para o estudo do discurso para além das formas da língua. Dito de outro modo, o autor propõe a Metalinguística como possibilidade de estudo do discurso “em sua integridade concreta e viva”. Segundo o autor, a Metalinguística se interessa pelos aspectos que vão além dos limites da Linguística, de forma que, embora esta seja necessária para o estudo da materialidade da língua,

³⁹ A mudança na nomenclatura da obra se dá, segundo Grillo (2019), a partir de 1963, quando a segunda edição é publicada com o título *Problemas da Poética de Dostoiévski*.

não é suficiente para entender o discurso conforme a proposta da perspectiva dialógica da linguagem, de forma que oferece um outro ângulo aos fenômenos da língua não contemplados pela Linguística. Nesse percurso, Bakhtin (2010 [1929]) retoma a noção de relações dialógicas (conferir seção 3.3) como interesse da Metalinguística, que só são possíveis entre enunciados concretos, pertencentes a diferentes sujeitos do discurso, e não existem entre os elementos da língua. Para Souza (2002, p. 134, grifo do autor), “o próprio fenômeno *palavra* é aquele que aproxima e separa as duas ciências – Linguística e Metalinguística – do ponto de vista do ângulo e dos aspectos abordados por uma e por outra”.

Nesse sentido, Souza (2002) explica que a Metalinguística parece se estabelecer no entremeio de diversas fronteiras: da filosofia da palavra, daí sua orientação filosófica; da Linguística, a qual leva em conta, porém não é dependente dela, e sim um caminho autônomo; e da estilística, ancorada nos pressupostos já discutidos e dedicada, *a priori*, conforme pode ser percebido no decorrer da obra PPD, aos estudos literários. Em suma, a Metalinguística é entendida como “um estudo – ainda que não constituído em disciplinas particulares definidas.” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 207), como caminho possível que, proposto pelo Círculo, dá conta do contato da língua com a vida, dos sentidos produzidos no seu uso e dos aspectos que não podem ser estudados à luz unicamente da Linguística.

As discussões trazidas até o momento evidenciam que a Filosofia da Linguagem e a Metalinguística não são sinônimas. Ao mesmo tempo, convergem em torno de uma mesma concepção de língua na medida em que a Filosofia da Linguagem proporciona uma nova visada em torno da língua e que, posteriormente, possibilitará a fundação de uma Metalinguística. Entretanto, utilizamos a nomenclatura “Filosofia da Linguagem/Metalinguística” no decorrer desta tese de modo a explicitarmos para o leitor o diálogo que a orientação filosófica e a orientação científica estabelecem no pensamento bakhtiniano e no olhar em torno da língua.

Após os esclarecimentos até aqui desenvolvidos, retomamos questões relacionadas à fundação do Círculo de Bakhtin e suas questões autorais. Em um segundo momento, reenunciamos as principais heranças da Filosofia da Linguagem/Metalinguística que, retomadas pelos seus interlocutores contemporâneos, possibilitam a fundação de uma Análise Dialógica do Discurso de origem brasileira.

No que diz respeito ao primeiro ponto, iniciamos com uma afirmação de Brait e Campos (2016) quando as autoras explicam que

Compreender o que se denomina pensamento bakhtiniano significa percorrer um caminho que envolve não apenas o indivíduo Bakhtin, mas um conjunto de intelectuais, cientistas e artistas que, especialmente nas décadas de 1920 e

1930, dialogaram em diferentes espaços políticos. (BRAIT; CAMPOS, 2016, p. 15, grifos das autoras).

Com base em tal consideração, entendemos que reenunciar os escritos de Bakhtin e o Círculo consiste em, além de adentrar na condensada obra, entender as particularidades das autorias dos inúmeros textos atribuídos ao grupo ou mesmo ao próprio Bakhtin. Segundo Brait e Campos (2016), as assinaturas dos textos do Círculo são atribuídas a Volochínov, Medviédev⁴⁰, Kanaev, Kagan, Pumpianskii, Yudina, Vaguinov, Sollertinski e Zubakin, vindos de diversas áreas do conhecimento, como filosofia, literatura, biologia, teoria literária, linguística, etc., ao mesmo tempo em que dialogaram com várias tendências que tinham a linguagem como ponto convergente (BRAIT, 2015). No entanto, os referidos pesquisadores não conviveram de forma simultânea nos empreendimentos de Bakhtin e o Círculo, pois, além dos impedimentos que as questões políticas impunham constantemente nas reuniões dos estudiosos e provocavam mudanças residenciais recorrentes, enfrentaram mais de um período histórico, o que demonstra diversos momentos de reorganização, de encontros e desencontros dos estudiosos, de modo que a reconstituição do caminho percorrido pelo Círculo se mostra bastante complexa.

Paula (2013) levanta mais um fator que contribuiu para a problemática em torno das assinaturas das obras: o constante uso de pseudônimos na assinatura dos textos como meio de fuga da visão totalitária que dominou durante dado período de existência do Círculo, o que constitui mais um fator que complexifica a referida discussão. Segundo Brait (2015), tal fator em torno da questão da autoria não interfere na relevância do conjunto da obra para os estudos da linguagem. Assim explica a autora:

Independentemente do peso intelectual e das especialidades de cada um dos membros dessa verdadeira esfera intelectual denominada posteriormente Círculo (de Bakhtin), a abundância temática e reflexiva caracterizada pelo amplo leque formado pelos escritos desses autores expõe uma filosofia da linguagem que polemiza, no momento de sua produção, com a linguística, a psicanálise, a teoria literária e, de maneira mais específica, com as culturas e ideologias marcantes naquele momento. (BRAIT, 2015, p. 84, grifos da autora).

Sobre essa questão, Cunha (2019) explica que há consenso acerca dos textos inicialmente assinados por Volochínov e Medviédev, que de fato devem ser atribuídos a ambos. Além disso, apesar de o Círculo ser comumente designado como “de Bakhtin”, a autora afirma

⁴⁰ As autoras adotam as grafias Voloshinov e Medvedev para os nomes dos autores em questão. No entanto, preferimos adotar as versões que vêm sendo utilizadas no decorrer da tese.

que os membros possuíam autonomia intelectual. Por outro lado, algumas obras enfrentam discussões em torno da questão da autoria e a quem deve ser atribuída, com duplas autorias ou atribuições a autores específicos e, ao mesmo tempo, ao Círculo como um todo.

O texto “A palavra na vida e a palavra na poesia”, de 1926, por exemplo, assinado por Volochínov, Medviédev e Kanaev é atribuído, em algumas edições, somente a Volochínov; em outras, há indicação de autoria conjunta de Volochínov e Bakhtin como também do próprio Círculo. Diante das diversas discussões em torno da autoria desse texto, há posições que atribuem a autoria a Volochínov, e, por outro lado, há afirmações de que deveria ser atribuída a Bakhtin, o que ainda não constitui um consenso. A obra *O freudismo: um esboço crítico* (publicada pela primeira vez em 1927), que também enfrentou disputas autorais, é assinada por Volochínov, embora tenha recebido contribuições de Bakhtin e sejam levantadas discussões em torno de tais contribuições.

No que diz respeito à obra *O método formal nos estudos literários*, de 1928, Grillo (2016) explica que sua autoria divide opiniões entre estudiosos. Há uma posição que defende a autoria por parte de Bakhtin, enquanto outra defende que o autor de tal obra deve ser considerado Medviédev. Por fim, a terceira posição atribui a ambos a assinatura de tal trabalho. Tais posições apresentam argumentos para defender a atribuição da autoria, seja pela presença de vocabulário particular de um autor específico, seja pelo próprio “estilo” de cada autor que marca sua possível autoria.

Outra obra que desperta discussões consiste em *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicada em 1929. Zandwais (2016) afirma que, assim como os demais textos, há discussões em torno da atribuição da autoria. De um lado, pesquisadores contemporâneos utilizam a forma “Bakhtin/Volochínov” para se referirem aos autores, enquanto outros atribuem a autoria somente ao último. Assim, enquanto as traduções para o português de 2003 e 2006 são atribuídas a ambos os autores, na edição de 2017, a autoria é atribuída somente a Volochínov.

Apesar de tais discussões, que até hoje não chegaram a um consenso, a obra do Círculo constitui forte presença nos estudos da linguagem, influência que começou no Ocidente por volta dos anos 1980 e se fortaleceu com o passar do tempo e com o surgimento de novas traduções, especialmente no português, que buscam resolver a questão da flutuação terminológica e clareza dos conceitos do Círculo.

Além da questão autoral, a obra de Bakhtin e o Círculo desperta outra discussão acalorada, que diz respeito às bases que fundamentam as reflexões e propostas dos textos do Círculo. Conforme as discussões de Brandist (2012), é possível entendermos que Bakhtin e o Círculo não fundaram uma Filosofia da Linguagem totalmente inovadora, a partir de uma

criação inteiramente pertencente a seus pesquisadores, até mesmo porque isso iria de encontro ao que o próprio Círculo afirma como a natureza da palavra, isto é, que nenhum enunciado é criado por um Adão mítico, pois sempre se remete a enunciados outros, a já-ditos que, reenunciados num dado recorte espaço-temporal, constituem a base e o potencial de novas discussões.

Brandist (2012) discute a questão das fundações da obra de Bakhtin e o Círculo em torno das fontes empregadas nos diversos escritos e que, muitas vezes, levantam discussões relacionadas à autoria e à inserção da obra bakhtiniana em tradições filosóficas específicas, especialmente em relação à tentativa de localizar as discussões do Círculo e esclarecer pontos até então considerados obscuros. Tais pontos acabavam por ofuscar os aspectos centrais da obra em termos de fontes utilizadas pelos estudiosos do Círculo, a que discussões se remetiam, etc.

O referido autor procura esclarecer as bases dos principais conceitos-base da obra do Círculo, que são o diálogo e o enunciado. Brandist (2012) explica que, especificamente no que diz respeito aos escritos de Volochínov, suas considerações podem ser inseridas numa perspectiva filosófica mais ampla. Um dos grandes influenciadores de Volochínov foi Brentano (2002)⁴¹ e a escola por ele inaugurada. Embora Volochínov não tenha herdado ou concordado com todas as considerações de Brentano, sua posição acerca da constituição da mente individual se mostrou relevante para as discussões de Volochínov. Segundo Brandist (2012), Volochínov herdou da psicologia funcionalista a ideia de relação entre as partes e o todo, de modo que há relações complexas entre as partes e entre as partes e o todo, além de tal categoria individual da mente não partir de algo já determinado e dado *a priori*, mas se constituir nas vivências sociais e nas interlocuções empreendidas pelos sujeitos.

Em aproximação com Brentano, outro pesquisador também traz contribuições importantes para Volochínov e Bakhtin. Marty⁴² se interessa pela natureza da interação entre falante e ouvinte, na qual leva em conta não uma relação de desvelamento, por parte do ouvinte, das intenções do falante ao enunciar, mas que há uma intenção de despertar um efeito no ouvinte, pois há sempre uma intenção na enunciação. Nesse sentido, não há significado pré-definido das palavras, posto que é entendido considerando a intenção que o falante tem ao produzi-lo.

⁴¹ Os principais trabalhos de Brentano foram desenvolvidos no campo da Psicologia. De acordo com Brandist (2016, p. 20), “Brentano foi o responsável por iniciar a tendência de estudos no pensamento ético que leva ao trabalho de Max Scheler (1874–1928) sobre simpatia, no qual Bakhtin se inspirou fortemente em meados dos anos 1920”.

⁴² Seguidor de Brentano, Marty se propunha ao estudo da linguagem segundo uma perspectiva distinta das correntes proeminentes na Linguística e na Filosofia da Linguagem a ele contemporâneos. Para mais detalhes, conferir o seguinte artigo: <https://plato.stanford.edu/entries/marty/#ColNamDevColPer>. Acesso em: 5 mai. 2020.

Juntamente com Marty, Bühler⁴³, outro interlocutor de Brentano, também influenciou nas produções de Volochínov, sendo que se interessou especialmente pela psicologia e sua relação com a linguagem. Bühler propõe que a psicologia possui diversos aspectos, isto é, as experiências, o comportamento significativo e a correlação com as estruturas do espírito objetivo, sendo que o estudo da linguagem deve considerá-los, pois a linguagem é compreendida enquanto objeto da psicologia. O autor apresenta três funções da linguagem que compõem o “modelo organon”, que são expressão (Ausdruck), apelo (Appell) e representação (Darstellung). Além das três funções, o modelo também possui três fundações relacionais, denominadas destinador, receptor e as coisas ou estado de coisas representadas. Esse modelo de Bühler, segundo Brandist (2012), é ressignificado por Volochínov em favor de uma perspectiva social e se torna a base da teoria do enunciado bakhtiniano⁴⁴.

Assim, Brentano, Marty e Bühler exerceram grande influência para o posterior desenvolvimento da teoria do enunciado de Bakhtin e o Círculo, o que esclarece alguns dos fundamentos das discussões empreendidas na obra. Ademais, reforçamos a afirmação de que o Círculo toma por base as considerações de pesquisadores tanto em torno dos estudos da linguagem, quanto da literatura e da psicologia e dialoga com tais considerações, com base nas quais concebe a concepção dialógica da linguagem.

Elencamos acima algumas das principais bases da teoria enunciativa bakhtiniana, que fundamentam o pensamento do Círculo e embasam as discussões posteriores dos interlocutores contemporâneos da obra bakhtiniana na fundação de uma ADD. Sobre tal questão, reforçamos a ideia de que o Círculo não se propôs a criar uma Análise do Discurso, assim como foram fundadas a Análise de Discurso de vertente francesa e a Análise Crítica do Discurso, por exemplo. Reenunciamos as afirmações de Brait (2014b) quando a autora diz que atribuir a Bakhtin a intenção de realizar análise de discurso desloca o seu trabalho de sua real episteme. Em vez de considerar a obra do Círculo enquanto proposta de análise do discurso, é preferível levar em conta a natureza do conhecimento e como ele é concebido no decorrer dos escritos.

As contribuições da Filosofia da Linguagem e da Metalinguística para a fundação de uma Análise Dialógica do Discurso residem, principalmente, nas considerações em torno de um novo olhar que foi lançado nos estudos da língua de forma geral e suas implicações filosóficas. Segundo Brait (2014b) e Paula (2013), a primeira indicação de uma Metalinguística

⁴³ Bühler dedicou-se especialmente à teoria da comunicação, com base na qual propunha modelos de comunicação, que serviram de base para a proposição das funções da linguagem.

⁴⁴ Ressaltamos que, embora Volochínov não seja adepto do estrutural, as contribuições dos referidos autores foram ressignificadas em favor de uma postura dialógica, de modo que não foram consideradas enquanto categorias ou modelos, mas como fundamento para o estudo da psicologia e da linguagem, bem como sua relação.

é apresentada no capítulo “O discurso em Dostoiévski”, no qual Bakhtin (2010 [1929]) discute a perspectiva de estudos do discurso (que depois será denominada ‘relações dialógicas’) que ancora todas as suas análises da obra de Dostoiévski. Ele explica que a Metalinguística é necessária na medida em que une a dimensão linguística, isto é, a materialidade da língua, e o extralinguístico, o campo do discurso, da realidade concreta da língua. Embora a dimensão linguística tenha seu espaço nesta discussão, Bakhtin (2010 [1929]) afirma que tal dimensão não é suficiente para dar conta da língua enquanto fenômeno integral concreto (retomamos essa questão no capítulo 4).

Acerca dessa questão, Fiorin (2010) retoma a discussão em torno da existência ou não de categorias de análise nos escritos do Círculo. Embora o Círculo não tenha fundado de fato uma análise do discurso com categorias de análise específicas, a noção de que a linguística (enquanto materialidade, dimensão formal) já não seria suficiente para o estudo dos fenômenos linguísticos, de que a Metalinguística seria necessária para dar conta da real natureza da língua, conforme discutido anteriormente, fornece aí encaminhamentos que guiam o pesquisador nos empreendimentos de estudo da língua. Uma das questões que demonstra as contribuições do Círculo envolvendo percursos analíticos diz respeito à consideração do texto como um todo maior orgânico⁴⁵.

Tal noção influencia diretamente o olhar do pesquisador acerca da materialidade da língua, pois considerar que o texto não constitui uma grande frase ou um amontoado delas necessita de procedimentos de análise que deem conta desse fato. Assim, no caso da análise da dimensão linguística, foram necessários novos procedimentos a serem adotados pelo Círculo que dessem conta tanto da materialidade da língua quanto da dimensão extraverbal, que envolve toda palavra.

É preciso, além das análises linguísticas, dar conta também das relações que ocorrem no extraverbal, no contato da língua como a vida. Fiorin (2010), com base nos escritos do Círculo, explica que o sentido do texto não pode ser dado considerando apenas a dimensão linguística, uma vez que “o discurso é um objeto integralmente linguístico e integralmente histórico, o que significa que ele é uma estrutura linguística, gerada por um sistema de regras que define sua especificidade, mas, ao mesmo tempo, que nem tudo é dizível” (FIORIN, 2010, p. 36). É a análise no âmbito da Metalinguística que dá conta da dimensão extralinguística do estudo do texto, das condições de produção desses enunciados pois, de acordo com o autor, é o

⁴⁵ Autores como Acosta Pereira (2008; 2012; 2016; 2018) e Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011) têm usado o termo texto-enunciado, compreendendo que texto, na perspectiva dialógica, compartilha das mesmas peculiaridades constitutivo-funcionais do enunciado.

estudo do funcionamento real da linguagem, da historicidade do discurso. Interessa à Metalinguística a irrepetibilidade, isto é, a dimensão singular do enunciado.

São esses aspectos que devem ser levados em conta pelo pesquisador que se filia a uma Análise Dialógica do Discurso (e que herda da Metalinguística a intenção de ir além da dimensão linguística), de modo que o olhar dialógico penetre toda palavra, mas, em vez de uma visão redutora, através de uma visão que dê conta da complexidade de tal fato. Dessa maneira,

Quando o filósofo russo [Bakhtin] fala em dialogismo não está pensando no diálogo face a face, mas numa propriedade central dos enunciados: todo discurso é constituído a partir de outro discurso, é uma resposta, uma tomada de posição em relação a outro discurso. Isso significa que todo discurso é ocupado, atravessado, habitado pelo discurso do outro e, por isso, ele é constitutivamente heterogêneo. Todo enunciador, para construir seu discurso, leva em conta o discurso do outro, que está, por isso, presente no seu. (FIORIN, 2010, p. 40).

Nessa discussão, Brait (2014b) ratifica a negação de que Bakhtin criou uma teoria/análise dialógica do discurso. Em vez disso, a autora explica que a filosofia da linguagem que subsidia o pensamento bakhtiniano contribui para as discussões atuais envolvendo os estudos da linguagem e que, apesar de não ter sido a intenção do Círculo criar uma análise/teoria dialógica do discurso, seus escritos foram essenciais para o nascimento da ADD, especialmente pela convergência entre o pensamento bakhtiniano e a preocupação de teorias outras que se interessam em tratar de questões envolvendo a linguagem.

Considerando a convergência estabelecida entre a Filosofia da Linguagem/Metalinguística e a Análise Dialógica do Discurso, percebemos que há possibilidades de reacentuar e ressignificar os conceitos, ao mesmo tempo em que é possível a ampliação dos conceitos já existentes e a cunhagem de novos a partir da baliza desses estudos filosóficos. Um desses movimentos é proposto por Rodrigues (2001) no que diz respeito às cunhagens em torno das dimensões social e verbal do enunciado. Sobre o estudo da dimensão social, Rodrigues (2001) afirma que não pode ser considerada apenas como um componente que envolve o enunciado, mas o determina a partir do interior, sendo que tal vínculo se concretiza a partir da entonação. Além da dimensão social, Rodrigues (2001) propõe a análise da dimensão verbal. Nesse estudo, a autora se propõe a apreender o objeto do discurso, considerando os já-ditos e as atitudes responsivas, as estratégias estilístico-composicionais de enquadramento de enunciados outros.

A proposta da autora de analisar as dimensões social e verbal dos gêneros discursivos, precisamente nessa ordem, consiste na recuperação dos pressupostos do método sociológico de

estudos da linguagem (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929]), no qual as diretrizes partem do estudo da dimensão social, isto é, da esfera social, perpassa os gêneros do discurso para, então, dedicarem-se à análise dos elementos formais mobilizados na construção do enunciado. A partir das diretrizes do método sociológico, é possível ampliar as possibilidades de estudo do discurso.

Esse movimento de ressignificar e ampliar os conceitos é proposto também por Acosta Pereira (2008) quando o autor desenvolve a análise do gênero *notícia* a partir do estudo das visadas dialógico-valorativas. O autor propõe visadas dialógicas como movimentos dialógicos de discursivização, valorados e saturados por orientações ideológicas que organizam a construção estilístico-composicional dos textos-enunciados. Tais visadas são constituídas por posições ideológico-valorativas, que orientam a tomada de posição do interlocutor acerca de um determinado fato. O movimento de estudo das visadas dialógicas consiste na ampliação dos conceitos do Círculo, como a noção de valor e de ideologia, bem como as etapas do método sociológico de estudo da linguagem (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929]), posto que, com base nessas noções, Acosta Pereira (2008) propõe a análise da construção enunciativo-discursiva dos textos-enunciados a partir da análise dos elementos léxico-gramaticais e das posições ideológico-valorativas que orientam para dada posição.

Ainda nesse escopo, Brait (2013b) dedica-se ao estudo da verbo-visualidade. Segundo a autora, o estudo da verbo-visualidade dá conta da dimensão verbal e da visualidade, isto é, da articulação entre a dimensão linguística e a imagem, sendo ambos organizados num só plano de expressão. Para tanto, a autora se vale das possíveis contribuições de Bakhtin e o Círculo em torno de uma teoria da linguagem em geral, de modo que não se propõe, apenas, ao estudo da dimensão verbal, mas também dá indícios de possibilidades de análise do visual, de modo que a autora, com base em tais diretrizes, propõe um percurso de estudo que envolva a verbo-visualidade dos enunciados.

Em suma, ao mesmo tempo em que a Filosofia da Linguagem/Metalinguística oferecem as bases da ADD, tanto em termos da própria concepção de língua quanto na possibilidade de se analisar além da materialidade da língua, é possível ressignificar os conceitos e caminhos possíveis de análise, como as contribuições de Acosta Pereira (2008), Rodrigues (2001) e Brait (2013b) possibilitam a ampliação das propostas teórico-metodológicas e dos percursos de análise oferecidos pela ADD. Os autores, com base nos fundamentos da Filosofia da Linguagem/Metalinguística, que constituem as bases teóricas da ADD, oferecem caminhos analíticos possíveis para o estudo dos usos da linguagem.

De forma a legitimar nossa posição acerca da segunda inquietação levantada, analisamos como a Filosofia da Linguagem/Metalinguística se caracteriza enquanto base teórico-metodológica da ADD. Diante disso, entendemos que a área da ADD tem como base os fundamentos da perspectiva dialógica da linguagem, isto é, as bases da Filosofia da Linguagem de forma mais ampla, e da Metalinguística de forma mais pontual. Desse modo, as duas áreas convergem no que diz respeito às bases teórico-metodológicas envolvendo a perspectiva acerca dos fenômenos da linguagem. Sendo assim, a primeira traz contribuições no que diz respeito ao entendimento de uma filosofia da palavra, enquanto a segunda traz contribuições em torno do estudo da linguagem considerando o discurso enquanto concretude e o olhar que deve ser lançado para tal materialidade para se entender, de fato, seu sentido no todo do enunciado.

Com base em tais considerações, podemos responder a segunda inquietação levantada, que questiona como a Filosofia da Linguagem/Metalinguística se caracteriza enquanto base teórico-metodológica da ADD. Consideramos que a ADD constitui uma área consolidada, que retoma os fundamentos dos escritos de Bakhtin e o Círculo e da Filosofia da Linguagem/Metalinguística, mas que amplia tais bases para propor encaminhamentos analíticos possíveis e se dedica a estabelecer um conjunto de conceitos, diretrizes e caminhos metodológicos possíveis para os autores que procuram se filiar a essa área de estudos.

Diante das discussões trazidas, percebemos que a) a área da ADD retoma e amplia os conceitos propostos pela Filosofia da Linguagem/Metalinguística e que b) o escopo de interesses da ADD vai além do que propunha o Círculo, isto é, interessa-se não somente pela análise de textos literários, mas também pelo estudo do discurso, tanto no âmbito escolar quanto fora dele, de gêneros discursivos que circulam nas mais diferentes esferas de interação, pelas nuances de sentido constituídas a partir da mobilização de elementos da língua em um dado recorte espaço-temporal e como os sujeitos mobilizam esses elementos nos diferentes usos da língua, considerando os gêneros do discurso escolhidos, a situação de interação, a esfera social, etc., em um constante movimento de (re)validação dos dizeres de Bakhtin e o Círculo.

Após as considerações em torno da caracterização da Filosofia da Linguagem/Metalinguística enquanto base teórico-metodológica da ADD, direcionamo-nos para a discussão acerca das contribuições da ADD para o campo da Linguística Aplicada.

4.3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ADD À LUZ DOS ESCRITOS DO CÍRCULO

Nesta seção, procuramos responder nossa terceira inquietação, ou seja, **quais os fundamentos teórico-metodológicos da ADD à luz dos escritos de Bakhtin e o Círculo**. Para tanto, dividimos nossa proposta em dois momentos. Em um primeiro momento, reenunciamos os já-ditos acerca da ADD no Brasil a partir da retomada de estudos e pesquisas desenvolvidas por analistas filiados à ADD. Posteriormente, propomos uma meta-análise dos escritos do Círculo de maneira a refletirmos acerca dos percursos teórico-metodológicos presentes na obra.

4.3.1 Os já-ditos sobre a ADD no Brasil

Na presente seção, buscamos delimitar os aspectos gerais da ADD. Para tanto, retomamos considerações de autores que se filiam a essa área. Com base nos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores mencionados e as etapas de análise adotadas por eles, propomo-nos a refletir acerca dos aspectos gerais que caracterizam a área da ADD.

Sobre a fundação da ADD, conforme já afirmado (cf. seção 4.2), Brait (2014b; 2015) discute que, embora Bakhtin e o Círculo não tenham fundado uma análise do discurso e, portanto, não tenha sido proposta formalmente, conforme ocorreu com outras Análises do Discurso, a fundação da ADD foi possibilitada pelo todo da obra do Círculo, bem como pelas aproximações entre a ADD e a Filosofia da Linguagem/Metalinguagem, sendo a denominação atribuída por pesquisadores contemporâneos, possivelmente, de acordo com Brait (2013a), cunhada por Carlos Alberto Faraco. Assim, foi o conjunto da obra que permitiu, posteriormente, pensar caminhos de análises possíveis a partir das reflexões teórico-metodológicas e diretrizes propostas, ou seja, para se pensar uma teoria/análise dialógica do discurso. Nesse ínterim, Brait (2013a) explica que o conjunto da obra do Círculo e sua contribuição para a fundação de uma ADD não consiste em uma proposta fechada e linearmente organizada, conforme reenunciado a seguir:

A contribuição do pensamento bakhtiniano para o que hoje se denomina análise dialógica do discurso não implica, portanto, uma proposta fechada e linearmente organizada. Constitui, de fato, um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a postura dialógica diante de textos e discursos, o embate de valores e tensões que constituem a linguagem e, conseqüentemente, o ser humano. Além disso, a pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, sendo o caso, por exemplo, dos contextos de trabalho, dos contextos escolares, de esferas de produção como a jornalística, a publicitária, a científica e, evidentemente, a literária, a poética, a artística de forma geral. Nesse sentido, a forma de enfrentamento de textos e discursos da ADD diferencia-se das demais ADs e das semióticas em geral, como muitos trabalhos vêm

demonstrando, destacando-se, para tanto, os fundamentos filosóficos que constituem o pensamento bakhtiniano e que contribuem para suas singularidades, para sua identidade diferenciada. (BRAIT, 2013a, p. 3).

Dessa maneira, concordamos com Francelino (2013) quando o autor explica que a preocupação de um estudo ancorado na perspectiva dialógica da linguagem, considerando a proposta do Círculo em articular noções de sujeito, linguagem, discurso, etc., ao mesmo tempo em que não constituem arcabouço metodológico fixado, são caminhos possíveis para a constituição de dispositivos analíticos para o estudo de textos-enunciados sob diferentes pontos de vista acerca de um dado objeto:

Nossa preocupação reside em demonstrar como alguns conceitos formulados no âmbito dos escritos do Círculo de Bakhtin acerca das relações entre homem, linguagem e mundo, a despeito de não constituírem um arcabouço metodológico fechado/acabado, podem contribuir para a elaboração de um dispositivo propício à abordagem de textos/discursos, tanto do ponto de vista da produção quanto do da leitura. (FRANCELINO, 2013, p. 383).

Nesse ínterim, Marchezan (2014) toma o diálogo como caminho para o estudo da linguagem, pois é ele mesmo que a fundamenta na medida em que constitui e movimenta a vida social, que constitui a palavra como resposta e que também requer resposta. Segundo a autora, o ponto de vista dialógico não cria um objeto a ser estudado a distância, como algo neutro ou indiferente; na verdade, orienta o estudioso a levar em conta o enunciado, o texto, como vozes a serem ouvidas, com as quais deve entrar em diálogo, e não finalizá-las. Enquanto objeto dialógico, a linguagem requer a aproximação do outro, seu olhar dialógico, o entendimento de sua dimensão enquanto enunciado que se insere na comunicação discursiva, ao mesmo tempo em que pede uma visão de fora, para entender as forças que atuam na construção de seu sentido. É à luz dessas considerações que a linguagem deve ser estudada.

O diálogo fundamenta e também instrui a consideração da linguagem em ato, que constitui e movimenta a vida social, que surge como réplica social e contra a réplica que consegue antever. Guarda em relação à linguagem, assim entendida, estreita “adequação”. Da vida à teoria, o diálogo, de maneira recursiva, é identificado na ação entre interlocutores, entre autor e leitor, entre autor e herói, entre heróis, entre diferentes sujeitos sociais, que, em espaços e tempos diversos, tomam a palavra ou têm a palavra. (MARCHEZAN, 2014, p. 129).

Ao mesmo tempo, conforme já dito anteriormente, o pesquisador que se filia à ADD não encontrará etapas pré-definidas a serem seguidas. De acordo com Franco, Acosta Pereira e

Costa-Hübes (2020), para um empreendimento que se dedique à análise da linguagem, o pesquisador não deve buscar categorias fixas ou pré-definidas, que já tenham sido aplicadas ou estabelecidas a partir de percursos analíticos prévios, mas deve construir seu percurso de análise à luz do que os dados analisados oferecem.

Sendo assim, a obra do Círculo oferece um conjunto de conceitos e teorizações que viabiliza a fundação da ADD, mesmo que essas discussões não tenham sido apresentadas de forma linear ou que não tenha sido a intenção do Círculo fundar uma análise de discurso, conforme já dito. Brait (2007) explica que, em princípio, as discussões do Círculo em determinadas obras, ao mesmo tempo em que se dedicam especialmente aos estudos literários, mobilizam diversos conceitos e noções que fundamental a orientação sociológica. As obras *Problemas da Poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2010 [1929]) *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (BAKHTIN, 2008 [1965]), que tomam a literatura como objeto principal, oferecem considerações em torno das noções de gênero, polifonia, cronotopo, carnavalização, formas de incorporação do outro à linguagem, definição do “outro” bakhtiniano, vozes e, de forma mais geral, perspectivas de abordagem da linguagem em vez da aplicação de conceitos pré-estabelecidos; em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (BAKHTIN, 2014 [1975]), são trabalhados conceitos como plurilinguismo, a imagem da linguagem no discurso e o conceito de cronotopo.

De acordo com Brait (2007), em *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2011 [1979]), as discussões passam a trabalhar com a linguagem em geral e não somente a literatura. Porém, é com *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929]) que ocorre uma mudança de paradigma efetiva, em cuja obra são iniciadas de fato as discussões em torno da construção teórico-metodológica, que envolve grande parte da obra do Círculo.

Com base nestes e nos demais escritos do Círculo, “é possível definir, em linhas gerais, o embasamento constitutivo de uma possível Análise Dialógica do Discurso (ADD) como sendo a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos.” (BRAIT, 2015, p. 84). O pesquisador deve, ao se engajar nos estudos da linguagem, entender que os sentidos são produzidos necessariamente por sujeitos socialmente situados e estão enredados nas relações discursivas.

Retomamos em primeiro lugar as considerações de Brait (2006) quando a autora levanta alguns aspectos que marcam e singularizam essa ADD. O primeiro aspecto consiste no reconhecimento da multiplicidade de discursos que se encontram no mesmo texto ou num conjunto de textos, sendo que esses discursos se modificam, alteram ou subvertem suas relações, como consequência das mudanças da esfera de circulação. A noção de que um texto

é constituído por textos outros, e que esses enunciados formam elos entre si na comunicação discursiva é fundante para os pesquisadores da área. O segundo aspecto apresentado pela autora diz respeito às relações dialógicas como objeto de uma disciplina interdisciplinar, a Metalinguística acima citada, e que hoje é vista como o embrião da ADD.

Outro fator consiste no pressuposto teórico-metodológico de que as relações dialógicas são estabelecidas a partir de um ponto de vista assumido por um sujeito, em diálogo com vozes outras, com as quais dialoga. A noção de relações dialógicas é fundada por Bakhtin como passível de análise somente pela Metalinguística (embora não desconsidere a materialidade da língua), de modo que a noção da dimensão dialógica da linguagem possibilita o posicionamento do pesquisador em torno das diferentes vozes que constituem o enunciado. Também são entendidas como aspectos pertencentes à ADD as consequências teórico-metodológicas de que as relações dialógicas não são dadas, não estão prontas e acabadas num determinado objeto de pesquisa, mas estão sempre em constante diálogo com outros pontos de vista. Ademais, outro fator que demarca as particularidades da ADD consiste no papel das linguagens e dos sujeitos na construção dos sentidos, uma vez que os sujeitos não são considerados participantes de um “vácuo social”, mas que atuam ativamente e estão inseridos num contexto sócio-histórico, o qual não pode ser ignorado. Por fim, Brait (2006) levanta como último fator a concepção de texto como assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, que mobiliza discursos históricos, sociais e culturais para constituí-lo e constituir-se (BRAIT, 2006, p. 85).

Nesse sentido, Brait (2014b) explica que são dados constantes direcionamentos para o estudo do discurso que fundamentam uma análise dialógica, sendo que cabe ao leitor percorrer essas discussões, presentes nas diversas obras, e, a partir daí, delinear caminhos possíveis. Esse trajeto já foi percorrido por diversos interlocutores contemporâneos do Círculo, mas isso não esgota as possibilidades que a obra como um todo oferece.

Uma das discussões pertinentes para os pesquisadores da área diz respeito ao estudo de Acosta Pereira (2016) quanto à orientação sociológica para a análise da língua à luz das discussões do Círculo. Com base na concepção de língua e de sua real natureza, adotada pelo Círculo, o autor busca esmiuçar as diretrizes metodológicas do estudo da linguagem (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929]) que possibilitam o pesquisador entender que a unidade de análise consiste no enunciado, e não na língua como representação do pensamento do indivíduo ou como abstração (cf. seção 3.1), conforme reenunciado a seguir:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.

2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 129).

À luz de tais considerações, de acordo com as diretrizes propostas por Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]), Acosta Pereira (2016) reenuncia e aprofunda tais orientações. Segundo a discussão apresentada, o pesquisador deve partir do estudo da dimensão social para chegar à dimensão verbal, não como sequência estanque, mas de forma que a análise da forma sempre seja precedida pelo entendimento da dimensão social. Segundo Acosta Pereira (2016), o estudo da dimensão social dá conta do estudo das formas da língua em ligação com as condições concretas na qual se realizam, sendo que “a análise da esfera de atividade humana e do cronotopo passam a ser rotinas iniciais de investigação por parte do pesquisador.” (ACOSTA PEREIRA, 2016, p. 5). Assim, as análises são desenvolvidas a princípio considerando a situação mais ampla.

Em seguida, Acosta Pereira (2016) explica que o pesquisador que se dedica ao estudo do gênero do discurso que medeia a realização do enunciado, sendo que aqui são estudados seus elementos constitutivos, como conteúdo temático, estilo e construção composicional e sua mobilização na construção do enunciado, assim como a inter-relação entre esses elementos, que não deem ser analisados separadamente. Assim, o pesquisador se dedica ao entendimento das regularidades do gênero em questão, seja considerando sua dimensão social, seja sua dimensão verbo-visual (RODRIGUES, 2001; ACOSTA PEREIRA, 2008; 2012). Por fim, a orientação sociológica de estudo da linguagem proposta pelo Círculo afirma que, após o estudo da esfera da atividade e do gênero que medeia a concretização desse enunciado, é possível a análise das formas da língua na medida em que “o pesquisador, sob o matiz sociológico, procura entender quais os sentidos que são agenciados no uso de determinadas formas linguísticas no gênero do enunciado.” (ACOSTA PEREIRA, 2016, p. 6). Neste momento, o estudo das formas da língua busca evidenciar os sentidos projetados pelas escolhas linguístico-discursivas na construção do enunciado, assim como a maneira pela qual são mobilizados no discurso. Sendo assim, os direcionamentos para uma orientação sociológica no estudo da linguagem são esmiuçados, como discutido anteriormente, em favor de oferecer ao analista do discurso filiado à ADD etapas convergentes com a perspectiva de língua adotada e que, de fato, seja adotado um olhar dialógico para os dados, pois somente o estudo da materialidade não é suficiente para o entendimento do enunciado se são desconsideradas suas condições de produção.

Sobre o estudo das noções de texto e de discurso, Brait (2012) explica que são centrais para a ADD, tanto em termos teóricos quanto as suas consequências metodológicas. Em primeiro lugar, a autora explica que a noção de texto proposta pelo Círculo se afasta de uma perspectiva de texto autônomo, considerado somente em termos de materialidade, de modo que vincula essa noção de texto a sua dimensão social, “ligada ao enunciado concreto que o abriga, a discursos que o constituem, a autoria individual ou coletiva, a destinatários próximos, reais ou imaginados, a esferas de produção, circulação e recepção, interação.” (BRAIT, 2012, p. 10). Segundo a autora, a noção de texto procura expressar a impossibilidade de analisá-lo somente em sua dimensão linguística, o que acaba gerando inquietações por esse mesmo termo estar presente em outras teorias que o associam unicamente a sua dimensão linguística. Desse modo, em muitos momentos o termo é substituído por enunciado/enunciação.

A noção de discurso, por sua vez, é abordada diretamente por Bakhtin (2010 [1929]), conforme já discutido (cf. seção 3.3) como a língua em sua integridade concreta e viva, já que o autor afirma que é no discurso que se estabelece a arena de vozes, isto é, no qual as relações dialógicas são possíveis, dado que não ocorrem entre os elementos da língua. Entender as noções de texto e discurso segundo a perspectiva dialógica da linguagem significa, portanto, compreender que os sentidos não estão dados, que são construídos a cada uso da língua, a cada emprego, ao mesmo tempo em que leva em conta os significados estabilizados, mas entende que não são suficientes para se entender, de fato, o sentido do enunciado.

Nesse mesmo panorama, Rohling (2014) discute que o interesse da ADD está direcionado para o discurso, um dos conceitos basilares de Bakhtin e o Círculo, posto que o discurso é o objeto primeiro de estudo da ADD. Segundo a autora, estudar a linguagem leva o pesquisador a entender que todo discurso estabelece necessariamente relações dialógicas com o discurso do outro, relações essas que podem ser de concordância, de discordância, ou seja, podem ser de convergência ou divergência. Sobre essa questão, Bakhtin (2010 [1929]) explica que as relações dialógicas são próprias a todo discurso, de modo que entender o sentido do discurso significa compreender sua orientação dialógica, os discursos aos quais responde e os que antecipa, de modo que não pode ignorar os elos dialógicos que constituem o todo do discurso.

Considerar as relações dialógicas no estudo do discurso, segundo Bakhtin (2010 [1929]), significa que, além da materialidade da língua, é necessário levar em conta o polo do sentido. Brait (2014b) e Acosta Pereira e Rodrigues (2015) discutem que a noção da Metalinguística é uma das primeiras indicações de que o Círculo se propõe a pensar caminhos possíveis em torno da perspectiva dialógica da linguagem e que, portanto, há indicações de

percursos metodológicos no decorrer da obra. Nessa discussão, Bakhtin (2010 [1929]) busca unir duas perspectivas de estudo da língua: o estudo das formas da língua, de um lado, e a análise da dimensão social, de outro. Ambas, até então vistas como opostas e que, portanto, não dialogariam, são revisitadas por Bakhtin (2010 [1929]) em favor de uma concepção de língua que veja ambas as dimensões enquanto complementares. Outros autores como Franco, Acosta Pereira e Costa-Hübes (2020) ressaltam que os resultados da Linguística não são desconsiderados, porém não são suficientes em uma perspectiva dialógica para o estudo do discurso:

[...] o discurso está relacionado à língua(gem) em sua integridade concreta e viva, o que significa afirmar que estudar a língua, na perspectiva do Círculo, não se limita a considerá-la como representação individual, de um lado, ou como mero sistema linguístico, de outro. O entendimento bakhtiniano de língua(gem), portanto, considera particularidades enunciativas e discursivas direcionadas para contextos mais amplos, para o que se deve conhecer como extralinguístico nas enunciações. (FRANCO; ACOSTA PEREIRA; COSTA-HÜBES, 2020, p. 293).

Em outros termos, já nesta discussão proposta por Bakhtin (2010 [1929]) em torno da Metalinguística, como lembra Brait (2014b), o autor responde às propostas que “eliminam” o polo da língua em favor de um estudo eminentemente social, que desconsideravam, por outro lado, qualquer referência à dimensão linguística. Em vez de apagar a dimensão linguística, o Círculo lança um olhar dialógico sobre tal fenômeno, de modo que propõe o estudo do discurso “sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão.” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 207), isto é, um enfrentamento dialógico da linguagem, que leve em conta as relações dialógicas acima citadas.

Além disso, em termos de orientações teórico-metodológicas para o estudo do discurso segundo a ADD, Acosta Pereira e Rodrigues (2015) fazem um levantamento das questões para as quais o pesquisador precisa atentar ao analisar o discurso. A primeira característica apresentada pelos autores consiste na “concepção de discurso como língua viva, a língua em uso em contextos de interação específicos.” (ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2015, p. 80). Segundo tal característica, o estudo ancorado na ADD deve considerar a língua viva, em seu contexto de uso e a dimensão extralinguística que a envolve. A segunda característica levantada diz respeito “ao estudo do enunciado como a forma material do discurso.” (ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2015, p. 80), isto é, como a materialidade semiótica na qual todo discurso se concretiza.

O terceiro fator diz que “o estudo do discurso [deve ser realizado] a partir das relações dialógicas com outros discursos.” (ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2015, p. 80), ou seja, o estudo do enunciado deve levar em conta os elos que todo dizer estabelece com dizeres outros, com os já-ditos em torno de um dado objeto do discurso. O quarto encaminhamento envolve “o estudo das relações dialógicas enquanto relações semântico-axiológicas, isto é, relações de sentido que se engendram na constituição e no funcionamento do discurso, saturadas de projeções valorativas e ideológicas.” (ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2015, p. 81). Dito de outro modo, envolve a consideração das relações de sentido e dos sentidos projetados a partir da constituição do discurso em ligação com dizeres outros, com os discursos produzidos num dado horizonte apreciativo compartilhado.

Ainda no que diz respeito às características teóricas e metodológicas do estudo do discurso segundo a ADD, Acosta Pereira e Rodrigues (2015, p. 81) trazem como quinto percurso “o estudo das projeções valorativas e ideológicas como índices sociais plurivalentes que consubstanciam o discurso e o situam em determinados horizontes sócio-histórico-culturais.”, ou seja, considerar que todo discurso se constitui num dado horizonte social valorativo, compartilhado pelos interlocutores em um recorte espaço-temporal específico. Por fim, a sexta característica citada pelos autores consiste no seguinte dizer: “o estudo das formas da língua (uso de recursos lexicais, gramaticais, textuais) como resultado da relação expressiva do sujeito com o seu discurso em situações singulares e concretas de interação verbal.” (p. 81). Em outras palavras, os autores propõem que o estudo da dimensão linguística não deve ser separado da dimensão extralinguística, isto é, dos fatores sociais que envolvem a produção de um dado dizer, pois tais condições orientam a seleção de elementos gramaticais, lexicais e sua ordenação sintática.

Para que esses estudos sejam possíveis, é necessário o entendimento da palavra segundo a orientação sociológica, conforme o discutem Acosta Pereira e Brait (2020a), sendo que os autores utilizam o termo palavra-enunciado. Para tanto, os autores retomam a noção de signo ideológico que, segundo Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]), consiste na encarnação material da realidade, sendo que todo objeto pode se tornar um signo, porém a palavra exerce o papel de signo por excelência. Todo signo, por sua vez, é ideologicamente saturado, de forma que necessariamente sempre expressa uma avaliação social, um ponto de vista, sendo que essa constituição ideológico varia, pois “a depender da esfera da atividade humana, das condições da situação de interação, a palavra é atravessada pelas projeções e ressonâncias ideológico-valorativas destas.” (ACOSTA PEREIRA; BRAIT, 2020a, p. 130).

Nessa mesma ótica, Sobral e Giacomelli (2016) retomam que a ADD lida com enunciados (discursos) produzidos socialmente, o que mobiliza os enunciados, os gêneros do discurso que medeiam as realizações desses enunciados e as significações na língua. Para tanto, busca realizar aproximações entre as relações de sentido entre os enunciados, as relações entre os elementos da língua e o uso da linguagem, uma vez que a base das análises não consiste na gramática, e sim a língua em contexto. Em termos de diretrizes metodológicas, Sobral e Giacomelli (2016, p. 1092) propõem os seguintes caminhos:

- a) Partir de textos efetivamente produzidos: a ADD parte da língua em uso, pois trabalha com enunciados. Desse modo, a ADD se ocupa de textos-enunciados reais de gêneros discursivos.
- b) Verificar de que modo os sujeitos realizam interações com esses exemplares de gêneros: a ADD procura entender a que projetos discursivos os enunciados servem, isto é, para que propósitos esses enunciados circulam socialmente.
- c) Examinar as formas linguísticas em sua significação habitual: a ADD considera que os enunciados são produzidos necessariamente a partir de elementos da língua, sendo que a mobilização desses elementos é orientada para a produção de determinados sentidos.

Além dessas discussões, os autores apresentam determinados passos para o analista do discurso dar conta do seu objeto de estudo. Propõem que o pesquisador deve descrever o objeto no que diz respeito a sua materialidade linguística e suas características enunciativas; deve analisar as relações estabelecidas entre os níveis micro e macro (da língua e da enunciação, respectivamente). Por fim, o pesquisador deve interpretar os sentidos produzidos por esses enunciados a partir das aproximações entre a materialidade do enunciado e sua dimensão social.

Os percursos propostos pelos autores propõem que o pesquisador não fique somente no nível descritivo do objeto, isto é, no movimento de desvendá-lo e apresentá-lo para seu leitor de forma minuciosa e, por conseguinte, descure da análise dos sentidos do enunciado. Ao mesmo tempo, demonstra ao pesquisador que o estudo somente da materialidade não é suficiente para as intenções da ADD, mas é necessária para entender a motivação de determinadas escolhas e não outras. Os caminhos propostos pelos diversos autores citados são rotas possíveis ao pesquisador que se filia à ADD. Ao mesmo tempo, não são caminhos estanques, mas diretrizes que o estudioso deve considerar ao se filiar a uma perspectiva dialógica, uma vez que desconsiderar qualquer das dimensões levantadas pode tangenciar o estudo do discurso em termos de perspectiva teórico-metodológica.

Outro caminho proposto por Sobral e Giacomelli (2018) consiste na análise dialógica de textos considerando as dimensões da significação e do sentido (ou tema, conforme usado por

Bakhtin (Volochninov) (2009 [1929])). Para os autores, o sentido é construído nas relações enunciativas entre interlocutores, em conjunto com as significações, mas não restrito somente a estas. As significações são mais ou menos estabilizadas, de modo que impregnam as palavras de uma determinada significação, porém o contato da palavra com a vida produz sentidos que só são possíveis quando se torna enunciado e, portanto, leva em conta as condições na quais essa palavra foi enunciada, de forma que o sentido se renova a cada enunciação, a cada interação. Dito de outro modo, enquanto a significação impregna a palavra de forma mais ou menos fixa, como algo já dado, o sentido não pertence à palavra, pois é essencialmente social e se ressignifica a cada movimento dialógico, a cada contato com sentidos outros. Nessa medida, para os autores, o estudo da língua que leve em conta a produção de sentidos só é possível se levar em conta que esses sentidos se manifestam em superfícies discursivas, sem, no entanto, deixar de lado a significação.

Levando em conta os pressupostos delineados no parágrafo anterior, os autores explicam que são necessárias, para se entender o sentido do enunciado, outras noções, como de sujeito, discurso e valoração. O analista deve considerar que o sujeito se constitui socialmente, isto é, sua subjetividade é constituída no social, no espaço do interindividual, na relação com o outro. Ao mesmo tempo, deve entender que o discurso é o espaço de encontro de vozes, de diálogo entre vozes de diferentes sujeitos, e não expressa a criação individual do sujeito que enuncia, e que todo discurso expressa um ponto de vista, uma opinião, seja convergente ou divergente, ou seja, todo discurso carrega um valor e, para entender esse valor que constitui todo discurso, o analista deve levar em conta não somente os fatores linguísticos, mas o extraverbal que envolve o discurso. É nesse panorama que Sobral e Giacomelli (2018) propõem a compreensão do sentido do discurso.

À luz das discussões apresentadas até então, podemos, com base nas considerações de Acosta Pereira e Brait (2020a), levantar os aspectos que possibilitam a reflexão em torno do estudo/estatuto dialógico da palavra-enunciado, que são: sua natureza semiótico-ideológica; a neutralidade ideológico-valorativa da palavra; a possibilidade de interiorização e o ato enunciativo. O primeiro aspecto diz respeito ao fato de que todo signo é ideológico e que sem signo não existe ideologia e vice-versa. Ao mesmo tempo, o signo responde às necessidades da esfera de interação e das condições de enunciação como um todo, de forma que um dado signo está sempre vinculado a um dado horizonte ideológico-valorativo e, fora dessas condições, perde seu sentido. O segundo aspecto está relacionado ao anterior e afirma que todo signo é neutro no sentido que a mesma palavra (repetível em termos de materialidade) pode atender a diferentes propósitos, de forma que absorve toda carga ideológica. Assim, o mesmo signo pode

produzir diferentes sentidos na medida em que está vinculado a diferentes contextos sócio-históricos.

O terceiro aspecto mencionado se refere ao fato de que toda palavra interiorizada tem origem no social. Dito de outro modo, não é a partir da consciência individual de cada sujeito que a palavra existe, mas no contato com a vida, enquanto fato social e ideológico, que é interiorizada. Portanto, segundo os autores, a consciência é da ordem do social-sígnico. Por fim, o quarto aspecto levantado pelos autores se refere ao fato de que, toda palavra, seja do discurso interior, seja do exterior, somente se realiza como palavra-enunciado. Aqui, a palavra é concebida como unidade da comunicação discursiva. Com base nas discussões em torno da palavra-enunciado e do signo ideológico, Acosta Pereira e Brait (2020a, p. 135-136) propõem algumas considerações teórico-metodológicas:

- i) O signo é o material das formas de (re)conhecer, compreender e apreender a realidade social;
- ii) Todo signo é ideológico por natureza;
- iii) A forma de encarnação material dos signos, por excelência, é a palavra;
- iv) Toda palavra reflete e refrata realidades;
- v) Toda palavra é caracterizada pela neutralidade ideológico-valorativa;
- vi) A neutralidade ideológico-valorativa diz respeito às múltiplas possibilidades semântico-axiológicas da palavra;
- vii) Toda palavra pode ser interiorizada;
- viii) A palavra é entendida como palavra-enunciado.

Segundo os autores, as propostas acima elencadas convergem com as diretrizes metodológicas presentes no decorrer da obra do Círculo, de modo que, com base nos escritos, é possível pensar caminhos metodológicos segundo uma perspectiva dialógica. As diretrizes acima mencionadas entram em diálogo com o método sociológico de estudo da linguagem já mencionado, que parte do estudo das condições sociais de interação, sejam as imediatas, sejam as mais amplas, levando em conta as condições sócio-históricas nas quais a interação se realiza. Em seguida, dedica-se ao estudo dos gêneros do discurso enquanto mediadores da realização dos enunciados para, enfim, chegar às formas linguísticas entendidas como tal, isto é, ao estudo da língua enquanto materialidade, sempre em diálogo com o estudo da dimensão social. São direcionamentos pensados, portanto, a partir de retomadas dos conceitos discutidos pelo Círculo, que ressignificam e ampliam os caminhos possíveis do analista de discurso filiado à ADD.

Em diálogo com as considerações anteriores, Oliveira, Huff e Acosta Pereira (2019) propõem caminhos para o estudo da palavra-discurso à luz dos escritos do Círculo. Assim, com base nas considerações presentes nas obras reenunciadas, é proposta uma discussão guiada por

termos-chave e/ou parâmetros que possam oferecer, ao analista do discurso, caminhos para o estudo do discurso sob um matiz enunciativo-discursivo e de escopo sócio-histórico-dialógico. Segundo os autores, com base no ensaio “Apontamentos de 1970-1971” (BAKHTIN, 2011 [1979]), a palavra-discurso só pode ser entendida no seu contexto de uso e investigada à luz dos pressupostos da Metalinguística na medida em que somente ela possibilita o entendimento das relações de sentido que se entretecem no discurso. Ao mesmo tempo, consideram que o discurso, ao mediar os sentidos, estabiliza-os considerando as marcas ideológico-valorativos que constituem as esferas nas quais as interações ocorrem. Sendo assim, o estudo do discurso deve contemplar os dois planos, quais sejam, o da repetitividade e o da não-repetitividade. O estudo da palavra-discurso consiste em um caminho, por conseguinte, para o estudo do sujeito, na medida em que o próprio sujeito só se constitui enquanto tal na interação, mediada pelo discurso, ou seja, na intersubjetividade.

Ainda, os autores dialogam com o ensaio “Metodologia das Ciências Humanas” (BAKHTIN, 2011 [1979]). Já nesta discussão, é esclarecido que o Círculo não coaduna com teorias formalistas e estruturalistas, de forma que fica claro para o leitor que o Círculo não adota uma perspectiva de língua entendida como sistema autônomo e fechado. À medida que desenvolve a discussão, Bakhtin propõe que o objeto das Ciências Humanas é o sujeito falante, expressivo, individual, único e que produz/constrói sentidos. Assim, para Oliveira, Huff e Acosta Pereira (2019) o pesquisador que se filia a uma perspectiva dialógica não encontra um objeto morto ou silenciado, mas interage com ele. Entender essa relação com o outro significa levar em conta que há o encontro entre diferentes horizontes sociais, de forma que não existe somente a língua, mas também o enfrentamento de pontos de vista, vozes, olhares e perspectivas únicas, que, ao se enfrentarem, constroem e produzem sentidos. Ao mesmo tempo, todo sujeito é produtor de textos únicos, que existem somente na relação dialógica que estabelecem entre si. Sendo assim, se todo sujeito, único e expressivo, produz textos, nenhuma palavra é a última a ser dita, pois sempre requer uma atitude responsiva, ou seja, sempre espera uma resposta. À luz de tais discussões, o analista do discurso filiado à ADD encontra caminhos para o estudo da palavra-discurso, do sujeito, para a compreensão do objeto das ciências humanas, bem como o entendimento de que todo discurso remete a um outro, isto é, nenhum enunciado pode ser entendido sem que se levem em conta as suas condições de produção, assim como as relações que estabelece com os já-ditos e com os pré-figurados.

Ainda sobre o estudo do discurso, Francelino (2013) reflete sobre as práticas de escrita nos espaços midiáticos e, com base em tal análise, apresenta proposições que possibilitam a construção de um dispositivo analítico como subsídio analítico à luz dos escritos de Bakhtin e

o Círculo e da perspectiva da ADD. Em outros termos, o autor busca entender os sentidos produzidos a partir das relações dialógicas estabelecidas entre os dizeres. Sendo assim, o estudo esclarece os tons dialógicos que entrelaçam e inserem os enunciados na comunicação discursiva, tanto por meio de estratégias enunciativo-discursivas, na medida em que a mobilização das formas da língua responde às intenções dos autores dos textos-enunciados analisados, de maneira a atenderem seus projetos de dizer, no entremeio do individual e do social. Para o desenvolvimento desse estudo, o autor apresenta encaminhamentos enquanto gestos analíticos para o estudo da escrita, reenunciados a seguir:

- 1) A escrita em perspectiva dialógica pressupõe uma constitutiva relação entre sujeitos historicamente situados, que representam, pelo menos, dois pontos de vista, duas posições ativas responsivas.
- 2) A escrita em perspectiva dialógica requer um sujeito autor, uma posição ativa valorativa responsável pelos posicionamentos veiculados. Isso implica, para o sujeito, i) uma inscrição no universo sócio-histórico e ideológico em que ocorre a interação, bem como seu envolvimento com o objeto de discurso de que trata; ii) uma inscrição na língua, esta compreendida como organismo vivo, real, concreto, cujas formas atendem a um projeto de comunicação socioverbal; iii) uma inscrição na situação (imediate e/ou ampla) de interação na qual as enunciações ocorrem.
- 3) A escrita em perspectiva dialógica demanda o exercício da escolha de estratégias linguístico-enunciativas propícias à veiculação da expressividade, do estilo, do tom emotivo-volitivo do projeto de dizer de seu autor, dentre as quais, para fins exemplificativos, podemos citar: emprego de estruturas morfossintáticas, uso de relações lógico-semânticas, seleções lexicais, utilização de recursos tipográficos, emprego de sinais de pontuação, de registros de linguagem, de diferentes estratégias argumentativas (por comparação, por alusão histórica etc.), de discurso reportado, dentre outras possíveis.
- 4) A escrita em perspectiva dialógica pressupõe um espaço social de produção/circulação/recepção que confere ao enunciado características prototípicas responsáveis por sua identificação/reconhecimento por parte dos sujeitos da interação. O fórum de debate recortado para a análise a seguir possibilita determinadas formas de atuação/intervenção subjetiva que possivelmente não ocorrem, por exemplo, em um fórum de natureza acadêmica. (FRANCELINO, 2013, p. 388).

Em adição, diversos autores discutem caminhos possíveis para o estudo dos gêneros do discurso, de forma que a ADD possa “compreender as regularidades enunciativas e discursivas presentes no funcionamento dos gêneros discursivos.” (FRANCO; ACOSTA PEREIRA; COSTA-HÜBES, 2020, p. 294). Na análise dos gêneros, Rodrigues (2001) propõe que sejam consideradas duas dimensões, a dimensão social e a verbal. No estudo da dimensão social, deve-se levar em conta a esfera social na qual o gênero circula, as condições de produção, recepção e circulação na referida esfera, a situação de interação, o lugar discursivo do gênero, sua posição de autoria, o leitor previsto, assim como os demais aspectos constituintes do gênero

estudado. Quanto à dimensão verbal, a autora propõe que sejam levados em conta seu conteúdo temático, seu estilo e sua construção composicional, os movimentos estratégicos de (re)enunciação do discurso de outrem, isto é, considera suas regularidades enunciativo-discursivas e linguístico-textuais (ACOSTA PEREIRA; BRAIT, 2020a). Em diálogo, Acosta Pereira (2008; 2012) propõe o estudo da dimensão verbo-visual, que dá conta, para além da materialidade propriamente dita do enunciado, os demais recursos multimodais que constituem o enunciado, como imagens e fotografias, por exemplo.

Ainda acerca do estudo dos gêneros do discurso, Sobral e Giacomelli (2016) explicam que, para a ADD, entender o funcionamento dos gêneros do discurso significa levar em conta os três aspectos que os constituem, sem que sejam separados, que são a construção composicional, o estilo e o conteúdo temático. Segundo os autores, à luz de tais elementos, a ADD busca compreender o tema do enunciado em termos de sentidos projetados. Em outros termos, o estudo dos gêneros discursivos, segundo os autores, não constitui uma análise dos aspectos de forma separada, como partes de uma estrutura, e sim como um todo orgânico, sócio-historicamente determinado e que baliza a construção do enunciado.

Outro exemplo consiste no estudo de Francelino, Santana e Leal (2019), no qual os autores analisam a capa de uma edição da Revista *IstoÉ*, de maneira que as análises levam em conta a linguagem verbo-visual que compõe o gênero discursivo analisado à luz da perspectiva dialógica, especialmente considerando a noção de dialogismo e se filia à ADD. Com base nisso, os autores se propõem a entender as relações dialógico-valorativas concretizadas no gênero em questão, considerando seu suporte, sua esfera de circulação, assim como as condições espaço-temporais nas quais o texto-enunciado analisado foi produzido. Dessa maneira, são desconstruídos os enunciados verbais e visuais mobilizados para a construção do texto analisado, para o entendimento dos sentidos projetados pela capa em específico, o que necessitou da compreensão das condições sociais e políticas do momento de sua publicação.

Por fim, buscamos reenunciar as considerações de estudiosos da ADD no que diz respeito à noção de cronotopo. Acosta Pereira e Oliveira (2020a, p. 101-107) discutem caminhos possíveis para o estudo do cronotopo à luz de proposições e questões norteadoras que guiam o analista acerca das possibilidades de análise oferecidas por essa noção. Uma das diretrizes oferecidas pelos autores consiste na afirmação de que o cronotopo se refere às amplitudes espaço-temporais do discurso, isto é, que o cronotopo proporciona o entendimento do horizonte espaço-temporal do discurso. Isso significa dizer que, a partir do estudo do cronotopo, é possível a análise do tempo-espaço no qual o discurso se constitui/função/circula/é recebido, as marcas históricas/culturais/políticas e econômicas,

ideológico e valorativas dessas relações espaço-temporais, bem como as marcas linguístico-textuais que são mobilizadas na construção do discurso. O segundo encaminhamento dos autores traz que o cronotopo engendra uma imagem de sujeito. Dito de outro modo, o cronotopo, a partir dos matizes sociais, históricos, culturais, políticos, econômicos e ideológico-valorativos, projeta uma imagem de sujeito, que é regularizada em um dado momento histórico e em um dado espaço social, de forma que tal imagem é ideológica e valorativamente constituída. A partir da compreensão da imagem de sujeito, esse estudo possibilita o entendimento de como os referidos matizes projetam a referida imagem, como a imagem de sujeito projetada denota um determinado sentido, como se relaciona com outras imagens de sujeito e quais as marcas linguístico-textuais que tal imagem mobiliza no discurso.

O terceiro percurso discutido pelos autores aborda que o cronotopo pode ser entendido como uma unidade fundamental na percepção humana da realidade cotidiana, ou seja, as possibilidades que o cronotopo oferece para a significação da realidade. Essa discussão traz que, à luz do cronotopo, são possíveis diferentes formas de apreender e compreender a realidade dado que as relações espaço-temporais refletem e refratam diferentes posições ideológico-valorativas. Sendo assim, o estudo das relações espaço-temporais proporciona o entendimento de como o cronotopo permite uma dada forma de compreensão da realidade social, como o cronotopo determina um determinado horizonte aperceptivo em detrimento de outros, ao mesmo tempo em que valora a realidade de uma dada forma e não de outra, bem como as marcas linguístico-textuais do discurso que significam e refletem dada percepção da realidade. Em adição, no quarto percurso, à luz do cronotopo, é possível entender a evidência histórica de atividades sociais manifestadas em textos, isto é, proporciona o estudo das formas linguístico-discursivas mobilizadas no discurso e que trazem ressonâncias das balizas sociais, históricas, culturais e político-econômicas.

A quinta reflexão proposta pelos autores trata da amplitude ideológico-valorativa da baliza espaço-temporal dos textos. Conforme dito, todo discurso é ideológico-valorativamente constituído, de forma que responde às condições do espaço-tempo no qual foi produzido. Sendo assim, à luz do estudo do cronotopo, é possível entender como a esfera da atividade humana/a situação de interação/a materialidade linguístico-discursiva respondem ideológico-valorativamente às balizas do cronotopo. Ainda, na sexta proposta, os autores tratam da visão de mundo social no texto e o princípio de construção de mundos discursivos. Isso significa que todo discurso apresenta um dado recorte da realidade, de forma que sempre é constituído ideológico-valorativamente. Sendo assim, esse estudo permite o entendimento de como o discurso significa a realidade à luz do cronotopo e como essas marcas são discursivizadas na

materialidade. O sétimo encaminhamento traz a correlação orgânica do cronotopo com práticas culturais específicas. Segundo os autores, a cultura, enquanto constructo cronotópico, consiste em um conceito fluido, aberto e transgressivo, de forma que vive e se entretetece nas relações espaço-temporais. Portanto, a partir do estudo do cronotopo, é possível entender como este estabiliza práticas culturais, possibilita o diálogo entre essas práticas e como suas marcas são discursivizadas na materialidade.

A oitava diretriz dá conta do impulso gerativo de discursos e suas formas típicas. De acordo com os autores, é o cronotopo que estabiliza as formas de dizer e de agir socialmente, sendo que, como toda tomada da palavra ocorre necessariamente em um determinado cronotopo, são as relações espaço-temporais que tipificam a relativa estabilização dos gêneros discursivos. Assim, é possível entender como a relativa estabilização dos gêneros responde às balizas do cronotopo e como as marcas linguístico-discursivas são mobilizadas na construção do discurso em um dado gênero. O nono percurso trata da construção semântica de ordem representacional e refratária do cronotopo, ou seja, das forças centrípetas e centrífugas que atuam respectivamente na centralização e unificação de sentidos e na pluridirecionalidade e diversas nuances. Dessa forma, à luz de tal discussão, é possível entender como o discurso representa a realidade social, como as formas centrípetas reforçam tal representação, como a realidade é refrata e como as marcas linguístico-discursivas são mobilizadas na construção do discurso. Por fim, o décimo item trata do cronotopo como memória dos gêneros do discurso, ou seja, como as balizas do cronotopo determinam a estabilidade dos gêneros, ao mesmo tempo em que possibilitam sua resignificação. Sendo assim, é possível entender como os discursos trazem marcas da história, como essas marcas respondem às mudanças cronotópicas e quais as marcas linguístico-discursivas de tais mudanças no discurso.

Considerando as discussões renunciadas, o estudo do cronotopo pode ser desenvolvido à luz do estudo do discurso, das relações dialógicas e dos gêneros discursivos na medida em que se entretecem no funcionamento do cronotopo, ao mesmo tempo em que funcionam em relações espaço-temporais fluidas e em constante resignificação. Dito de outro modo, os percursos analíticos para o estudo do cronotopo dialogam com outras noções convergentes, o que permite entender como o cronotopo atua enquanto baliza das relações interlocutivas.

A partir do diálogo com as diferentes propostas discutidas no decorrer desta seção, é possível corroborarmos as afirmações de autores filiados à ADD que propõem que não há caminhos fixos a serem seguidos pelo pesquisador, ao mesmo tempo em que, a cada análise, a cada novo movimento de releitura das obras, é possível pensar outras rotas de análise que deem

conta dos novos usos da língua, dos novos sentidos produzidos. Ao mesmo tempo, os caminhos não se esgotam nas propostas mencionadas, de forma que, nos diferentes estudos desenvolvidos, os percursos de análise se constituem a partir do que os dados oferecem, e não o contrário.

Após a apresentação dos aspectos gerais da ADD, passamos para a seção 4.3.2, na qual tratamos dos pressupostos metodológicos presentes nos escritos analisados.

4.3.2 A meta-análise dos escritos do Círculo e as inteligibilidades sobre aspectos teórico-metodológicos da/para a ADD.

Na presente seção, pretendemos desenvolver uma meta-análise dos encaminhamentos metodológicos encontrados nos escritos de Bakhtin e o Círculo. Assim, dedicamo-nos a retomar questões metodológicas em torno da Análise Dialógica do Discurso a partir das propostas presentes nos escritos de Bakhtin e o Círculo. Para tanto, propomos a seguinte organização: retomamos alguns dos principais conceitos discutidos na obra de Bakhtin e o Círculo, como cronotopo, discurso, ideologia, valoração⁴⁶ e enunciado, bem como abordamos a questão do tratamento das formas lexicais e gramaticais nos escritos, em diálogo com as discussões de interlocutores contemporâneos do Círculo. Ainda, relembramos, conforme discutido na seção 2.3, a discussão tem caráter metateórico, de forma que propomos o desenvolvimento de meta-análises dos excertos da obra do Círculo que reenunciamos. Assim, buscamos desconstruí-los em favor dos percursos oferecidos e delinear etapas de estudo possíveis à luz de uma meta-análise.

Em outros termos, propomos uma (re)leitura dos conceitos acima citados e das diretrizes metodológicas presentes no conjunto da obra do Círculo, ao mesmo tempo em que dialogamos com discussões do Círculo e pesquisadores filiados aos seus escritos e com a ADD e, a partir desse diálogo entre diferentes vozes em torno de um mesmo objeto do discurso (BAKHTIN, 2011 [1979]), esclarecemos, para o leitor, os caminhos metodológicos para o estudo da linguagem para a pesquisa em ADD.

Para tanto, os excertos são enumerados de 1 a 135, com os respectivos números em parênteses e, sempre que reproduzirmos os excertos a serem analisados, estes seguem formatação específica, isto é, espaçamento simples e itálico. Sendo assim, a identificação dos excertos a serem analisados se dá pela numeração apresentada, assim como a marcação em

⁴⁶ No decorrer da discussão, utilizamos variantes do termo, como avaliação social, posição avaliativa e atitude valorativa, posto que, na obra do Círculo, percebemos essa variação terminológica.

itálico e espaçamento simples. Intercaladas com esses excertos estão as análises e discussões por nós desenvolvidas.

Para início de nossas considerações, propomos a reenunção das discussões em torno do conceito mais amplo que será discutido nesta seção: a noção de **cronotopo**.

Sobre o conceito de cronotopo, Amorim (2014) explica que foi concebido no âmbito estritamente literário, de modo a tratar das relações espaço-tempo no romance. Em diálogo, Bemong e Borghart (2015, p. 16) consideram que a noção de cronotopo foi fundada pelo Círculo inicialmente como “um instrumento analítico para estabelecer divisões de gênero na história do romance ocidental”, de forma que, reafirmando o que disse Amorim (2014), o estudo do cronotopo era dedicado, nos estudos do Círculo, ao esclarecimento das questões espaciais e temporais na prosa literária e que, ainda que a discussão tenha sido essencialmente dedicada ao estudo do romance, “the dominating chronotopes of dialogue in various cultures may change, but Bakhtin’s reflection on the complexity and importance of the chronotope for understanding dialogue is equally valid.”⁴⁷ (BOSTAD, 2004, p. 182). Nesse mesmo íterim, Morson e Emerson (2008) afirmam que são os gêneros literários que permitem a compreensão das relações entre as pessoas e os eventos na relação espaço-temporal, de forma que o estudo dessas possibilidades proporcionadas pelo espaço e pelo tempo são possíveis através da noção de *cronotopo*.

Ainda que tenha sido dedicada uma extensão discussão em torno dessa noção, conforme presente no texto “Formas de tempo e de cronotopo no romance”, uma definição precisa não foi de fato oferecida por Bakhtin. Morson e Emerson (2008) afirmam que, em vez disso, Bakhtin (2014 [1975]) oferece algumas observações iniciais e desenvolve a noção de cronotopo no decorrer da exposição e das suas análises dos gêneros romanescos. Uma das definições mais explícitas trazidas por Bakhtin (2014 [1975]) está já no início da discussão: “À interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura, chamaremos *cronotopo* (que significa ‘tempo-espaço’). (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 211, grifos do autor). Em seguida, o autor afirma que:

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o

⁴⁷ “os cronotopos dominantes do diálogo em várias culturas podem mudar, mas o pensamento de Bakhtin acerca da complexidade e importância do cronotopo para a compreensão do diálogo é igualmente válido.” (tradução nossa).

tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico. (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 211).

A partir dessa citação, podemos entender que a noção de cronotopo remete à inseparabilidade entre espaço e tempo, de forma que “cada cronótopo especifica uma percepção ‘fundida’ do tempo e do espaço. Tempo e espaço constituem um só [...]” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 385). Em outros termos, o conceito de cronotopo permite o entendimento das diferentes relações espaço-temporais, das distintas temporalidades existentes. Ademais, o cronotopo é uma maneira de compreender a experiência, um caminho para o entendimento dos eventos e das ações (MORSON; EMERSON, 2008). Sendo assim, “as ações são necessariamente praticadas num contexto específico; os cronótopos diferem segundo os modos pelos quais compreendem o contexto e a relação que as ações e os eventos mantêm com ele.” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 384). A noção de relação intrínseca entre tempo e espaço é herdada, segundo Bemong e Borghart (2015), da Teoria da Relatividade.

Ainda que essas diferentes temporalidades e as distintas possibilidades de relação espaço-temporal sejam analisadas a princípio na prosa literária, é possível o diálogo entre essa noção e os gêneros contemporâneos que circulam nas mais diferentes esferas da interação. Essa noção de diferentes temporalidades, assim como a inseparabilidade espaço-temporal, também é herdada da Teoria da Relatividade de Einstein, na qual se afirma que existe uma multiplicidade de percepções espaço-temporais.

A partir dessas discussões, entendemos que a noção de tempo é central para o conceito de cronotopo. Morson (2015) afirma que Bakhtin e Dostoiévski tinham em comum o entendimento de que a vida humana deveria ser entendida em termos de temporalidade. Segundo o autor, o principal aspecto da questão da temporalidade reside na irrepetibilidade dos eventos. Nenhum sujeito, ainda que extremamente semelhante, pode ser idêntico ao outro, ao mesmo tempo em que os eventos dos quais esses sujeitos participam são irrepetíveis. Cada evento carrega sua unicidade, suas condições específicas de realização, que não podem ser realizadas de forma idêntica, “isso porque cada cultura, cada momento histórico é constituído de inúmeros fatores contingentes que outras culturas e momentos não repetem.” (MORSON, 2015, p. 119). Ao mesmo tempo, os sujeitos mudam com a experiência; no decorrer da vida, todas as experiências pelas quais o sujeito passa o afetam de alguma forma, de modo que ele nunca será o mesmo no decorrer de sua vida.

Como consequência, Morson (2015) fala da abertura do tempo e a impossibilidade de os acontecimentos serem regidos por leis deterministas. Segundo o autor, Bakhtin e Dostoiévski também convergem acerca da compreensão de que o mundo não é regido por regras, de forma

que haveria predestinação; na verdade, ambos advogam pela abertura do tempo. Nessa abertura, mais de uma coisa pode acontecer, isto é, há diferentes caminhos possíveis. Se há diferentes possibilidades, o agir humano não é regido por leis pré-determinadas, mas pela sua própria iniciativa, pela qual Bakhtin advoga e por isso se coloca contra o “teorismo” (MORSON, 2015, p. 123). Assim, “se situações idênticas podem levar a desdobramentos diferentes, então, por definição, o tempo é aberto. Não há razão suficiente que determine um resultado específico.” (MORSON, 2015, p. 133).

Nessa medida, a concepção de tempo que constitui a obra do Círculo e, mais especificamente, a noção de cronotopo, é a de abertura do tempo, de criatividade e de iniciativa dos sujeitos. Morson (2015) explica que, se Bakhtin advoga pela abertura do tempo, propõe uma noção de sujeito que vai de encontro ao que está presente nos personagens de romance grego, por exemplo, no qual todo o destino do personagem já está definido desde o início. Segundo Bakhtin (2014 [1975]), independentemente das ações das personagens, seu destino será sempre o mesmo. Além disso, os personagens não aprendem nem mudam com a experiência: do início até o final, são sempre os mesmos. Diferentemente, se o tempo é aberto e se há a iniciativa, não existe predestinação; a realidade oferece diferentes possibilidades e necessariamente optamos por uma, porém sempre existirão outras possibilidades. Ademais, sempre existe a possibilidade de termos nos tornado outra pessoa, diferentemente do romance grego no qual só há um sujeito e ele nunca pode ser outro. “Essa outra pessoa que poderíamos ter sido e todas as demais que sempre poderíamos ser constituem nosso excedente de humanidade.” (MORSON, 2015, p. 130). Portanto, podemos entender que “[...] Bakhtin defendia um cronotopo no qual o tempo é aberto e a liberdade individual existe.” (MORSON, 2015, p. 123).

Se o cronotopo é a relação intrínseca entre tempo e espaço e é nesse todo que o homem age, é à luz do cronotopo que podemos analisar os gêneros discursivos. Rodrigues (2001) explica que cada gênero está assentado em um determinado cronotopo, isto é, em “uma organização particular do tempo, do espaço e do homem sócio-históricos, ou seja, compreende uma situação social de interação particular (no sentido de que se diferencia das outras)” (RODRIGUES, 2001, p. 103). Em diálogo com a autora, Acosta Pereira (2012) explica que o cronotopo é a porta de entrada para o estudo dos gêneros do discurso na medida em que é justamente o cronotopo que organiza os acontecimentos espaço-temporais. Consideramos tal entendimento a partir da percepção de que não agimos no nada, isto é, não estamos livres para agir aleatoriamente no espaço e no tempo, de forma que toda tomada da palavra, todo agir é

mediado pelos gêneros do discurso, já que nossa vontade de dizer se realiza necessariamente a partir da escolha de um certo gênero (BAKHTIN, 2011 [1979]).

Ainda, o cronotopo é o caminho para o estudo dos gêneros pois os primeiros, assim como os segundos, reorganizam-se à medida que as necessidades mudam. Morson e Emerson (2008) explicam que, por serem essencialmente históricos, os cronotopos respondem às necessidades de um dado espaço e de um dado tempo. Nesse mesmo caminho, os gêneros mudam e se ressignificam nas esferas nas quais circulam e atendem as suas condições. Em suma, o estudo do cronotopo e dos gêneros do discurso converge na medida em que a experiência se dá necessariamente nos diferentes cronotopos e é mediada pelos gêneros.

Após a breve retomada do conceito de cronotopo, discutimos, a seguir, caminhos metodológicos possíveis para o seu estudo com base no que foi renunciado acerca do cronotopo. Para tanto, tomamos por base discussões trazidas por Bakhtin (2014 [1975]), Bemong e Borghart (2015) e Morson e Emerson (2008) acerca da referida noção.

Um dos caminhos metodológicos a serem considerados nesta discussão diz respeito ao estudo dos gêneros do discurso. Conforme discutido, o cronotopo é a porta de entrada para o estudo dos gêneros do discurso (ACOSTA PEREIRA, 2012), ao mesmo tempo em que é o caminho para se compreender a experiência (MORSON; EMERSON, 2008). Em primeiro lugar, entendemos que os gêneros devem ser estudados à luz do cronotopo na medida em que os primeiros mudam sempre que as necessidades se ressignificam. Ademais, o autor explica que *os cronotopos dialogam entre si*. Dessa maneira, estudar os gêneros significa entender que os cronotopos interagem e se influenciam mutuamente, e os gêneros não ficam alheios a esses diálogos: as relações espaço-temporais são ressignificadas, novos ou outros cronotopos possibilitam outras percepções de tempo, os espaços podem ser ampliados ou ressignificados, podem ser significados de diferentes formas à medida que novas relações espaço-temporais são assimiladas. Essas condições de interação dos cronotopos são explicitadas a seguir pelo autor:

- (1) *Os cronotopos podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas interrelações mais complexas. Estas interrelações entre os cronotopos já não podem surgir em nenhum dos cronotopos isolados que se inter-relacionam, o seu caráter geral é dialógico (na concepção ampla do termo).* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 357, grifos do autor).

Com base nisso, para o estudo dos gêneros, o pesquisador pode levar em conta tanto o *grande cronotopo* quanto o *pequeno cronotopo*, conforme estudos desenvolvidos por diversos autores filiados à ADD (ACOSTA PEREIRA, 2012; OLIVEIRA, 2017; RODRIGUES, 2001). O *grande cronotopo* dá conta da *situação de interação mais ampla*, do *contexto histórico mais*

amplo. Bemong e Borghart (2015) explicam que o cronotopo maior dá conta dos cronotopos locais, de forma que os unifica, enquanto que o pequeno cronotopo, também nomeado por Bakhtin (2014 [1975]) de motivos cronotópicos, no estudo do romance, dão conta das relações espaço-temporais nas quais as interações se concretizam. Diante disso, o pesquisador, no estudo do grande cronotopo de determinado gênero, dedica-se a analisar:

- a) as condições sócio-históricas de constituição e funcionamento dos gêneros: nesta análise, o pesquisador se dedica ao estudo do contexto mais amplo ao qual Bakhtin (2011 [1979]) se refere ao discutir a questão do estudo do enunciado. Dedicase, portanto, a entender a *dimensão social* do gênero em questão, levando-se em conta a esfera na qual o gênero circula. Assim, são buscadas as marcas sócio-histórico-culturais nos gêneros, as condições ideológico-valorativas que o significam e as condições das esferas nas quais circulam.

Ainda, o pesquisador pode se dedicar à análise do *pequeno cronotopo*. Este dá conta da *situação mais imediata*, do contexto no qual a interação se dá mediada pelos gêneros. Neste estudo, é possível a análise do *lugar discursivo* dos sujeitos, isto é, o estudo das posições ocupadas pelos sujeitos na interação, pois, como afirmam Bakhtin (2011 [1979]) e Volochínov (2013 [1925/1930]), podem se estabelecer relações hierárquicas ou de igualdade na interação, pode haver maior ou menor grau de intimidade, bem como a situação pode exigir maior ou menor grau de formalidade, de adequação a rituais e regras que regem um dado acontecimento. Essas questões influenciam a construção do enunciado, o estilo, a entonação (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930]), já que sempre levamos em conta o outro ao respondermos a ele. Entendemos que Bakhtin (2014 [1975]) apresenta a possibilidade do estudo do lugar discursivo a partir da possibilidade de diálogo entre os cronotopos e os potenciais de sentido, que nunca são únicos:

- (2) *Perguntas e respostas supõem uma distância recíproca. Se a resposta não gera uma nova pergunta, separa-se do diálogo e entra no conhecimento sistêmico, no fundo impessoal. Diferentes cronótopos de quem pergunta e de quem responde e diferentes universos do sentido (eu e o outro). [...] (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 408, grifo do autor).*

Pode dar conta, também, da dimensão valorativa desse lugar ocupado pelo sujeito, pois como explica Bakhtin (2014 [1975], p. 349): “A arte e a literatura [bem como as demais esferas da interação] estão impregnadas por valores cronotópicos de diversos graus e

dimensões. Cada momento, cada elemento destacado de uma obra são estes valores.”. Consideramos que, nos diferentes gêneros, essa posição pode ser mais ou menos marcada por instâncias, por determinadas posições ideológico-valorativas que orientam a construção do enunciado de determinada maneira e não de outra, de forma a atender aos interesses dessas instâncias e posições, com as quais o sujeito deve ser convergente.

Também pode ser estudada a *posição de autoria* do sujeito que enuncia. Como discutido por Bakhtin (2011 [1979]), todo enunciado é uma resposta, leva em conta o outro, seu enunciado e sua atitude responsiva. Dessa maneira, o enunciado só existe na relação de alteridade, no diálogo concreto e a partir da posição ativa adotada sempre pelos sujeitos. Diante disso, o estudioso pode se dedicar à análise da posição de autoria, entender em quais condições dado enunciado foi produzido, a quem responde, qual o lugar ocupado por esse sujeito falante em relação aos quais ele responde e a quem ele enuncia. Além disso, o estudo da posição de autoria deve considerar que o sujeito segue determinada posição ideológica e, a partir do seu lugar discursivo, pode buscar a concordância dos demais participantes, pode almejar a convergência do outro em relação a dada posição e silenciamento de outra (conferir discussão sobre forças centrífugas e centrípetas na seção 3.3), de forma que seu enunciado será valorativamente constituído, já que será construído de forma a atender esses interesses e atingir os objetivos do sujeito que enuncia.

Dito de outro modo, a posição de autoria pode buscar a concordância do outro a partir do silenciamento de determinadas vozes e da enunciação de outras, movimento essencialmente valorativo; busca, também, convergência com determinadas posições ideológico-valorativas de determinada instância, do seu grupo, etc. Para esse estudo, devem ser levados em conta seus interlocutores previstos, seus interesses, a relação estabelecida com esses interlocutores e sua posição. Considerando tais elementos, é possível o estudo das marcas linguísticas, isto é, das escolhas léxico-gramaticais⁴⁸ do sujeito falante, ou seja, é possível entendermos o estilo do enunciado. Bostad (2004), por exemplo, explica no exemplo a seguir a questão da valoração no cronotopo, que está relacionada às escolhas que as pessoas realizam, sempre em um determinado lugar e em determinado tempo, sendo essas escolhas sempre constituídas valorativamente.

Entendemos que a posição de autoria pode ser analisada considerando que os sujeitos atendem aos interesses de uma dada instância e que toda palavra é valorativamente constituída, pois consideramos que toda palavra remete a um contexto, retoma um horizonte de

⁴⁸ O estudo dessas formas será retomado com maior profundidade neste capítulo.

possibilidades, de sentidos possíveis, de forma que, tanto as palavras enunciadas quanto as silenciadas significam na enunciação. Assim, entender a posição de autoria de um dado gênero do discurso significa levar em consideração em que condições essa palavra foi enunciada e o que essas condições nos dizem, pois

Through discourse, the human voice gives intonation to an evaluatory accent. This is the punctual or transitory ideological judgment that occurs in verbal interaction. Both in its nature as sign and in its materiality, the word of discourse is thus constituted by voice, for it is voice that joins together a person's psychic interior with the outer social world. Voice exists as a **chronotope** that is in essence that of an anticipated past and a non-presence". (LACHMANN, 2004, p. 55, destaque nosso em negrito).⁴⁹

Em resumo, um estudo que leve em conta o pequeno cronotopo pode se dedicar à análise:

- a) do lugar discursivo: análise da posição ocupada pelo sujeito que enuncia, a relação estabelecida com os interlocutores (relações de igualdade, hierárquicas, de dominação de um sujeito em relação ao outro, grau de intimidade dos sujeitos, a formalidade da situação, a dimensão valorativa do lugar discursivo);
- b) da posição de autoria: análise das condições de produção do enunciado, da posição ideológico-valorativa adotada, da instância na qual essa posição de autoria se insere e cujos interesses devem ser atendidos, das intenções discursivas, bem como a compreensão do interlocutor previsto e sua posição em relação à autoria.

As indicações metodológicas também estão presentes no decorrer da discussão de Bakhtin (2014 [1975]) em torno das particularidades que o cronotopo oferece acerca *da imagem de homem*. Conforme discutido, o tempo é central para a discussão da noção de cronotopo na medida em que, se o tempo é livre, o sujeito possui criatividade, potencial de mudança, isto é, o devir. Nesse sentido, a obra do Círculo oferece caminhos metodológicos para o estudo das imagens de sujeito que são projetadas nos gêneros do discurso, considerando que todas as situações de interação são por eles mediadas.

Para se entender a imagem de homem, é necessário que essa análise seja desenvolvida juntamente com as etapas discutidas em torno do estudo do grande e do pequeno cronotopo na

⁴⁹ “Através do discurso, a voz humana atribui entonação a um acento valorativo. Esta é a posição ideológica pontual ou transitória que ocorre em uma interação verbal. Ambos na sua natureza como signo e em sua materialidade, a palavra do discurso é, por conseguinte, constituída pela palavra, na medida em que é a palavra que une a dimensão psíquica de um sujeito com a dimensão social. A palavra existe como um cronotopo que é, em essência, de um passado antecipado e de uma não presença.” (tradução nossa).

medida em que é a partir do estudo das condições de interação mais amplas, da situação mais imediata e dos sujeitos participantes dessa interação que podemos entender que imagem é projetada por um dado gênero discursivo. Essas imagens são tão distintas quanto são diferentes as assimilações do tempo e do espaço por parte dos gêneros, pois, conforme afirmado, cada gênero se orienta na e para a realidade de uma determinada maneira. Sendo assim, Bakhtin (2014 [1975]) oferece as seguintes indicações de possibilidade do estudo das imagens de sujeito:

- (3) *O cronotopo tem um significado fundamental para os gêneros na literatura. Pode-se dizer francamente que o gênero e as variedades de gênero são determinadas justamente pelo cronotopo, sendo que em literatura o princípio condutor do cronotopo é o tempo. O cronotopo como categoria conteudístico-formal determina (em medida significativa) também a imagem do indivíduo na literatura; essa imagem sempre é fundamentalmente cronotópica.* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 212, grifo do autor);
- (4) *A formação do homem efetua-se no tempo histórico real com sua necessidade, com sua plenitude, com seu futuro, com seu caráter profundamente cronotópico. [...] O homem se forma concomitantemente com o mundo, reflete em si mesmo a formação histórica do mundo. O homem já não se situa no interior de uma época mas na fronteira de duas épocas, no ponto de transição de uma época a outra. Essa transição se efetua nele e através dele. Ele é obrigado a tornar-se um novo tipo de homem; por isso, a força organizadora do futuro aqui é imensa, e evidentemente não se trata do futuro em termos privado-biográfico mas históricos. Mudam justamente os fundamentos do mundo, cabendo ao homem mudar com eles.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 221-222, grifos do autor).

No item 4, o encaminhamento está voltado essencialmente para o entendimento da imagem de sujeito presente na literatura a partir das diferentes assimilações de espaço e de tempo pelos diferentes gêneros. Afirma, portanto, que o cronotopo, ao reunir os acontecimentos em dadas percepções espaço-temporais, inevitavelmente atuará na construção da imagem do sujeito, de forma que o cronotopo não é um apanhado de acontecimentos aleatórios. No item 5, Bakhtin (2014 [1975]) já encaminha a discussão para uma percepção de tempo distinta do romance grego, sendo que o homem passa a experimentar o tempo histórico, de forma que surge um novo homem a partir de uma nova percepção temporal.

Ainda sobre as considerações acerca do cronotopo, percebemos que os interlocutores do Círculo também oferecem diretrizes. Bemong e Borghart (2015), por exemplo, propõem que Bakhtin e o Círculo discutem o significado do cronotopo em diferentes níveis. Sendo assim, conforme aqueles, os cronotopos: [...] 1) têm significado na geração da narrativa do enredo; da

trama; 2) têm significado representacional; 3) ‘fornecem a base para distinguir tipos de gênero’; 4) têm significado semântico. (BEMONG; BORGHART, 2015, p. 20-21).

O primeiro item retoma a questão da relação espaço-temporal para os gêneros. Dito de outro modo, diz respeito a como os gêneros concebem o espaço e o tempo, já que cada gênero tem uma orientação específica na/para a realidade. Sendo assim, a partir da concepção de tempo e de espaço, no caso dos gêneros literários, o enredo se desenvolve de determinada forma, como discutido por Bakhtin (2014 [1975]) em torno do gênero romanesco e as implicações no enredo e na trama que as diferentes concepções temporais carregam; nas demais esferas, o tempo-espaço pode ser breve, como nas conversas em filas, nos salões de beleza, nos encontros inesperados de vizinhos. Por outro lado, o cronotopo pode ser mais amplo, como nas obras científicas e obras que ganham o grande tempo e são lidas, discutidas, refutadas ou ratificadas durante décadas; na esfera jurídica, os acontecimentos podem se estender por algumas horas ou por dias. Em suma, o cronotopo tem significado não somente na esfera literária, mas nas demais, na medida em que envolve os acontecimentos, orienta o agir humano e a experiência, sendo que essas diferentes percepções temporais são assimiladas pelos gêneros discursivos. Reenunciamos, a seguir, um exemplo no qual Bakhtin (2014 [1975]) explica as consequências da relação dos gêneros com as diferentes percepções temporais:

- (5) *O cronotopo tem um significado fundamental para os gêneros na literatura. Pode-se dizer francamente que o gênero e as variedades de gênero são determinadas justamente pelo cronotopo, sendo que em literatura o princípio condutor do cronotopo é o tempo. O cronotopo como categoria conteudístico-formal determina (em medida significativa) também a imagem do indivíduo na literatura; essa imagem sempre é fundamentalmente cronotópica.* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 212, grifo do autor).

O segundo item da discussão de Bemong e Borghart (2015) afirma que os cronotopos têm significado representacional. Entendemos, com base nessa afirmação, que os cronotopos significam e representam a realidade a partir das diferentes percepções de tempo e de espaço que oferecem. Conforme já afirmado, não existe somente um só tempo ou espaço possíveis, ao mesmo tempo em que não são percepções fixas, o que possibilita que o cronotopo envolva diferentes posições ideológico-valorativas acerca da realidade, ou seja, possibilita que diferentes visões de mundo coexistam e dialoguem. Dessa maneira, diferentes cronotopos são organizados pelos gêneros (RODRIGUES, 2001). Percebemos tal proposta na medida em que Bakhtin (2014 [1975]) analisa as variedades do gênero romanesco e as percepções de tempo que são assimiladas em cada um, como essas distintas percepções temporais atuam no desenvolvimento do enredo e dos gêneros. A seguir, no item 6, Bakhtin (2014 [1975]) analisa

o tempo assimilado pelo romance grego, enquanto que, no item 7, explica a ressignificação da assimilação do tempo dos gêneros subsequentes:

- (6) [...] *toda a ação do romance grego, todas as aventuras e os acontecimentos que o completam, não se incluem nas séries históricas, de costumes, biográficas e nem na série etária biológico-elementar de tempo. [...] Nesse tempo nada se modifica: o mundo permanece tal qual era, biograficamente a vida dos heróis também não se modifica, seus sentimentos permanecem inalterados, até mesmo as pessoas não envelhecem durante esse período. Esse tempo vazio não deixa nenhum vestígio, nenhum sinal e conservação do seu decurso.* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 217);
- (7) *O novo mundo não tinha nada que ver com essa percepção de tempo [da concepção histórica da Idade Média]. Nesta visão do mundo, o tempo era um princípio que apenas destruíam aniquilava e nada criava. [...] Precisava-se de um cronotopo que permitisse ligar a vida real (a História) com a terra real. Era preciso contrapor ao escatologismo um tempo produtivamente fértil, um tempo medido pela construção, pelo crescimento, e não pela destruição. Os fundamentos deste tempo construtivo apareciam delineados nas imagens e nos temas do folclore.* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 316).

O terceiro item levantado por Bemong e Borghart (2015), por sua vez, está relacionado ao que foi discutido acerca do segundo item do mesmo excerto. Já que cada cronotopo é compreendido por um gênero do discurso, o estudo de ambos deve ser feito sempre em conjunto. Como afirmado, o estudo do grande cronotopo de um dado gênero permite o entendimento de sua dimensão social, ou seja, das condições sócio-históricas mais amplas, as condições sócio-histórico-ideológicas de constituição e de funcionamento, enquanto que a análise do pequeno cronotopo possibilita o estudo das condições de interação mais imediatas, como o lugar discursivo, a posição de autoria, a relação entre os participantes da interação, os horizontes social, valorativo e axiológico, bem como as marcas léxico-gramaticais presentes na materialidade do enunciado. Daí, portanto, ser o cronotopo a base para o entendimento dos gêneros.

Por fim, no item 4, Bemong e Borghart (2015) afirmam que o cronotopo tem significado semântico. Compreendemos, com base nessa afirmação, que todo fenômeno, para entrar na esfera da existência, é necessariamente valorado, isto é, constituído axiologicamente, pois recebem o “elemento da apreciação” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 361), e, para que isso aconteça, devem necessariamente estar realizados em uma materialidade, “ou seja, uma forma *sígnica* audível e visível por nós (um hieróglifo, uma fórmula matemática, uma expressão verbal e linguística, um desenho, etc.). Sem esta expressão espaço-temporal é impossível até mesmo a reflexão mais abstrata” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 362, grifo do autor). Afirmamos, portanto, que tudo o que está inserido nessa relação espaço-temporal é significada, valorada e

constituída ideologicamente, sendo necessária, para tanto, essa materialidade sígnica. No exemplo 8, Bakhtin (2014 [1975]) explica brevemente a questão do significado semântico:

- (8) *qualquer fenômeno, nós, de alguma forma, o interpretamos, ou seja, o incluímos não só na esfera da existência espaço-temporal, mas também na esfera semântica. Essa interpretação compreende também um elemento de apreciação.* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 361, grifo do autor).

Com base nas discussões em torno da noção de cronotopo, propomos alguns caminhos para a análise:

1. O conceito de cronotopo diz respeito à inseparabilidade entre espaço e tempo, de forma que constituem um todo orgânico;
2. O tempo, de acordo com a noção de cronotopo proposta pelo Círculo, não é único; em diferentes situações, as temporalidades são vivenciadas de formas também distintas;
3. Nesta noção de cronotopo, não existe pré-destinação nem regras que regem o agir humano, de forma que sempre existe o potencial de outras decisões, de outras possibilidades que não se realizaram, pois o agir humano é caracterizado pela iniciativa;
4. À luz do cronotopo, podemos entender o funcionamento dos gêneros discursivos e como eles medeiam o agir humano, já que toda tomada da palavra ocorre em um dado recorte espaço-temporal e, ao mesmo tempo, só ocorre a partir da escolha de um gênero discursivo;
5. É possível tanto o estudo do grande cronotopo (isto é, da situação de interação mais ampla), bem como do pequeno cronotopo (ou seja, da situação mais imediata).

Finalizamos, aqui, a discussão em torno das diretrizes metodológicas para o estudo do cronotopo. A partir deste momento, propomos caminhos possíveis para a Análise Dialógica do Discurso com base nas propostas presentes na obra do Círculo e dos seus interlocutores.

Como discutido na seção 3.3, o **discurso** é o espaço tenso de encontro de vozes, de enfrentamento no plano do sentido e, por conseguinte, espaço da multiplicidade e da diversidade. É no discurso, portanto, que os sentidos se enfrentam e são produzidos, na medida em que diferentes vozes se encontram e dialogam. No trecho a seguir, Bakhtin (2010 [1929]) conceitua o discurso:

- (9) [...] *temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e vivia, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso.*

Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 207, grifo do autor).

Na discussão em torno da noção de discurso, conforme o último trecho da citação acima, Bakhtin (2010 [1929]) propõe que esse diálogo estabelecido entre discursos só pode ser entendido a partir da proposta da Metalinguística (cf. seção 4.2). Em vários momentos, os escritos oferecem diretrizes para o estudo do discurso a partir de um olhar distinto do que já vinha sendo desenvolvido até então, isto é, que necessita de um novo olhar em torno do fenômeno da linguagem. Assim, juntamente com a noção de discurso, o autor relembra constantemente que o discurso existe enquanto fenômeno social. Ao mesmo tempo, demarca que a materialidade não é deixada de fato, posto que forma e conteúdo estão intimamente ligados em sua constituição:

- (10) *A forma e o conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social – social em todas as esferas da sua existência e em todos os seus momentos – desde a imagem sonora até os estratos semânticos mais abstratos.* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 71).

No decorrer da discussão, o autor detalha a perspectiva adotada para o estudo da linguagem:

- (11) *Temos em vista não o minimum linguístico abstrato da língua comum, no sentido do sistema de formas elementares (de símbolos linguísticos) que assegure um minimum de compreensão na comunicação prática. Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua ideologicamente saturada, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um maximum de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica. Eis porque a língua única expressa as forças de união e de centralização concretas, ideológicas e verbais, que decorrem da relação indissolúvel com os processos de centralização sócio-política e cultural.* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 81, grifos do autor).

Em convergência com esta discussão acerca da natureza do discurso, Bakhtin (2010 [1929]), décadas antes, propõe a noção de relações dialógicas (cf. seção 3.3, na qual as relações dialógicas são brevemente discutidas) como caminho para o estudo do discurso. As relações dialógicas são relações de sentido concretizadas no enfrentamento de diferentes vozes no âmbito do discurso. É com a proposta da noção de relações dialógicas que Bakhtin (2010 [1929]) oferece caminhos para o estudo do discurso, ou seja, propõe diretrizes para sua análise. A noção de relações dialógicas é necessária na medida em que oferece a análise dos enunciados para além das relações semânticas que os elementos da língua oferecem, ou, em outros termos,

propõe um estudo que, ao compreender de fato o sentido do enunciado, a partir da consideração das relações estabelecidas entre os discursos, como seus sentidos são produzidos, o que não é possível em um estudo estritamente semântico.

Em primeiro lugar, Bakhtin (2010 [1929]) explica que as relações dialógicas não existem entre as unidades da língua quando desconsiderada a dimensão social do discurso, ou seja, quando é levada em conta apenas a materialidade da língua, conforme o exemplo a seguir:

- (12) *Na linguagem, como objeto da linguística, não há e nem pode haver quaisquer relações dialógicas: estas são impossíveis entre os elementos do sistema da língua (por exemplo, entre as palavras no dicionário, entre os morfemas, etc.) ou entre os elementos do “texto” num enfoque rigorosamente linguístico deste. Elas tampouco podem existir entre as unidades de um nível nem entre as unidades de diversos níveis. Não podem existir, evidentemente, entre as unidades sintáticas, por exemplo, entre as orações vistas de uma perspectiva rigorosamente linguística.* (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 208-209).

Logo em seguida, o autor explica que as relações dialógicas também não são possíveis no nível seguinte, isto é, entre os textos, se considerados, como no caso anterior, somente enquanto materialidade e desconsideradas as condições nas quais foram produzidos. Com esta explicação, entendemos que Bakhtin (2010 [1929]) deixa claro que o diálogo entre os textos enquanto materialidade não ultrapassa o significado das palavras e das orações que o compõem, isto é, não seria levado em conta o sentido dialógico de fato, mas as proximidades dos significados das palavras e frases usadas na construção do texto, o que se distancia claramente da proposta aqui discutida e que é proposta pela Metalinguística. Assim explica o autor:

- (13) *Não pode haver relações dialógicas tampouco entre os textos, vistos também sob uma perspectiva rigorosamente linguística. Qualquer confronto puramente linguístico ou agrupamento de quaisquer textos abstrai forçosamente todas as relações dialógicas entre eles enquanto enunciados integrais.* (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 209).

Se as relações dialógicas não existem entre as unidades da língua nem entre os textos quando desconsideradas suas condições de produção, elas são possíveis somente entre discursos, na medida em que são a realidade concreta da língua (BAKHTIN, 2011 [1979]), conforme reenunciado a seguir:

- (14) *Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a*

linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 209, grifos do autor).

A partir deste momento, Bakhtin (2010 [1929]) passa a detalhar a natureza das relações dialógicas e suas possibilidades no âmbito do discurso. Ele explica que as relações dialógicas somente são possíveis entre discursos de sujeitos socialmente situados, isto é, devem necessariamente expressar uma tomada de posição. Essa questão remete à discussão em torno da noção de que toda palavra responde a uma outra, ou seja, é sempre necessariamente uma atitude responsiva frente à palavra alheia. Ao mesmo tempo, essa palavra requer uma resposta, que nunca pode ser silenciada ou ignorada; a própria palavra, ao ser pensada, já antecipa as possíveis atitudes responsivas, e nunca se afasta desse diálogo ininterrupto. Daí as relações dialógicas somente serem possíveis entre enunciados de diferentes sujeitos:

- (15) *As relações dialógicas são irreduzíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por si mesmas carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. [...] Para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado, e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa.* (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 209-210, grifo do autor).

Ainda nessa discussão em torno da possibilidade de as relações dialógicas existirem somente entre discursos, Bakhtin (2010 [1929]) faz a ressalva de que, embora não sejam possíveis entre as unidades da língua, as relações dialógicas só ocorrem na medida em que existe a materialidade linguística, conforme já afirmado. Dito de outro modo, é somente quando encarnadas materialmente, enquanto signos (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929]), que é possível sua análise. Essa noção de que as relações dialógicas não existem entre as unidades da língua, porém não as desconsidera, perpassa a disciplina da Metalinguística (cf. seção 4.2), na qual a proposta de estudo da língua envolve o contato da língua com a vida, ao mesmo tempo em que analisa sua materialidade, procura entender os sentidos dos discursos não somente a partir da análise considerando o contato da língua com a vida, mas também a mobilização de elementos linguístico-gramaticais:

- (16) *As relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irreduzíveis a estas e têm especificidade própria.* (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 210).

Nos exemplos 17, 18 e 19 a seguir, Bakhtin (2010 [1929]) explica as possibilidades de relações dialógicas entre enunciados. Segundo o autor, as relações dialógicas são possíveis: a) entre enunciados integrais; b) entre palavras, quando constituem enunciados concretos; c) entre estilos de linguagem, dialetos sociais, etc., quando estes dialogam entre si e expressam uma tomada de posição; d) com o próprio enunciado, quando são feitas ressalvas internas, quando dialogamos com nossa própria palavra, como se refletíssemos acerca do nosso próprio enunciado ou antecipássemos a resposta do outro e ela provocasse esse diálogo interno. A seguir, apresentamos os referidos exemplos:

- (17) *As relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada, caso esta não seja interpretada como palavra impessoal da língua, mas como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro. Por isso, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes (o microdiálogo de que já tivemos oportunidade de falar).* (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 211);
- (18) *Por outro lado, as relações dialógicas são possíveis também entre os estilos de linguagem, os dialetos sociais, etc., desde que eles sejam entendidos como certas posições semânticas, como uma espécie de cosmovisão da linguagem, isto é, numa abordagem não mais linguística.* (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 211);
- (19) *Por último, as relações dialógicas são possíveis também com a sua própria enunciação como um todo, com partes isoladas desse todo e com uma palavra isolada nele, se de algum modo nós nos separamos dessas relações, falamos com ressalva interna, mantemos distância em face delas, como que limitamos ou desdobramos a nossa autoridade.* (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 211).

Além das relações dialógicas, Bakhtin (2010 [1929]), ao longo de sua discussão, desenvolve um percurso de análise dos diferentes tipos de discurso⁵⁰, isto é, das diferentes possibilidades de construção e estudo do discurso, que é desenvolvida especificamente à luz do estudo da obra de Dostoiévski. Retomamos, a seguir, os tipos levantados por Bakhtin (2010 [1929]) e, ao longo da discussão, reenunciamos os percursos metodológicos apresentados pelo autor, que oferecem possibilidades de análise do discurso à luz da noção de relações dialógicas, do enunciado e do conceito de dialogismo como um todo.

Bakhtin (2010 [1929]) apresenta três principais tipos de discurso: a) o discurso direto imediatamente orientado para o seu referente como expressão da última instância semântica do

⁵⁰ Alguns desses tipos de discurso foram brevemente discutidos na seção 3.3, em diálogo com a discussão de Morson e Emerson (2008).

falante; b) o discurso objetificado (discurso da pessoa representada), e c) o discurso orientado para o discurso do outro (discurso bivocal).

O primeiro tipo de discurso, ou seja, o *discurso direto imediatamente orientado para o seu referente como expressão da última instância semântica do falante*, está centrado inteiramente em si mesmo, não dialoga com quaisquer outros discursos, e, por conseguinte, reflete as vontades do autor. Neste tipo de discurso, não existem relações dialógicas, pois é um contexto essencialmente monológico, posto que os discursos não se encontram no plano do sentido. Assim explica o autor: “O discurso referencial direto conhece apenas a si mesmo e a seu objeto, ao qual procura ser adequado ao máximo. Se nesse caso ele imita alguém, aprende com alguém, isso não muda absolutamente a questão [...]” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 214).

O segundo tipo de discurso, isto é, o *discurso imediato, direto e plenissignificativo*, está orientado somente para seu objeto, sendo essencialmente determinado pela intenção do autor. Esse discurso não conhece outras vozes, é como se fosse enunciada no vácuo; os outros discursos sobre um determinado objeto não são levados em conta, de modo que, assim como anterior, este tipo de discurso é basicamente monológico:

O discurso imediato, direto e plenissignificativo é orientado para o seu objeto e constitui a instância suprema de significação dentro do contexto considerado. O discurso objetificado é igualmente orientado exclusivamente para o seu objeto, mas ele próprio é ao mesmo objeto de outra orientação, a do autor. (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 216).

Por fim, Bakhtin (2010 [1929]) apresenta um terceiro tipo de discurso, o *discurso orientado para o discurso do outro*, que é o tipo de fato levado em conta nas análises e no qual existem relações dialógicas. Esse tipo de discurso é analisado a partir de três possibilidades: i) discurso bivocal de orientação única, que dá conta da estilização, do *skaz* e do *Icherzählung*⁵¹; ii) o discurso bivocal de orientação vária, que envolve a paródia, a narração parodística ou qualquer reenunciação da palavra do outro que ressignifique seu assento; e o iii) tipo ativo, que dá conta da polêmica interna velada, da réplica do diálogo e das variedades de diálogo velado.

No discurso bivocal de orientação única, a estilização toma o discurso do outro como discurso alheio; essa voz não é ressignificada, pois o interesse não reside em tomar essa voz do outro para refutá-la ou reenunciá-la como discurso de autoridade, por exemplo, nem na imitação dessa voz. Em outros momentos, Bakhtin (2014 [1975]) explica que consiste na representação literária do estilo linguístico de outro, e, nesse movimento, cria ressonâncias especiais, envolve

⁵¹ Não nos detemos a essa variedade na medida em que está bastante próxima do *skaz*.

a linguagem tanto pela vontade do outro quanto pela de quem a estiliza. Na estilização, “o importante para o estilizador é o conjunto de procedimentos do discurso de uma outra pessoa precisamente como expressão de um ponto de vista específico.” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 217). Dessa forma, “o autor não nos mostra a palavra dele (como palavra objetificada do herói) mas a usa de dentro para fora para atender aos seus fins, forçando-nos a sentir nitidamente a distância entre ele, autor, e essa palavra do outro.” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 218), isto é, é mantido um distanciamento dessa voz alheia; ela não se confunde com a voz do autor, mas é objetificada e esse distanciamento é marcado.

O segundo tipo, o *skaz*, está relacionado à refração das ideias do autor no discurso do outro. Em outras palavras, é uma estilização de outro discurso como uma maneira específica de narração. Em determinado momento, Bakhtin (2010 [1929]) deixa claro que esse tipo de discurso mobiliza vozes outras de forma a atender às necessidades do autor: “Parece-nos que, na maioria dos casos, o *skaz* é introduzido precisamente em função *da voz do outro*, voz socialmente determinada, portadora de uma série de pontos de vista e apreciações, precisamente as necessárias ao autor.” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 219, grifo do autor).

Segundo Bakhtin (2010 [1929]), as duas variedades acima discutidas se aproximam por causa de um ponto em comum: ambas são estratégias utilizadas pelo autor para introduzir, no seu discurso, vozes outras que sejam convergentes com o seu interesse, ou seja, o autor leva em conta suas intenções e interesses e estiliza convencionalmente aos seus propósitos.

Na segunda possibilidade, isto é, na análise do discurso bivocal de orientação vária, o principal tipo de discurso consiste na paródia. Diferentemente dos tipos anteriores, na paródia, a voz alheia não é reenunciada de forma convencional, para que atenda os interesses do autor; aqui, a orientação em relação a esse discurso é totalmente oposta. O discurso se torna espaço de embates, de enfrentamentos, hostilidade, de forma que não ocorre a fusão de vozes, pois elas são demarcadas no discurso, uma vez que há oposição entre elas. Acerca do discurso bivocal desta natureza, Bakhtin (2014 [1975]) explica que, neste tipo de discurso, a voz do outro é sentida internamente e subentendida, de forma que exprime, ao mesmo tempo, duas intenções distintas: a do sujeito falante e do interlocutor. Sendo assim, no discurso existem duas vozes, dois sentidos, duas expressões: “o discurso bivocal sempre é internamente dialogizado” (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 127). Neste tipo de discurso, observamos que Bakhtin (2010 [1929]) propõe discussões metodológicas para a análise do discurso parodístico, assim como o faz com as relações dialógicas. A seguir, o autor explica como a paródia pode ser analisada, uma vez que pode estar discursivizada de diferentes maneiras:

- (20) *O discurso parodístico pode ser bastante variado. Pode-se parodiar o estilo de um outro enquanto estilo; pode-se parodiar a maneira típico-social ou caracterológico-individual de o outro ver, pensar e falar. Em seguida, a paródia pode ser mais ou menos profunda: podem-se parodiar até mesmo os princípios profundos do discurso do outro. Prosseguindo, o próprio discurso parodístico pode ser usado de diversas maneiras pelo autor: a paródia pode ser um fim em si mesma (a paródia literária como gênero, por exemplo), mas também pode servir para atingir outros fins positivos [...]. (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 222).*

No exemplo anterior, percebemos que a paródia pode se utilizar de diferentes estratégias para reenunciar o discurso do outro e parodiá-lo: pode adentrar nas marcas linguísticas do discurso; pode levar em conta a expressão de um dado grupo social, bem como podem se levar em conta as dimensões mais profundas do discurso e reenunciá-las de formas hostil, o que deve decorrer da análise especialmente da situação mais ampla de interação. Dessa forma, a paródia pode atingir diversos níveis do discurso, mas o propósito é sempre o mesmo: reenunciar de forma a se opor a esse discurso, de hostilizá-lo.

Em seguida, Bakhtin (2010 [1929]) detalha as possibilidades do discurso parodístico e levanta outras possibilidades de sua realização, conforme reenunciado a seguir:

- (21) *Ao discurso parodístico é análogo o emprego irônico e todo emprego ambíguo do discurso do outro, pois também nesses casos esse discurso é empregado para transmitir intenções que lhe são hostis. No discurso prático da vida é extremamente difundido esse emprego do discurso do outro, sobretudo no diálogo, em que um interlocutor muito amiúde repete literalmente a afirmação de outro interlocutor, revestindo-a de novo acento e acentuando-o a seu modo com expressões de dúvida, indignação, ironia, zombaria, deboche, etc. (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 222-223).*

Bakhtin (2010 [1929]) também oferece rumos de análise à luz do conceito de relações dialógicas, discutido anteriormente e retomado pelo autor ao se dedicar à questão do discurso parodístico e sua atuação na relação com o discurso do outro. Conforme pode ser percebido no encaminhamento a seguir, o autor analisa as possibilidades de relações de sentido no discurso parodístico:

- (22) *As palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais. A única que pode diferenciar-se é a relação de reciprocidade entre essas duas vozes. A transmissão da afirmação do outro em forma de pergunta já leva a um atrito entre duas interpretações numa só palavra tendo em vista que não apenas perguntamos como problematizamos a afirmação do outro. (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 223).*

Em seguida, o autor explica:

- (23) *O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a ela.* (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 223).

Na terceira variedade, isto é, no tipo ativo, Bakhtin (2010 [1929]) apresenta como principal tipo a polêmica interna velada. Morson e Emerson (2008, p. 163) explicam que o interesse do Círculo reside especialmente nesta variedade, “pois tal discurso exhibe os tipos mais complexos de ‘dialogização interna’ (no segundo tipo) e, por conseguinte, indica mais claramente as limitações da poética e da estilística tradicionais.”.

Nesta variedade, Bakhtin (2010 [1929]) explica que o discurso do outro não é reenunciado como ocorre na paródia, porém essa voz outra é sentida na medida em que o discurso se orienta tanto para o objeto quanto para as vozes que falam sobre ele. A polêmica velada, portanto, não traz a voz do outro de forma literal para esse novo discurso, mas essa voz outra atua diretamente na construção do discurso, são estabelecidas relações dialógicas com essas vozes, elas estão subentendidas no discurso, pois é um diálogo interno. Ainda, é como se existisse um segundo sentido, além da dimensão semântica do discurso, sendo que esse sentido, como atitude responsiva à palavra alheia, não pode ser compreendido apenas a partir da análise da dimensão linguística do discurso. No trecho a seguir, reenunciamos a orientação de Bakhtin (2010 [1929]) em torno do estudo da polêmica velada:

- (24) [...] *na polêmica velada o discurso do outro é repellido e essa repelência não é menos relevante que o próprio objeto que se discute e determina o discurso do autor. Isso muda radicalmente a semântica da palavra: ao lado do sentido concreto surge um segundo sentido – a orientação centrada no discurso do outro. Não se pode entender de modo completo e essencial esse discurso, considerando apenas a sua significação concreta direta.* O colorido polêmico do discurso manifesta-se em outros traços puramente linguísticos: na entonação e na construção sintática. (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 224, grifo nosso).

Conforme grifado no exemplo 24, o autor explica que a polêmica velada, enquanto variedade que não reenuncia o discurso do outro de forma direta ou indireta, responde ao outro de forma mais sutil, nas escolhas léxico-gramaticais, na ordem das palavras no enunciado e na entonação do todo.

Além da polêmica velada, são apresentadas mais duas variedades de terceiro tipo, que são a réplica do diálogo e o diálogo velado. A réplica do diálogo diz respeito, na verdade, a

todas as possibilidades de diálogo, isto é, à natureza responsiva do discurso, pois sempre que respondemos a um discurso, ele é sentido na resposta, atua internamente na sua construção, o que é impossível no discurso monológico. Dessa maneira, ao levarmos em conta o discurso do outro e o anteciparmos, percebemos sua atuação na construção da atitude responsiva. Assim é conceituada a réplica do diálogo:

- (25) *Análoga à polêmica velada é a réplica de qualquer diálogo dotado de essência e profundidade. Todas as palavras que nessa réplica estão orientadas para o objeto reagem ao mesmo tempo e intensamente à palavra do outro, correspondendo-lhe e antecipando-a. O momento de correspondência e antecipação penetra profundamente no âmago do discurso intensamente dialógico. É como se esse discurso reunisse, absorvesse as réplicas de outro, reelaborando-as intensamente.* (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 225).

Por fim, Bakhtin (2010 [1929]) apresenta o diálogo velado. Essa variedade é distinta das duas anteriores, na medida em que é considerada ativa, pois não se encontra passivamente nas mãos do autor. Nessa variedade, embora o discurso do outro não esteja explicitamente colocado, isto é, não se concretize na materialidade da língua, ele influencia ativamente na construção do discurso, sua antecipação o determina internamente. Sendo assim, a voz do outro não é um objeto passivo nas mãos do autor; aqui, ela se coloca ativamente, dialoga com discursos outros e dialoga internamente com o discurso do autor. Essa variedade do discurso é ainda mais sutil que a anterior, na medida em que todo o discurso sente a presença do outro e estabelece um diálogo tenso, é determinado de dentro para fora. A seguir, Bakhtin (2010 [1929]) discute a referida variedade:

- (26) [...] *Imaginemos um diálogo entre duas pessoas no qual foram suprimidas as réplicas do segundo interlocutor, mas de tal forma que o sentido geral não tenha sofrido qualquer perturbação. O segundo interlocutor é invisível, suas palavras estão ausentes, mas deixam profundos vestígios que determinam todas as palavras presentes do primeiro interlocutor. Percebemos que esse diálogo, embora só um fale, é um diálogo sumamente tenso, pois cada uma das palavras presentes responde e reage com todas as suas fibras ao interlocutor invisível, sugerindo fora de si, além dos seus limites, a palavra não pronunciada do outro.* (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 226).

Após a discussão de cada tipo e suas variedades de discurso, reproduzimos, a seguir, o esquema desenvolvido por Bakhtin (2010 [1929]), no qual o autor divide as variedades de discurso em três grandes grupos, ao mesmo tempo em que oferece uma breve explicação acerca de cada tipo, conforme apresentado anteriormente:

Quadro 5 – Tipos de discurso propostos por Bakhtin (2010 [1929])

| | |
|---|---|
| I. Discurso direto imediatamente orientado para o seu referente como expressão da última instância semântica do falante | |
| II. Discurso objetificado (discurso da pessoa representada) | |
| 1. Com predomínio da definição sociotípica | Diferentes graus de concretude |
| 2. Com predomínio da precisão caracterológico-individual | |
| III. Discurso orientado para o discurso do outro (discurso bivocal) | |
| 1. Discurso bivocal de orientação única: a) estilização; b) narração do narrador; c) discurso não objetificado do herói-agente (em parte) das ideias do autor; d) <i>Icherzählung</i> . | Reduzindo-se o grau de concretude tendem para a fusão das vozes, isto é, para o discurso do primeiro tipo. |
| 2. Discurso bivocal de orientação vária: a) paródia em todas as suas gradações; b) narração parodística; c) <i>Icherzählung</i> parodístico; d) discurso do herói parodisticamente representado; e) qualquer transmissão da palavra do outro com variação no acento. | Havendo redução do grau de concretude e ativação da ideia do outro, tornam-se internamente dialógicas e tendem para a decomposição em dois discursos (duas vozes) do primeiro tipo. |
| 3. Tipo ativo (discurso refletido do outro) a) polêmica interna velada; b) autobiografia e confissão polemicamente refletidas; c) qualquer discurso que visa ao discurso do outro; d) réplica do diálogo; e) diálogo velado. | O discurso do outro influencia de fora para dentro; são possíveis formas sumamente variadas de interrelação com a palavra do outro e variados graus de sua influência deformante. |

Fonte: Bakhtin (2010 [1929]).

Com base nas discussões desenvolvidas acerca do discurso, percebemos que Bakhtin (2010 [1929]) leva em conta as diferentes possibilidades de discurso presentes especialmente no romance, porém seu foco reside particularmente no discurso bivocal tipo 3, isto é, no tipo ativo. Nesta variedade em específico, o encontro de vozes se dá internamente, na medida em que a palavra do outro é sentida em nosso próprio discurso, na sua influência e na sua participação ativa, na antecipação dessa possível atitude responsiva, de sua entonação e consideração a própria valoração que atribuímos a ela. Daí Bakhtin (2010 [1929]) ressaltar constantemente a impossibilidade de se compreender tais fenômenos unicamente a partir de um olhar para a forma da língua.

Ainda, com base nas discussões desenvolvidas, pensamos nos seguintes caminhos:

1. O discurso consiste na realização concreta da forma e do conteúdo em um todo orgânico;

2. O discurso consiste no ponto de convergência de diferentes vozes que dialogam no plano do sentido em torno de um mesmo objeto do discurso, isto é, de vozes que estabelecem relações dialógicas;
3. As relações dialógicas não são possíveis entre os elementos da língua, pois só existem entre enunciados concretos. Ao mesmo tempo, necessitam da materialidade da língua, dado que o discurso só se realiza no uso da língua;
4. As propostas do Círculo em torno do discurso e sua relação com outras vozes e com o objeto do discurso demonstram que nenhum discurso está alheio ao outro na comunicação discursiva, nunca é monológico, isto é, ele não está voltado somente para seu objeto, nem se centra em si mesmo como expressão e esgotamento de um dado sentido pretendido pelo sujeito que enuncia.

Finalizamos aqui a discussão em torno das orientações para a análise do discurso. A seguir, reenunciamos as propostas para o estudo da **ideologia**. Conforme discutido brevemente na seção 3.1, Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) explicam que a ideologia necessita de uma encarnação material, de uma materialidade sígnica, na medida em que remete para algo fora de si mesma. Em outros termos, todo objeto que se torna signo ideológico reflete e refrata a realidade, significa sempre uma tomada de posição acerca da realidade, de forma que sem signos não existe ideologia. Para Medviédev (2012 [1928]), as concepções de mundo, as crenças, bem como todas as possibilidades ideológicas não existem de forma interiorizada nos sujeitos, isto é, subjetivamente. Na verdade, essas crenças e concepções só se tornam ideológicas na medida em que se concretizam em uma dada materialidade, pois é somente a partir do material que as ideologias se tornam parte da realidade do homem. Nessa medida, um objeto que faça parte da realidade, ao receber um significado preciso, torna-se signo ideológico e expressa algo fora de si mesmo: “Que aconteceu, precisamente? Aconteceu que um *fenômeno da realidade objetiva* tornou-se um fenômeno da realidade ideológica: o objeto se transformou em signo (obviamente, igualmente objetivo, material).” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 192, grifo do autor).

Ao expressar um fenômeno da realidade ideológica, o signo faz parte necessariamente de um dado recorte da realidade, ou, nos termos de Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]), de determinado campo da criação ideológica, de forma que, se retirado desse campo, perde seu sentido, pois “qualquer palavra, dita ou pensada, exprime um *ponto de vista* a respeito de vários acontecimentos da realidade objetiva, em diferentes situações.” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 196, grifo do autor). Isso acontece, segundo Volochínov (2013 [1925/1930])

porque, em cada etapa do desenvolvimento da sociedade, determinado grupo de objetos recebe a atenção social, de forma que somente esse grupo que entra no horizonte social em determinado momento histórico é que recebe significado semântico. Para que dado objeto provoque reações ideológicas de um grupo, é necessário que ele esteja ligado às premissas socioeconômicas da realidade do referido grupo.

Ainda, conforme discutido, embora todo objeto possa se tornar signo, a palavra é o fenômeno ideológico por excelência (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929]). Isso significa que toda palavra, quando ideologicamente constituída, atende unicamente a essa função, de forma que se mostra a materialidade mais pura da relação social. Ao mesmo tempo em que é fenômeno ideológico por excelência, a palavra também é um signo neutro. Isso quer dizer que toda palavra pode atender quaisquer funções ideológicas e fazer parte de qualquer campo da criação ideológica. Para Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929], p. 42), “a palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.” Ao se tornar signo, no entanto, passa a fazer parte especificamente de um dado campo, pois cada campo reflete e refrata a realidade a seu modo, ou seja, significa a realidade de forma específica e é constituído por diferentes ideologias; fora dessas condições, o signo perde seu sentido.

A partir dessas considerações acerca da ideologia e do signo ideológico, Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) apresentam discussões para o estudo da ideologia à luz dos escritos do Círculo, que consideram três aspectos da ideologia: sua materialidade sígnica, sua relação com os gêneros do discurso e sua dimensão social. Reenunciamos os encaminhamentos a seguir e discutimos com maior profundidade cada diretriz em questão:

- (27) 1. Não separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-a no campo da ‘consciência’ ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível); 2. Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico); 3. Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura). (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 45, grifos dos autores).

No item 1 do exemplo 27, os autores afirmam que a ideologia não pode ser separada da materialidade sígnica, o que foi discutido anteriormente ao nos referirmos à necessidade da encarnação material para a existência dos signos. Ao mesmo tempo, o signo ideológico se constitui no âmbito do social, isto é, sempre na relação interindividual, e não na vida interior

dos sujeitos. Assim explicam Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) e, em seguida, Medviédev (2012 [1928]):

- (28) *Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 45, grifos dos autores).
- (29) *Todos os produtos da criação ideológica – obras de arte, trabalhos científicos, símbolos e cerimônias religiosas etc. – são objetos materiais e partes da realidade que circundam o homem. É verdade que se trata de objetos de tipo especial, aos quais são inerentes significado, sentido e valor interno. Mas todos esses significados e valores são somente dados em objetos e ações materiais. Eles não podem ser realizados fora de algum material elaborado.* (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 48).

Em outros momentos, os autores ressaltam a impossibilidade de se compreender o signo fora das relações sociais e fora das condições de produção, bem como a natureza social da ideologia, que sempre tem uma encarnação material:

- (30) *A compreensão de cada signo, interior ou exterior, efetua-se em ligação estreita com a situação em que ele toma forma. Esta situação, mesmo no caso da introspecção, apresenta-se como a totalidade dos fatos que constituem a experiência exterior, que acompanha e esclarece todo signo interior. Essa situação é sempre uma situação social. [...]. O signo não pode ser separado da situação social sem ver alterada sua natureza semiótica.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 63, grifo dos autores).
- (31) *As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas ‘almas’ das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem.* (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 48-49, grifo do autor).

Se os signos são necessariamente um produto das relações sociais, eles não existem na consciência dos sujeitos como produto individual e interno. Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) afirmam que a consciência individual, por si só, não consegue explicar nada, posto que ela mesma é um fato socioideológico, então deve ser explicada a partir justamente da sua dimensão social. Os autores explicam que a consciência somente surge e existe a partir da encarnação material em signos: “A consciência só se torna consciência quando se impregna de

conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social.” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 34).

Medviédev (2012 [1928]) também discute a questão da impossibilidade de existir ideologia como produto da consciência dos sujeitos. Segundo ele, a ideologia não existe na “alma” do falante, fechada em sua mente, mas à medida que impregna o material ideológico:

(32) *Cada produto ideológico e todo seu ‘significado ideal’ não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante. Cada produto ideológico (ideologema) é parte da realidade social e material que circunda o homem. Não importa o que a palavra signifique, ela, antes de mais nada, está materialmente presente como palavra falada, escrita, impressa, sussurrada no ouvido, pensada no discurso interior, isto é, ela é sempre parte objetiva e presente do meio social do homem.* (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 50, grifo do autor).

Nesse sentido, Volochínov (2013 [1925/1930]) explica que, enquanto fenômeno ideológico, a palavra é ao mesmo tempo parte da realidade material, mas isso não é suficiente. Para que seja uma palavra de fato, ela deve denotar algo que reflita e expresse os fenômenos da realidade objetiva. Na verdade, a questão da relação da ideologia com a realidade está diretamente relacionada com a sua orientação social. Volochínov (2013 [1925/1930]) explica que a orientação social diz respeito à “dependência da enunciação em relação ao peso sócio-hierárquico do auditório, isto é, do pertencimento de classe dos interlocutores, da sua condição econômica, profissional, posição no serviço [...]” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 189), isto é, a orientação social está relacionada com a posição social ocupada pelo sujeito, seu pertencimento de classe. Segundo o autor, o pertencimento de classe não determina a enunciação somente a partir de seu exterior, mas determina todos os seus aspectos em termos de entonação, disposição das palavras, isto é, as marcas linguísticas evidenciam a orientação social da enunciação. Daí a afirmação dos autores, no item 1 do exemplo 27, de que a ideologia não pode ser separada da realidade material do signo, posto que não existe sem essa encarnação material, nem pode ser reduzida a um produto da consciência dos sujeitos, já que esta é produto do social.

No item 2 do exemplo 27, os autores afirmam que não se deve dissociar o signo das formas concretas da comunicação social. Para os autores, todas as formas de interação possíveis, isto é, os gêneros do discurso, são sempre socialmente determinadas, mais especificamente pelas relações de produção e pelas conseqüentes estruturas sociopolíticas. A partir destas, são determinadas todas as possíveis formas e os meios de comunicação verbal,

em quaisquer esferas e situações, de forma que os signos ideológicos estabelecem relações estreitas com as relações sociais e com a dimensão social como um todo. Ao mesmo tempo, se todas as formas de interação social são necessariamente mediadas pelos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011 [1979]), entendemos que os signos não podem ser separados destes na medida em que são justamente os gêneros discursivos, as formas concretas de comunicação social, que regularizam e estabilizam seus usos, isto é, que possibilitam que esses signos adentrem a comunicação discursiva, que povoem o interindividual. Fora da comunicação discursiva, ou seja, dos gêneros do discurso, são formas da língua que possuem significado semântico. Dessa maneira, não é possível a separação entre as formas de comunicação, os gêneros do discurso, e a realidade, pois é somente nessas condições que a palavra enquanto signo existe e se relaciona com a realidade:

(33) *As relações de produção e a estrutura sociopolítica que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos da comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 43).

(34) *Estas formas de interação verbal [gêneros do discurso] acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada e reagem de maneira muito sensível a todas as flutuações da atmosfera social. Assim é que no seio desta psicologia do corpo social materializada na palavra acumulam-se mudanças e deslocamentos quase imperceptíveis que, mais tarde, encontram sua expressão nas produções ideológicas acabadas.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 43).

Ainda, é necessário levar em conta que, se os signos não podem ser separados das suas formas concretas, ou seja, dos gêneros do discurso, seu estudo se dá necessariamente à luz do estudo dos enunciados, posto que todo uso da linguagem se dá sempre por meio de enunciados (BAKHTIN (2011 [1979])). Nessa medida, os signos fazem parte da realidade a partir do uso concreto da língua, realizado por meio de enunciados e mediado pelos gêneros do discurso.

Por fim, no item 3 ainda do exemplo 27, Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) afirmam que não se deve dissociar a comunicação e suas formas de sua base material, isto é, da sua infraestrutura. Acerca desta questão, os autores refletem sobre como os signos refletem e refratam a realidade em transformação, ou seja, de saber como a realidade determina o signo. Eles entendem que todas as palavras existem enquanto signos a partir de uma multidão de fios ideológicos, como parte da ideologia de um determinado grupo social. Para Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) e Volochínov (2013 [1925/1930]), essa refração da realidade é resultado da luta de classes enquanto entrecruzamento de interesses de uma determinada

comunidade. Segundo os autores, é justamente essa possibilidade de refração de opiniões, pontos de vista e avaliações que atribuem vida e mobilidade ao signo. A seguir, reenunciamos as discussões dos autores:

- (35) *O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a luta de classes. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 47, grifos dos autores).*
- (36) *[...] toda realidade objetiva, todo o ser do homem e da natureza não só se refletem no signo, como são por ele refratados. Esta refração da realidade objetiva no signo ideológico é determinada pelo entrecruzamento de interesses sociais orientados de maneiras diferentes no âmbito de uma comunidade semântica, ou seja, pela luta de classes. (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 199, grifos do autor).*

Os autores explicam que esse movimento de refração se dá justamente porque a realidade é sempre ideologicamente significada. Dito de outro modo, a refração da realidade se dá na medida em que coexistem diferentes pontos de vista, perspectivas e valorações acerca dos acontecimentos e da realidade como um todo. Nessa medida, em determinados momentos da história, a sociedade tem acesso a um dado grupo de objetos que recebe a atenção social, que atribuem dados sentidos à realidade e silenciam outros. No exemplo a seguir, Volochínov (2013 [1925/1930]) explica a referida questão:

- (37) *No mundo dos homens, de qualquer maneira, não existem signos ideológicos que conotem propriamente todos os fenômenos da natureza e os acontecimentos da história. Em cada etapa do desenvolvimento da sociedade existe um grupo particular e orgânico de objetos acessíveis à atenção social. Somente este grupo de objetos recebe uma forma semântica e torna-se tema de uma troca comunicativa ideológica e por consequência semântica. (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 195).*

Sendo assim, não existe somente uma ideologia, isto é, não existe apenas uma possibilidade de significar a realidade, pois à medida que novos objetos recebem atenção do grupo social e as ideologias até então dominantes passam a ser questionadas, são mobilizados novos signos ideológicos, novas valorações acerca da realidade.

Diante da discussão desenvolvida acerca da noção de ideologia, propomos as seguintes reflexões:

1. Todo signo necessita de encarnação material;
2. Todo signo é um fenômeno ideológico;
3. A ideologia não é produto da consciência dos sujeitos, mas sim um produto social;

4. Os signos ideológicos significam a realidade na medida em que se realizam concretamente por meio de enunciados;
5. Os enunciados são mediados pelos gêneros do discurso, de forma que é a partir dos gêneros que os signos circulam socialmente;
6. Todo signo existe como parte da ideologia de um determinado grupo social, isto é, ele existe a partir do emaranhado de ideologias que constituem e significam a realidade;
7. Todo signo ideológico reflete e refrata a realidade na medida em que ele reúne as diferentes valorações em torno desta ou daquela ideologia;
8. Não existe somente uma ideologia dominante, pois o signo é móvel e vivo, sendo essa mobilidade atribuída pela luta de classes.

Ao mesmo tempo, entendemos que a discussão em torno da noção de ideologia está intimamente vinculada com o conceito de valoração, conforme as discussões de Acosta Pereira e Rodrigues (2014). Sendo assim, discutimos a seguir as discussões em torno da valoração em diálogo com o conceito de ideologia, anteriormente trazido.

O conceito de **valoração** é discutido na seção 3.1, de forma que reenunciamos brevemente algumas questões pertinentes para trazermos as discussões metodológicas para o estudo da valoração à luz das discussões de Medviédev (2012 [1928]) e Volochínov (2013 [1925/1930]).

Para Medviédev (2012 [1928]), o elemento que une a materialidade e o sentido do enunciado é valoração. Isso se dá porque todo enunciado, além de sua dimensão linguística e seu sentido (produzido na situação de interação), expressa um ponto de vista, uma atitude valorativa. Todo enunciado é uma tomada de posição acerca do enunciado do outro, seja o já-dito ou como antecipação da resposta, que também já é valorada; o enunciado também valora e significa o objeto do discurso, que se encontra ressalvado e povoado por outras vozes. Dito de outro modo, a valoração é o contato da palavra com a vida, é o que nos leva para além dos limites do enunciado e ao mesmo tempo o completa. Dessa maneira, Medviédev (2012 [1928]) explica que a avaliação social é o que estabelece a ligação orgânica entre o singular do enunciado e seu sentido geral, posto que é a avaliação social que realiza a unidade de sentido do enunciado.

Essa posição avaliativa, isto é, a avaliação social, é, portanto, a dimensão histórica do enunciado, é a novidade e é o fator que o individualiza, pois está sempre intimamente vinculada a uma situação em específico e está orientada para o horizonte de valores que constitui determinado grupo social. Segundo Medviédev (2012 [1928]), as avaliações mais estáveis e

profundas são determinadas a partir das condições socioeconômicas de um dado grupo em um dado momento histórico de forma mais ampla. Também existem outras avaliações ligadas às condições mais próximas e de curta duração da vida social, e, por fim, existem avaliações ligadas ao dia, ao momento, à hora. Com isso, o autor busca dizer que, em qualquer situação de interação, seja de forma mais imediata ou mais ampla, isto é, nas interações mais fortuitas ou nos acontecimentos que ganham o grande tempo, existe a constituição valorativa, ou seja, há sempre um movimento de avaliação, um posicionamento, de forma que, seja qual for a condição de produção do enunciado, ele só será compreendido de fato se considerarmos as condições nas quais ele foi produzido: “de fato, é impossível compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico.” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 185).

O conceito de valoração, ainda, é relacionado com a noção de enunciado. Segundo Volochínov (2013 [1925/1930]), a valoração é o que sustenta os três elementos constituintes do enunciado, que são o falante, o interlocutor (ou interlocutores) e o objeto do discurso⁵². De acordo com o autor, toda palavra é resultado da interação desses três elementos na medida em que todo falante leva em conta a relação estabelecida com o outro, que pode ser marcada por diferentes possibilidades de relação entre os sujeitos (relação hierárquica, de igualdade, bem como pode ser marcada pela formalidade, por exemplo), ao mesmo tempo em que considera o objeto da enunciação e a relação estabelecida com ele. A valoração constitui tais relações na medida em que toda interação, toda enunciação é valorativamente constituída, isto é, carrega um valor, expressa um posicionamento. É a valoração que impregna de sentido toda enunciação, toda interação social e toda relação com o objeto da enunciação.

Ao mesmo tempo em que constitui toda relação social, é a valoração que determina a *forma* do enunciado, isto é, que orienta as escolhas linguísticas para a construção da enunciação. Isso se dá porque, conforme discutido no decorrer da tese, não escolhemos as palavras a partir de um dicionário ou de uma listagem, mas levamos em conta o valor que elas carregam, o sentido que elas projetam em uma dada situação, nossa intenção ao enunciarmos e a relação que estabelecemos com os elementos elencados no parágrafo anterior. Reenunciamos, a seguir, alguns exemplos que comprovam o papel da valoração na construção da forma da enunciação e de seu sentido:

⁵² No ensaio “Palavra na vida e palavra na poesia”, Volochínov (2013 [1925/1930]) nomeia os três elementos respectivamente autor, ouvinte e herói ou terceiro participante, os quais são termos vinculados às análises literárias. No entanto, utilizamos outra terminologia de forma a convergir com os termos usados no decorrer da tese.

- (38) *Na literatura são importantes acima de tudo os valores subentendidos. Se pode dizer que uma obra artística é um potente condensador de valorações sociais não expressadas: cada palavra está impregnada delas. São justamente essas valorações sociais as que organizam a forma artística enquanto sua expressão imediata.* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 88, grifos do autor).

Na citação anterior, embora a discussão esteja voltada para a literatura e para a forma artística, podemos trazer essas considerações para o estudo do enunciado. Sendo assim, entendemos que o autor afirma que todo enunciado carrega valorações subentendidas, isto é, que são compartilhadas por todos os sujeitos e que não precisam ser enunciadas e esclarecidas. Ao mesmo tempo, é a valoração social que determina a forma do enunciado, conforme o autor explica logo em seguida:

- (39) *Acima de tudo, as valorações determinam a seleção das palavras pelo autor a percepção desta seleção (co-eleição) pelo ouvinte. Porque o poeta não escolhe suas palavras de um dicionário, mas do contexto da vida no qual as palavras se sedimentaram e se impregnaram de valorações. Deste modo, escolhe as valorações relacionadas com as palavras e, além disso, desde o ponto de vista dos portadores encarnados destas valorações. [...]. O ouvinte e o herói são participantes permanentes do acontecimento da criação. Este acontecimento jamais deixa de ser o da comunicação viva entre todos eles.* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 88, grifos do autor).

Dessa maneira, entendemos que, na análise da valoração, é necessário levar em conta que todo enunciado é valorativamente constituído, ao mesmo tempo em que é justamente a valoração que sustenta os três elementos constitutivos do enunciado, que são o falante, o interlocutor e o objeto da enunciação.

Ao mesmo tempo em que é um fator constituinte do enunciado, Volochínov (2013 [1925/1930]) explica que a valoração é o elemento que estabelece o contato da palavra com a vida, isto é, com o extraverbal. Para o autor, a palavra tomada isoladamente não carrega qualquer valor; na medida em que estabelece o contato com a vida, que se encontra com o extraverbal, torna-se enunciado. Fora dessa relação com a vida, a palavra perde seu sentido. A partir disso, Volochínov (2013 [1925/1930]) procura esclarecer como se dá essa relação da palavra com o extraverbal, ou seja, como a palavra se relaciona com a realidade. Para tanto, o autor apresenta três pontos para o estudo da relação da palavra com o extraverbal para se entender, de fato, seu sentido, conforme reenunciado a seguir:

- (40) *Que nos falta? Nos falta, justamente, aquele contexto extraverbal no qual a palavra “Bem”⁵³ apresenta um sentido para aquele que a ouve. Esse contexto extraverbal da enunciação se compõe de três aspectos: 1) um horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes (a unidade do visível: a casa, a janela etc); 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação, igualmente compartilhados pelos dois, e, finalmente, 3) a valoração compartilhada pelos dois, desta situação.* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 78, grifos do autor).

Para o autor, portanto, o contexto extraverbal, que envolve todo enunciado, dá conta de três fatores determinantes:

a) o horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes: segundo o autor, o horizonte espacial deve ser de conhecimento de todos os participantes da interação. Apesar de o texto se referir a um contexto espacial na situação e compartilhado simultaneamente por todos os participantes, podemos ampliar esse horizonte para além da situação mais imediata. É possível, por exemplo, considerarmos um contexto espacial que seja de conhecimento de todos os participantes, mesmo que não estejam, de fato, no mesmo lugar. Isso é possibilitado especialmente pela internet⁵⁴, na qual é possível ter o conhecimento de determinada localidade, dos acontecimentos que se concretizam em diferentes espaços, apesar de não haver simultaneidade no que diz respeito ao conhecimento dos participantes acerca do horizonte espacial. Nessa medida, para a compreensão do enunciado, é necessário que haja o conhecimento mútuo do horizonte social, do espaço dos acontecimentos, mesmo que, conforme afirmado, não haja simultaneidade na participação.

b) o conhecimento e a compreensão comum da situação: diz respeito ao compartilhamento, por parte dos sujeitos, do conhecimento da situação como um todo, que deve levar em conta os participantes, as relações estabelecidas entre eles, assim como o conhecimento do horizonte espacial. Dito de outro modo, todos os participantes devem ter um entendimento partilhado dos acontecimentos que tomam forma em um dado espaço, o que retoma o fator anterior.

c) a valoração compartilhada da situação: para Volochínov (2013 [1925/1930]), além do conhecimento do horizonte espacial e da compreensão comum da situação, é necessário que haja também o compartilhamento da valoração acerca do acontecimento. Isso significa que

⁵³ Volochínov (2013 [1925/1930]) toma como exemplo a palavra “Bem”, apresentada nas discussões anteriores do autor a partir de uma situação proposta por ele.

⁵⁴ Conferir as discussões de Bostad (2004) acerca do advento da internet e da ampliação de possibilidades de interação.

todos os sujeitos devem ter o conhecimento comum do tom valorativo atribuído a um dado acontecimento, ou seja, todos devem ter uma avaliação convergente, um ponto de vista correlato. Se pensarmos em um caso no qual a mesma valoração não é compartilhada por todos os participantes, ou seja, que haja diferentes valorações acerca da mesma situação, podem ser projetados diferentes sentidos para um mesmo enunciado.

As considerações acima oferece mais encaminhamentos para o estudo da valoração, que, além de levar em conta seu papel na constituição da forma da enunciação, relaciona-se diretamente com a situação que envolve e determina o enunciado: a valoração compartilhada pelos participantes da interação constitui os demais fatores e os une, isto é, o horizonte espacial compartilhado e a compreensão e entendimento comuns da situação, na medida em que é o ponto de convergência de ambos; nenhum sentido seria produzido se os participantes compartilhassem o horizonte espacial e a compreensão, mas tivessem pontos de vista completamente distintos, se adotassem posicionamentos divergentes, pois o mesmo enunciado teria sentidos completamente diferentes para cada sujeito.

A questão da valoração é abordada, além de Volochínov (2013 [1925/1930]), ainda por outros autores do Círculo, que também oferecem reflexões para entendimento e análise desse conceito tão caro à perspectiva dialógica da linguagem. Medviédev (2012 [1928]), por exemplo, analisa a valoração segundo três enfoques: o papel da avaliação social (discussão que dialoga com o que já foi exposto à luz da obra de Volochínov (2013 [1925/1930])); a relação da avaliação social e o enunciado concreto, bem como a avaliação social e sua relação com a construção poética. Reenunciamos as discussões do autor, de forma a deixar em voga as reflexões metodológicas oferecidas nas reflexões.

O primeiro item apresentado pelo autor consiste na *avaliação social e seu papel*. Para Medviédev (2012 [1928]), é a avaliação social que possibilita a atualização histórica do enunciado, ou seja, que atribui a unicidade ao enunciado, que possibilita seu contato com a vida, sua renovação no plano do sentido, pois cada enunciado, mesmo que semelhante em termos linguísticos, é atualizado em termos de sentido na medida em que é constituído por diferentes valorações, por diferentes pontos de vista, conforme os trechos a seguir:

- (41) *na língua, como num sistema linguístico abstrato, não encontraremos um valor social.* (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 183);
- (42) *Pois é essa atualização social que atualiza o enunciado tanto no sentido da sua presença fatural quanto no do seu significado semântico. Ela determina a escolha do objeto, da palavra, da forma e a sua combinação individual nos limites do enunciado.*

Ela determina, ainda, a escolha do conteúdo e da forma, bem como a ligação entre eles. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 184).

Em seguida, o autor ratifica o posicionamento adotado:

- (43) *No enunciado, cada elemento da língua tomado como material obedece às exigências da avaliação social. Apenas aquele elemento da língua que é capaz de satisfazer suas exigências pode entrar no enunciado. A palavra torna-se um material do enunciado apenas como expressão da avaliação social. Por isso, a palavra entra no enunciado não a partir do dicionário, mas a partir da vida, passando de um enunciado a outros. A palavra passa de uma totalidade para outra sem esquecer o seu caminho. Ela entra no enunciado como uma palavra da comunicação, saturada de tarefas concretas dessa comunicação: históricas e imediatas. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 185).*

Nessa medida, ao se estudar a avaliação social, é necessário levar em conta: o objeto que está sendo discursivizado, na medida em que a relação do sujeito que enuncia com o objeto é valorativamente constituída; determina, também, a palavra e a forma, isto é, orienta as escolhas léxico-gramaticais para a construção do enunciado, bem como sua organização sintática e distribuição. Assim, a avaliação social é o que determina a relação da forma com o conteúdo, de forma que ratifica as afirmações, realizada no decorrer da tese, de que não se pode estudar os elementos da língua sem considerar a dimensão extraverbal.

O segundo item apresentado pelo autor consiste na relação *entre a avaliação social e o enunciado concreto*. Segundo Medviédev (2012 [1928]), a seleção das palavras para a construção do enunciado concreto não se dá apenas a partir do significado linguístico, mas leva em conta especialmente o *valor* que constitui as palavras. Dito de outro modo, para a construção do enunciado concreto, o que interessa não é somente o significado das palavras conforme apresentado no dicionário, mas a sua dimensão valorativa, a avaliação que envolve as palavras nesta situação em específico, nessas condições de enunciação e para os propósitos do sujeito que enuncia, conforme explicado no exemplo a seguir:

- (44) *Ao escolher as palavras, suas combinações concretas, sua localização na composição, o poeta escolhe, compara, combina, justamente as avaliações nelas contidas. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 186, grifo nosso).*

Conforme explica o autor, mesmo que dois grupos sociais diferentes tenham à disposição exatamente o mesmo material linguístico (léxico idêntico, bem como as mesmas possibilidades morfológicas e sintáticas, por exemplo), as entonações das palavras serão profundamente distintas. Isso se dá porque, embora os elementos repetíveis sejam

potencialmente os mesmos, o horizonte de valores de cada grupo é significativamente distinto, de forma que o valor de cada enunciado é, por conseguinte, profundamente diferente. Cada enunciado de cada grupo mobiliza um conjunto de valores diferentes, de forma que as palavras servem a avaliações sociais distintas, isto é, a diferentes valorações acerca do mundo e da realidade. Essas afirmações convergem com o que Volochínov (2013 [1925/1930]) afirma em termos de compartilhamento da valoração da situação, isto é, que, se os sujeitos valoram a situação de forma diferentes, o sentido da enunciação também será distinto, mesmo que a materialidade seja idêntica. Assim explica Medviédev (2012 [1928]):

- (45) [...] *a avaliação social faz a mediação entre a língua, como um sistema abstrato de possibilidades, e sua realidade concreta. A avaliação social determina o fenômeno histórico vivo, o enunciado, tanto do ponto de vista das formas linguísticas selecionadas quanto do ponto de vista do sentido escolhido.* (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 189).

Nesse sentido, para a análise da avaliação social, é necessário levar em conta o enunciado e as suas condições de produção cada escolha, cada seleção em termos de elementos léxico-gramaticais, é orientada pela avaliação social, pois é justamente ela que atualiza o sentido do enunciado, que lhe atribui a unicidade e, portanto, estabelece sua construção interna. Para se entender o sentido concreto do enunciado, deve-se considerar que, além do significado, toda palavra carrega um valor, um ponto de vista, que impregna o enunciado e lhe atribui este ou aquele sentido.

O terceiro item apresentado envolve *a avaliação social e a construção poética*. Neste momento, Medviédev (2012 [1928]) desenvolve uma reflexão em torno do papel da avaliação social na construção poética e, a partir das considerações, traz algumas questões acerca da avaliação social levando em conta o enunciado concreto. Segundo o autor, na construção poética, a avaliação social expressa-se até o fim; ela serve ao propósito da obra e tem fins em si mesma. Ao mesmo tempo, a realidade do enunciado serve apenas a esse propósito. Em outros termos, na construção poética, a avaliação social serve aos propósitos da obra e se direciona para essa finalidade.

Diferentemente da construção poética, nas demais esferas da atividade, o enunciado não é completo por si só, de forma que a avaliação social nos leva para além dos limites do enunciado, isto é, leva-nos para outra realidade. Aqui, é a avaliação social que organiza o enunciado, que o determina internamente, orienta a escolha do objeto sobre o qual se enuncia e como ele será tratado na medida em que este adentra no horizonte de dada época e de dado grupo social, conforme já afirmado. Em suma, percebemos que Medviédev (2012 [1928])

estabelece um paralelo entre a construção poética e as demais esferas da interação, bem como as diferenças de tratamento da avaliação social e do enunciado em cada situação específica. Nessa medida, o autor explica que, diferentemente da construção poética, nas demais esferas é a avaliação social que determina a construção do enunciado, seu sentido e sua relação com a realidade, isto é, permite que o enunciado vá além de si mesmo. Ademais, não está finalizada numa só enunciação, pois há sempre o potencial do novo, de ser ressignificada no plano do sentido.

Além de determinar a construção do enunciado como um todo, a avaliação social é o que estabelece o contato do enunciado com a vida, isto é, é o que o insere na cadeia comunicativa, que permite que um dado objeto receba a atenção de um dado grupo social em determinado momento histórico. À medida que passa a ser objeto de discussão, ele é ressaltado, valorado, torna-se o ponto de convergência de vozes sociais que tratam desse mesmo objeto, conforme demonstrado nos exemplos a seguir:

- (46) *A avaliação social organiza tanto a própria visão e compreensão do acontecimento transmitido – pois só vemos e compreendemos aquilo que, de uma maneira ou de outra, toca-nos, interessa-nos – quanto as formas de sua transmissão: a disposição do material, as digressões, os retornos ao passado, as repetições etc., tudo isso é travessado pela mesma lógica da avaliação social.* (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 191);
- (47) *Todos aqueles elementos que podem ser isolados em uma análise abstrata de uma obra, análise bastante adequada dentro dos seus limites, todos eles – a composição sonora, a estrutura gramatical, a temática etc. – são unidos pela avaliação e a ela servem. Já o elemento avaliativo insere ininterruptamente a obra literária no tecido geral da vida social de uma dada época histórica e de um dado grupo social.* (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 188).

Assim, Medviédev (2012 [1928]) oferece reflexões acerca da valoração considerando seu papel, sua relação com o enunciado e sua atuação na construção poética. Ressaltamos que, em vários momentos, há pontos de convergência com as discussões anteriores acerca da noção de valoração, porém, mesmo que haja certa recorrência de determinadas afirmações, nossa proposta consiste em reunir os encaminhamentos metodológicos de cada conceito mobilizado neste capítulo.

A partir das discussões trazidas acerca do estudo da valoração, podemos propor os seguintes percursos:

1. Todo enunciado é valorativo;
2. A valoração é o fator que une o falante, o interlocutor e o objeto do discurso;

3. A forma do enunciado é constituída à luz da valoração, isto é, a valoração orienta a mobilização das formas da língua para a construção da materialidade do enunciado;
4. A palavra tomada isoladamente não carrega qualquer valor; ela somente será atravessada valorativamente no contato com a vida, isto é, enquanto enunciado;
5. A valoração é o elemento de convergência no contato com o extraverbal, ou seja, é o fator que constitui o compartilhamento do horizonte espacial e da compreensão comum da situação, pois é o conhecimento comum da mesma valoração que possibilita que todos os sujeitos construam o mesmo sentido para o enunciado e, portanto, haja mútua compreensão.

Em diálogo com as discussões desenvolvidas até o momento, propomos, a seguir, o estudo do conceito de **enunciado** e os caminhos metodológicos que estão presentes na obra do Círculo. A noção de enunciado foi discutida no decorrer de toda a tese e especificamente na seção 3.1, dado que é um conceito central para a obra do Círculo e perpassa diversas discussões teóricas.

Para explicar a natureza do enunciado, Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) reenunciam duas principais orientações do pensamento filosófico-linguístico, que são o subjetivismo individualista⁵⁵ e o objetivismo abstrato⁵⁶ e, a partir do levantamento de discussões que, embora importantes, não seriam suficientes para explicar a verdadeira substância da língua, propõem que a língua existe, de fato, na *interação verbal*. Dessa maneira, a produção individual dos falantes não consiste na real natureza da língua na medida em que o centro organizador da enunciação não é interior, mas social, ou seja, sempre exterior ao indivíduo; sua consciência não é a origem da língua, mas é constituída justamente a partir do exterior, do social. Ao mesmo tempo, a realidade da língua não consiste em um sistema abstrato de normas e formas, pois, embora a materialidade da língua não seja desconsiderada, ela não é a fonte do enunciado.

⁵⁵ Em termos gerais, para o subjetivismo individualista, o enunciado consiste em um ato puramente individual, enquanto expressão dos pensamentos, das vontades, dos desejos, etc. do sujeito. A origem do enunciado estaria, segundo essa perspectiva, no psiquismo do sujeito, de criação interna e que existe independentemente de sua dimensão social. Dessa maneira, segundo o subjetivismo individualista, a realidade essencial da língua é puramente psicológica.

⁵⁶ O objetivismo abstrato, diferentemente do subjetivismo, afirma que o centro organizador da língua está no sistema linguístico, nas formas, seja no nível fonético, lexical ou sintático. Para essa perspectiva, importa o estudo das formas reiteráveis e normativas, pois seriam elas que possibilitariam a regularidade e estabilidade da língua, bem como a mútua compreensão dos falantes. Portanto, a origem da língua residiria no sistema da língua, pois a tomada da palavra seria possibilitada unicamente pelo domínio das formas e regras linguísticas.

Todo enunciado é determinado socialmente, é sempre produto das relações sociais. Segundo Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]), todo enunciado é produto da interação social de sujeitos socialmente organizados, dado que toda palavra se dirige a um interlocutor, ela estabelece a ponte entre o eu e o outro. Mesmo que o interlocutor seja projetado, antecipado, ele influencia internamente na construção do enunciado, mas ele deve estar presente de uma forma ou de outra, pois não enunciamos para o nada. Os autores explicam que, por causa disso, toda palavra tem duas faces na medida em que pertence a alguém e se dirige a alguém, é o território comum dos sujeitos e produto dessa interação. Nessa medida, todo estudo do enunciado deve levar em conta as condições de enunciação como um todo, pois, fora das relações sociais, não existe enunciação, apenas a forma da língua. Portanto, *“a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.”* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 177, grifo dos autores).

Para o pesquisador que se filia à perspectiva dialógica da linguagem, o Círculo oferece uma das mais importantes noções que devem ser levadas em conta: a língua não pode ser separada de sua dimensão social, pois ela só existe de fato no uso concreto. Ao mesmo tempo, o estudo dos enunciados não pode ser desvinculado de suas condições de produção e da dimensão social como um todo, conforme explicam os autores:

- (48) *A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. [...] A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 127-128, grifos dos autores).

Segundo o autor, todo uso da língua, por mais multiforme e distinto em termos de extensão e modalidade, realiza-se somente por meio de enunciados concretos, produzidos em uma dada situação de interação, na qual interagem ao menos dois sujeitos socialmente situados. Além disso, todo enunciado é, ao mesmo tempo, singular e irrepitível, posto que, ao mesmo tempo em que as condições de interação não podem ser reproduzidas de forma idêntica, os sujeitos nunca são os mesmos, conforme a discussão trazida em torno do cronotopo, de forma que cada enunciado traz o novo, carrega sempre a novidade.

Se o enunciado só existe a partir da sua realização em uma dada situação de interação, é singular e irrepitível, ao mesmo tempo em que é refutada a proposta do objetivismo abstrato,

segundo o qual a origem da língua seriam as normas e o sistema como um todo, podemos entender que as unidades da língua não podem constituir enunciados. Sobre essa questão, Bakhtin (2011 [1979]) faz uma separação entre a oração enquanto unidade da língua e o enunciado enquanto unidade da comunicação discursiva. O autor explica que a oração, enquanto unidade da língua, imanente e abstrata, é essencialmente gramatical na medida em que não expressa um posicionamento, não estabelece vínculo com a situação de interação a não ser como materialidade do enunciado. Este, por sua vez, é a unidade da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011 [1979]), a verdadeira substância da língua (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929]) e um ato social (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]).

Ao mesmo tempo, é ressaltado em diversos momentos que a dimensão linguística não deve ser desconsiderada, pois ela é o meio de realização do enunciado, de modo que a vida constitui a língua e deixa suas marcas a partir da sua ininterrupta evolução:

- (49) *A língua, enquanto meio vivo e concreto onde vive a consciência do artista da palavra, nunca é única. Ela é única somente como sistema gramatical abstrato de formas normativas, abstraída das percepções ideológicas concretas que a preenche e da contínua evolução histórica da linguagem viva. A vida social viva e a evolução histórica da linguagem viva. A vida social viva e a evolução histórica ciam, nos limites de uma língua nacional abstratamente única, uma pluralidade de mundos concretos, de perspectivas literárias, ideológicas e sociais, fechadas; os elementos abstratos da língua, idênticos entre si, carregam-se de diferentes conteúdos semânticos e axiológicos, ressoando de diversas maneiras no interior destas diferentes perspectivas.* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 96).

De forma não somente a diferenciar o enunciado da oração, mas, principalmente, deixar clara a natureza do enunciado, suas particularidades e sua relação com a situação social, que o determina interna e externamente, Bakhtin (2011 [1979]) apresenta peculiaridades atribuídas ao enunciado e que guiam o pesquisador para o seu entendimento e sua análise. Segundo o autor, são três os elementos constitutivos do enunciado: a alternância dos sujeitos do discurso, a expressividade e a conclusibilidade:

Segundo Bakhtin (2011 [1979]), a *alternância dos sujeitos do discurso* é o que estabelece os limites do enunciado, seu início e seu fim. Esses limites são definidos, por assim dizer, pelas outras enunciações: pelos já-ditos, aos quais o enunciado responde e que estabelecem seu início absoluto, bem como as respostas de outros, a posição ativa do outro em relação a nosso enunciado, seu fim absoluto. Todo enunciado é envolvido por esses limites pois ele sempre se dirige ao outro, sempre requer uma resposta; ao mesmo tempo, sempre é

finalizado para passar a palavra ao outro, dado que sempre temos a expectativa da resposta do outro. Assim explica o autor:

- (50) *Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 275).

Dependendo da situação de interação e da esfera na qual o sujeito se encontra, as formas desses limites se realizam de formas variáveis, mesmo que ela não se concretize verbalmente: pode ser uma compreensão ativa e silenciosa, um gesto, uma expressão facial, um enunciado imediato ou posterior; de uma forma ou de outra, uma resposta ativa sempre se concretizará. Os limites do enunciado e a alternância dos sujeitos se mostram de forma mais evidente no diálogo real, no qual as réplicas de cada sujeito são bem expressas e bem demarcadas. Em outros enunciados, como as obras especializadas, a marcação dos limites pode ser realizada de outras maneiras, porém seu início e seu fim estarão sempre evidentes e atribuirão a precisão externa do enunciado. Dessa forma, independentemente da extensão e da natureza do enunciado, sempre haverá um início e um fim, demarcados pelas vozes do outro na medida em que todo enunciado é uma atitude responsiva e requer essa mesma resposta. A seguir, reenunciamos as discussões do autor:

- (51) *Essa alternância de sujeitos do discurso, que cria limites preciosos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, é de natureza diferente e assume formas várias.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 275).

A atitude responsiva está presente já na compreensão do interlocutor que, já no momento de entendimento do enunciado, projeta sua resposta:

- (52) *Na vida real do discurso falado, toda compreensão concreta é ativa: ela liga o que deve ser compreendido ao seu próprio círculo, expressivo e objetual e está indissoluvelmente fundido a uma resposta, a uma objeção motivada – a uma aquiescência. [...]. A compreensão amadurece apenas na resposta. A compreensão e a resposta estão fundidas dialeticamente e reciprocamente condicionadas, sendo impossível uma sem a outra.* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 90, grifo do autor).

O elemento da alternância dos sujeitos do discurso oferece ao pesquisador duas importantes noções para o estudo do enunciado. A primeira delas é que o enunciado pertence a um sujeito, de forma que, se desconsiderarmos esse fato, apagamos sua real natureza e, com isso, corre-se o risco de analisar somente sua materialidade, o que pode acabar no estudo voltado unicamente para a dimensão linguística. A segunda noção é que o enunciado, ao mesmo tempo em que é respondente, requer uma atitude responsiva, pois os elos que estabelece com outros enunciados na comunicação discursiva são constitutivos do seu todo.

Com base nisso, podemos afirmar que:

- i. Todo enunciado estabelece elos com outras vozes, na medida em que adentra a comunicação discursiva e não existe fora dessas relações;
- ii. Todo enunciado é uma resposta ativa a outro enunciado, ao mesmo tempo em que requer uma atitude responsiva, de forma que esse dialogismo inacabável é o que delimita o enunciado;
- iii. Não existe enunciado monológico, pois nenhum enunciado está desvinculado das vozes que o rodeiam e o envolvem, ao mesmo tempo que o determinam.

O segundo elemento apresentado por Bakhtin (2011 [1979]) consiste na *expressividade*. Segundo o autor, esse fator diz respeito à “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e com o sentido do enunciado.” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 289). Em outras palavras, a expressividade está relacionada com a posição valorativa do sujeito em relação ao enunciado e ao objeto do discurso, como ele o avalia e o significa. É justamente a expressividade que atribui a singularidade e unicidade ao enunciado, já que “um enunciado absolutamente neutro é impossível.” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 289), na medida em que indica um posicionamento, uma avaliação do sujeito, e que não pode ser repetida, já que todo sujeito é único e toda avaliação está intimamente ligada às condições de interação, conforme já discutido em torno da noção de valoração/avaliação social.

Nessa medida, podemos entender que não escolhemos as palavras a partir de dicionários, mas com base nos juízos de valor que carregam, considerando o todo do enunciado, e não palavras soltas. Sendo assim, a expressividade é um elemento estranho à palavra enquanto unidade da língua e à oração, pois é o sentido do todo do enunciado que envolve a palavra e lhe atribui expressividade, que lhe atribui um determinado valor. Fora dessas condições, temos apenas o significado. Conforme o autor,

- (53) *A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado é determinado principalmente pelo seu aspecto expressivo.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 289).

Em seguida, ele afirma:

- (54) *Portanto, a emoção, o juízo de valor, a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto. Em si mesmo, o significado de uma palavra (sem referência à realidade concreta) é extraemocional.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 292, grifo do autor).

Não existe, portanto, o elemento expressivo nas unidades da língua:

- (55) *A língua como sistema possui, evidentemente, um rico arsenal de recursos linguísticos – lexicais, morfológicos e sintáticos – para exprimir a posição emocionalmente valorativa do falante, mas todos esses recursos enquanto recursos da língua são absolutamente neutros em relação a qualquer avaliação real determinada. [...]. As palavras são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos do falante.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 289-290, grifo do autor).

Dito de outro modo, não escolhemos as palavras somente pelo seu significado, mas pelo sentido que constroem no todo do enunciado, pelo sentido que elas produzem em uma situação de interação específica. Se não escolhemos as palavras a partir somente do seu significado, mas consideramos o todo do sentido, podemos afirmar que nosso enunciado é povoado de vozes alheias, que reenunciamos e ressignificamos em uma nova situação de interação. Cada enunciado é constituído por ecos e ressonâncias de outras vozes, com os quais dialoga e aos quais responde. Em suma,

- (56) *Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados [...] é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. [...]. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo [...]. por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 294-297, grifo do autor).

Ao mesmo tempo em que pertence ao outro, a palavra pertence também ao sujeito que enuncia e que a ela responde, que ressignifica essa palavra, que lhe atribui nova entonação expressiva e a valora de formas diferentes. Em outras palavras, à medida que respondemos a outros enunciados, a palavra pertence ao sujeito que enuncia e aos seus interlocutores. Aos outros, porque respondemos a ele, e ao sujeito, porque ele adota uma posição ativamente responsiva e significa esse enunciado, posiciona-se em relação a ele. Portanto, afirma o autor:

- (57) [...] *pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 294, grifos do autor).

Nessa medida, Bakhtin (2011 [1979]) explica que a expressividade, juntamente com o elemento semântico-objetual, isto é, o objeto do discurso, determina o enunciado, seu estilo e sua composição. Isso se dá porque o elemento expressivo, isto é, a valoração, constitui e ressalva o objeto do discurso e é a partir dessa relação emocionalmente valorativa que se dá a seleção de recursos linguísticos. Dito de outro modo, a construção do enunciado se dá a partir do elemento expressivo e sua relação com o objeto do discurso e com as vozes que nele ressoam, como ele é valorado e significado pelo sujeito e, a partir dessa relação, o enunciado é construído de determinada maneira, a partir dos sentidos produzidos pelo sujeito e de como ele significa esse objeto e as vozes às quais responde, de forma que os elementos da língua não são mobilizados de forma aleatória, mas a partir do sentido projetado nesse enunciado e no valor que ele carrega. Reenunciamos a seguir as considerações de Bakhtin (2011 [1979]):

- (58) *Portanto, o enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico-objetual e por seu elemento expressivo, isto é, pela relação valorativa do falante com o elemento semântico-objetual do enunciado. A estilística desconhece qualquer terceiro elemento. Ela só considera os seguintes fatores que determinam o sentido do enunciado: o sistema da língua, o objeto do discurso e do próprio falante e a sua relação valorativa com esse objeto. A escolha dos meios linguísticos, segundo a concepção linguística corrente, é determinada apenas por considerações semântico-objetuais e expressivas. Com isto se determinam também os estilos da língua, tanto os de uma corrente quanto os individuais. O falante com sua visão de mundo, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto de seu discurso e o sistema da língua (dos recursos linguísticos), por outro – eis tudo o que determina o enunciado, o seu estilo e sua composição. É esta a concepção dominante.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 296).

Com base nessas considerações, podemos entender que o Círculo oferece encaminhamentos para o pesquisador na medida em que:

- i. Não existe enunciado neutro: todo enunciado é expressivo dado que exprime uma tomada de posição, uma avaliação;
- ii. Não existe expressividade nas unidades da língua nem na oração, somente no enunciado;
- iii. O enunciado não pertence somente a mim, nem somente ao outro; ele reside no terreno do interindividual e não construímos o enunciado a partir de palavras, mas dialogamos com pontos de vista, com posições avaliativas, sendo que essas vozes de alguma forma se fazem presentes no nosso enunciado;
- iv. O elemento expressivo, juntamente com o objeto do discurso, determina o enunciado, seu estilo e sua composição. Dessa maneira, a seleção de recursos linguísticos é orientada pelo elemento expressivo, de forma a construir os sentidos pretendidos pelo sujeito.

Passemos ao terceiro elemento, isto é, a *conclusibilidade*. Conforme Bakhtin (2011 [1979]), o elemento da conclusibilidade está relacionado com o primeiro, ou seja, a alternância dos sujeitos do discurso, na medida em que consiste na relativa finalização do enunciado, já que “é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso.” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 280). Sempre que interagimos, percebemos a certa finalização do enunciado, seu relativo acabamento, o que possibilita a resposta ativa e a tomada da palavra pelo outro. É com a conclusibilidade que estabelecemos a finalização interna do enunciado, seu fim e a possibilidade de resposta, conforme explicado a seguir:

(59) *Quando ouvimos ou vemos, percebemos nitidamente o fim do enunciado, como se ouvíssemos o ‘dixi’ conclusivo do falante. Essa conclusibilidade é específica e determinada por categorias específicas. O primeiro e mais importante critério de conclusibilidade do enunciado é a possibilidade de responder a ele, em termos mais precisos e amplos, de ocupar em relação a ele uma posição responsiva.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 280, grifos do autor).

Segundo Bakhtin (2011 [1979]), a conclusibilidade é o elemento que estabelece a inteireza do enunciado no que se refere à completude de sentido. O autor explica que não basta entender o significado em termos de língua, pois somente a dimensão da língua não pode suscitar atitude responsiva. Para que haja conclusibilidade, é necessária uma inteireza de

sentido, ou seja, que os interlocutores construam sentidos possíveis para esse enunciado e, a partir disso, possam adotar uma atitude responsiva.

Nessa medida, podemos trazer as seguintes reflexões para a compreensão da conclusibilidade:

- i. A conclusibilidade é um elemento constitutivo do enunciado, que possibilita a inteireza de seu sentido, de forma que não existe na oração;
- ii. Todo enunciado tem um relativo acabamento, pois é a conclusibilidade que possibilita a passagem da palavra ao outro, daí esse elemento estar relacionado com a alternância dos sujeitos do discurso.

A inteireza do enunciado e sua conclusibilidade são assegurados por três fatores ligados ao todo do enunciado: a) a exauribilidade semântico-objetal do tema do enunciado; b) o projeto de discurso do sujeito e c) as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento. O primeiro elemento está relacionado com a relativa finalização de um determinado objeto do discurso. Conforme já discutido, o objeto do discurso é o ponto de convergência das vozes sociais que se encontram no plano do sentido, de forma que todo objeto já nos chega ressaltado, valorado e constituído por vozes de outrem:

- (60) [...] *entre o discurso e o objeto, entre ele e a personalidade do falante interpõe-se um meio flexível, frequentemente difícil de ser penetrado, de discursos de outrem, de discursos 'alheios' sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo tema. E é particularmente no processo da mútua-interação existente com este meio específico que o discurso pode individualizar-se e elaborar-se estilisticamente. Pois todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele.* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 86, grifo do autor).

Segundo Bakhtin (2011 [1979]), em determinadas situações, como realizações de pedidos, ordens ou nas quais há extrema padronização, a exauribilidade do objeto é quase completa, na medida em que não há grande potencial para a criatividade. Em outras situações, no entanto, a exauribilidade do objeto é relativa, pois é necessária para a conclusibilidade e o acabamento do enunciado. Esse relativo acabamento do objeto do discurso é preciso para que se tenha a inteireza do sentido do enunciado. Assim explica Bakhtin (2011 [1979]):

- (61) *O objeto é objetivamente inexaurível, mas ao se tornar tema do enunciado (por exemplo, de um trabalho científico) ele ganha uma relativa conclusibilidade em determinadas condições, em certa situação do problema, em um dado material, em*

determinados objetivos colocados pelo autor, isto é, já no âmbito de uma ideia definida do autor. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 281, grifos do autor).

Em diálogo, Medviédev (2012 [1928]) explica que, com exceção do campo da arte, não é possível o esgotamento do objeto, de forma que o acabamento é somente relativo e convencional:

- (62) *É suficiente dizer que, com a exceção da arte, nenhum campo da criação ideológica conhece o acabamento no sentido próprio da palavra. Fora da arte, todo acabamento, todo final, é convencional e superficial e, antes de tudo, determinado por causas externas, e não pelo acabamento interno e exaurido do próprio objeto. A finalização de um trabalho científico tem esse caráter relativo. Na realidade, um trabalho científico nunca finaliza: onde acaba um, continua outro. A ciência é uma unidade que nunca pode ser finalizada. Ela não pode ser fragmentada em uma série de obras acabadas e autônomas. O mesmo ocorre em outros campos da ideologia. Em nenhum lugar, há obras essencialmente acabadas e esgotadas. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 194).*

Sendo assim, acerca do objeto do discurso e seu não esgotamento, podemos entender que

- i. Todo objeto é ressalvado, significado, constituído por diferentes vozes, de forma que consiste no ponto de convergência de vozes sociais;
- ii. O objeto do discurso não é esgotado em um enunciado. Pode haver um relativo acabamento e uma relativa finalização, mas ele sempre será valorado e será tema do enunciado à medida que faça parte do horizonte social de um dado grupo.

O segundo elemento consiste no projeto de discurso do falante, ou na sua intenção discursiva. Esse elemento está intimamente relacionado ao anterior e determina o volume e as fronteiras do enunciado. É a partir da vontade discursiva do falante que percebemos o todo do enunciado, medimos seu início e seu fim. Ademais, esse elemento determina não somente o todo do enunciado, mas a própria escolha do objeto e do gênero do discurso. Dessa maneira, entendemos que

- i. Toda realização do projeto de dizer ocorre a partir da escolha de um gênero do discurso, sendo essa escolha, por sua vez, orientada por diversos fatores, como a própria intenção discursiva do sujeito, as condições de enunciação, os interlocutores, a esfera na qual o sujeito se encontra, enfim, a situação de interação como um todo;
- ii. A realização desse projeto de dizer é sempre situada sócio-historicamente e ativamente responsiva.

O terceiro elemento está relacionado à escolha do gênero discursivo, que é determinada por uma série de fatores, como as especificidades do campo, o objeto de discurso, a situação concreta de interação, o que envolve os participantes e as relações estabelecidas, as condições de enunciação e a situação como um todo. Essa escolha do gênero, por conseguinte, não se dá de forma aleatória, mas leva em conta todos os fatores elencados. Toda tomada da palavra é, portanto, mediada pelos gêneros discursivos, isto é, por formas relativamente estáveis de dizer e de agir.

Segundo Bakhtin (2011 [1979]), não aprendemos os gêneros a partir de listagens, de gramáticas ou dicionários, mas os apreendemos na medida em que interagimos socialmente, que fazemos parte de uma comunidade discursiva e enunciamos socialmente. Dito de outro modo, os gêneros do discurso são apreendidos à medida que interagimos, que circulamos nas mais diferentes esferas da interação e estabelecemos contatos com diferentes usos da língua. De acordo com o autor, se os gêneros não existissem e tivéssemos que criá-los a cada uso da língua, a interação seria praticamente impossibilitada, pois são as regularidades dos gêneros que permitem uma certa estabilidade dos enunciados e que haja compreensão mútua. Assim,

nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 283).

Se os gêneros do discurso são propostos pelo Círculo à luz de uma perspectiva dialógica e sócio-histórica, entendemos que eles não constituem modelos fixos para os enunciados, mas uma arquitetura, uma totalidade discursiva que orienta a tomada da palavra. Constituem, portanto, formas de dizer e de agir socialmente. Segundo Bakhtin (2011 [1979]), apesar da infinidade de gêneros do discurso, há três instâncias constitutivas que estão ligadas ao todo, atribuem a relativa regularidade dos gêneros do discurso, bem como sua fluidez e flexibilidade. Estas são o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Entendemos que esse é um dos encaminhamentos oferecidos pelo Círculo para o estudo dos gêneros do discurso na medida em que são esses três fatores que constituem sua arquitetura, conforme já afirmado. A seguir, discutimos cada um com maior profundidade.

Uma das instâncias constitutivas consiste no *conteúdo temático*. Segundo Bakhtin (2011 [1979]), todo enunciado se ocupa de um dado domínio de sentido. O conteúdo temático comumente é confundido com o assunto do enunciado, porém, na verdade, esse conteúdo diz

respeito a uma totalidade de sentido que adentra o horizonte de um dado grupo social e se torna tema do enunciado, de forma que o conteúdo temático é determinado pelas condições sócio-históricas de interação. Além disso, Grillo (2006) explica que esse aspecto é um fenômeno histórico e dotado de valor apreciativo. Isso significa que todo conteúdo temático, enquanto objeto de interesse de um dado grupo em um dado recorte histórico, é valorado, ressaltado e apreciado a cada nova enunciação. Ainda segundo a autora, o elemento que expressa de forma mais concreta a dimensão valorativa do enunciado é a entonação. Em diálogo, Rodrigues (2005, p. 167) explica que “todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação.”.

Se o conteúdo temático consiste na totalidade de sentido da qual o gênero se ocupa, ele não existe nas unidades da língua. Segundo Medviédev (2012 [1928]), não é possível construir a unidade temática da obra enquanto combinação das unidades da língua e seus significados isolados (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]). O tema do enunciado, segundo o autor, constitui-se com a ajuda dos significados que as palavras carregam, mas não somente a partir deles, pois é o todo do enunciado enquanto ato sócio-histórico. O tema é inseparável tanto do todo da situação do enunciado quanto dos seus elementos linguísticos, que constituem a materialidade do enunciado. Sendo assim,

- (63) [...] *o tema não está direcionado para a palavra, tomada de forma isolada, nem para a frase e nem para o período, mas para o todo do enunciado como apresentação discursiva.* (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 196).

Se o tema não existe na palavra, nem na frase, nem no período, e sim nos enunciados, Medviédev (2012 [1928]) explica que o tema se realiza nos gêneros do discurso a partir de sua orientação para a realidade. O autor explica que o gênero se orienta de duas formas para a vida. Além de se orientar para as condições de interação (isto é, para os ouvintes e receptores, bem como para as condições de realização e percepção do enunciado), o gênero se orienta para a vida a partir do conteúdo temático. Segundo o autor, cada gênero está tematicamente orientado para a vida e para a realidade como um todo, de modo que os gêneros discursivos tratam e significam a realidade de maneiras diferentes, na medida em que circulam em espaços e tempos distintos e únicos:

- (64) *Como consequência [da realização do tema somente no enunciado], a unidade temática da obra é inseparável de sua orientação original na realidade circundante, isto é,*

inseparável das circunstâncias espaciais e temporais. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 197).

Ademais, segundo Grillo (2006), o tema constitui-se a partir de três aspectos. O primeiro deles, mencionado anteriormente, diz respeito à orientação do gênero para a vida por meio do conteúdo temático. À luz do conteúdo temático, cada gênero se orienta para um dado aspecto da vida, orientação essa possibilitada pelo olhar que o gênero oferece para a realidade. O segundo elemento está relacionado ao fato de que nenhum enunciado é neutro na medida em que é valorativamente constituído, sendo que é a avaliação social que estabelece o conteúdo do enunciado e a forma, bem como a relação entre ambos. Por fim, o terceiro aspecto está relacionado ao fato de que o tema não é um elemento da frase, mas do enunciado como um todo, no seu contato com a vida e sua realização na situação de interação concreta. Em suma, o conteúdo temático, enquanto constitutivo dos gêneros do discurso, adquire, neles, caráter estável a partir das regularidades determinadas “pelo campo da comunicação discursiva, pelo todo do enunciado – aí incluída a situação de interação verbal –, pela seleção e profundidade de abordagem dos aspectos do real e pela avaliação social.” (GRILLO, 2006, p. 1832). Em diálogo com tais discussões, Brait e Pistori (2012) discutem que “o gênero emerge da totalidade concluída e solucionada do enunciado, que é o ato realizado por sujeitos organizados socialmente de uma determinada maneira. Trata-se de uma totalidade temática, orientada pela realidade circundante, marcada por um tempo e um espaço.” (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 383).

Com base nas discussões anteriores, podemos entender que o estudo do conteúdo temático, isoladamente, não é possível na medida em que, se desvinculado de outros aspectos constitutivos, recai na consideração do tema enquanto assunto do enunciado. Dito de outro modo, a análise do conteúdo temático deve ser realizada em conjunto com os demais aspectos constitutivos, pois ele se orienta na e para a realidade, assim como para a situação de interação como um todo. Por fim, o conteúdo temático pode ser estudado em diálogo com a avaliação social, posto que não há enunciado neutro e sempre há uma intenção discursiva, que possibilita a construção de um enunciado de dada forma e não de outra.

Ainda, Acosta Pereira e Oliveira (2020b) explicam que o conteúdo temático: i) responde a um determinado cronotopo; ii) responde às coerções da esfera sociodiscursiva; iii) é ideológico; iv) é valorativo e v) é engendrado por relações dialógicas. O primeiro item se refere ao fato de que o conteúdo temático é determinado a partir de uma orientação específica para a realidade, para os acontecimentos organizados pelo cronotopo e para o horizonte aperceptivo de um dado grupo social, sendo que, à medida que essa orientação para a realidade é ressignificada, os gêneros também mudam e, por conseguinte, o conteúdo temático de um

dado gênero é ressignificado. Assim, o conteúdo temático é balizado pelas amplitudes do espaço e do tempo, ao mesmo tempo em que se orienta na e para a experiência. Sendo assim, os autores questionam como os espaços sociais e o tempo legitimam determinados conteúdos temáticos e não outros, que aspectos sócio-histórico-culturais se consociam a dados conteúdos temáticos, bem como as marcas linguísticas mobilizadas na discursivização do conteúdo temático.

O segundo item diz respeito ao fato de que o conteúdo temático está diretamente relacionado com as condições de interação na qual o sujeito está engajado. Assim, “ele se orienta para as particularidades da esfera, para a flexibilidade que os gêneros dessa esfera podem ou não apresentar, da relação de aproximação ou distanciamento que estabelece com os demais participantes [...]. Em suma, o conteúdo temático está orientado na e para a esfera.” (ACOSTA PEREIRA; OLIVEIRA, 2020b, p. 248). Com base em tais considerações, os autores oferecem como percursos metodológicos questões em torno de como a esfera da atividade legitima/regulariza/promove/seleciona dados conteúdos temáticos e não outros, como a esfera orienta determinadas situações de interação e de que maneira estas, bem como os próprios interlocutores, legitimam/regularizam/promovem/selecionam determinados conteúdos temáticos, assim como as marcas linguísticas discursivizadas que balizam os sentidos.

O terceiro item afirma que o conteúdo temático é ideológico na medida em que, se as relações de produção e a estrutura sociopolítica que delas deriva determinam todas as formas e os meios de interação possíveis, e o referido item responde a tais relações, ao se tornar tema do enunciado, um dado objeto necessariamente deve entrar no horizonte aperceptivo de um grupo social e, por conseguinte, desencadeia uma reação semiótico-ideológica. Portanto, ao se tornar objeto de atenção de um determinado grupo, o conteúdo temático é ideologicamente saturado. À luz de tais considerações, os autores questionam como aquele responde às projeções/ressonâncias ideológicas da esfera, das instituições e da situação de interação social, assim como as marcas linguísticas mobilizadas em tais projeções ideológicas.

No quarto item, Acosta Pereira e Oliveira (2020b) afirmam que o conteúdo temático é valorativo posto que, conforme já afirmado, todo enunciado é valorativamente constituído, pois nele há o encontro de vozes outras em torno de um dado objeto discursivo. Dessa maneira, os autores entendem que o conteúdo temático é valorado na medida em que se entretetece nos fios ideológico-valorativos que constituem o objeto discursivizado e, portanto, recebe uma dada projeção valorativa. Em termos de encaminhamentos, os autores questionam como as amplitudes cronotópicas regularizam dado conteúdo, como este responde às projeções

valorativas da esfera e da situação de interação, bem como as marcas linguísticas trazidas pelo conteúdo temático em torno de uma dada valoração.

Por fim, o quinto item mencionado se refere ao fato de que o conteúdo temático é engendrado por relações dialógicas. Conforme afirmado, o conteúdo temático leva em conta não somente o objeto do discurso, mas também as vozes que o constituem, de forma que responde ativamente às diferentes vozes e dialoga com elas. Acerca das reflexões propostas, Acosta Pereira e Oliveira (2020b) questionam como um dado conteúdo temático responde a outros, como se engendra em relações dialógicas e quais as marcas linguísticas mobilizadas nesse diálogo.

As discussões em torno do conteúdo temático desenvolvidas até o momento demonstram que:

- i. O conteúdo temático pertence somente ao enunciado, e não à oração, nem aos elementos linguísticos;
- ii. O tema do enunciado é inseparável da situação do enunciado como um todo e das formas linguísticas que constituem sua materialidade;
- iii. Todo enunciado se ocupa de um objeto, de um recorte da realidade, isto é, de um determinado domínio de sentido;
- iv. O conteúdo temático é definido a partir de um dado horizonte de possibilidades do grupo social;
- v. O conteúdo temático e sua realização concreta são organicamente unidos nos gêneros do discurso;
- vi. Os gêneros do discurso se orientam para o conteúdo temático;
- vii. O conteúdo temático está intimamente relacionado com o todo da situação de interação, isto é, com os seus elementos constitutivos, de forma que não pode ser entendido e analisado se separado da situação social.

O segundo elemento consiste na *construção composicional*, que, de acordo com Bakhtin (2011 [1979]), diz respeito à arquitetura do enunciado, à ideia do todo, da articulação dos elementos linguísticos e discursivos para a construção de sua totalidade. Longe de ser uma noção convergente com a ideia de estrutura ou de modelo, a construção composicional expressa certa estabilidade dos enunciados, seu início e seu fim. Ademais, a construção composicional dá conta, ao mesmo tempo, da regularidade e da fluidez dos gêneros enquanto arquitetura do todo do enunciado.

Sobre esse aspecto do gênero, Brait e Pistori (2012) abordam a questão da forma arquitetônica, proposta por Bakhtin (2014 [1975]) e que dialoga com a noção de forma composicional. Segundo as autoras, esse aspecto está relacionado ao fato de que o estudo do texto não pode se dar unicamente a partir da sua superficialidade, ou seja, à luz somente da sua materialidade, pois deve dar conta, também, do seu plano, isto é, “[...] suas condições concretas de vida, suas interdependências, suas relações, suas posições ideológicas e valorativas.” (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 378). Ainda, a noção de forma arquitetônica se distingue de forma composicional (mas não a exclui) na medida em que a primeira governa a segunda: a forma arquitetônica dá conta, além da “construção da massa verbal” (FARACO, 2009), ou seja, da forma composicional, das dimensões externa e interna do texto, de forma que, além da própria materialidade, dê conta das relações de sentido projetadas por um dado texto, as relações dialógicas que estabelece com outros enunciados, em suma, de resposta e movimento de compreensão da vida e da sociedade. Dessa maneira, a construção composicional do enunciado deve ser vista enquanto arquitetônica. Ao mesmo tempo, dá conta do enunciado enquanto concretude e unidade da comunicação discursiva, pois não se restringe ao estudo da língua, embora não a exclua. Nesse ínterim, Bakhtin (2014 [1975]) oferece os seguintes encaminhamentos para o entendimento da forma arquitetônica:

- (65) *Deve-se ter em vista que cada forma arquitetônica é realizada por meio de métodos composicionais definidos; por outro lado, às formas composicionais mais importantes, às de gênero por exemplo, correspondem, no objeto realizado, formas arquitetônicas essenciais.* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 24);
- (66) *As formas arquitetônicas são as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social, histórica, etc.; todas elas são aquisições, realizações, não servem a nada, mas se auto-satisfazem tranquilamente; são as formas da existência estética na sua singularidade.* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 25).

Segundo Faraco (2009), por conseguinte, não existe conteúdo puro em termos de possibilidade de isolá-lo da forma composicional. Ao mesmo tempo, a forma composicional não existe separadamente da forma do conteúdo, ou seja, da forma arquitetônica. Em adição, a materialidade não é uma realização por si só em termos de mobilização de elementos linguístico-gramaticais, mas uma apropriação axiológica do material linguístico à luz da forma arquitetônica e da forma composicional.

Ademais, a noção de construção composicional em termos de arquitetônica levanta a questão da “importância de se considerar a tradição em que um dado gênero se insere.” (BRAIT;

PISTORI, 2012, p. 375). Nos escritos do Círculo de Bakhtin, fica claro que não criamos os gêneros a cada interação, ao mesmo tempo em que eles não surgem do nada; na verdade, os gêneros se ressignificam, se reorganizam à medida que as condições de interação necessitam. Além disso, a fluidez dos gêneros e sua capacidade de se reelaborarem possibilitam que seja estabelecida a tradição de um dado gênero, a que aspectos ele responde, quais são os gêneros que o antecedem e por mais mudanças passou até sua relativa estabilização, o que Morson e Emerson (2008, p. 307) chamam de “memória do gênero” quando afirmam que “gêneros são o resíduo de um comportamento passado, um acréscimo que molda, guia e coage o comportamento futuro.”.

Podemos entender, com base nas discussões anteriores, que a construção composicional constitui uma união orgânica de todos os elementos constitutivos dos gêneros do discurso na construção dos enunciados. Isso se dá porque, se cada gênero significa a realidade de determinada maneira, conforme já discutido, cada um mobiliza os elementos linguísticos e a dimensão social de forma específica. Dito de outro modo,

Assim, a construção composicional:

- i. Não consiste em um modelo fixo, mas uma noção de totalidade do enunciado;
- ii. Orienta organicamente a articulação dos elementos linguístico-discursivos para a construção do enunciado;
- iii. Orienta a tomada da palavra na medida em que o enunciado atende a formas relativamente estáveis de construção do todo, bem como as condições de enunciação de cada esfera da interação;
- iv. Dá conta não somente das regularidades de um dado gênero, mas também dos demais aspectos constituintes do enunciado, as relações de sentido que um dado enunciado estabelece, assim como os fatores que determinam socialmente sua construção;
- v. A construção composicional dá conta não somente da materialidade do enunciado, mas se relaciona com a vida, com as condições concretas de realização;
- vi. Todo gênero carrega uma memória da arquitetura de outros gêneros, pois nenhum é criado do nada.

Por fim, o terceiro elemento consiste no *estilo*. A questão do estilo envolve as escolhas linguístico-discursivas na construção do enunciado, isto é, envolve a “seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua.” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 261). Assim, diz respeito tanto à seleção dos recursos linguísticos para a construção do enunciado, quanto sua distribuição e organização no todo.

O estilo está intimamente ligado à relação emocionalmente valorativa do sujeito com os seus interlocutores, com a situação de interação como um todo e com o objeto do discurso, na medida em que, a partir da relação do sujeito com os demais participantes e, por conseguinte, das suas intenções enunciativas, o enunciado poderá tomar diferentes formas. Dito de outro modo, todo enunciado é valorativo na medida em que carrega um ponto de vista, uma visão de mundo, sendo que é a dimensão valorativa do enunciado que orienta a escolha de dados elementos linguísticos e não outros, assim como sua organização e discursivização no todo do enunciado.

Ainda sobre o estilo, Rodrigues (2005) explica que o estilo pode ser melhor compreendido quando se leva em conta sua natureza genérica. Segundo a autora, todos os estilos individuais, assim como os de língua, são estilos dos gêneros. Ainda que todo enunciado seja individual e único, nem todo gênero é capaz de absorver um estilo particular. Em dadas esferas, nas quais há maior rigidez e menor produtividade, há pouca possibilidade de presença do estilo individual, enquanto que em outras, como na literária, a produtividade é maior e, por conseguinte, há maior presença do estilo individual, pois faz parte dos propósitos desta esfera.

Segundo a autora, considerando o aspecto estilístico dos gêneros discursivos, estes constituem uma das possibilidades de forças centrífugas, ou seja, de desestabilização, que atuam na língua. Determinados gêneros que possibilitam o enfrentamento de visões de mundo, que proporcionam o diálogo, a variabilidade e, portanto, a diversificação.

Ao mesmo tempo, a relação que o sujeito estabelece com o objeto sobre o qual enuncia, se constitui uma relação mais ou menos íntima, se desperta mais ou menos seu interesse ou se é estabelecida uma relação de distanciamento, isso tudo influenciará diretamente na construção interna do enunciado. Não somente o enunciado, mas o próprio gênero tem estilo próprio:

(67) *Estes [elementos léxico-lógicos, semânticos, sintáticos e gramaticais como um todo] ou outros elementos da língua adquirem o perfume específico dos gêneros dados: eles se adequam aos pontos de vista específicos, às atitudes, às formas de pensamento, às nuances e às entonações desses gêneros.* (BAKHTIN, 2014 [1975], p. 96).

Ainda, Brait (2014a) explica que a noção de estilo está diretamente relacionada com a noção de dialogismo da perspectiva dialógica da linguagem. Isso se dá porque o elemento do estilo evidencia como a linguagem, enquanto sócio-histórica-cultural, proporciona singularidades, particularidades, sempre determinadas e afetadas pelas relações que as constituem:

estilo se apresenta como um dos conceitos centrais para se perceber, a contrapelo, o que significa, no conjunto das reflexões bakhtinianas, dialogismo, ou seja, esse elemento constitutivo da linguagem, esse princípio que rege a produção e a compreensão dos sentidos, essa fronteira em que eu/outro se interdefinem, se interpenetram, sem se fundirem ou confundirem. (BRAIT, 2014a, p. 80, grifo da autora).

Com base nisso, podemos entender que:

- i. O aspecto estilístico determina a seleção de recursos léxico-gramaticais e sua distribuição na construção do enunciado;
- ii. O estilo, assim como todo o enunciado, está diretamente relacionado à relação valorativa do sujeito com o objeto do discurso e com os enunciados alheios;
- iii. O estilo pode ser mais ou menos individual, a depender das condições de enunciação, do gênero discursivo e da esfera como um todo;
- iv. O enunciado une o individual e o social, o subjetivo e o intersubjetivo.

Em suma, os três elementos acima são indissolivelmente unidos no todo do enunciado, como explica Bakhtin (2011 [1979]):

(68) *Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 261-262).

A discussão desenvolvida até o momento encaminha para as considerações de Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) que envolvem diretrizes para o entendimento da natureza da língua, assim como fatores que explicam a sua natureza. No item 1, notamos que os autores separam o estudo da forma como abstração para outros fins e que não dá conta da real natureza da língua, o que discutimos no decorrer de toda a presente seção e ressaltamos a perspectiva do Círculo no que diz respeito ao estudo da gramática. Isso significa que não interessa, ao Círculo, o estudo da forma desvinculada dos usos da língua. No item 2, os autores afirmam que a língua não é algo dado e estável, pois está em constante evolução, sendo esta decorrente dos próprios usos concretos da língua. Isso significa que o pesquisador, ao se dedicar à análise dos diferentes usos, dos processos de resignificação e do surgimento de novos gêneros, por exemplo, é necessário que este estudo seja sempre vinculado ao processo de interação verbal. O item 3 traz que a língua não evolui a partir da consciência do sujeito, ao mesmo tempo em que não pode ser separada do emprego por parte do sujeito em um dado espaço e um dado tempo. Portanto, estudar a língua segundo uma perspectiva dialógica significa levar em conta que a consciência

do sujeito é constituída a partir dos usos da língua, e não o contrário. Disso decorre que, na análise de enunciados, não se adota a compreensão de que o enunciado é unicamente produto do pensamento do falante, e sim uma resposta concreta ao enunciado do outro, socialmente determinada.

O item 4, por conseguinte, traz que a criatividade envolvendo a língua só pode ser compreendida a partir das suas dimensões ideológica e valorativa, ou seja, a criatividade não depende unicamente do sujeito, nem é totalmente livre, dado que há um horizonte de possibilidades e de expectativas no emprego da língua e na projeção de sentidos. Por fim, o item 5 reafirma o que foi trazido nos itens anteriores, ou seja, que o enunciado é intrinsecamente social, de maneira que não existe enunciado individual considerando suas condições de produção, conforme apresentado no exemplo 69:

- (69) 1. *A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma abstração científica que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da realidade concreta da língua.*
 2. *A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores.*
 3. *As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente leis sociológicas.*
 4. *A criatividade da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam. A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se ‘uma necessidade de funcionamento livre’, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.*
 5. *A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo ‘individual’) é um contradictio in adjecto. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 131-132, grifos dos autores).*

Por fim, dedicamo-nos ao estudo das **formas linguísticas mobilizadas na construção do enunciado** e como os escritos do Círculo de Bakhtin oferecem encaminhamentos para sua análise. Para tanto, retomamos as discussões de Volochínov (2013 [1930]), Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]), Bakhtin (2011 [1979]) e Bakhtin (2013).

Iniciamos nossa discussão com a retomada das diretrizes apresentadas por Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) e Volochínov (2013 [1925/1930]) quanto ao percurso que deve ser seguido pelo pesquisador para que seja possível o estudo das formas da língua em uma perspectiva dialógica da linguagem. Segundo os autores, todo estudo da forma deve ser

precedido pelo estudo da dimensão verbal, considerando o estudo i) das formas e tipos de interação, ou seja, a compreensão da esfera de interação na qual os usos sociais da língua são regularizados e ii) as formas das enunciações em ligação com a situação de interação mais imediata e a mais ampla, ou seja, os gêneros do discurso que medeiam a realização do enunciado. A partir da compreensão desses fatores, é possível o estudo das formas gramaticais da língua propriamente dito, sempre em diálogo com as condições de produção do enunciado e sem descurar das particularidades da situação de interação na qual ocorre a interação verbal. Com base nessas considerações, discutimos a seguir as diretrizes metodológicas do Círculo no que diz respeito ao estudo das formas da língua.

Em primeiro lugar, reenunciamos as considerações de Volochínov (2013 [1925/1930]) no que diz respeito ao estudo das formas da língua em conjunto com a situação e a orientação social em relação ao interlocutor, real ou potencial, conforme discutido anteriormente. Segundo o autor, o estudo das formas do enunciado deve levar em conta necessariamente a situação de interação, que envolve os horizontes espacial, temporal, temático e axiológico, assim como a orientação social dos interlocutores. À luz de tais considerações, e após o estudo da dimensão social (em diálogo com o método sociológico apresentado anteriormente), o autor se encaminha para o estudo das formas propriamente ditas. Segundo Volochínov (2013 [1925/1930]), todo enunciado necessita, para sua realização, de uma forma, isto é, de uma materialidade que realize concretamente o enunciado, conforme exemplo 70.

- (70) *Ainda que a enunciação esteja privada de palavras, bastará o som da voz – a entonação – ou somente um gesto. Fora de uma expressão material, não existe enunciação, assim como também não existe a sensação.* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 173-174, grifos do autor).

Para tanto, a realização do enunciado mobiliza três principais fatores: i) o som expressivo da palavra, ii) a seleção das palavras, bem como iii) a sua disposição para a construção do enunciado. O primeiro item se refere à entonação, que atribui o sentido a uma dada enunciação. Segundo o autor, dois enunciados, ainda que apresentem a mesma forma, se tiverem entonações diferentes, seus sentidos também serão distintos. A entonação é determinada tanto pela situação quanto pelo auditório, sendo que, a partir da entonação, isto é, a “expressão sonora da valoração social” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 175), são selecionadas as palavras e organizadas no todo do enunciado, o que encaminha para o segundo e terceiro itens. O segundo item diz respeito, conforme afirmado, às escolhas lexicais e gramaticais para a construção do enunciado, sendo que tais escolhas são sempre determinadas

pela entonação atribuída ao enunciado, enquanto que o terceiro item está relacionado à disposição das formas no interior do enunciado, que também é determinado pela entonação. Todos os três fatores mencionados funcionam de forma conjunta para a projeção de sentidos únicos. Dito de outro modo, os fatores mencionados, em conjunto, atribuem a unicidade do enunciado, assim como sua projeção valorativa.

Por conseguinte, entender a mobilização dos recursos linguísticos para a construção do discurso deve levar em conta que toda palavra, ao se tornar enunciado, é necessariamente ideológica, dado que está sempre vinculada a uma dada orientação para a realidade (cf. discussão da seção 3.1 acerca do signo ideológico). Se a análise do enunciado ocorre fora dessa condição, ou seja, desconsiderando a relação da palavra com a realidade, tem-se em mãos apenas a unidade da língua. Dessa forma, o estudo da palavra, de acordo com as discussões de Volochínov (2013 [1925/1930]), não deve desconsiderar sua dimensão ideológica e sua natureza social. Ao mesmo tempo, toda palavra evidencia um ponto de vista, uma avaliação acerca do objeto discursivizado e do discurso do outro, de maneira que a palavra não pode ser estudada enquanto unidade da língua, mas como a expressão de um ponto de vista em um determinado cronotopo, conforme apresentado nos exemplos 71 e 72 a seguir:

- (71) *A palavra, por sua própria natureza intrínseca, é desde o início um fenômeno puramente ideológico. Toda realidade objetiva da palavra consiste exclusivamente na sua destinação de ser um signo. Na palavra não existe nada que seja indiferente a esta destinação e que não tenha sido por ela gerada.* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 193, grifo do autor);
- (72) *Qualquer palavra, dita ou pensada, exprime um ponto de vista a respeito de vários acontecimentos da realidade objetiva, em diferentes situações. [...]. Qualquer palavra dita ou pensada não é somente um ponto de vista, mas um ponto de vista avaliativo. Nós percebemos propriamente aquela realidade objetiva (natural, histórica ou artística) que a palavra reflete enquanto dela é um signo. Por isso, na comunicação verbal viva, na interação verbal viva, nós não avaliamos a palavra enquanto som articulado, carregado de um significado, nem avaliamos a palavra enquanto objeto de estudo gramatical, mas avaliamos o significado, o conteúdo, o tema, incluídos na palavra por nós escutada ou lida.* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 196-197, grifos do autor).

Sendo assim, um dos percursos metodológicos oferecidos pelo autor diz respeito ao fato de que, para o estudo das formas linguísticas que constituem o enunciado, devem ser levados em conta alguns fatores. O primeiro dele está relacionado à compreensão de que o estudo das formas deve ser precedido pelo entendimento da situação de interação e da orientação dos sujeitos participantes em relação a essa situação, conforme o exemplo 73. Outro caminho proposto consiste na afirmação de que a escolha das formas que constituem a

materialidade do enunciado são determinadas por três fatores, mencionados anteriormente e que são imprescindíveis para a sua compreensão, como consta no exemplo 74:

- (73) *Uma vez estabelecido que o significado de qualquer enunciação da vida cotidiana depende da situação e da orientação social face ao ouvinte-participante de tal situação, devemos agora examinar a forma da enunciação.* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 173, grifo do autor);
- (74) *Consideramos como elementos fundamentais, constitutivos da forma da enunciação, sobretudo o som expressivo da palavra, quer dizer, a entonação, e também a seleção das palavras e finalmente sua disposição no interior da enunciação.* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 174, grifos do autor).

Além dos casos anteriores, outro encaminhamento metodológico para o estudo das formas verbais consiste nas discussões em que o autor levanta a importância da entonação como a expressão da valoração, fator essencial para o entendimento do sentido do enunciado, conforme exemplos 75 a 78. Por fim, de acordo com Volochínov (2013 [1925/1930]), é a orientação social que determina a construção do enunciado como um todo, conforme exemplo 82:

- (75) *O vínculo entre a enunciação, sua situação e o seu auditório se estabelece, sobretudo, pela entonação.* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 174);
- (76) *A situação e o auditório correspondentes determinam precisamente a entonação e, através dela, realizam a seleção das palavras e sua disposição, dando um sentido à enunciação toda. A entonação é o condutor mais dúctil, mais sensível, das relações sociais existentes entre os falantes de uma dada situação.* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 175);
- (77) *Não esqueçamos que a entonação é, sobretudo, a expressão da valoração da situação e do auditório. Por este motivo, cada entonação necessita de palavras que lhe sejam correspondentes – que se adaptem – e indica, assinala, a cada palavra, o posto que deve ocupar na proposição, proposição na frase, a frase na enunciação completa.* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 176-177, grifo do autor).
- (78) *A orientação social da enunciação tem um papel decisivo para a construção da estrutura estilística.* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1925/1930], p. 190).

Em segundo lugar, Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) esclarecem que, em uma abordagem fundamentada nos métodos tradicionais da linguística, os estudos dão conta especialmente de análises fonéticas e morfológicas, de forma que todos os fenômenos

linguísticos até então⁵⁷ estudados seriam analisados à luz de tais níveis. Assim, segundo os autores, os níveis anteriores ao mencionados acima, como o sintático, foram deixados de lado, fato que chama a atenção e se torna o enfoque da discussão. Diante disso, dedicam-se aos estudos sintáticos e as questões em torno de seu estudo sob a perspectiva da teoria da enunciação. Em um primeiro momento, Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) explicam que o estudo das formas sintáticas se faz relevante na medida em que são as que mais se aproximam das formas de enunciação, ou seja, discursos verbais. Assim explicam os autores:

As formas sintáticas são mais concretas que as formas morfológicas ou fonéticas e são mais estreitamente ligadas às condições reais da fala. É por isso que, na nossa reflexão sobre os fatos vivos da língua, demos justamente prioridade às formas sintáticas sobre as formas morfológicas ou fonéticas. Mas, como também já deixamos claro, um estudo fecundo das formas sintáticas só é possível no quadro da elaboração de uma teoria da enunciação. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 146).

Assim, os autores esclarecem que as propostas que se dedicam às categorias linguísticas, como à fonética e à morfologia, só podem dar conta dos acontecimentos no interior da enunciação. Se considerarmos o todo, esses estudos perdem seu sentido. Essa discussão dialoga com o que foi afirmado anteriormente acerca do fato de que o estudo da forma, por si mesmo, não dá conta da enunciação como um todo:

(79) [...] *Nenhuma das categorias linguísticas convém à determinação do todo. Com efeito, as categorias linguísticas, tais como são, só são aplicáveis no interior do território da enunciação. Assim, as categorias morfológicas só têm sentido no interior da enunciação; elas deixam de ser úteis quando se trata de definir o todo. O mesmo se dá com as categorias sintáticas, por exemplo a oração: a categoria oração é meramente uma definição da oração como uma unidade dentro de uma enunciação, mas de nenhuma maneira como entidade global.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), (2009 [1929], p. 146, grifos dos autores).

Em seguida, os autores explicam que essa elucidação somente é possível a partir do estudo das formas da comunicação verbal:

(80) *A elucidação dos problemas mais elementares da sintaxe só é possível, também, sobre a base da comunicação verbal. Todas as categorias básicas da linguística deveriam ser cuidadosamente reexaminadas nesse sentido.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 148).

⁵⁷ Consideramos a data de publicação da primeira edição, ou seja, 1929.

Após os referidos esclarecimentos, Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) se dedicam ao estudo do discurso citado como caminho metodológico para dar conta dos problemas da sintaxe. Sendo assim, são tratadas as questões acerca do discurso de outrem e suas variantes dentro da tendência de orientação entre o discurso citado e o discurso narrativo. Essas variantes, por sua vez, realizam-se por meio de esquemas de transmissão do discurso de outrem, que são o discurso indireto, direto e demais variedades. Sendo assim, nossa discussão gira em torno das considerações acerca do discurso de outrem juntamente com os esquemas de transmissão do discurso alheio.

Acerca do discurso de outrem enquanto visão geral das possibilidades de reenunciação do discurso do outro, os autores tratam das implicações desses movimentos, assim como os caminhos que podem ser seguidos em análise. Em um primeiro momento, Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) explicam que aquilo sobre o que nós falamos não constitui somente o tema do discurso, mas se integra como um todo no discurso que o reenuncia. Dito de outro modo, o discurso de outrem é conservado ao ser trazido para uma nova situação, de forma que sua essência se mantém. Assim explicam os autores no exemplo 81:

- (81) *Aquilo de que nós falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras. [...] Mas o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral da construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 150, grifo dos autores).*

Ao mesmo tempo em que, na reenunciação do discurso de outrem, é mantida certa autonomia deste, de forma que sua essência se mantenha, no movimento de reenunciação, sua estrutura deve permanecer relativamente estável, de forma que as escolhas linguísticas em termos de construção do discurso não podem se dar de qualquer maneira, mas que respeitem a essência da estrutura do discurso original, conforme apresentado a seguir:

- (82) *[...] a diluição da palavra citada no contexto narrativo não se efetua, e não poderia efetuar-se, completamente: não somente o conteúdo semântico mas também a estrutura da enunciação citada permanecem relativamente estáveis, de tal forma que a substância do discurso do outro permanece palpável, como um todo autossuficiente. Manifesta-se assim, nas formas de transmissão do discurso de outrem, uma relação ativa de uma enunciação a outra, e isso não no plano temático, mas através de construções estáveis da própria língua. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 151, grifo dos autores).*

Além disso, os autores levantam uma questão importante acerca da maneira como apreendemos a palavra do outro e, por conseguinte, como a reenunciamos, isto é, como se constrói o discurso que reenuncia a palavra alheia. Segundo os autores, quando apreendemos o discurso de outrem, não temos acesso ao conteúdo psicológico em termos de processos que se passam na sua alma, mas sim às tendências sociais estáveis características das formas de apreensão do discurso de outrem. Em outros termos, quando analisamos as formas do discurso citado, percebemos as tendências sociais estáveis de apreensão do discurso e as formas pelas quais o discurso alheio é reenunciado. Sendo assim, o estudo da reenunciação do discurso de outrem envolve não somente a dimensão sintática, mas também a social, conforme o trecho a seguir:

- (83) *Como, na realidade, apreendemos o discurso de outrem? Como o receptor experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, ativamente absorvido pela consciência e qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida? Encontramos justamente nas formas do discurso citado um documento objetivo que esclarece esse problema. Esse documento, quando sabemos lê-lo, dá-nos indicações, não sobre os processos subjetivo-psicológicos passageiros e fortuitos que se passam na “alma” do receptor, mas sobre as tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifestam nas formas da língua. O mecanismo desse processo não se situa na alma individual, mas na sociedade, que escolhe e gramaticaliza – isto é, associa às estruturas gramaticais da língua – apenas os elementos da apreensão ativa, apreciativa, da enunciação de outrem que são socialmente pertinentes e constantes e que, por consequência, têm seu fundamento na existência econômica de uma comunidade linguística dada. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 152).*

É necessário ressaltar que as formas sintáticas de reenunciação do discurso de outrem não são reflexo imediato das tendências e formas de apreensão ativa e avaliativa do discurso alheio. Entretanto, essas formas *respondem* às tendências sociais e se estabilizam relativamente, de maneira que as formas de apreensão do discurso do outro se orientam para essas tendências. Sendo assim, analisar o discurso reenunciado somente à luz da materialidade ou das formas usadas pelo falante não dão conta do sentido desse discurso como um todo.

- (84) *Estamos bem longe, é claro, de afirmar que as formas sintéticas – por exemplo as do discurso direto ou indireto – exprimem de maneira direta e imediatas as tendências e as formas da apreensão ativa e apreciativa da enunciação de outrem. [...] Mas esses esquemas e suas variantes só podem ter surgido e tomado forma de acordo com as tendências dominantes da apreensão do discurso de outrem; além disso, na medida em que esses esquemas assumiram uma forma e uma função na língua, eles exercem uma influência reguladora, estimulante ou inibidora, sobre o desenvolvimento das*

tendências da apreensão apreciativa, cujo campo de ação é justamente definido por essas formas. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 153).

- (85) *Toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. [...]. A palavra vai à palavra. É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante. Esse processo efetua-se em dois planos: de um lado, a enunciação de outrem é colocada e recolocada no contexto de comentário efetivo [...]; na situação (interna e externa), um elo se estabelece com a expressão facial, etc. Ao mesmo tempo prepara-se a réplica (Gegenrede). Essas duas operações, a réplica interior e o comentário efetivo são, naturalmente, organicamente fundidos na unidade abstrata da apreensão ativa e não são isoláveis senão de maneira abstrata. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 153-154, grifos do autor).*
- (86) *[...] o objeto verdadeiro da pesquisa deve ser justamente a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo. Na verdade, eles só têm existência real, só se formam e vivem através dessa inter-relação, e não de maneira isolada. O discurso citado e o contexto de transmissão são somente os termos de uma inter-relação dinâmica. Essa dinâmica, por sua vez, reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 154).*
- (87) *Não importa quais sejam as intenções que o falante pretenda transmitir, quais os erros que ele cometa, como ele analise as formas, misture-as ou combine-as, ele nunca criará um novo esquema linguístico nem uma nova tendência na comunicação socioverbal. As suas intenções subjetivas terão um caráter criativo apenas quando houver nelas alguma coisa que coincida com tendências na comunicação socioverbal dos falantes em processo de formação, de evolução; e essas tendências dependem de fatores socioeconômicos. Para que se constituísse essa forma de percepção completamente nova do discurso de outrem, que encontrou sua expressão no discurso indireto livre, foi preciso que se produzisse alguma mudança, alguma comoção no interior das relações socioverbais e da orientação recíproca das enunciações. Uma vez constituída, essa forma começa a integrar o círculo das possibilidades linguísticas, dentro de cujos limites apenas podem determinar-se, motivar-se e realizar-se de maneira produtiva as intenções verbais individuais dos falantes. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 183-184).*

À luz dessas discussões, os autores apresentam os dois tipos de discurso como duas orientações principais para essa inter-relação entre o discurso narrativo, ou o discurso de outrem, e o discurso citado, ou seja, sua reenunciação pela voz do outro e, a partir dessas discussões, podemos entender os caminhos propostos pelo Círculo para seu estudo, que são o *estilo linear* (correspondente à variante do discurso direto) e o *estilo pictórico* (que aqui entendemos como a variante do discurso indireto). De acordo com Bakhtin (Volochínov) (2009

[1929]), os dois tipos de discurso de outrem, entendidos como esquema de base, realizam-se a partir de variantes específicas, que dão conta das particularidades de cada possibilidade de reenunciação do discurso de outrem, seja de forma direta ou indireta, assim como possuem enfoques analíticos específicos. A análise, conforme explicado no exemplo 92, leva em conta a estabilização dessas variantes e como, em determinado recorte sócio-histórico-cultural, a apreensão e reenunciação do discurso de outrem ocorrem de maneiras determinadas, que podem se resignificar a partir da reorganização das comunidades linguísticas, das necessidades que surgem em uma dada esfera da interação, assim como as possibilidades oferecidas por um dado gênero em termos de apreensão da realidade (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]), conforme já discutido. Em suma, o estudo das variantes do esquema de base leva em conta não somente os recursos linguísticos mobilizados, mas também as implicações em termos de sentido que uma forma de reenunciação projeta, assim como o enfoque de cada variante. No exemplo 88, os autores explicam como se dá a referida relação entre o esquema de base e as variantes:

- (88) *Antes de mais nada, é preciso dizer algumas palavras acerca da relação entre as variantes e o esquema de base. Pode-se compará-la à relação entre a realidade viva do ritmo e a abstração que constitui a métrica. O esquema só se realiza sob a forma de uma variante específica. **É nas variantes que se acumulam as mudanças, no curso dos séculos e dos decênios, e que se estabilizam os novos hábitos da orientação ativa em relação ao discurso de outrem, os quais se fixam em seguida sob a forma de representações linguísticas duráveis nos esquemas sintáticos.** As variantes se encontram na fronteira da gramática e da estilística. Algumas vezes, pode haver controvérsia quanto a saber se uma forma de transmissão do discurso de outrem constitui um esquema de base ou uma variante, se se trata de uma questão de gramática ou de estilística.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 161, destaque nosso em negrito).

Sobre o estilo linear, considerada variante do discurso direto, isto é, reenunciação do discurso de outrem de forma idêntica, os autores trazem os seguintes dizeres:

- (89) *Primeiramente, a tendência fundamental da reação ativa ao discurso de outrem pode visar à conservação da sua integridade e autenticidade. A língua pode esforçar-se por delimitar o discurso citado com fronteiras nítidas e estáveis.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 155).

Nesse primeiro exemplo, podemos entender um dos encaminhamentos apresentados pelos autores, que diz respeito ao movimento de delimitar o discurso do outro, de se estabelecer os limites entre o discurso citado e o discurso que o reenuncia. Para tanto, são usados os elementos linguísticos disponíveis para que tal distanciamento seja marcado, que estão

diretamente relacionados com as formas disponíveis e usadas em uma determinada comunidade linguística. Em outras palavras, o reenquadramento do discurso do outro se dá a partir da mobilização de recursos linguísticos para que sua delimitação seja marcada, porém esse movimento converge com as tendências de uma dada comunidade e as formas disponíveis em um dado recorte temporal. Por exemplo, um dos recursos mais utilizados, especialmente nas esferas acadêmica e jornalística, consiste nas aspas, de maneira que é possível visualizar os limites entre a voz que reenuncia e a voz reenunciada:

- (90) *Essa é a primeira orientação; convém discernir claramente nesse quadro até que ponto a apreensão social do discurso de outrem é diferenciada numa determinada comunidade linguística, até que ponto as expressões, as particularidades estilísticas do discurso, a coloração lexical, etc., são distintamente percebidas e têm uma significação social.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 155).
- (91) *Podemos chamar essa primeira orientação na qual se move o dinamismo da interorientação entre o discurso narrativo e o discurso citado, o estilo linear [...]. A tendência principal do estilo linear é criar contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado, correspondendo a uma fraqueza do fator individual interno.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 156, grifo dos autores).

Além disso, os autores explicam que, na reenuniação do discurso citado, há questões ideológico-valorativas que atuam no movimento de reenuniação direta do discurso do outro. Segundo os autores, quanto mais consistente for a ideologia e quanto mais o sujeito o valora positivamente e o considera autoritário, mais impessoais serão as formas utilizadas no enquadramento do discurso. Portanto, a relação valorativa com o discurso do outro orienta como ele será reenquadrado, pois, à medida que essa voz é considerada a palavra de uma autoridade, que ratifica a própria posição e com a qual há concordância, menores são as marcas avaliativas acerca desse discurso do outro:

- (92) *No quadro da primeira orientação, convém discernir igualmente o grau de firmeza ideológica, o grau de autoritarismo e de dogmatismo que acompanha a apreensão do discurso. Quanto mais dogmática for a palavra, menos a apreensão apreciativa admitirá a passagem do verdadeiro ao falso, do bem ao mal, e mais impessoais serão as formas de transmissão do discurso de outrem.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 156).

Para o esquema de base nomeado estilo linear, que, conforme afirmado, está relacionado à reenuniação do discurso de forma direta, há diferentes variantes, sendo uma delas chamada *discurso direto preparado*, que consiste na reenuniação do discurso indireto

em uma variante direta. Segundo os autores, essa variante acontece na reenunção do discurso indireto livre (que é discutido posteriormente), no qual os limites entre o discurso alheio e o que o reenuncia são fluidos e não estão explicitamente colocados, dado que, no discurso indireto livre, as entonações do sujeito que reenuncia constituem o todo discursivo e, ao mesmo tempo, preparam a construção do discurso direto. Portanto, as entonações que constituem o discurso indireto livre são ativamente reenunciadas no movimento de reenquadramento, isto é, a partir do horizonte constituído pelo discurso primeiro, conforme as indicações dos autores no exemplo 93 a seguir:

- (93) *O caso do discurso direto que emerge do indireto [...] pertence a essa categoria. Uma ocorrência particularmente interessante e de largo uso dessa variante é a emergência do discurso direto de dentro do indireto livre. Como a natureza deste último é meio narrativa, meio transmissora da palavra de outrem, ele já prepara a percepção do discurso direto. Os temas básicos do discurso direto que virá são antecipados pelo contexto e coloridos pelas entonações do autor. Dessa maneira, as fronteiras da enunção de outrem são bastante enfraquecidas.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 172).

A segunda variante apresentada consiste no *discurso direto esvaziado* que, segundo os autores, refere-se à maneira pela qual o contexto que envolve o discurso direto traz ressonâncias e valorações que o constituem e lhe atribuem sentido. Dito de outro modo, o contexto no qual dado discurso é reenunciado o envolve de maneira que as tonalidades dialógicas do contexto envolvente também são constitutivos do discurso e são projetadas nele. No exemplo 94, os autores explicam a natureza da variante:

- (94) *O contexto narrativo aqui é construído de tal forma que a caracterização objetiva do herói, feita pelo autor, lança espessas sombras sobre o seu discurso direto. As apreciações e o valor emocional de que sua representação objetiva está carregada, transmitem-se às palavras do herói. O peso semântico das palavras citadas diminui, mas, em compensação, sua significação caracterizadora se reforça, da mesma forma que sua tonalidade ou seu valor típico.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 173).

A terceira variedade do discurso direto consiste no *discurso citado antecipado e disseminado, oculto*. Neste caso, ao contrário da variante anterior, o discurso citado envolve todo o discurso que o reenuncia, de maneira que suas tonalidades dialógicas são projetadas, o que cria um horizonte aperceptivo para o reenquadramento do discurso. Dessa maneira, a palavra reenunciada apresenta influência de tal forma que é lançada na voz do outro, que converge e vai ao encontro desse discurso citado:

- (95) *A preparação do discurso citado e a antecipação de seu tema e de seus valores e inflexões na narração pode de tal forma colorir o contexto narrativo com as tonalidades do herói que ele termina por assemelhar-se ao discurso citado, embora conservando as entonações próprias ao autor. Conduzir a narrativa exclusivamente dentro dos limites da ótica do herói [...], não somente de um ponto de vista espaço-temporal mas também do ponto de vista dos valores e entonações, cria um tipo extremamente original de pano de fundo perceptivo para as enunciações citadas. (BAKHTIN (VOLOCHINOV), 2009 [1929], p. 173).*

Sendo assim, é como se a palavra, ao mesmo tempo, pertencesse aos dois sujeitos (ao que enuncia e ao que reenuncia esse discurso), de forma que ocorre o encontro de dois horizontes valorativos, de duas posições acerca de um determinado acontecimento, de um dado objeto do discurso. Assim, essas vozes entram em relação dialógica e valoram diferentemente o objeto discursivizado, conforme já discutido anteriormente acerca do fato que de a palavra nunca pertencer a um só sujeito, pois se constitui enquanto ponte entre o eu e o outro. Dessa forma, a distinção entre as duas vozes é fluida, porém continua sendo sentida, já que é como se ambas as vozes se encontrassem em um dado ponto convergente:

- (96) *Assim, praticamente, cada palavra dessa narrativa pertence simultaneamente, do ponto de vista da sua expressividade, da sua tonalidade emocional, do seu relevo na frase, a dois contextos que se entrecruzam, a dois discursos [...]. É essa simultânea participação de dois discursos, diferentemente orientados na sua expressão, que explica a particularidade das construções de frases, as “rupturas de sintaxe” e a particularidade do estilo. (BAKHTIN (VOLOCHINOV), 2009 [1929], p. 175-176, grifos dos autores).*

A quarta variante do discurso direto consiste no *discurso direto retórico*. De acordo com os autores, essa variedade consiste na realização de pergunta ou exclamação retórica, que se situa na fronteira entre o discurso e o contexto que o reenuncia, ou seja, aproxima-se, ao mesmo tempo, tanto da voz do sujeito que enuncia quanto do que reenquadra esse discurso, que dialogam entre si, como se uma voz respondesse ao questionamento da outra. No estudo dessa variante, é necessário levar em conta que o limiar entre as duas vozes está mais apagado, pois há mais sutileza no que se refere ao reenquadramento do discurso do outro e o estabelecimento dos seus limites:

- (97) *Há nas relações sociais aquilo que é chamado a pergunta retórica, ou a exclamação retórica. Alguns casos desse fenômeno são especialmente interessantes por causa do problema da sua localização contextual. Eles situam-se, de alguma forma, na própria fronteira do discurso narrativo e do discurso citado (usualmente discurso interior) e entram muitas vezes diretamente em um ou outro discurso. Assim, podem ser*

interpretados como uma pergunta ou exclamação da parte do autor, mas também, ao mesmo tempo, como pergunta ou exclamação da parte da personagem, dirigida a si mesma. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 177, grifos dos autores).

Por fim, a última variante do discurso direto consiste no *discurso direto substituído*. Neste, ambos os discursos convergem em termos de entonações, de forma que apresentam paralelismo e concordância e se encaminham para a mesma direção. Nos casos em que há total convergência entre as vozes, é difícil diferenciar essa variante do discurso indireto livre, pois ambas as vozes se confundem de tal forma que seus limites são obliterados. Assim explicam os autores:

- (98) *Aqui, o autor se apresenta no lugar do seu herói, diz em seu lugar o que ele poderia ou deveria dizer. [...] Esse tomar a palavra em nome de outro já está muito próximo do discurso indireto livre. Vamos denominar esse caso de discurso direto substituído. Naturalmente, uma tal substituição supõe um paralelismo de entonações, correndo na mesma direção a entonação do discurso do autor e o discurso substituído do herói [...].* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 178, grifos dos autores).

Além do discurso direto, ou estilo linear, os autores discutem a segunda orientação, chamada *estilo pictórico*, correspondente ao esquema de transmissão do discurso indireto. Diferentemente da primeira orientação, na segunda o sujeito que reenuncia o discurso alheio traz nuances avaliativas, ou seja, não há a intenção de distanciamento do discurso do outro, e sim a marcação da posição valorativa do sujeito que reenuncia concretizada de diferentes maneiras. Para tanto, as formas linguísticas oferecem as possibilidades desse movimento, considerando a relação do sujeito com esse discurso:

- (99) *Na segunda orientação da dinâmica da inter-relação da enunciação e do discurso citado, observamos processos de natureza exatamente oposta. A língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem. [...] Podemos chamar esse estilo de transmissão do discurso de outrem o estilo pictórico. Sua tendência é atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra de outrem. Além disso, o próprio discurso é bem mais individualizado. Os diferentes aspectos da enunciação podem ser sutilmente postos em evidência. Não é apenas o seu sentido objetivo que é apreendido, a asserção que está nela contida, mas também todas as particularidades linguísticas da sua realização verbal.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 156, grifo dos autores).

Além disso, os autores discutem as possibilidades desse estilo, que se divide em duas variações. No primeiro tipo, o movimento de reenunciação do discurso do outro se dá a partir do apagamento deliberado de seus limites, ao mesmo tempo em que o sujeito atribui outras

tonalidades, ou seja, valora o discurso, que recebe novas entonações. Nesse movimento, apesar do apagamento dos limites, é possível perceber o discurso reenunciado e as tonalidades atribuídas. No segundo tipo, os limites entre os dois discursos são ainda mais sutis, é como se o discurso reenunciado se confundisse com a voz que o reenquadra, de forma que há convergência entre a entonação atribuída pelo sujeito que o enuncia e o que o reenquadra, conforme reenunciado a seguir:

(100) *Mas existe também um outro tipo, em que a dominante do discurso é deslocada para o discurso citado; esse torna-se, por isso, mais forte e mais ativo que o contexto narrativo que o enquadra. Dessa maneira, o discurso citado é que começa a dissolver, por assim dizer, o contexto narrativo. Esse último perde a grande objetividade que lhe é normalmente inerente em relação ao discurso citado; nessas condições, o contexto narrativo começa a ser percebido – e mesmo a reconhecer-se – como subjetivo, como fala de “outra pessoa”. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 157, grifo dos autores).*

Por fim, os autores ressaltam que o estudo das possibilidades de reenunciação do discurso do outro deve ser desenvolvido em aproximação com o estudo das formas linguísticas na medida em que é justamente a partir das escolhas linguísticas que um dado sentido é projetado na reenunciação da voz do outro:

(101) *O exame de todas essas tendências da apreensão ativa do discurso citado deve levar em conta todas as particularidades dos fenômenos linguísticos em estudo. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 159).*

No que diz respeito ao esquema de transmissão do discurso indireto, em um primeiro momento, os autores levantam críticas a perspectivas que propõem a sua reorganização por meio da reprodução literal das formas, sem que seja feita qualquer modificação adicional na medida em que o processo de reenunciação não envolve somente a mobilização de formas linguísticas, mas também uma dada tendência de apreensão do discurso de outrem, que determina uma orientação específica. Ao mesmo tempo, essa reenunciação leva em conta uma perspectiva ideológico-valorativa, ou seja, evidencia a valoração do sujeito frente ao discurso que reenuncia, movimento que se faz mais evidente no discurso indireto:

(102) *A transposição palavra por palavra, por procedimentos puramente gramaticais, de um esquema para outro, sem fazer as modificações estilísticas correspondentes, é nada mais que um método escolar de exercícios gramaticais, pedagogicamente mau e inadmissível. Esse tipo de aplicação dos esquemas não tem nada a ver com a sua utilização viva na língua. **Os esquemas exprimem uma tendência à apreensão ativa do***

discurso de outrem. Cada esquema recria à sua maneira a enunciação, dando-lhe assim uma orientação particular, específica. Se a língua, num determinado estágio do seu desenvolvimento, percebe a enunciação de outrem como um todo compacto, inalisável, imutável e impenetrável, ela não comportará nenhum outro esquema além do esquema primitivo e inerte do discurso direto (o estilo monumental). (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 164, destaque nosso em negrito).

No movimento de transmissão do discurso de forma indireta, os autores propõem duas variantes. A primeira consiste no *discurso indireto analisador do conteúdo*. Esse movimento de reenunciação do discurso do outro tem uma dimensão analítica. Isso significa dizer que o discurso indireto é caracterizado por uma dimensão analítica, que está diretamente relacionada à relação valorativa do sujeito com esse discurso e com o objeto, conforme discutido anteriormente. Dito de outro modo, na reenunciação do discurso de forma indireta, não somente o conteúdo do discurso é reenunciado, mas também há uma dimensão avaliativa, atribuída pelo sujeito que reenuncia, pois “a análise é como a alma do discurso indireto.” (RODRIGUES, 2001, p. 193). Esse movimento é indicado a partir do uso de determinadas formas, que demarcam essa relação valorativa com o discurso de outrem, sendo o recurso mais usado os verbos dicendi, que introduzem a voz do outro, como “afirmou”, “disse”, “respondeu”, “exclamou”, “contestou”, dentre outros, sendo que seu uso atribui valores específicos a um dado enunciado:

(103) *Essa significação [do discurso] reside na transmissão analítica do discurso de outrem. O emprego do discurso indireto ou de uma de suas variantes implica uma análise da enunciação simultânea ao ato de transposição e inseparável dele. Variam apenas o grau e a orientação da análise. A tendência analítica do discurso indireto manifesta-se principalmente pelo fato de que os elementos emocionais e afetivos do discurso não são literalmente transpostos ao discurso indireto, na medida em que não são expressos no conteúdo mas nas formas da enunciação. Antes de entrar numa construção indireta, eles passam de formas de discurso a conteúdo ou então encontram-se transpostos na proposição principal como um comentário do verbum dicendi.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 165, grifos dos autores).

Sendo assim, a transmissão do discurso de outrem de forma indireta reformula os elementos emocionais e afetivos, de forma que os elementos linguísticos mobilizados atuam em favor dos tons valorativos atribuídos pelo sujeito que reenuncia. Ademais, não é possível realizar a transmissão do discurso pela repetição de palavra por palavra, na medida em que deve ser realizada a reconstrução do discurso como forma de demarcar que essa palavra pertence ao outro, ao mesmo tempo em que não são possíveis apagamentos ou recortes, pois deve estar

evidente não somente o conteúdo do discurso reenunciado, como também a dimensão valorativa que o envolve no novo contexto de enunciação, conforme os exemplos 104 a 106:

- (104) *As abreviações, elipses, etc., possíveis no discurso direto por motivos emocionais e afetivos, não são admissíveis no discurso indireto por causa da sua tendência analítica.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 165).
- (105) *O discurso indireto ouve de forma diferente o discurso de outrem; ele integra ativamente e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que os outros esquemas deixam de lado. Por isso transposição literal, palavra por palavra, da enunciação construída segundo um outro esquema só é possível nos casos em que a enunciação direta já se apresenta na origem como uma forma algo analítica – isso, naturalmente, dentro dos limites das possibilidades analíticas do discurso direto. A análise é a alma do discurso indireto.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 165-166).
- (106) [...] *o sentido é decomposto em constituintes semânticos, em elementos objetivos.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 167).

Por possibilitar a análise do conteúdo do discurso, essa variante abre espaço para comentários, réplicas e explicitação da valoração atribuída ao sujeito; os limites do discurso reenunciado e o que reenuncia ficam mais sutis quando comparados ao discurso direto, porém não ocorre seu completo apagamento, pois deve estar evidente a relação estabelecida entre o sujeito que reenquadra o discurso e o sentido que tal movimento projeta. Assim, deve haver uma distância relativa que delimite e demarque o distanciamento entre ambas as vozes, conforme explicado nos exemplos 107 e 108 a seguir:

- (107) *A variante analisadora do conteúdo abre grandes possibilidades às tendências à réplica e ao comentário no contexto narrativo, ao mesmo tempo que conserva uma distância nítida e estrita entre as palavras do narrador as palavras atadas. Graças a isso, ela constitui um instrumento perfeito de transmissão do discurso de outrem em estilo linear. A tendência a tematizar o discurso de outrem é incontestavelmente inerente a essa variante, e assim ela preserva a integridade e a autonomia da enunciação, não tanto em termos sintáticos mas em termos semânticos [...].* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 167, grifos dos autores).
- (108) *A variante analisadora do conteúdo só pode desenvolver-se de maneira razoavelmente ampla e substancial num contexto enunciador suficientemente racional e dogmático, no qual, de qualquer forma, se manifesta um forte interesse pelo conteúdo semântico, e onde o autor afirma através de suas próprias palavras, com sua própria personalidade, uma posição de forte conteúdo semântico. Quando isso não ocorre, quanto a própria linguagem do autor é ela mesma cheia de cor e individualizada, ou quando a fala é passada diretamente a algum narrador de mesma envergadura, essa variante terá*

apenas uma significação secundária e ocasional [...]. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 168).

Além da expressão da valoração do sujeito que reenuncia frente ao discurso transposto, Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) explicam que há outra possibilidade de apreensão, que é a expressão do próprio falante, o que ele afirma, suas emoções, pontos de vista e valorações acerca do objeto discursivizado, variante denominada *discurso indireto analisador da expressão*. Dessa maneira, o discurso reenunciado não aborda o posicionamento do sujeito que reenuncia, e sim os matizes de sentido e a maneira pela qual os elementos linguístico-discursivos são mobilizados:

(109) [...] *pode-se também apreender e transmitir de forma analítica a enunciação de outrem enquanto expressão que caracteriza não só o objeto do discurso (que é, de fato, menor) mas ainda o próprio falante: sua maneira de falar (individual, ou tipológica, ou ambas); seu estado de espírito, expresso não no conteúdo mas nas formas do discurso (por exemplo, a fala entrecortada, a escolha da ordem das palavras, a entonação expressiva, etc.); sua capacidade ou incapacidade de exprimir-se bem, etc.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 166, grifo dos autores).

Segundo os autores, a segunda variedade tem como enfoque o discurso do outro e sua construção, isto é, a mobilização de recursos para a constituição do enunciado, de forma que promove a desconstrução dos elementos utilizados e sua organização sintática, como os recursos utilizados para introdução do discurso de outrem, conforme apresentado nos exemplos 110 a 112:

(110) *A segunda tendência, levada ao seu extremo lógico, corresponderia a uma análise linguística técnica do estilo. Entretanto, simultaneamente com o que poderia parecer uma análise estilística, opera-se também, nesse tipo de transmissão indireta, uma análise objetiva do discurso de outrem; disso resulta, portanto, uma decomposição analítica do sentido objetivo do mesmo modo que da sua forma de representação verbal.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 167, grifo nosso).

(111) *Ela [a variante analisadora da expressão] integra na construção indireta as palavras e as maneiras de dizer do discurso de outrem que caracterizam a sua configuração subjetiva e estilística enquanto expressão. Essas palavras e maneiras de dizer são introduzidas de tal forma que sua especificidade, sua subjetividade, seu caráter típico são claramente percebidos. Na maioria das vezes, elas são colocadas abertamente entre as aspas.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 168).

(112) *As palavras e expressões de outrem integrados no discurso indireto e percebidos na sua especificidade (particularmente quando são postos entre aspas), sofrem um “estranhamento”, para usar a linguagem dos formalistas, um estranhamento que se dá*

justamente na direção que convém às necessidades do autor: elas adquirem relevo, sua “coloração” se destaca mais claramente, mas ao mesmo tempo elas se acomodam aos matizes da atitude do autor – sua ironia, humor, etc. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 169, grifo dos autores).

Em suma, a reenunciação do discurso indireto apresenta duas variantes, que enfocam i) o conteúdo do discurso, sendo que é levada em conta a relação valorativa do sujeito que reenuncia e o próprio conteúdo do enunciado, enquanto que a segunda variante enfoca ii) a própria expressão do sujeito considerando o discurso reenunciado, ou seja, os recursos linguísticos mobilizados para a indicação de uma determinada posição valorativa:

(113) *Vemos assim que as nossas duas variantes, embora unidas por uma tendência analítica geral do esquema, exprimem contudo abordagens linguísticas divergentes do discurso de outrem e da personalidade do falante. Para a primeira variante, a personalidade do falante só existe enquanto ocupa uma posição semântica determinada (cognitiva, ética, moral, de forma de vida) e, fora dessa posição, transmitida de maneira estritamente objetiva, ela não existe para o transmissor. Não há aqui condições para que a individualidade do falante se cristalize numa imagem. O oposto é verdadeiro em relação à segunda variante, na qual a individualidade do falante é apresentada como maneira subjetiva (individual ou tipológica), como modo de pensar e falar, o que implica ao mesmo tempo um julgamento de valor do autor sobre esse modo. Aqui a individualidade do falante se cristaliza a ponto de formar uma imagem. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 170).*

Além dos discursos direto e indireto, Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) abordam a possibilidade do discurso indireto livre⁵⁸. Os autores discutem qual seria a melhor definição para essa variedade, que não pode ser entendida como uma junção mecânica dos discursos direto e indireto, na medida em que o discurso indireto livre não é um resultado da soma das variedades anteriores, e sim “uma tendência completamente *nova*, positiva, na apreensão ativa da enunciação de outrem, de uma orientação *particular* da interação do discurso narrativo e do discurso citado (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 182, grifos dos autores). Em outros termos, o discurso indireto livre constitui uma nova possibilidade de apreensão do discurso de outrem, que se distingue das duas anteriormente discutidas, ao mesmo tempo em que apresenta uma maneira peculiar de reenunciação e reenquadramento. Assim, enquanto que na forma de reenunciação pelo discurso direto, os limites entre a voz reenunciada e a que a reenquadra são explicitamente demarcados, e no discurso indireto, os limites são sutis, porém ainda perceptíveis, no discurso indireto livre, não há demarcação explícita das duas vozes; é como se pertencessem, ao mesmo tempo, a ambos os sujeitos. Assim, a introdução do discurso

⁵⁸ Essa variedade ocorre especialmente nos gêneros literários, não estando, porém, limitada a esta possibilidade.

do outro não é antecipada por verbos introdutórios, mas se realiza no próprio discurso, conforme afirmado no exemplo 114:

- (114) [...] *O discurso indireto livre dá à sensibilidade sua expressão mais adequada. [...] no discurso indireto livre, graças à omissão do verbo introdutório, o autor apresenta a enunciação do herói como se ele mesmo se encarregasse dela, como se se tratasse de fatos e não simplesmente de pensamentos ou de palavras.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 192).

Conforme o exemplo 118, é como se a voz enquadrada e a que a reencuncia se realizassem simultaneamente. Ao mesmo tempo, essa expressão das vozes em um mesmo discurso não significa que haja a reencuniação passiva da palavra do outro, ou seja, que a voz do outro seja tomada como verdade e seja reencunada passivamente. Diferentemente de tal posição, no discurso indireto livre, há o enfrentamento de entoações, é possível perceber a apreciação do sujeito que reencunada o discurso, os tons valorativos que constituem e valoram o discurso reencunado, ainda que se realizem na mesma construção:

- (115) *O discurso indireto livre, longe de transmitir uma impressão passiva produzida pela enunciação de outrem, exprime uma orientação ativa, que não se limita meramente à passagem da primeira à terceira pessoa, mas introduz na enunciação citada suas próprias entoações, que entram então em contato com as entoações da palavra citada, interferindo nela. [...] Cada forma de transmissão do discurso de outrem apreende à sua maneira a palavra do outro e assimila-a de forma ativa. [...] No fenômeno linguístico objetivo do discurso indireto livre, temos uma combinação, não de empatia e distanciamento dentro dos limites da alma individual, mas das entoações da personagem (empatia) e das entoações do autor (distanciamento) dentro dos limites de uma mesma e única construção linguística.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 198).

Sendo assim, nessa variedade de discurso, é possível perceber a relação dialógica entre o discurso e o contexto que o envolve à luz dos julgamentos de valor deste, ou seja, a partir da valoração projetada ao se reencuniar dado enunciado em uma nova situação de interação. Essa reencuniação não passa despercebida ao horizonte valorativo do sujeito que a reencunada. Embora essas vozes não estejam explicitamente diferenciadas, sentimos a apreciação do outro:

- (116) *No discurso indireto livre, identificamos a palavra citada não tanto graças ao sentido, considerado isoladamente, mas, antes de mais nada, graças às entoações e acentuações próprias do herói, graças à orientação apreciativa do autor então senão interrompidos por esses julgamentos de valor de outra pessoa. E é isso, como sabemos, que distingue o discurso indireto livre do discurso substituído, no qual nenhum acento novo aparece em relação ao contexto narrativo.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 198).

Ainda, no que diz respeito ao movimento de reenunciação do discurso de outrem, todas as possibilidades de reenquadramento são discutidas neste capítulo, de maneira que o sujeito, ao reenunciar a voz do outro, não cria uma nova variedade, mas faz uso das já existentes, ou seja, o discurso transmitido só se realiza necessariamente à luz das tendências vigentes em um dado recorte espaço-temporal e segundo dado horizonte aperceptivo. Ao mesmo tempo, cada forma de transmissão surge a partir da ressignificação das já existentes, portanto, à luz das possibilidades já estabilizadas, conforme afirmado no exemplo 117:

(117) *O aparecimento e desenvolvimento do discurso indireto livre devem ser estudados em estreita ligação com o desenvolvimento das outras variantes expressivas dos discursos direto e indireto.* (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009 [1929], p. 202).

À luz das presentes discussões, podemos propor alguns percursos analíticos, assim como diretrizes oferecidas para o estudo do discurso:

- i. o reenquadramento do discurso do outro pode se realizar sob diferentes movimentos, isto é, pelo discurso direto, indireto ou indireto livre, sendo que cada possibilidade apresenta variedades e nuances que demarcam a relação do discurso reenquadrado e do contexto que o envolve;
- ii. o movimento de reenunciação do discurso de outrem não é um processo neutro; na verdade, consiste em um agir valorado e que é realizado a partir das diferentes escolhas linguístico-discursivas dos sujeitos;
- iii. o emprego ou não de elementos formais para a demarcação dos limites entre os diferentes discursos significa no todo do enunciado, uma vez que projetam a relação valorativa entre os dois enunciados.

Por fim, reenunciamos as considerações de Bakhtin (2011 [1979]; 2013) quando o autor traz observações acerca do estudo das formas da língua, considerando seu uso na análise dos enunciados. Em um primeiro momento, o autor relaciona o percurso de investigação do enunciado e sua relação com as formas da língua, afirmando que, a partir dos enunciados, são coletados os elementos necessários para a análise. No exemplo 118, o autor explica a importância de se entender, de fato, a noção de enunciado para o estudo da linguagem na medida em que, quando essa natureza é desconsiderada, os pesquisadores que haurem os elementos linguísticos o fazem de forma que esses elementos são analisados unicamente à luz da gramática.

- (118) *Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto – seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilística da língua, etc. – opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação [...] de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 264, destaque nosso em negrito).

Sendo assim, o autor afirma que o desconhecimento da natureza do enunciado resulta em uma redução do enunciado à análise da forma, ou seja, o estudo da língua se direciona para a dimensão gramatical, para os elementos formais mobilizados, sem que o seu sentido seja de fato esclarecido:

- (119) *Achamos que em qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso. O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. O enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 264-265).

Em diálogo com os exemplos anteriores, Bakhtin (2013), no que diz respeito à relação entre o estudo das formas e suas implicações nas ressignificações do sentido e da entonação na reorganização sintática dos enunciados, dedica-se ao estudo das modificações entonacionais e de sentido a partir do uso de diferentes formas aparentemente iguais, mas que projetam sentidos distintos, pois afirma que diferentes reformulações podem modificar profundamente o sentido da enunciação como um todo. O primeiro encaminhamento oferecido pelo autor acerca da necessidade de se levar em conta as modificações de sentido está presente no seguinte excerto:

- (120) *As formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo.* (BAKHTIN, 2013, p. 23).

Sendo assim, o autor explica que somente o estudo que considere a forma gramatical enquanto elemento isolado e abstrato não dá conta da perspectiva estilística, assim como das alterações de sentido, conforme afirmado anteriormente. Especificamente acerca das formas sintáticas, o autor explica que a inclusão de elementos que, de certa forma, reorganizem o período em análise, como conjunções, por exemplo, podem causar mudanças entonacionais

significativas e promover a ressignificação do sentido inicialmente projetado, ainda que, aparentemente, não tenham ocorrido alterações profundas na forma. Em diálogo com a discussão anterior de Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]) no que diz respeito à importância da sintaxe e de sua relevância para o entendimento do fenômeno do enunciado, Bakhtin (2013) trata no exemplo 121 do fato de que, dentre as diversas possibilidades que a língua oferece em termos de formas para a construção do enunciado, o falante não escolhe ao acaso, mas ela em conta as implicações estilísticas e as projeções de sentido que dado enunciado traz, assim como a entonação de um dado enunciado. Daí o fato de que o estudo da forma não deve ser realizado separadamente do estudo da dimensão social, assim como das condições de enunciado e produção do enunciado, de forma que se possa entender a entonação do enunciado considerado.

No exemplo 122, o autor explica que há dois pontos de vista a se considerar no estudo da língua, que pode ocorrer com enfoque na gramática e no estilo do enunciado. Para o autor, o estudo unicamente das formas da língua está direcionado para a dimensão gramatical; se o exame está direcionado para o conjunto do enunciado individual, trata-se de uma análise estilística, que considera o estudo das formas a partir da natureza concreta da língua. Dessa forma, podemos considerar as duas dimensões de estudo da língua, seja o direcionado à gramática, seja à estilística. Assim, conforme exemplo 123, fica explícita a necessidade de se considerar as diferenças de sentido entre construções que apresentam pequenas diferenças em termos de forma:

(121) *Toda forma gramatical é, ao mesmo tempo, um meio de representação. Por isso, todas essas formas podem e devem ser analisadas do ponto de vista das suas possibilidades de representação e de expressão, isto é, esclarecidas e avaliadas de uma perspectiva estilística.* (BAKHTIN, 2013, p. 24-25).

(122) *No estudo de alguns aspectos da sintaxe, aliás muito importantes, essa abordagem estilística é extremamente necessária. Isso ocorre, sobretudo, no estudo das formas sintáticas paralelas e comutativas, isto é, quando o falante ou escritor tem a possibilidade de escolher entre duas ou mais formas sintáticas igualmente corretas do ponto de vista gramatical. Nesses casos, a escolha é determinada não pela gramática, mas por considerações puramente estilísticas, isto é, pela eficácia representacional e expressiva dessas formas. Por conseguinte, em tais situações é impossível prescindir das explicações estilísticas.* (BAKHTIN, 2013, p. 25).

(123) *O mais importante é mostrar a necessidade absoluta da interpretação estilística de todas as formas sintáticas parecidas.* (BAKHTIN, 2013, p. 27).

Por conseguinte, o autor explicita a distinção entre a possibilidade do estudo da gramática e da estilística sem descuidar da importância de ambas para a compreensão dos

fenômenos da língua segundo uma perspectiva dialógica. Dessa forma, ressaltamos que a gramática não pode ser dispensada para o estudo das formas da língua, porém não é suficiente para o estudo proposto pelo Círculo e retomado na presente tese, conforme exemplos 124 e 125:

(124) *A gramática (e o léxico) se distingue substancialmente da estilística (alguns chegam até a colocá-la em oposição à estilística), mas ao mesmo tempo nenhum estudo de gramática (já nem falo de gramática normativa) pode dispensar observações e incursões estilísticas. Em toda uma série de casos é como se fosse obliterada a fronteira entre a gramática e a estilística. Há fenômenos que uns estudiosos relacionam ao campo da gramática, outros, ao campo da estilística.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 269).

(125) *Pode-se dizer que a gramática e a estilística convergem e divergem em qualquer fenômeno concreto de linguagem: se o examinamos apenas no sistema da língua estamos diante de um fenômeno gramatical, mas se o examinamos no conjunto de um enunciado individual ou do gênero discursivo já se trata de fenômeno estilístico. Porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico. Mas esses dois pontos de vista sobre o mesmo fenômeno concreto da língua não devem ser mutuamente impenetráveis nem simplesmente substituir mecanicamente um ao outro, devendo, porém, combinar-se organicamente (na sua mais precisa distinção metodológica) com base na unidade real do fenômeno da língua.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 269).

Vale ressaltar que o autor não menciona que o estudo das formas gramaticais deve ser deixado de lado em favor de um estudo que contemple unicamente a sintaxe ou os recursos estilísticos utilizados. As afirmações do autor trazem que, conforme já afirmado, o estudo estritamente gramatical se reduz à análise de frases prontas, sem que de fato haja apropriação dessas diferentes possibilidades da língua e as nuances de sentido que as reformulações proporcionam. Ao mesmo tempo, somente a análise de frases prontas não é suficiente para a apropriação das distintas possibilidades de projeção de sentidos, conforme os trechos grifados nos exemplos 126 e 127. Nestes, são apresentadas discussões importantes não apenas para a análise de enunciados, mas também para o ensino de línguas, dado que, segundo o autor, a apropriação dos diferentes sentidos projetados a partir dos usos distintos da língua, conforme afirmado nos exemplos a seguir:

(126) *A análise **estritamente gramatical** desses aspectos faz com que os estudantes somente aprendam, no melhor dos casos, a analisar frases prontas em um texto alheio e a empregar os sinais de pontuação nos ditados de modo correto, mas **a linguagem escrita e oral** dos alunos **quase não se enriquece** com as novas construções: eles não utilizam, de modo algum, muitas das formas gramaticais estudadas e, quando o fazem, revelam total desconhecimento da estilística.* (BAKHTIN, 2013, p. 28, destaques nossos em negrito).

- (127) *Sem a abordagem da estilística, o estudo da sintaxe não enriquece a linguagem dos alunos, e privado de qualquer tipo de significado criativo, não lhes ajuda a criar uma linguagem própria; ele os ensina apenas a analisar a linguagem alheia já criada e pronta.* (BAKHTIN, 2013, p. 28, grifo do autor, destaques nossos em negrito).

De maneira a diferenciar o enunciado da oração, questão que dialoga com a discussão anterior, o autor explica a natureza do estudo de cada unidade, ou seja, para o estudo da oração, é considerada unicamente a dimensão gramatical. No estudo do enunciado, por outro lado, a análise se direciona para as questões levantadas quanto ao estudo, primeiramente, da dimensão social, conforme afirmado anteriormente. Assim, nos exemplos 128 e 129, o autor explica a distinção que se apresenta quando se leva em conta tanto o estudo da oração quanto o estudo do enunciado:

- (128) *A oração enquanto unidade da língua tem natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical e unidade. (Examinada em um enunciado pleno e do ponto de vista desse todo, ela adquire propriedades estilísticas.) Onde a oração figura como um enunciado pleno ela aparece colocada em uma moldura de material de natureza diversa. Quando esquecemos esse pormenor na análise de uma oração, deturpamos sua natureza (e ao mesmo tempo também a natureza do enunciado).* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 278).

- (129) *Pode-se considerar o elemento expressivo do discurso um fenômeno da língua como sistema? Pode-se falar de aspecto expressivo das unidades da língua, isto é, das palavras e orações? A estas perguntas faz-se necessária uma resposta categoricamente negativa. A língua como sistema possui, evidentemente, um rico arsenal de recursos linguísticos – lexicais, morfológicos e sintáticos – para exprimir a posição emocionalmente valorativa do falante, mas todos esses recursos enquanto recursos da língua são absolutamente neutros em relação a qualquer avaliação real determinada. [...] As palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 289-290).

Ainda, a distinção entre oração e enunciado se apresenta nas discussões do autor a partir das considerações entre os elementos característicos do enunciado e da oração. Segundo o autor, o estudo da entonação só é possível considerando o enunciado, dado que, como já dito, só pertence a este, e não à oração:

- (130) *A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. No sistema da língua, isto é, fora do enunciado, ela não existe. Tanto a palavra quanto a oração enquanto unidades da língua são desprovidas de entonação expressiva.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 290, grifo do autor).

(131) [...] *aqui não só compreendemos o significado de dada palavra enquanto palavra da língua como ocupamos em relação a ela uma ativa posição responsiva – de simpatia, acordo ou desacordo, de estímulo para a ação. Desse modo, a entonação expressiva pertence aqui ao enunciado e não à palavra. [...] a emoção, o juízo de valor, a expressão são estranhos à palavra e surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto. Em si mesmo, o significado de uma palavra (sem referência à realidade concreta) é extraemocional.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 291-292, grifo do autor).

(132) *Mais uma observação. A oração enquanto unidade da língua possui uma entonação gramatical específica e não uma entonação expressiva. Situam-se entre as entonações gramaticais específicas: a entonação de acabamento, a explicativa, a disjuntiva, a enumerativa, etc.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 295-296).

A seleção dos elementos da língua, assim como sua ordem das palavras, segundo Bakhtin (2011 [1979]; 2013), são fatores que atuam diretamente na construção do sentido e na entonação do enunciado analisado. Sobre o primeiro, Bakhtin (2011 [1979]) explica que a seleção de todos os elementos que constituem a materialidade do enunciado é socialmente determinada, ou seja, esses elementos *respondem* às condições de interação e ao projeto de dizer do sujeito que enuncia:

(133) *A língua como sistema possui uma imensa reserva de recursos puramente linguísticos para exprimir o direcionamento formal: recursos lexicais, morfológicos (os respectivos casos, pronomes, formas pessoais dos verbos), sintáticos (diversos padrões e modificações das orações). Entretanto, eles só atingem direcionamento real no todo de um enunciado concreto. A expressão desse direcionamento real nunca se esgota, evidentemente, nesses recursos linguísticos especiais (gramaticais). Eles podem nem existir, mas, neste caso, o enunciado pode refletir de modo muito acentuado a influência do destinatário e sua atitude responsiva antecipada. A escolha de todos os recursos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 306, grifo do autor).

(134) *Quando se analisa uma oração isolada, destacada do contexto, os vestígios do direcionamento e da influência da resposta antecipável, as ressonâncias dialógicas sobre os enunciados antecedentes dos outros, os vestígios enfraquecidos da alternância dos sujeitos do discurso, que sulcaram de dentro o enunciado, perdem-se, obliteram-se, porque tudo isso é estranho à natureza da oração como unidade da língua. Todos esses fenômenos estão ligados ao todo do enunciado, e onde esse todo desaparece do campo de visão do analisador deixam de existir para ele. Nisto reside uma das causas da já referida estreiteza da estilística tradicional. A análise estilística, que abrange todos os aspectos do estilo, só é possível como análise de um enunciado pleno e só naquela cadeia da comunicação discursiva da qual esse enunciado é um elo inseparável.* (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 306, grifo do autor).

Dessa forma, a reorganização dos elementos no interior do enunciado não consiste em um movimento gramatical, mas está a serviço das intenções do sujeito que enuncia. Portanto, um estudo que busque dar conta dos sentidos do enunciado a partir dos movimentos de organização dos elementos no seu interior deve considerar que a cada uso, a cada mobilização de dadas formas e não outras, e sua organização de uma maneira específica não são aleatórias, pois atendem ao projeto de dizer do sujeito que enuncia, conforme o exemplo 135 a seguir:

(135) [...] *a omissão ou a recolocação da conjunção não é um procedimento simplesmente mecânico: ela determina a ordem das palavras na oração e, por conseguinte, as ênfases dadas às palavras.* (BAKHTIN, 2013, p. 31).

À luz das discussões anteriores, propomos os seguintes encaminhamentos para o estudo das formas da língua:

- i. O estudo da forma não pode ser realizado de forma separada da dimensão social, uma vez que as escolhas linguísticas são determinadas tanto pelas condições de interação quanto pelo projeto de dizer do falante;
- ii. A seleção, a organização e ordenação dos elementos da língua são fatores socialmente determinados, posto que respondem tanto às condições de produção do enunciado quanto ao projeto de dizer do sujeito. Portanto, a seleção de determinadas formas e não de outras, assim como uma ordenação específica desses elementos projeta sentidos;
- iii. O estudo da oração é distinto do estudo do enunciado, uma vez que o primeiro está voltado para as questões gramaticais e das formas linguísticas, enquanto que o estudo do enunciado dá conta dos fatores levantados no item anterior. Ao mesmo tempo, a segunda dimensão possibilita a compreensão dos sentidos projetados pelas escolhas linguísticas e sua distribuição no todo do enunciado.

Finalizamos aqui nossa discussão em torno dos pressupostos teórico-metodológicos da ADD à luz dos escritos do Círculo a partir da reenunciação de percursos de análise desenvolvidos por pesquisadores filiados à ADD, assim como através da meta-análise de diretrizes metodológicas presentes na obra de Bakhtin e o Círculo. Quanto aos já-ditos sobre a ADD no Brasil, com base nas discussões de pesquisadores filiados à ADD, elencamos os principais pontos que caracterizam a Análise Dialógica do Discurso originada no Brasil. Assim, entendemos que não há caminhos pré-definidos para o estudo da língua na medida em que cada análise necessita de caminhos únicos e não repetíveis. Portanto, a cada novo estudo, novas etapas de análise devem ser construídos pelo pesquisador, de maneira que possa dar conta de todas as particularidades de seu objeto de estudo. Além disso, reafirmamos que o Círculo

oferece os fundamentos para a fundação de uma ADD, embora não tenha sido o objetivo primeiro daquele a fundação de uma Análise do Discurso à luz das discussões delineadas pela Filosofia da Linguagem/Metalinguística.

No que diz respeito à meta-análise dos escritos do Círculo, desenvolvida no decorrer desta seção, desenvolvemos nossa discussão à luz das noções de cronotopo, discurso, ideológica, valoração, enunciado e formas lexicais e gramaticais. Quanto ao estudo do cronotopo, trazemos as considerações Bakhtin (2011 [1979]; 2014 [1975]) e Volochínov (2013 [1925/1930]). Com base em tais discussões, percebemos que o Círculo e seus interlocutores oferecem percursos para a compreensão dos fenômenos da língua à luz das dimensões espaço-temporais que propõe o estudo do grande cronotopo, isto é, a compreensão da dimensão social do gênero estudado considerando o contexto mais amplo. Além disso, também são oferecidos caminhos para a análise do pequeno cronotopo, considerando o lugar discursivo e da posição de autoria. Ainda, as reflexões analisadas oferecem caminhos possíveis para o estudo da noção de sujeito à luz das diferentes possibilidades de tempo. Por fim, entendemos que os excertos apresentados, assim como suas análises, possibilitam caminhos para o estudo dos gêneros do discurso, uma vez que circulam em uma determinada esfera da interação, ou seja, em um espaço, assim como possuem certa temporalidade, pois podem ser ressignificados no decorrer da história.

No que se refere ao estudo do discurso, reenunciamos as considerações de Bakhtin (2010 [1929]; 2011 [1979]; 2014 [1975]) e Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]). Os escritos retomados corroboram com a compreensão de língua segundo a perspectiva dialógica da linguagem, bem como a proposta da Metalinguística enquanto caminho que dá conta das relações de sentido concretizadas entre discursos. Por conseguinte, aprofundamos nossas considerações no que se refere aos diferentes tipos de discurso e suas implicações sobre o encontro entre vozes de diferentes sujeitos, como o discurso direto enquanto expressão da vontade do sujeito e que só reconhece a si mesmo; o discurso imediato, direto e plenissignificativo, que está voltado unicamente para seu objeto, de maneira que desconsidera a pluralidade de vozes que se enfrentam em um dado objeto, bem como o discurso orientado para o discurso do outro, que leva em conta não somente o objeto, mas também as vozes que nele se cruzam e entram em diálogo. Ainda, levamos em conta as demais variedades, como o discurso bivocal e os diferentes movimentos paródicos. Entendemos, portanto, que o discurso se constitui na multiplicidade de vozes, com as quais estabelecemos diferentes relações possíveis.

Sobre o estudo da ideologia, mobilizamos as discussões dos pesquisadores como Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]), Bakhtin (2011 [1979]), Medviédev (2012 [1928]) e Volochínov (2013 [1925/1930]), que tratam dessa noção, de maneira que levantamos a noção de que signo e ideologia coexistem mutuamente; sem a materialidade, não existe ideologia, pois esta requer necessariamente uma encarnação sígnica, ao mesmo tempo em que não existe signo desvinculado da ideologia, já que aquele pertence a uma comunidade específica, produz sentidos nesta e, se retirada das condições de surgimento, perde seu sentido. Ademais, o estudo dos signos está relacionado com a noção de gêneros discursivos, posto que os signos fazem parte da realidade a partir dos usos da língua, dos empregos concretos, mediados pelos gêneros discursivos. Em adição, esclarecemos, com base nos trechos reenquadrados, que não existe apenas uma ideologia dominante, pois os signos não são fixos ou imóveis; determinadas perspectivas ideológicas podem se sobrepor a outras a partir da luta de classes, porém isso não significa que exista apenas uma possibilidade. Em suma, a noção de ideologia dialoga com os conceitos de enunciado, gêneros do discurso e cronotopo.

Quanto à noção de valoração, com base em Medviédev (2012 [1928]) e Volochínov (2013 [1925/1930]), trazemos que não existe enunciado neutro, já que toda palavra carrega um ponto de vista, uma perspectiva, o que determina o sentido do enunciado. Ao mesmo tempo, é a valoração que une o falante, o interlocutor e o objeto do discurso, uma vez que estabelece a relação do sujeito com a voz do outro e com o objeto valorado. Por conseguinte, é a valoração que determina a seleção das formas da língua e constituição da materialidade do enunciado, de maneira que está diretamente relacionada com as noções de enunciado, ideologia, discurso e cronotopo.

Sobre o conceito de enunciado, à luz das discussões de Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]), Bakhtin (2011 [1979]), Medviédev (2012 [1928]) e Bakhtin (2014 [1975]), ressaltamos que aquele só existe na interação verbal, o que leva a um dos encaminhamentos oferecidos, que diz respeito ao fato de que só é possível entender o enunciado se consideradas as suas condições de produção, seus elos com enunciados outros, seus limites e seu direcionamento tanto para vozes alheias quanto para o objeto do discurso, de maneira que nenhum enunciado está direcionado para o nada, sendo que se realiza a partir de três fatores, quais sejam, a alternância dos sujeitos do discurso, a expressividade e a conclusibilidade. Além disso, trazemos considerações no que diz respeito aos gêneros do discurso, sendo que levamos em conta seus três elementos constitutivos, ou seja, conteúdo temático, estilo e construção composicional, sendo que desmembramos cada elemento de maneira a evidenciar as particularidades de cada um, sem descurar do fato de que somente existem enquanto um todo. Acerca do enunciado,

entendemos que esse conceito está diretamente relacionado com as noções de gêneros do discurso, valoração, ideologia e discurso.

Finalmente, dedicamo-nos às considerações referentes aos elementos léxico-gramaticais constitutivos do enunciado. De acordo com as considerações apresentadas por Bakhtin (Volochínov) (2009 [1929]), Bakhtin (2011 [1979]), Medviédev (2012 [1928]), Bakhtin (2013) e Volochínov (2013 [1925/1930]) e reenquadradas na presente seção, a realização do enunciado mobiliza o som expressivo da palavra, a seleção dos elementos, bem como a distribuição no todo do enunciado. Para tanto, tratamos tanto das possibilidades de reenquadramento do discurso do outro em termos sintáticos, assim como as nuances de sentido projetados a partir das diferentes possibilidades de reenuniação do discurso alheio, considerando maior ou menor demarcação de seus limites em relação à voz que reenquadra. Também levantamos questões referentes às distinções entre o estudo da oração e do enunciado. Essa noção está relacionada com os conceitos de discurso, enunciado, gêneros do discurso e valoração.

A seguir, respondemos nossa quarta inquietação.

4.4 ADD E LA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS⁵⁹

A quarta questão que desperta nosso interesse, isto é, **quais as contribuições da ADD para as pesquisas em LA**, reside na possibilidade de situarmos a ADD em diálogo com o campo no qual se insere e suas contribuições para o crescimento deste mesmo campo. Diante de tal questionamento, reenunciamos discussões de pesquisadores que se filiam à ADD e procuram construir caminhos teórico-metodológicos que esclareçam as convergências entre ADD e o campo da Linguística Aplicada.

Para discutirmos a inquietação levantada, fazemos um breve percurso em torno da pesquisa em Ciências Humanas e seu movimento de consolidação enquanto campo de estudos produtor de conhecimentos para, em seguida, retomarmos as considerações em torno do surgimento e consolidação do campo da LA. Por fim, esclarecemos as contribuições da ADD para o campo em questão.

Quando se fala em pesquisa em Ciências Humanas⁶⁰, é comum que seja feita uma contraposição desta à pesquisa realizada no campo das Ciências da Natureza. Apesar de ainda

⁵⁹ Nesta discussão, nosso posicionamento se volta para o campo da Linguística Aplicada. Sendo assim, não discutiremos a inserção da ADD na Linguística.

⁶⁰ Em alguns momentos, nos referimos à área pelo termo “Ciências Humanas e Sociais”, uma vez que alguns dos autores citados nesta pesquisa utilizam dada expressão.

ser comum encontrar tal distinção entre os campos, as questões que caracterizam os estudos em torno das Ciências Humanas são muito mais complexas do que simplesmente um polo oposto em relação a outro campo. Sendo assim, buscamos, nesta seção, entender a natureza da pesquisa em Ciências Humanas de uma forma que focalizemos nas suas particularidades e no seu processo de consolidação, sem que a discussão esteja ancorada em uma constante polarização. Para tanto, retomamos algumas considerações acerca da pesquisa de natureza formal (a qual também denominamos, no decorrer do trabalho, de Ciências da Natureza) por constituir o ponto inicial para o campo aqui estudado, de modo a situar a consolidação das pesquisas interessadas em ressignificar as bases dos estudos humanísticos.

Iniciamos as considerações acerca da pesquisa em Ciências Humanas com uma breve contextualização do seu percurso de consolidação. Santos (2018) afirma que é somente a partir do século XIX que o modelo de racionalidade, até então vigente e dedicado às Ciências da Natureza, é estendido às Ciências Humanas. Antes de se constituir como um campo legitimado, com metodologias e teorias próprias, as Ciências Humanas tinham como fio condutor o modelo de racionalidade que predominava no paradigma⁶¹ dominante, no qual importa mais a quantificação, a estabilidade e a adoção de um modelo de conhecimento universalmente válido. O que fosse considerado variável, instável, individual e, portanto, não passível de quantificação, não ocupava o espaço de objeto de estudo.

Segundo Chizzotti (2017), esse paradigma se fundamenta no Positivismo e se caracteriza pela valorização da observação da natureza, da matematização dos acontecimentos, da importância da probabilidade e da dedução pela adoção de uma lógica hipotético-dedutiva e de uma metodologia de experimentação de hipóteses.

Esses pressupostos que atribuíam cientificidade aos estudos foram bem aceitos pela comunidade científica e o paradigma dominante perdurou por muito tempo como o único paradigma aceito e, portanto, o único que usufruía de status científico. Santos (2018), nessa mesma linha, caracteriza o paradigma dominante da seguinte maneira:

O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais. Ainda que com alguns prenúncios no século XVIII, é só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais emergentes. A partir de então pode

⁶¹ Chizzotti (2017, p. 18-19) esclarece a ambiguidade carregada pelo termo *paradigma*, uma vez que “tem sido usado para caracterizar o estado da investigação e duas tendências conflitantes em pesquisa, neste século: um paradigma que se caracteriza pela adoção de uma estratégia de pesquisa modelada nas ciências naturais e fazer previsões, e outro, que advoga uma lógica própria para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, procurando as significações dos fatos no contexto concreto em que ocorrem”. Neste trabalho, seguimos a conceituação proposta pelo autor nas discussões em torno do paradigma dominante e do paradigma emergente.

falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna, mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos [...]. (SANTOS, 2018, p. 19-20).

No período de prestígio do paradigma dominante, Chizzotti (2017) reenuncia alguns pesquisadores que fundamentam a origem da pesquisa, juntamente com a Filosofia, com desenvolvimento particularmente maior nos séculos XIX e XX e que tem duas principais tradições: a aristotélica, de foco teleológico, e outra galileana, a qual busca o nexos causal e mecanístico dos fatos. Nessa retomada, o autor explica que a ciência sempre esteve marcada pela procura de sistematização de conjuntos de preceitos, normas, noções e processos que caracterizam os procedimentos dominantes em uma determinada comunidade científica durante certo período de tempo. Com a noção de *avanço do conhecimento* e superação do que já foi produzido anteriormente, esse conjunto de métodos até então dominante passa a ser questionado por pesquisadores que encontram problemáticas nas teorias que, naquele momento, atendia às necessidades, de modo que era necessário repensar todos os fatos e teorias adotadas.

No contexto de noção de avanços e superação dos conhecimentos, podemos perceber a ancoragem teórica dos estudos sociais e o primeiro escopo que subsidiou essas pesquisas. O estudo de fatos sociais, subsidiado pelos pressupostos teórico-metodológicos das Ciências da Natureza, seguia o modelo de pesquisa experimental (CHIZZOTTI, 2017), o qual privilegia a medição de regularidades constantes dos fenômenos e se ancora nos pressupostos do paradigma dominante. De acordo com Santos (2018), a pesquisa de base experimental parte da redução do objeto estudado às dimensões externas, observáveis e mensuráveis, para que ele se adapte aos preceitos de cientificidade das pesquisas desenvolvidas pelas ciências naturais. Assim, com base nesse modelo de pesquisa, foi desenvolvido um conjunto de técnicas e instrumentos a serem adotados pelas Ciências Humanas e Sociais, para que fosse aplicado nos objetos de estudo e o delimitasse para atender aos preceitos de cientificidade esperados pelo método experimental.

Esse modelo que baseava as pesquisas nos estudos humanísticos só passou a ser contestado por outras correntes a partir de 1960, quando são expostas as limitações de tal modelo para o estudo de fatos sociais. A partir de então, são propostos outros caminhos de pesquisa, que possam dar conta do objeto de estudo das Ciências Humanas e Sociais. Chizzotti (2017) explica que começam a surgir controvérsias e questionamentos no meio universitário acerca das Ciências Humanas e Sociais, pois são levantadas críticas ao naturalismo, que adota

modelos explicativos das Ciências da Natureza a serem aplicados nas Ciências Humanas e Sociais, as insuficiências de tais aplicações levaram para novos rumos de reflexão e de compreensão das Ciências Humanas e Sociais.

Segundo Chizzotti (2017), foi com Husserl (1858-1938) que se difundiu a noção de rigor para as Ciências Humanas e Sociais. De acordo com o autor, Husserl se interessou mais por métodos formais que proporcionassem a compreensão da coisa em si mesma, e que não ficasse restrita apenas na aparência imediata. Em vez de captar as coisas que se revelassem para o pesquisador, buscavam-se os sentidos desses fenômenos, isto é, sua compreensão. Essa tendência fenomenológica serviu como base teórica de diversas tendências no decorrer do século XX. Em oposição aos pesquisadores da vertente experimental, os cientistas das Ciências Humanas e Sociais argumentavam que estas possuíam suas particularidades, o que necessitava de pressupostos teórico-metodológicos próprios. Ademais, a aplicação de técnicas e modelos utilizados na pesquisa experimental acabava por simplificar o objeto de pesquisa, para que este se adaptasse aos seus pressupostos teóricos, o que passou a ser questionado e não se mostrava mais suficiente para tais estudos.

Não somente a adoção de pressupostos da pesquisa experimental nas Ciências Humanas e Sociais passou a ser questionada, mas também os alicerces do próprio paradigma dominante começam a ruir e os preceitos, até então tidos como verdades absolutas, são revistos. Santos (2018) explica que pesquisas desenvolvidas especialmente no âmbito da Física e da Matemática, paradoxalmente, contribuíram para a crise do paradigma dominante e, conseqüentemente, questionaram a segurança do cientificismo. Nessas pesquisas, houve várias condições que resultaram na fragilização do paradigma dominante. A primeira condição que causou esse abalo foi causada por Einstein com a Teoria da Relatividade, na qual analisa a simultaneidade dos acontecimentos que ocorrem em lugares distintos, de modo que são ressignificadas as noções de espaço e de tempo. Essa nova relação entre espaço e tempo é posteriormente retomada por Bakhtin como base para propor a noção de cronotopo enquanto conceito que reúne a especificidade da relação espaço-temporal na unicidade do agir do sujeito socialmente situado.

A segunda condição, especificamente no campo da mecânica quântica, surge em decorrência das próprias descobertas de Einstein. Dessa segunda condição decorre uma ressignificação da relação entre observador e objeto observado, uma vez que uma das principais descobertas de Heisenberg e Bohr foi a de que não é possível observar um objeto sem que haja interferência nele. Daí se complexifica a posição de observador e de observado, ao mesmo tempo em que deixam de ocupar polos opostos e estabelecem um *continuum* (SANTOS, 2018).

Apesar de serem teorizações de campos outros, é válido perceber que esse movimento de ressignificação da relação sujeito/objeto constitui não somente as pesquisas no campo da química, mas também nos estudos posteriores em Ciências Humanas e Sociais⁶².

A terceira condição de crise do paradigma dominante parte da matemática, na qual é questionado o rigor dos seus resultados e das formalizações, até então nunca vistas como contraditórias. Aqui, segundo Santos (2018), o rigor da matemática também enfrenta fragilidade, uma vez que o conhecimento por si só já não é suficiente para demonstrar sua consistência e se autorregular.

A quarta condição apresentada por Santos (2018) procede dos conhecimentos nos domínios da microfísica, da química e da biologia. Em linhas gerais, o autor explica que, na Teoria de Prigogine, os processos, antes entendidos como regulares e invariáveis, evoluíram justamente a partir da instabilidade, do inesperado e segundo uma lógica de auto-organização, o que vai de encontro ao que propõe o paradigma dominante, isto é, o inesperado, a variabilidade e os sistemas abertos agora se mostram produtivos, e não como problemáticas a serem solucionadas. Nessa medida, Santos (2018) corrobora a relevância de tais descobertas, uma vez que são o ponto de partida para ressignificar os pressupostos até então dominantes:

A importância desta teoria [Teoria de Prigogine] está na nova concepção da matéria e da natureza que propõe uma concepção dificilmente compaginável com a que herdamos da física clássica. Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente. (SANTOS, 2018, p. 50).

As condições acima elencadas proporcionaram uma profunda reflexão teórica envolvendo o conhecimento científico considerado inquestionável por muito tempo. Essa ressignificação que, segundo Santos (2018), é profunda e irreversível, tem duas facetas sociológicas importantes. A primeira diz respeito à atuação dos próprios cientistas na reflexão acerca do conhecimento científico, uma vez que passaram a ter interesses filosóficos em problematizar suas práticas. Isso se mostra importante para a ressignificação do olhar do pesquisador em torno de seu posicionamento acerca de seus estudos na medida em que os próprios cientistas passam a refletir sobre sua prática e sobre as teorias nas quais se ancoram. A segunda faceta diz respeito a questões que antes eram de interesse apenas dos sociólogos.

⁶² A questão da relação entre pesquisador/pesquisado será retomada mais ao final da presente seção, com base nas discussões de teóricos do campo das Ciências Humanas e Sociais.

Questões envolvendo o contexto social e modelos organizacionais de investigação científica, antes limitados a uma vertente da sociologia, passaram a ser levados em conta nessa reflexão teórica inaugurada pelas áreas da física, matemática etc.

Assim, a confiabilidade nos métodos racionalistas começa a ruir, já que o aprofundamento do conhecimento e questionamento das verdades até então inquestionáveis levaram a essa crise (SANTOS, 2018). Os deslocamentos causados pelo questionamento dos pressupostos científicos desenham, ao mesmo tempo, a configuração do paradigma emergente, isto é, como ele se anuncia em face da insegurança, a insustentabilidade desses conhecimentos e a necessidade da fundação de uma nova teoria.

Diferentemente do paradigma anterior, o paradigma emergente só se configura pela via especulativa (SANTOS, 2018). Nesse contexto, são repensadas não somente as bases teóricas da ciência, mas também a pesquisa científica se volta para a vida, para repensar os modos de vida adotados e oferecer possibilidades de uma vida decente (nos termos do autor). Dito de outro modo, o conhecimento que antes era desvinculado da vida social, das condições de vida e da dinâmica social passa a refletir acerca das relações sociais, de como essas relações podem ser ressignificadas em benefício dos sujeitos e da sociedade como um todo.

Nesse contexto, Santos (2018) faz um levantamento de quatro teses que caracterizam o paradigma emergente, a partir dos principais preceitos que o distanciam do anterior e que promovem sua manifestação em vários campos da pesquisa científica. O autor levanta como primeira tese a afirmação de que “todo o conhecimento científico-natural é científico-social”. Nessa tese, o autor demonstra a nova visão em torno da relação entre Ciências da Natureza e Ciências Humanas e Sociais, que deixam de ser vistas como dicotomias, conforme discutido anteriormente. Nas teorias que acarretaram na fragilidade do paradigma dominante, foram introduzidos os conceitos de historicidade e de processo, de liberdade, de autodeterminação, assim como de consciência. A questão da consciência também irá influenciar na relação pesquisador/pesquisado, sujeito/objeto, pois, para além da visão de descortinamento da realidade, passa a advogar pela compreensão de que o ser humano é parte dela, e não um observador externo.

A segunda tese levantada por Santos (2018) consiste na afirmação de que “todo o conhecimento é local e total”. Nesta segunda tese, a questão levantada diz respeito à hiperespecialização do conhecimento, característica da ciência moderna no interesse pelo avanço do conhecimento, ao mesmo tempo em que esse conhecimento se tornava cada vez mais restrito e objetivo. À medida que os conhecimentos já existentes se tornavam ultrapassados, outras disciplinas surgiam para dar conta das lacunas. Diferentemente, no paradigma

emergente, a divisão do conhecimento não é com o foco na disciplina, mas no tema, no qual diversos conhecimentos se encontram e progridem mutualmente. Acompanha as mudanças que o objeto de pesquisa sofre e, em vez de adaptá-lo à teoria existente, ressignifica-se em favor das necessidades que surgem. Ainda assim, a especialização e fragmentação do conhecimento continuam sendo suas características atualmente, apesar de haver constantes aproximações entre áreas de pesquisa antes tidas como indiferentes entre si ou mesmo inconciliáveis.

A terceira tese afirma que “todo o conhecimento é autoconhecimento”. No paradigma dominante, a distinção dicotômica entre sujeito e objeto não permitia que valores humanos ou religiosos constituem esse objeto, de modo que este constituía uma entidade imanente. Distintamente, no paradigma emergente, Santos (2018) afirma que o objeto é a continuação do sujeito, os sistemas de crenças e juízos de valor pertencentes aos sujeitos constituem parte integrante da explicação científica.

Por fim, a última tese diz que “todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum”. Na ciência pós-moderna, não existe conhecimento que seja, por si mesmo, racional; todo conhecimento procura dialogar com outras formas do saber, sendo a mais importante delas o senso comum, antes desprezado na ciência moderna por considerá-lo superficial, ilusório e falso. O senso comum passa a ser valorizado como conhecimento prático, pragmático, criativo, indisciplinar e imetódico. Com base nesses pressupostos, Santos (2018, p. 98) afirma que “o conhecimento científico pós-moderno só se realiza enquanto tal na medida em que se converte em senso comum”.

As referidas teses influenciaram não somente as pesquisas nas Ciências da Natureza, mas funcionaram como impulsionadoras das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, uma vez que os fatores, antes desconsiderados na pesquisa científica, tornaram-se relevantes para a ciência e para a vida. Em suma, Chizzotti (2017) explica o movimento de questionamento do paradigma dominante e, conseqüentemente, os principais aspectos que caracterizam o paradigma emergente:

Nas ciências humanas e sociais, a hegemonia das pesquisas positivas, que privilegiavam a busca da estabilidade constante dos fenômenos humanos, a estrutura fixa das relações e a ordem permanente dos vínculos sociais, foi questionada pelas pesquisas que se empenharam em mostrar a complexidade e as contradições de fenômenos singulares, a imprevisibilidade e a originalidade criadora das relações interpessoais e sociais. Partindo de fenômenos aparentemente simples de fatos singulares, essas novas pesquisas valorizaram aspectos qualitativos dos fenômenos, expuseram a complexidade da vida humana e evidenciaram significados ignorados da vida social. (CHIZZOTTI, 2017, p. 96).

Os fatores acima elencados contribuem para entendermos a relação estabelecida entre as Ciências Humanas e Sociais e Ciências da Natureza, ao mesmo tempo em que podemos entender o percurso de consolidação dos estudos humanísticos. Uma das consequências desse movimento de interesse pelos fatos sociais por parte da ciência possibilita também uma ressignificação das relações entre as Ciências Humanas e Humanas e campos outros que eram até então vistos como opostos. Santos (2018) explica que a dicotomização entre as áreas já não é suficiente (nem eficaz) para a compreensão das aproximações e distinções entre ambas as áreas. Além disso, a superação de uma visão dicotômica provoca mudanças também nas Ciências Humanas e Sociais e na compreensão de seu objeto de estudo e da natureza da própria pesquisa. Segundo o autor,

A superação da dicotomia ciências naturais/ciências sociais tende assim a revalorizar os estudos humanísticos. Mas esta revalorização não ocorrerá sem que as humanidades sejam, elas também, profundamente transformadas. O que há nelas de futuro é o terem resistido à separação sujeito/objeto e o terem preferido a compreensão do mundo à manipulação do mundo [...]. (SANTOS, 2018, p. 76).

A ressignificação das Ciências Humanas e Sociais encaminha a pesquisa para uma perspectiva sócio-histórica. Para Freitas (2007), uma perspectiva sócio-histórica de estudos significa uma nova forma de produzir conhecimento nas humanidades. Entender que todo sentido, todo psiquismo se constitui na intersubjetividade, ou seja, num processo interativo e possibilitado pela linguagem, permite a proposição de caminhos metodológicos outros que superem as dimensões externa/interna, social/individual. Assim, assumir que o objeto deixa de ser objetivado, simplificado e que ele é de natureza histórico-cultural, uma abordagem sócio-histórica possibilita a construção de conhecimentos (e não mais a aplicação de conhecimentos de outras áreas) que superem os limites da objetividade característica do paradigma dominante.

Um dos fatores ressignificados nesse contexto de mudanças, segundo M. B. F. de Oliveira (2013), consiste na noção de verdade que atravessa a produção de conhecimento no campo das Ciências Humanas e Sociais. M. B. F. de Oliveira (2013) explica que a primeira noção de verdade, que ancorava as pesquisas de natureza positivista, carrega a ideia de transparência, de verdade do enunciado, que precisaria ser aceita por todos. Além disso, a linguagem deveria ser transparente e clara, de modo que outras compreensões seriam de responsabilidade do interlocutor. A essa noção de verdade acompanha uma postura universalizante e de transparência da linguagem.

Moita Lopes (2004) explica que a visão de verdades dadas faz parte da zona de conforto que muitos pesquisadores nas Ciências Humanas e Sociais ainda preferem adotar, de maneira que se mantenham na zona de conforto que já ocupam. No entanto, o autor explica que a superação dessa noção de verdade única em favor de um olhar sensível às mudanças sociais e às motivações de tais movimentos é necessária para a construção de conhecimentos nos estudos linguísticos, pois os objetos de investigação e as formas de abordá-lo já não podem mais ser os mesmos.

Portanto, esse movimento de olhar para a vida social sob uma ótica problematizadora e a sensibilidade para entender e compreender tais motivações contribuem para ressignificar a ideia de unicidade na realidade. Ademais, tanto o olhar sobre o objeto de estudo, quanto os procedimentos teórico-metodológicos são ressignificados em consequência dessa noção de verdade que deixa de ser única e transparente, uma vez que o objeto passa a ser visto na sua complexidade, assim como o rigor metodológico, que até então preza pela racionalidade, mostra-se redutor e distanciado dos objetivos agora propostos.

Nesse contexto de revalorização das Ciências Humanas e Sociais, os estudos que ressignificam os métodos de pesquisa e a própria natureza do objeto de estudo ganham força e aprofundam as particularidades de tal campo. Aqui, é importante ressaltar as contribuições dos escritos de Bakhtin e o Círculo para a problemática das Ciências Humanas e Sociais e para esclarecer a natureza do estudo e do objeto, uma vez que são conceitos importantes para o percurso de ampliação e consolidação do campo e que interferem no desenvolvimento das pesquisas e no pensar acerca da importância dos estudos humanísticos.

Em linhas gerais, é possível afirmar que o principal conceito que permeia as discussões de Bakhtin e o Círculo em torno das Ciências Humanas e Sociais é o de *enunciado* ou, neste caso mais especificamente, do *texto*. Conforme Bakhtin (2011 [1979]), todo texto remete a outro, todo agir socialmente ocorre através da palavra, do texto, e esses textos formam um encadeamento com os já produzidos, respondendo a eles, levando-os em conta, de forma que todo texto está interligado no plano do sentido. Ademais, nenhum texto finaliza uma determinada discussão, pois sempre haverá o potencial de resposta, o devir que todo texto analisado considerando seus elos com o contexto social, permite e requer uma atitude ativamente responsável do outro.

O problema do texto nas ciências humanas. As ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências

humanas (anatomia e fisiologia do homem etc.). (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 312).

Considerando a natureza inacabada do texto, que sempre requer uma resposta e sempre responde a outro, num encadeamento não-finalizado de posicionamentos e discussões, o objeto primeiro das Ciências Humanas e Sociais é o texto enquanto espaço de encontro de vozes, de produção de sentidos novos e inacabados. Nele, dialogam diversas vozes, que na pesquisa em Ciências Humanas e Sociais não são silenciadas, entram em relação dialógica com o pesquisador, o objeto de pesquisa e as vozes outras que o constituem, isto é, “o texto como enunciado incluído na comunicação discursiva (na cadeia textológica) (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 209). Daí as críticas levantadas por Bakhtin em relação ao estruturalismo⁶³, no qual há a exatidão, a superação da alteridade e do diálogo em favor de relações de natureza lógica:

Minha posição em relação ao estruturalismo. É contra o fechamento no texto. [...] Formalização coerente e despersonalização: todas as relações são de índole lógica [...]. Quanto a mim, em tudo eu ouço vozes e relações dialógicas. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 409-410).

Considerando o texto como objeto primeiro de estudo nas Ciências Humanas e Sociais e os sujeitos como constituídos enquanto tal apenas quando inseridos em contextos sócio-históricos-culturais, Bakhtin (2011 [1979]), em sua discussão em torno da metodologia nas Ciências Humanas e Sociais, explicita a diferença entre o conhecimento da *coisa morta* e do *indivíduo*. A pura coisa morta, de acordo com o autor, é transparente, dotada apenas de aparência, de modo que pode ser totalmente relevada por um ato unilateral, isto é, de forma solitária pelo pesquisador, e é passível de ser revelada em sua totalidade ainda que esteja silenciada. Bakhtin (2011 [1979]) explica que as Ciências Exatas são uma forma de conhecimento monológico por interagir com uma coisa muda: qualquer objeto, mesmo o homem, pode ser percebido e estudado enquanto coisa.

O conhecimento do indivíduo, por outro lado, parte da participação tanto do cognoscente quanto do cognoscível. O pesquisador aqui já não realiza mais um trabalho solitário, mas pergunta ao próprio objeto, é um ato bilateral, sendo que aqui não importa mais a exatidão do conhecimento, e sim a profundidade que essa relação bilateral pode proporcionar. Para Bakhtin (2011 [1979]), o sujeito enquanto tal não pode ser analisado enquanto coisa, uma vez que, se visto como sujeito, não pode ficar mudo, de forma que “o objeto das ciências

⁶³ Ressaltamos que Bakhtin não despreza os estudos estruturalistas; pelo contrário, considera que somente a partir deles foi possível propor uma filosofia da linguagem que respondesse a questões que, segundo o autor, não conseguiriam dar conta da real natureza da linguagem proposta pela perspectiva dialógica.

humanas é o ser expressivo e falante” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 395). Assim, o conhecimento que se tem deve ser necessariamente dialógico.

Aqui, já não há mais o interesse em *desvelar* o desconhecido, mas de *compreendê-lo*. Para Bakhtin (2011 [1979]), o movimento de compreensão se dá a partir do confronto entre diferentes textos em um novo contexto. O contato entre textos em uma nova situação é o que possibilita, segundo Bakhtin (2011 [1979], p. 404), “a sensação de que estou dando um novo passo (de que me movimente)”, isto é, de que podem ser desvelados sentidos outros e, portanto, não há conhecimento dado e único, nem um objeto já dado e aguardando para ser desvelado, mas de que a discussão não se encerra de uma vez por todas: há sempre o potencial de algo novo.

Com base nisso, Amorim (2004; 2018) discute a singularidade da pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais como *ciências do discurso*. Com base em discussões de Bakhtin e o Círculo, a autora explica que o objeto de estudo não é o homem empírico, como o é nas ciências biológicas, por exemplo, mas o discurso, sendo que esse objeto, diferentemente do homem empírico, não é mudo, conforme os conceitos de texto e enunciado de Bakhtin. A autora explica que o objeto da pesquisa é, ao mesmo tempo, *objeto já falado*, *objeto a ser falado* e *objeto falante*. Esse objeto, compreendido enquanto texto, não é mudo nem acabado, por isso tem o potencial de objeto a ser falado, já que a construção de sentidos tem sempre o potencial do novo. Nessa medida,

[...] A construção do objeto de pesquisa é sempre de um *objeto já falado*, pois outros dele trataram e esses diferentes discursos fazem parte dele. O pesquisador dialoga com eles ao tentar definir seu objeto e seu recorte. Mais do que isso, trata-se de um *objeto falante*, que é ele mesmo *discurso*. Discurso sobre discurso sobre discurso e assim sucessivamente, em séries infinitas. (AMORIM, 2018, p. 36, grifos da autora).

Sendo assim, há sempre discurso sobre discurso, dizer sobre dizeres outros, o que requer das Ciências Humanas e Sociais uma dimensão interpretativa, que supere o reconhecimento e advogue pela não exauribilidade (retomando dizeres de Bakhtin (2011 [1979])) do objeto de estudo. A relação com o objeto de pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais não é caracterizada enquanto descoberta e descrição de um objeto, mas é marcada pela *alteridade*. Amorim (2004) explica que toda pesquisa é um movimento que parte do estranhamento para o familiar, mesmo que esse estranhamento precise ser construído devido à familiaridade que a imersão em determinado contexto e proximidade com dado objeto possam acarretar. Essa alteridade inerente a todas as pesquisas é constituída, segundo a autora, pela

especificidade de se tratar de *alteridade humana*, no campo das Ciências Humanas e Sociais, pois “entre o sujeito e o objeto de pesquisa, a relação que se estabelece é de uma diferença no interior de uma identidade.” (AMORIM, 2004, p. 28).

Por conseguinte, o estudo desse objeto de pesquisa acima mencionado não significa o reconhecimento ou abreviação das diferenças que ele possa evidenciar, nem a sua simplificação ou total identificação do pesquisador com ele e sua própria anulação. Daí o questionamento de modelos de pesquisas que propõem o avanço e superação do conhecimento, da hierarquia entre conhecimentos e noção civilizatória do pesquisador em relação ao pesquisado, como a pesquisa de natureza colonizadora ou de cunho formal. Ao mesmo tempo em que o pesquisador se aproxima do objeto pesquisado e dialoga com ele, também precisa de um olhar *exterior* a esse objeto, ou seja, a natureza da relação pesquisador e pesquisado deve ser necessariamente de aproximação e posterior afastamento, para que seja lançado o olhar de pesquisador e seja possível a interpretação dos acontecimentos, dos fatos e das relações que se estabelecem no contexto estudado.

Amorim (2007) aproxima o conceito de exotopia, discutido por Bakhtin e o Círculo, com a criação de obras de arte enquanto espaço de tensão entre o eu e o outro. Esse espaço de tensão envolve o olhar que o autor da obra lança acerca do sujeito que é retratado e o olhar que esse sujeito tem sobre si mesmo. Esses lugares sempre são fundamentalmente diferentes, jamais coincidem, pois o olhar que o sujeito retratado tem sobre ele mesmo nunca irá coincidir com o olhar que o autor do retrato tem acerca do sujeito retratado. Segundo Amorim (2007, p. 14), “exotopia significa desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior”, o qual permite que o observador veja do sujeito algo que ele mesmo nunca pode ver sobre si mesmo. Embora essa discussão esteja inicialmente relacionada à criação de obras de arte, as considerações não se encerram em tal escopo, pois assemelha-se no que diz respeito à questão da posição do pesquisador em relação ao pesquisado que, em vez de ser visto como um objeto, é sujeito que enuncia e que se coloca num diálogo com o pesquisador.

O estranhamento e distanciamento não significam que a aproximação entre pesquisador e objeto pesquisado seja comprometida, limitada ou de natureza colonizadora. Em resumo, há a necessidade da aproximação entre ambos, mas sem correr o risco de se transformarem em um só. Ao mesmo tempo em que se aproxima, o pesquisador precisa retornar ao seu lugar, isto é, precisa ocupar um *lugar exotópico* em relação ao objeto, pois é somente com essa aproximação e posterior retorno ao seu lugar, que é possível a relação de alteridade entre ambos, o que Bakhtin (2011 [1979]) chama de *excedente de visão*, que significa o retorno do pesquisador ao seu lugar.

Dito de outro modo, a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, com base nas discussões de Bakhtin, propõe que o objeto é expressivo e falante, daí que ele só se realiza na interação com o outro, na participação ativa desse movimento de conhecimento, no qual ele se revela ao outro. Ao mesmo tempo, o pesquisador não pode se tornar esse objeto; a relação bilateral não significa que irão se tornar um só. O pesquisador retorna ao seu lugar enquanto tal, como observador que dialoga com o objeto e oferece um olhar ancorado em perspectivas teórico-metodológica que permitem entender a dinâmica dos acontecimentos, assim como as possibilidades de mudança, caminhos outros, etc. Em suma, o autor afirma que

O ser que se autorrevela não pode ser forçado e tolhido. Ele é livre e por essa razão não apresenta nenhuma garantia. [...] A formação do ser é uma formação livre. Nessa liberdade podemos comungar, no entanto não a podemos tolher com um ato de conhecimento (material). (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 395).

Diante do que foi discutido nesta seção, entendemos que as bases da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais foram ressignificadas a partir dos anos 1960, quando os pressupostos racionais já não davam mais conta do estudo de fatos sociais e ganharam força com discussões de teóricos que explicitam as particularidades das Ciências Humanas e o consideram campo distinto e que têm como dado primeiro o texto. Assim,

a história das ciências humanas seria assim a história do pensamento voltado para o pensamento e para o sentido produzidos pelo outro e isto se dá ao pesquisador sob a forma de texto. Pensamentos sobre pensamentos, uma emoção sobre a emoção, palavras sobre palavras, textos sobre textos, tal é a substância dessas ciências. (AMORIM, 2004, p. 187).

Ademais, as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, em termos gerais, deixam de estar restritas aos limites de sua própria disciplina. No caso das pesquisas interdisciplinares, já não se buscam as regularidades, as invariabilidades nos fatos sociais; as pesquisas se interessam pelas aproximações com outras áreas e disciplinas para uma compreensão holística do objeto estudado, dado que o diálogo com olhares outros é essencial para o aprofundamento dos estudos.

Exemplos de estudos interdisciplinares desenvolvidos já no início dos anos 2000 são discutidos por Silva *et al.* (2003). Os autores apresentam diversos estudos desenvolvidos nas teses de doutorado do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas⁶⁴ de base interdisciplinar, com diálogos entre diversas áreas e campos de estudo. Sartor e Santos

⁶⁴ Universidade Federal de Santa Catarina.

(2003), na apresentação da mesma obra, contextualizam o que se entende por estudos interdisciplinares e o que os diferencia de outros tipos de pesquisas. Os autores afirmam que

A discussão teórico-conceitual da *interdisciplinaridade* é incipiente no Brasil, apesar da grande difusão da temática. Está contextualizada por termos como *monodisciplinaridade* (especialização e isolamento do saber acadêmico), *pluri* ou *multidisciplinaridade* (justaposição de disciplinas), *transdisciplinaridade* (associação sem fusão, e distinção sem separação de disciplinas). Portanto, não **exclui nada, tampouco inclui tudo**. Daí dizer-se que, do ponto de vista terminológico, *interdisciplinaridade* incorpora a característica de englobar um conjunto de disciplinas complementares na concepção e análise de uma *problemática comum*. Nesta perspectiva, a interdisciplinaridade promove a interação entre as disciplinas, gerando novas interrogações e sugerindo soluções de problemas diante dos quais as demais formas de conhecimento se mostram insuficientes e ineficazes. Enfim, a interdisciplinaridade representa uma interessante contra-tendência ao reducionismo metodológico. (SARTOR; SANTOS, 2003, p. 9-10, grifos dos autores).

Os estudos supracitados evidenciam a aproximação das Ciências Humanas e Sociais em relação ao paradigma emergente, do diálogo entre áreas antes situadas em polos opostos, como estudos biológicos, sociais, jurídicos, da psicologia, sociologia, antropologia, geografia, história, economia, filosofia, isto é, diálogos entre as Ciências da Natureza, Ciências da Saúde e as Humanidades, além de evidenciarem a tendência de tais estudos no contexto acadêmico. Com base nessas aproximações, os pesquisadores buscaram envolver diversas temáticas, como leis de proteção ambiental e conflitos ambientais, meio ambiente e construção da identidade de atores sociais, princípios da justiça e a equidade, saúde pública e meio ambiente, o corpo como objeto de conhecimento e a articulação da população afro-brasileira. Com percepções e conhecimentos de áreas outras, os autores refletem acerca dos problemas levantados de modo a dar conta de problemáticas de natureza sociopolítica a partir de outros olhares possíveis, que convergem para a compreensão e soluções dessas questões.

Ainda situados nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais atualmente, bem como as ressignificações pelas quais passaram no decorrer de seu processo de consolidação, consideramos, a partir daqui, uma das vertentes de estudo situadas no campo em questão, isto é, a Linguística e, em específico, a LA.

Acerca da Linguística, Rajagopalan (2003) explica que a problemática inicial residia em termos de ser considerada ou não como ciência. Essa questão consiste no fato de que, inicialmente, buscava-se resolver a questão de se estudar um objeto – a linguagem –, sendo a própria linguagem o instrumento para a análise desse objeto. Para a Linguística, até então, a solução, para que atingisse o status de ciência, seria aplicar – ou imitar, nos termos de

Rajagopalan (2003) – os métodos das ciências exatas e se distanciar do que estava sendo adotado em termos de procedimentos nas Ciências Humanas. Isso significava adotar a neutralidade em torno do objeto, de modo a reforçar a crença na autossuficiência da língua e as heterogeneidades inegáveis. Esse olhar, que dialoga com a perspectiva discutida anteriormente, isto é, de que as Ciências Humanas e Sociais deveriam aplicar os métodos das Ciências da Natureza em seus estudos, já foi amplamente questionado em favor de uma Linguística política e ideologicamente constituída. Assim,

Enquanto área de estudo, a linguística é, sempre foi e sempre será uma atividade humana, na qual participam indivíduos com seus laços sociais, seus direitos e suas obrigações, e sobretudo seus anseios e interesses, que variam de acordo com o momento histórico em que se encontram. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 44).

Como campo da Linguística, abordamos especificamente a LA na medida em que é o campo no qual se situa o presente estudo. Nesse contexto de publicação das pesquisas em torno das humanidades, retomamos as condições nas quais foram desenvolvidos os primeiros estudos em Linguística Aplicada. Primeiramente, os estudos em LA se ancoravam nos pressupostos Positivistas e racionalistas, os quais subsidiaram, a princípio, estudos no campo da matemática e nas Ciências da Natureza, de modo que os métodos de pesquisa e análise das Ciências da Natureza foram transpostos para as Ciências Humanas e Sociais. Segundo Moita Lopes (2004), e retomando de forma breve o que foi discutido acima, ressaltamos que esse olhar Positivista considera o pesquisador como representante da realidade ideal e objetiva, externa a ele e que deve ser transparente. Para tal perspectiva, segundo o autor, o pesquisador se encontra no vácuo social, pois as condições da vida, as mudanças sociais e questões culturais e históricas são desconsideradas em favor de um olhar limitado e redutor acerca do objeto de estudo.

Disso decorre, em consonância com Rajagopalan (2003), que a LA nasceu, em suma, como uma subárea da Linguística teórica, à qual estava ligada como a uma disciplina mãe consagrada e que, com base nos seus pressupostos, realizava eventuais aplicações teóricas⁶⁵. Além disso, havia o entendimento Positivista de que o pesquisador deve ter neutralidade em relação ao seu objeto de estudo, o que trouxe, para o campo em questão, a postura do pesquisador que não leva em conta a dimensão social de seu trabalho e as consequências da intervenção do estudioso em um dado espaço. Nesse escopo, Moita Lopes (2006) explica que

⁶⁵ Para Moita Lopes (2006, p. 17), “a compreensão de que a LA não é aplicação de linguística é agora um truísmo para aqueles que atuam no campo”. No entanto, trouxemos essa questão como forma de contextualizar nossa discussão em torno da consolidação da LA como campo autônomo, mestiço, ideológico e inter/trans/indisciplinar.

esse movimento de aplicação da Linguística surge a partir da compreensão de que ela poderia dar conta de questões que estariam fora de seu alcance, o que resultou em uma relação unidirecional entre a teoria linguística e a prática de ensino e aprendizagem de línguas. Ainda segundo Moita Lopes (2006), foi justamente essa necessidade de se estudar os acontecimentos da linguagem em sala de aula que se ampliou o arcabouço teórico em torno de uma perspectiva inter/trans/indisciplinar.

Se fizermos um paralelo entre o percurso de ressignificação das Ciências Humanas e Sociais com a afirmação da LA, podemos perceber um caminho semelhante de reorganização e reavaliação de interesses e escopos. Fazendo um percurso de consolidação do campo e seguindo o caminho percorrido por M. B. F. de Oliveira (2013), a Linguística Aplicada se ancora, *a priori*, como aplicação da Linguística teórica. Nesse contexto, Schmitz (2010) explica que, nos anos 1960, essa noção vigorava, uma vez que o Gerativismo e estudos formais estavam em voga, sendo que a LA se servia desses conhecimentos no desenvolvimento de estudos e em contextos práticos, especialmente no que se refere ao ensino de línguas.

Assim, de acordo com M. Oliveira (2016), a natureza formal, matemática e abstrata dos estudos formalistas acabava por atribuir a tais pesquisas um caráter científico que era exigido até então, ao mesmo tempo em que estudos de cunho social eram deixados em segundo plano. Para se adaptar a tais princípios, o objeto de estudo era analisado fora do contexto social, isto é, alheio às condições sócio-históricas de tal objeto, dos fatos que caracterizam tal contexto em que ele se situa, de modo que era visto sob um olhar racional e restrito, desconsiderando aspectos ideológicos, éticos e políticos. Em suma, ocorria a simplificação do objeto de estudo, de modo que se adequasse ao aparato conceitual.

Ainda acerca da consolidação e reconhecimento da LA enquanto campo, Schmitz (2010) levanta algumas definições conflitantes da LA com base nos argumentos de diversos pesquisadores, de modo que as reflexões em torno dessas indagações pudessem explicitar a natureza atual do referido campo. Para tanto, o autor explica que, de acordo com alguns pesquisadores, a LA seria desprovida de definição estável e conceitualmente indescritível, ao mesmo tempo em que haveria certa nebulosidade no que, de fato, significa fazer LA, o que seria causado pela expansão dos interesses do campo para além do ensino de línguas. Em contraposição a tais argumentos, Schmitz (2010) discute que uma definição estável e acabada iria de encontro à natureza multi/inter/trans/indisciplinar atual do campo, que procura justamente ressignificar a noção de unidirecionalidade em favor da fluidez entre os campos do conhecimento e um hibridismo de saberes e entrecruzamento de áreas outrora imiscíveis.

Moita Lopes (2004) explica que a tentativa de questionar os limites de uma disciplina em favor de um diálogo e aproximação entre diferentes campos de estudos causa desconfortos, de modo que pode ainda haver resistências quanto ao diálogo da LA com outras áreas. Entretanto, o autor corrobora a necessidade de darmos conta das mudanças na vida social e das suas motivações, o que não é possível nos limites de uma só disciplina. O isolamento dos estudos da linguagem, segundo o autor, é danoso para um estudo que dê conta do social, do político e do histórico.

Apesar da ampliação do escopo de interesses da LA ressignificar o contexto de pesquisas e possibilitar novos rumos possíveis, M. A. Amorim (2017) explica que, nos anos 1980 e 1990, ainda havia marcas Positivistas nos interesses do campo na medida que se almejava a imparcialidade científica e de resolução de problemas. Não somente a consolidação da LA enquanto campo representou a ressignificação dessa busca pela neutralidade, mas também foi repensada a própria prática do linguista aplicado. A prática do pesquisador, antes restrita a problemas que se adequassem às teorizações da Linguística Teórica, envolve, agora, inquietações relevantes e socialmente significativas, acerca das quais são propostos caminhos possíveis para se pensar essas inquietações, considerando os diferentes usos da língua nos mais distintos contextos e situações sociais, a partir das reflexões desenvolvidas e das teorizações produzidas no próprio campo de estudo. Em suma, segundo Schmitz (2010), o interesse passa da aplicação e validação de determinada teoria, para a compreensão e busca de soluções possíveis para problemas linguísticos, não somente no contexto de ensino de línguas, mas interesses que vão além do contexto escolar.

Atualmente, o campo de Linguística Aplicada se situa numa constante revisão de crenças modernistas, das marcas Positivistas que caracterizavam a intenção de resolução de problemas, conforme discute M. A. Amorim (2017). Aqui, a LA se orienta para uma perspectiva de área híbrida, que, em vez de buscar resoluções para problemas linguísticos socialmente relevantes, procura “criar inteligibilidades sobre problemas sociais em que a linguagem tem papel determinante” (MOITA LOPES, 2006). Nesse contexto, Moita Lopes (2004) advoga por uma LA Mestiça, que se ancora num modo de conhecimento híbrido, necessário para a construção de conhecimentos que possibilitem a compreensão das incertezas e problemáticas existentes atualmente, que busquem reconstruir conceitos já dados, de modo a alcançar a complexidade do mundo social. O autor explica que uma só disciplina não poderia dar conta de um mundo social mestiço, fragmentado, contraditório e contingente. A integração e o diálogo com teorias outras é fundamental para que possamos adotar perspectivas distintas que melhor contribuam para a compreensão do objeto de estudo. Em suma, atualmente, o foco gira em torno

de uma prática problematizadora, que se coloca ideológica e política, ao mesmo tempo em que se afasta de ideias modernistas na produção do conhecimento.

Apesar de se questionar constantemente o caráter de disciplina da LA, sendo entendida agora como campo, a natureza de seu escopo ainda levanta discussões entre os pesquisadores. Essa nova LA, ressignificada e híbrida, caracteriza-se por ser problematizadora, crítica e comprometida com questões éticas, que atenda às necessidades, as promessas e os objetivos da sociedade (SCHEIFER, 2013), ao mesmo tempo em que procura oferecer possibilidades de mudança e alívios do que se mostra fonte de sofrimento para os sujeitos (PENNYCOOK, 2001), de modo que pode descortinar caminhos outros e levantar “rotas alternativas”, sendo isso possibilitado pela natureza inter/trans/multi/indisciplinar da pesquisa em LA.

Embora ainda haja tais discussões, há consensos no que se refere ao que se entende atualmente sobre o campo da LA. Almeida Filho (2008), acerca da consolidação do campo, afirma que

é patente que a LA se firmou nas especificidades que a sua natureza aplicada abriu, livrou-se das limitações definitórias dos seus primórdios ganhando preciosa consciência dos seus domínios teóricos, dos seus limites e potencialidades no trato de importantes pontos da sua sempre crescente agenda de pesquisa balizada pela percepção de questões limite da nossa sociedade e época. (ALMEIDA FILHO, 2008, p. 26-27).

Conforme Moita Lopes (2006), a LA brasileira, diferentemente de outros países, não restringe seu escopo de interesses somente ao espaço escolar, mas dá conta de um domínio além da questão de ensino de línguas no contexto escolar, ao mesmo tempo em que dialoga com teorias outras, como estudos envolvendo gêneros discursivos nas mais diferentes esferas de circulação (não somente os da esfera escolar), teorias feministas, teorias do jornalismo, políticas linguísticas, etc.

Ademais, entendemos esse movimento de constante ressignificação e não fechamento da LA a partir das discussões de linguistas aplicados em torno de uma LA mestiça e ideológica. Fabrício (2006), por exemplo, explica que a LA se reinventa não enquanto campo com limites redutores, mas como um que aposta nos diálogos transfronteiras, nos quais não há verdades dadas, mas que são produzidas pela própria sociedade em um espaço de desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006). Moita Lopes (2006), por sua vez, advoga por uma LA mestiça/híbrida ou por um campo *indisciplinar*, dado que, segundo o autor, não é mais possível que a LA se limite enquanto disciplina isolada, que não consegue mais dar conta dos fatos sociais, mas que precisa se reinventar, dialogar e flexibilizar esses limites, o que não significa seu apagamento enquanto

campo de estudos, mas a permite questionar hegemonias, que vá além da LA normal⁶⁶ e que seja lugar de estudos que, oriundos de diferentes disciplinas, possam ter na LA caminhos para lançar outras luzes sobre seus objetos de estudo. Nesse ínterim, a LA questiona verdades absolutas, convoca pluralidades de discursos e promove o encontro de diferenças e, com base nas discussões de diferentes áreas, propor o novo a partir de discussões fecundas.

Se considerarmos o processo de consolidação da LA discutido no decorrer desta seção, percebemos que há uma ampliação do escopo de interesses desse campo, que vai além do ensino de línguas e se mostra plural, fluida e trans/inter/multi/indisciplinar. A área da ADD converge com tal proposta de disciplina não fechada em si mesma nem como área que desvincula teoria e prática, isto é, não constitui uma reunião *a priori* das teorizações da Filosofia da Linguagem/Metalinguística (cf. seção 4.2) com fins de aplicação em *corpus*. O caminho de surgimento e consolidação da ADD representa sua independência em relação à Filosofia da Linguagem/Metalinguística e enquanto produtora de conhecimentos, ao mesmo tempo em que os estudos desenvolvidos na ADD dialogam com outras perspectivas teórico-metodológicas, bem como converge com os interesses de uma LA que vai além dos próprios limites.

Diante das discussões desenvolvidas, é possível retomamos o terceiro questionamento levantado anteriormente, no qual refletimos acerca das contribuições que a ADD trouxe, e continua trazendo, para o campo da LA. Compreendemos a convergência entre os interesses da ADD e da LA, de modo que há constantes contribuições mútuas entre ambos, especialmente no que diz respeito aos interesses em torno dos estudos do discurso. Dito de outro modo, ratificamos a inserção da ADD no campo maior da LA e o diálogo estabelecido entre aquela área e este campo de estudos, devido tanto às convergências de interesses entre ambos, de modo que exercem influências mútuas à medida que novos interesses surgem em ambas as áreas. Nesse sentido, procuramos entender alguns dos caminhos oferecidos pela ADD e, para tanto, reenunciamos as considerações de Brait (2006) em torno da análise de discursos considerando as dimensões verbal e verbo-visual (RODRIGUES, 2001) da linguagem. Brait (2006), ao analisar interlocuções estabelecidas em sala de aula com base no pensamento filosófico-linguístico de Bakhtin e o Círculo, bem como nas considerações trazidas pela ADD, oferece um olhar que dá conta não somente da dimensão verbal, mas também da extraverbal, do contexto social que envolve tais interlocuções. Aqui, considerando o ensino de línguas estrangeiras e materna, não há a procura por métodos perfeitos para a *transmissão* de conhecimentos, nem há mais o foco somente no *produto*. O *processo* de ensino e aprendizagem é compreendido como

⁶⁶ Segundo Moita Lopes (2006), a LA normal diz respeito a uma LA restrita à discussão entre a Linguística Aplicada como produtora de conhecimentos e a aplicação de teorias já consolidadas.

uma atividade conjunta, *dialogada* e com a participação de alunos e professores, que não têm o objetivo de repassar um determinado conteúdo, mas de construir o conhecimento não engessado e não acabado, em um processo contínuo e constantemente (re)valorado.

Indo além do âmbito escolar, a LA não procura desenvolver análises estritamente linguísticas de textos de modo a evidenciar sua dimensão formal. Não se compreende mais a língua enquanto objeto abstraído das relações sociais, mas como concretude que tem sua real natureza apenas enquanto encadeamento de pontos de vista, de visões de mundo, ou seja, como meio de se colocar ativamente na comunicação discursiva. Ademais, não há sujeito empírico e excluído dos espaços sociais que ocupa, nem como dono de um conhecimento acabado.

Nesse contexto, Brait (2014b) explica que a ADD, enquanto campo que herda a Filosofia da Linguagem/Metalinguística, oferece caminhos possíveis para se estudar o sujeito, a produção de conhecimento, questões de identidade, a constituição do ser na alteridade. Tais contribuições, ao nosso ver, residem especialmente na possibilidade de ampliação, por parte da LA, de seu escopo de interesse na construção de inteligibilidades para problemas linguísticos socialmente relevantes (MOITA LOPES, 2006). Dito de outro modo, os interesses da ADD convergem com uma LA fluida, que flexibiliza seus limites e dialoga com outras áreas, na medida em que se (re)constrói constantemente, ressignifica-se à medida que adentra novos estudos e perpassa diferentes espaços sociais.

Analisar discursos, em quaisquer esferas nas quais são produzidos, significa ir além de um estudo estritamente linguístico. Significa adentrar nas condições de produção dos discursos, de considerar as circunstâncias nas quais tal dizer foi produzido, quem o fez, a quem respondeu, e que houve, nessa tomada de palavra, a realização de um projeto de dizer do interlocutor. Como propõe Volochínov (2013 [1925/1930]), toda enunciação tem uma orientação social que, juntamente com a situação de enunciação e a parte subentendida (horizonte aperceptivo compartilhado entre os interlocutores num dado espaço e num dado tempo), constitui sua unicidade, de modo que seu sentido só pode ser entendido quando todos esses fatores são levados em conta pelo pesquisador que almeja percursos possíveis de análise.

Neste momento, finalizamos as propostas de soluções para as inquietações levantadas e discutidas até o presente momento. Para tanto, em cada seção, retomamos os questionamentos propostos na seção 2.1 e, a partir do levantamento de discussões teóricas, propomo-nos oferecer caminhos possíveis para elucidarmos demandas até então vigentes em torno da ADD.

Entendemos, ao respondermos a primeira inquietação, que os pesquisadores que se filiam à ADD, de fato, empregam diferentes terminologias para se situarem na sua área de estudos, o que pode demonstrar uma flutuação terminológica. Ao mesmo tempo, essa flutuação

demonstra que o pesquisador se sente confortável em se utilizar de terminologias semelhantes ao se referirem ao campo. O quantitativo obtido confirma, por fim, que a ADD é uma área consolidada e com crescente quantitativo de estudos desenvolvidos à luz da teoria bakhtiniana e de pesquisas desenvolvidas por interlocutores contemporâneos.

Quanto à segunda inquietação, concluímos que a Filosofia da Linguagem/Metalinguística se constitui enquanto base teórica da ADD na medida em que esta retoma e expande as discussões propostas pela primeira, de forma que, ainda que as bases teóricas residam na Filosofia da Linguagem/Metalinguística, seu escopo de interesse foi ampliado para além da esfera literária. Portanto, a Filosofia da Linguagem/Metalinguística oferece os caminhos que possibilitaram a fundação da ADD, ao mesmo tempo em que proporciona reflexões para sua ampliação e consolidação.

No que diz respeito à terceira inquietação, elucidamos os principais fundamentos teórico-metodológicos da ADD à luz dos escritos de Bakhtin e o Círculo e a partir da meta-análise de excertos de textos da obra do Círculo. Portanto, ratificamos a proposta de que, de fato, a ADD tem como fundamentos teórico-metodológicos os escritos do Círculo, ao mesmo tempo em que, de fato, há reflexões e propostas metodológicas nos escritos, que oferecem caminhos possíveis para as análises à luz da ADD.

Por fim, ao procurarmos caminhos possíveis para esclarecermos a quarta inquietação, entendemos que há, de fato, convergências entre a ADD e a LA, na medida em que a ADD se situa no referido campo e reconhecemos as aproximações e convergências. Sendo assim, o fato de a ADD estar situada no campo maior da LA não significa uma relação de domínio de uma sobre a outra, mas de constante diálogo entre as teorizações e reflexões desenvolvidas entre ambas.

De maneira a reunirmos os resultados obtidos no presente capítulo, apresentamos, a seguir, um quadro com os principais pontos levantados nas discussões empreendidas neste capítulo:

Quadro 6 – Principais resultados

| Questões norteadoras | Principais resultados |
|--|---|
| Que terminologias são usadas no Brasil pelos pesquisadores ao se situarem na área de estudos dialógicos do discurso? | <ul style="list-style-type: none"> • Percebemos que, de fato, há flutuação terminológica no que diz respeito às denominações empregadas pelos pesquisadores ao se filiarem à ADD, comprovada a partir das buscas nos três bancos de dados apresentados na seção 4.1 e nos resultados das buscas realizadas. • Entendemos que a referida flutuação se justifica pela diversidade terminológica presente nos escritos da obra de Bakhtin e o Círculo, seja por causa da diversidade de traduções existentes da referida obra, seja pela não fixidez conceitual das discussões teórico-metodológicas do Círculo. |

| | |
|--|--|
| <p>Como a Filosofia da Linguagem/Metalinguística se caracteriza enquanto base teórico-metodológica da ADD?</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Entendemos que não houve a intenção do Círculo de instituir uma Análise do Discurso, de maneira que a fundação desta se deu por parte dos pesquisadores que se filiam a uma perspectiva dialógica da linguagem. • A Filosofia da Linguagem/Metalinguística não consiste em sinônimo da ADD, pois esta é contemporânea e não foi fundada de fato pelos integrantes do Círculo. No entanto, a ADD promove um constante movimento de retomada das considerações teórico-metodológicas da Filosofia da Linguagem/Metalinguística como fundamentos das pesquisas e análises realizadas pelos interlocutores contemporâneos do Círculo. • Portanto, os fundamentos da Filosofia da Linguagem/Metalinguística constituem as bases da ADD, de maneira que esta retoma e amplia os conceitos/as noções mobilizadas, ao mesmo tempo em que o escopo de interesse da ADD promove uma ampliação dos objetos de estudo contemplados nas pesquisas desenvolvidas à luz da perspectiva dialógica da linguagem. |
| <p>Quais os fundamentos teórico-metodológicos da ADD à luz dos escritos de Bakhtin e o Círculo?</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Concluimos que os escritos de Bakhtin e o Círculo oferecem percursos teórico-metodológicos para os estudos desenvolvidos no escopo da ADD. Ao mesmo tempo, à luz de tais conceitos, os estudiosos filiados à ADD delineiam os caminhos analíticos a serem percorridos, uma vez que não há etapas pré-definidas. • Dado o não fechamento da obra do Círculo, cada pesquisador deve estabelecer caminhos analíticos para dar conta do objeto de estudo em questão. • Portanto, ratificamos a presença de encaminhamentos metodológicos no todo da obra do Círculo, que orientam a construção de caminhos analíticos únicos e que, ao mesmo tempo, baseiam as reflexões desenvolvidas para posteriores construtos teórico-metodológicos. |
| <p>Quais as contribuições da ADD para as pesquisas em Linguística Aplicada?</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Em um primeiro momento, ratificamos a posição da LA enquanto produtora de teorias, ao mesmo tempo em que dá conta de diversos escopos de interesse, não somente no que diz respeito às questões inerentes ao contexto escolar. • A ADD, enquanto área que se situa no campo da LA e que dá conta de interesses convergentes à LA, traz contribuições para ampliação do campo em questão e vice-versa. • Ainda, concluimos que não há relação hierárquica ou de superioridade do campo em relação à área, mas uma relação dialógica, de constantes (re)significações e constituição de caminhos possíveis para dar conta dos diferentes objetos de estudo. • Dessa forma, ADD e LA convergem em termos de interesses de estudo, pois a segunda possui limites flexíveis no que diz respeito ao diálogo com outras áreas, sendo que o mesmo acontece com a primeira, na medida em que se (re)constrói constantemente, ressignifica-se à medida que adentra novos estudos e perpassa diferentes espaços sociais. |

Fonte: autora.

Em suma, entendemos que foi possível construirmos inteligibilidades para darmos conta dos questionamentos levantados à luz de discussões teórico-metodológicas de distintas áreas e que refletem acerca das Ciências Humanas, do seu local dentre os demais domínios de estudo, de pesquisas desenvolvidas em bancos de dados, bem como na reflexão acerca dos próprios escritos do Círculo por meio da meta-análise de excertos. Portanto, respondemos aos objetivos propostos na introdução de nosso trabalho, ao mesmo tempo em que damos conta das quatro questões norteadoras que guiam nossas discussões no decorrer de toda a tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese de doutorado teve como proposta o delineamento do panorama da área de ADD no Brasil como forma de apresentarmos fundamentos metodológicos para estudos posteriores filiados à referida área. Para tanto, procuramos responder a inquietações ainda presentes nas discussões teóricas desenvolvidas na ADD e, com base nas respostas apresentadas, desenvolvemos uma caracterização geral da ADD em termos de reflexões referentes aos percursos de análise adotados pelos pesquisadores que a ela se filiam, como também os encaminhamentos metodológicos presentes na obra de Bakhtin e o Círculo e de interlocutores contemporâneos, que constituem o arcabouço metodológico da ADD.

As respostas às questões norteadoras apresentadas evidenciaram que a ADD apresenta, de fato, certa flutuação terminológica se considerarmos a maneira pela qual os estudiosos filiados a essa área a ela se referem. Esse fato não significa que não haja consistência teórica ou terminológica, mas que há um movimento de convergência com a perspectiva dialógica da linguagem e, mais especificamente, com a proposta do Círculo, de que não existem conceitos e percursos dados de antemão a serem aplicados ao objeto de estudo, de maneira que a referida flutuação terminológica ratifica o potencial presente na teoria como um todo, seja para dar conta dos diferentes objetos de estudo, seja para proporcionar relativa estabilidade das discussões apresentadas. Ao mesmo tempo, podemos afirmar que a ADD apresenta crescimento quantitativo de estudos desenvolvidos em seu escopo, que se mostram cada vez mais presentes nos diversos programas de pós-graduação.

Além disso, entendemos que os fundamentos teórico-metodológicos da ADD residem essencialmente na Filosofia da Linguagem/Metalinguística, pois toma como base os conceitos apresentados, ao mesmo tempo em que os amplia em favor dos objetos de estudo que se mostram significativos. Com a ampliação de conceitos e noções teóricas, ocorre também uma expansão do escopo de interesses da ADD, que vai além dos estudos de textos literários, em uma constante (re)validação dos escritos de Bakhtin e o Círculo.

À luz das respostas apresentadas às questões norteadoras, procuramos estabelecer os pressupostos teórico-metodológicos da ADD à luz dos escritos do Círculo e das pesquisas desenvolvidas por autores filiados à ADD. Para tanto, seguimos os pressupostos de que a ADD não apresenta caminhos pré-determinados ou conceitos fixos a serem aplicados a todos os objetos de estudo. Sendo assim, dialogamos com diversas rotas de análise desenvolvidos por pesquisadores filiados à área que, ao delinearem caminhos possíveis para o estudo

fundamentado em uma teoria dialógica, ampliam e ressignificam os conceitos discutidos. Ademais, desenvolvemos uma meta-análise dos caminhos metodológicos presentes nos escritos de Bakhtin e o Círculo e de interlocutores contemporâneos como proposta de fundamentação para os estudos posteriores situados na ADD e para corroborar a concepção de que há, de fato, diretrizes presentes na obra bakhtiniana e nas discussões de seus interlocutores.

Por fim, ainda no que diz respeito às inquietações apresentadas, concluímos que há convergências entre os interesses da área da ADD e do campo da LA na medida em que a primeira se situa na segunda. Apesar disso, essa relação não consiste em uma sobreposição ou hierarquização de uma sobre a outra, posto que as contribuições são mútuas, desenvolvidas em um constante diálogo teórico-metodológico.

A presente proposta de estudo contribui com a consolidação e ampliação da área da Análise Dialógica do Discurso, ao mesmo tempo em que corrobora o potencial oferecido pela Filosofia da Linguagem/Metalinguística em oferecer as bases para a fundação de uma Análise do Discurso de base dialógica. Por fim, a tese não esgota as possibilidades de delimitação da ADD, pois consiste em um dos percursos possíveis para a apresentação de uma cartografia da ADD no Brasil, bem como seu panorama teórico-metodológico.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA PEREIRA, R. *O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2008.
- ACOSTA PEREIRA, R. Multiletramentos e multimodalidade: as práticas de leitura de gêneros multissemióticos. *Revista Querubim*, v. 06, p. 89-110, 2010.
- ACOSTA PEREIRA, R. *O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2012.
- ACOSTA PEREIRA, R. A orientação sociológica para a análise da língua: posições metodológicas nos escritos do Círculo de Bakhtin. *Letra Magna*, v. 19, n. 12, p.1-20, 2016.
- ACOSTA PEREIRA, R.; BRAIT, B. Revisitando o estudo/estatuto dialógico da palavra. *Linguagem em (Dis)curso (Online)*, v. 01, p. 125-142, 2020.
- ACOSTA PEREIRA, R.; OLIVEIRA, A. M. de. O cronotopo nos estudos dialógicos da linguagem. In: FRANCO, N.; ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. (Orgs.). *Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas*. Campinas - SP: Pontes, 2020a, v. 1, p. 89-108.
- ACOSTA PEREIRA, R.; OLIVEIRA, A. M. de. Análise dialógica do conteúdo temático em gêneros do discurso. *Revista Educação e Linguagens*, v. 9, p. 245-264, 2020b.
- ACOSTA PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. O conceito de valoração nos estudos do Círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.
- ACOSTA PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. Por uma análise dialógica do discurso: reflexões. In: ALVES, M. da P. C.; VIAN JUNIOR, O. (Orgs.). *Práticas discursivas: olhares da Linguística Aplicada*. Natal: EdUfrn, 2015, p. 61-84.
- ACOSTA PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. *Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2016. v. 01.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. A linguística aplicada na grande área de linguagem. In: SILVA, K.; ALVAREZ, M. O. *Perspectivas de investigação em linguística aplicada*. Campinas: Pontes, 2008, p. 25-32.
- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2004.
- AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J. e. *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin* (Orgs.). São Paulo: Cortez Editora, 2007, p. 11-25.
- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed.

São Paulo: Contexto, 2014, p. 95-114.

AMORIM, M. A questão enunciativa na pesquisa em ciências humanas. In: FERREIRA, T.; VORCARO, A. (Orgs.). *Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita*. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 17-40.

AMORIM, M. A. A linguística aplicada e os estudos brasileiros: (inter-)relações teórico-metodológicas. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 1-30, 2017.

BACK, J. M.; BAUMGÄRTNER, C. T. Introdução à Análise Dialógica do Discurso. In: II Seminário Internacional e III Nacional em Estudos da Linguagem, 2014, Cascavel - PR. *Anais do II Seminário Internacional de Estudos da Linguagem e IV Seminário Nacional de Estudos da Linguagem*, Cascavel, 14 a 16 de agosto de 2014, 2014.

BAKHTIN, M. *O Freudismo: um esboço crítico*. Trad. do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2004 [1924].

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008 [1965].

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Prefácio de Roman Jakobson; apresentação de Marina Yaguello; tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com colaboração de Lúcia Teixeira Wisnki e Carlos Henrique Cruz. 13.ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010 [1920/1924].

BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1929].

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979].

BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino de línguas*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].

BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, culturas e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. *O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019 [1940].

BEMONG, N.; BORGHART, P. A teoria bakhtiniana do cronotopo literário: reflexões, aplicações, perspectivas. In: BEMONG, N. et al. (Orgs.). *Bakhtin e o Cronotopo: reflexões,*

aplicações, perspectivas. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 16-51.

BENVENISTE, E. *Problems in general linguistics*. Trad. de Mary Elizabeth Meek. Coral Gables: University of Miami Press, 1971.

BOSTAD, F. Dialogue in Eletronic Public Space: the Semiotics of Time, Space and the Internet. *In: BOSTAD, F. et al. (Eds.). Bakhtinian perspectives on language and culture: meaning in language, art, and new media*. New York: Palgrave MacMillan, 2004, p. 167-184.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. *Gragoatá*, Niterói, v. 0, n. 20, p. 47-62, 1º sem. 2006.

BRAIT, B. O discurso sob o olhar de Bakhtin. *In: GREGOLIN, M. R.; BARONAS, R. (Orgs.). Análise do discurso: as materialidades do sentido*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 19-32.

BRAIT, B. Perspectiva dialógica. *In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (Orgs.). Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012, p. 9-30.

BRAIT, B. [Entrevista concedida a] Rodrigo Acosta Pereira. *Letra Magna*, n. 16, ano 09, 1º semestre de 2013a.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, Jul./Dez. 2013b.

BRAIT, B. Estilo. *In: BRAIT, B. Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2014a, p. 79-102.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014b, p. 9-32.

BRAIT, B. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. *In: FIGARO, R. (Org.). Comunicação e análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 79-98.

BRAIT, B. Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo (Dez obras fundamentais). *In: FARIA, J. R. G. de. (Org.). Guia bibliográfico da FFLCH*. 1.ed. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/FFLCH, 2016, v. 1, p. 1-22.

BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. *In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 15-30.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

BRANDIST, C. *Repensando o Círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual*. Trad. Helenice Gouvea e Rosemary H. Schettini. São Paulo: Contexto, 2012.

BRANDIST, C. A virada histórica de Bakhtin e seus antecedentes soviéticos. *Bakhtiniana*, São

Paulo, v. 11, n. 1, p.18-41, jan./abr. 2016.

BRENTANO, F. *El origen del conocimiento moral*. Trad. de Manuel Garcia Morente. Madrid: Tecnos, 2002.

BUFREM, L. S.; FREITAS, J. L. Interdomínios na literatura periódica científica da Ciência da Informação. *DataGramaZero, Revista de Informação*, v. 16, n. 3, ago. 2015.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 12. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CORTEZ, C. M. Formalismo x Funcionalismo: abordagens excludentes? *Revista Percursos Linguísticos*, Vitória/ES, v. 1, n. 1, p. 57-77, 2011.

COSTA, L. R. A ideologia no Círculo de Bakhtin. In: COSTA, L. R. *A questão da ideologia no Círculo de Bakhtin: e os embates no discurso de divulgação científica da Revista Ciência Hoje*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017, p. 93-163.

CUNHA, D. de A. C. da. O outro no discurso – representação e circulação. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: concepções em construção*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019, p. 53-78. – (*Série Bakhtin: Inclassificável; v. 4*)

EDWARDS, M. G. Misunderstanding Metatheorizing. *Systems Research and Behavioral Science*, 2013.

ELICHIRIGOITY, M. T. P. A formação do sentido e da identidade na visão bakhtiniana. *Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 181-206, 2008.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 45-65.

FARACO, C. A. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 95-111.

FIORIN, J. L. Categorias de análise em Bakhtin. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Org.). *Bakhtin e o Círculo: diálogos in possíveis*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 33-48.

FONSECA, J. J. S. da. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCELINO, P. F. Inscrever-se para escrever: relações dialógicas em práticas sociais de escrita na mídia virtual. *Revista do GELNE*, v. 15, n. 1/2, p. 381-397, 16 mar. 2013.

FRANCELINO, P. F.; SANTANA, W. K. F. de.; LEAL, J. L. M. Olhares epistêmicos e(m) relações dialógicas: o gênero discursivo capa de revista. *REVISTA DISSOL - DISCURSO, SOCIEDADE E LINGUAGEM*, Pouso Alegre (MG), ano 5, n. 9, p. 36-49, jan-jul/2019.

FRANCO, N.; ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. da C. (Orgs.). *Estudos dialógicos*

- da linguagem: reflexões teórico-metodológicas*. Campinas - SP: Pontes Editores, 2020. v. 01.
- FREITAS, M. T. de A. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana a construção do conhecimento. In: FREITAS, M. T. de A.; SOUZA, S. J. e; KRAMER, S. *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 26-38.
- FREITAS, M. T. de A. Identidade e alteridade em Bakhtin. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.) *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 183-200. (*Série Bakhtin – Inclassificável*, v.3).
- GARCIA, C. L. S. *Fragmentos teóricos de domínios de pesquisa da Ciência da Informação: perspectiva metateórica para gestão do conhecimento e competência em informação*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de pós-graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2018.
- GIACOMELLI, K. *Ciência, disciplina e manual: É. Benveniste e a Linguística da Enunciação*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Letras, Santa Maria, 2007.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GRILLO, S. V. de C. A noção de ‘tema do gênero’ na obra do Círculo de Bakhtin. *Estudos Linguísticos XXXV*, p. 1825-1834, 2006.
- GRILLO, S. V. de C. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 73-96.
- GRILLO, S. V. de C. Problemas da Obra de Dostoiévski no espelho da crítica soviética e estrangeira. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 50, p. 176-196, Florianópolis, Set./Dez. 2019.
- HARRIS, Z. Discourse analysis. *Language*, New York, v. 28, n. 1, p. 1-30, 1952.
- HEDLUNG, N. *et al.* On the deep need for integrative metatheory in the 21st century. In: BHASKAR, R. *et al.* (Eds). *Metatheory for the twenty-first century: critical realism and integral theory in dialogue*. London: Routledge, 2015, p. 1-37.
- LACHMANN, R. Rhetoric, the Dialogical Principle and the Fantastic in Bakhtin’s Thought. In: BOSTAD, F. *et al.* (Eds.). *Bakhtinian perspectives on language and culture: meaning in language, art, and new media*. New York: Palgrave MacMillan, 2004, p. 46–64.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- MAINGUENEAU, D. *Initiation aux méthodes de l’analyse du discours*. Paris: Hachette, 1976.
- MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 115-132.
- MAZIÈRE, F. *Análise do discurso: história e práticas*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução do russo por Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MELO, R. de. O discurso como reflexo e refração e suas forças centrífugas e centrípetas. In: PAULA, L. de.; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 235-264.

MOITA LOPES, L. P. da. Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos lingüísticos. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 159-171, 1º sem. 2004.

MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L. P. da. Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). *Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 227-247.

MORSON, G. S. O cronotopo da humanidade: Bakhtin e Dostoiévski. In: BEMONG, N. et al (Orgs). *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. Tradução de Oziris Borges Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 118-140.

MORSON; G. S.; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: Criação de uma prosaística*. Tradução de Antonio de Pádua Danese. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 139-449.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008, v. 1.

OLIVEIRA, A. M. de. *Notícias para mulheres: dialogismo e avaliação social*. Dissertação (Metrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2017.

OLIVEIRA, A. M. de.; HUFF, L. A.; ACOSTA PEREIRA, R. Considerações teórico-metodológicas para o estudo da palavra-discurso: respostas a dois ensaios de Mikhail Bakhtin. *CAMINHOS EM LINGÜÍSTICA APLICADA*, v. 20, p. 131-151, 2019.

OLIVEIRA, M. B. F. de. A noção de verdade e a pesquisa em linguística aplicada: Bakhtin como um possível interlocutor. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 52, n. 2, p. 203-216, 2013.

OLIVEIRA, M. B. F. de. A Linguística Aplicada, o Círculo de Bakhtin e o ato de conhecer: afinidades seletivas são possíveis? In: ACOSTA PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. (Orgs). *Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 47-66.

PADILHA, S. de J. Relendo Bakhtin: autoria, escrita e discursividade. *Polifonia*, Cuiabá, MT, v.18, n.23, p.91-102, jan./jun., 2011.

PÁDUA, E. M. M. de. *Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática*. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

PAULA, L. de. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 21, n. 1, p. 239-257, 2013.

PENNYCOOK, A. *Critical Applied Linguistics: A Critical Introduction*. Mahwah, Nj, Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

PINHEIRO, A. P. Bakhtin e as identidades sociais: uma possível construção de conceitos. *Revista Philologus*, v. 40, p. 1-20, 2008.

PIRES, V. L. Dialogismo e alteridade ou A teoria da enunciação em Bakhtin. *Organon – Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, p. 35-48, 2002.

PIRES, V. L.; SOBRAL, A. Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 205-219, jan./jun, 2013.

RAIMUNDO, J. A. *A práxis como fenômeno formador do/a docente*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Educação, Curitiba, 2017.

RAJAGOPALAN, R. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RODRIGUES, R. H. *A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

RODRIGUES, R. H. Análise dos gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: BONINI, A.; MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 152-183.

RODRIGUES, R. H.; CERUTTI-RIZZATTI, M. E. *Linguística Aplicada: Ensino de língua materna*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

ROHLING, N. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 44-60, 2014.

SANTOS, B. de. *Um discurso sobre as ciências*. 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

SARTOR, V. V. de B.; SANTOS, C. R. dos. Apresentação. In: SILVA, A. M. et al. *Estudos interdisciplinares em Ciências Humanas*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003, p. 9-14.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 29.ed. Editora Cultrix, 2008 [1916].

SCHEIFER, C. L. Transdisciplinaridade na linguística aplicada: um processo de desreterritorialização – um movimento do terceiro espaço. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 919-939, 2013.

SCHMITZ, J. Some polemical issues in Applied Linguistics. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 21-42, 2010.

SEVERO, C. G. Sobre o sujeito na perspectiva (do Círculo) de Bakhtin. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. 7, n. XXV, p. 45-60, abr./jun. 2008.

SILVA, A. M. *et al. Estudos interdisciplinares em Ciências Humanas*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. *Série Ideias sobre Linguagem*.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. *Domínios da linguagem*, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1076-1094. jul/set. 2016.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 307-322, maio/ago. 2018.

SOUZA, G. T. *A construção da metalinguística (fragmentos de uma ciência da linguagem na obra de Bakhtin e seu Círculo)*. 167f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2002.

TALJA, S.; KESO, H.; PIETILÄINEN, T. The production of context in information seeking research: a metatheoretical view. *Information Processing and Management*, v. 35, p. 751-763, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VANDERBERG, F. Metateoria, teoria social e teoria sociológica. *Cadernos do Sociólogo*, v. 3, 2013.

VOLOCHÍNOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1925/1930].

WEEDWOOD, B. *História concisa da Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

ZANDWAIS, A. Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de Marxismo e filosofia da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 97-116.

APÊNDICE A – Resultado das buscas no *Banco de Teses da Capes*

Quadro 7 – Banco de Teses da Capes

| Termos usados | Número de ocorrências |
|--------------------------------------|------------------------------|
| Análise dialógica do discurso | 166 |
| Teoria/análise dialógica do discurso | 27 |
| Análise dialógica dos discursos | 14 |
| Análise dialógica de discurso | 12 |
| Análise/teoria dialógica do discurso | 5 |
| Análise dialógica de discursos | 5 |
| Análise dialógica discursiva | 3 |
| Análise dialógico-discursiva | 1 |
| Teoria/análise do discurso dialógica | 1 |
| Teoria/análise do discurso dialógica | 1 |

Fonte: autora

APÊNDICE B – Resultado das buscas no BDTD

Quadro 8 – BDTD

| Termos usados | Número de ocorrências |
|--------------------------------------|------------------------------|
| Análise dialógica do discurso | 92 |
| Teoria/análise dialógica do discurso | 21 |
| Análise dialógica dos discursos | 10 |
| Análise dialógica de discurso | 7 |
| Análise/teoria dialógica do discurso | 6 |
| Análise dialógica de discursos | 2 |
| Análise dialógica discursiva | 1 |
| Teoria/análise dialógica de discurso | 1 |
| Análise do discurso dialógica | 1 |

Fonte: autora.

APÊNDICE C – Resultado das buscas no banco de dados *Periódicos da Capes*

Quadro 9 – Periódicos da Capes

| Termos usados | Número de ocorrências |
|--------------------------------------|------------------------------|
| Análise dialógica do discurso | 56 |
| Análise/teoria dialógica do discurso | 7 |
| Teoria/análise dialógica do discurso | 6 |
| Análise dialógica de discurso | 5 |
| Análise dialógica de discursos | 1 |

Fonte: autora.

APÊNDICE D – Cruzamento dos resultados mostrados nos quadros 7, 8 e 9

Quadro 10 – Cruzamento de dados

| Termos usados | Número de ocorrências |
|--------------------------------------|------------------------------|
| Análise dialógica do discurso | 237 |
| Teoria/análise dialógica do discurso | 39 |
| Análise dialógica de discurso | 17 |
| Análise/teoria dialógica do discurso | 16 |
| Análise dialógica dos discursos | 14 |
| Análise dialógica de discursos | 6 |
| Análise dialógica discursiva | 3 |
| Teoria/análise dialógica de discurso | 1 |
| Análise do discurso dialógica | 1 |
| Teoria/análise do discurso dialógica | 1 |
| Análise dialógico-discursiva | 1 |

Fonte: autora.

APÊNDICE E – Contagem dos gêneros do discurso**Quadro 11 – Gêneros acadêmicos**

| Gênero | Quantidade |
|---------------|-------------------|
| Dissertação | 160 |
| Artigo | 62 |
| Tese | 56 |

Fonte: autora.

APÊNDICE F – Universidades que realizam pesquisas na área

Quadro 12 – Universidades

| Universidade | Teses e dissertações |
|--------------|----------------------|
| PUC-SP | 18 |
| UFSC | 18 |
| UNICSUL | 14 |
| UNESP | 13 |
| UFPE | 12 |
| UECE | 11 |
| UFPR | 10 |
| UTFPR | 10 |
| UFMT | 9 |
| UCPEL | 9 |
| UFRN | 8 |
| UNITAU | 8 |
| UFU | 7 |
| UESB | 7 |
| USP | 7 |
| UFPB | 6 |
| UFSCar | 5 |
| UERN | 4 |
| UTP | 3 |
| UEM | 3 |
| UNICAP | 3 |
| PUC-RS | 3 |
| FUPF | 2 |
| UFRPE | 2 |
| FURB | 2 |
| UNOESTE | 2 |
| UFG | 2 |
| UNIFAP | 2 |
| UNIFESP | 2 |
| UESC | 2 |
| UFC | 1 |
| UEL | 1 |
| UFES | 1 |
| UFPA | 1 |
| UFSM | 1 |

| | |
|-----------|---|
| UEPG | 1 |
| UFMG | 1 |
| UNIRITTER | 1 |
| UFF | 1 |
| UNIVALE | 1 |
| UNB | 1 |
| UFPEL | 1 |

Fonte: autora.